



O aborto na vida

Experiências femininas

MARCELA BONI EVANGELISTA

Marcela Boni Evangelista

O aborto na vida

Experiências femininas

Copyright © 2021 Marcela Boni Evangelista
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Preparação: Sérgio Holanda
Revisão: Dalka Castanheira e André Gattaz
Diagramação: André Gattaz
Capa: Helena Phillip
Ilustração da Capa: Jéssica Vieira

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Coordenação editorial

André Gattaz

www.editorapontocom.com.br

CATALOGAÇÃO NA FONTE (CIP)

E92

O aborto na vida: experiências femininas

O aborto na vida: experiências femininas /
Marcela Boni Evangelista — São Paulo: Ponto-
com, 2021.

270 p.:

ISBN: 978-65-89496-01-4

1.Aborto. 2. Mulheres. 3. História oral. 4. Socie-
dade contemporânea. I. Título.

CDU 305-055.2

Editora Pontocom - Coleção NEHO-USP

O NÚCLEO DE ESTUDOS EM HISTÓRIA ORAL DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (NEHO-USP) foi fundado em 1991 e tem entre suas atribuições fomentar pesquisas sobre diversas manifestações das oralidades. Trabalhando também com entrevistas, um dos compromissos básicos do NEHO consiste na devolução dos resultados. Como parte de uma proposta em que os entrevistados são assumidos como colaboradores, o retorno do produto transparente na passagem das gravações para o texto escrito é tido como parte essencial dos projetos. Fala-se, contudo, de maneiras plurais de devolução: aos próprios colaboradores que propiciaram a gravação, às comunidades que os abrigam e às formas de disponibilidade pública das peças. Há níveis de comprometimento, é importante ressaltar. Pactos são formulados, sempre supondo duas esferas de atenção: pessoal – diretamente vinculado ao entrevistado, que deve ter voz nas soluções de divulgação, e à comunidade – que abriga a experiência na qual se inscreve o propósito do projeto em História Oral.

A abertura de uma coleção de publicações de trabalhos gerados ou de inspiração nos procedimentos do NEHO-USP deve ser vista como desdobramento natural do sentido proposto pelos oralistas que professam as indicações do Núcleo. Isto implica pensar que a percepção desenvolvida por esse grupo de pesquisas demanda consequências que vão além do acúmulo de gravações

ou de seus usos particulares – acadêmicos ou de mera curiosidade. Porque se percebe que a formulação de conhecimentos gerada pelos contatos entre entrevistados e entrevistadores é fruto de uma situação social, a publicação dos resultados é parte inerente à ética que ambienta o processo de gravações como um todo. O cerne deste tipo de devolução contém implicações que extrapolam os limites estreitos da satisfação miúda dos relacionamentos entre quem dá a entrevista e quem a colhe. Entendendo por ética o compromisso social mediado pelo acordo entre as partes, é para o geral, para a sociedade, que se dimensionam os fundamentos da História Oral praticada pelo NEHO-USP.

Munidos destes compromissos, o NEHO-USP e a Editora Pontocom publicam essa coleção de livros. São dissertações, teses, coletâneas e outras peças de interesse que compõem a mostra. A disponibilidade destes textos visa superar a intimidade acadêmica e assim inscrever o trabalho do grupo em uma missão maior que qualifica a História Oral como braço de uma proposta que busca compreender para explicar e explicar para transformar.

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

Núcleo de Estudos em História Oral - USP

Sumário

Agradecimentos	9
Prefácio	
SUZANA LOPES SALGADO RIBEIRO	13
Introdução	17
<i>Parte I</i>	
<i>O aborto na história e na contemporaneidade</i>	
O aborto na história	23
O aborto na contemporaneidade	31
<i>Parte II</i>	
<i>O Aborto na Vida</i>	
Giana	37
Fábia	49
Janaína	63
Alícia	79
Daniela	101
Laila	115
Paloma	127
Valéria	143
Amelinha	157
Luara	171
Samantha	189
Yury	227
Glória	251
Posfácio	
TAMARA PRIOR	267

Agradecimentos

Escrever um livro pode ser ação solitária ou exercício coletivo. Seja qual for a experiência de escritura, sempre há quem agradecer.

A elaboração deste livro envolveu momentos de intensa solidão. Mas sua história reúne as histórias de muitas pessoas. As mulheres que em mim confiaram suas narrativas, as pessoas que me ouviram e me viram explodir em rompantes de indignação frente à situação que vivemos no Brasil contemporâneo quando o assunto é a liberdade sexual e reprodutiva feminina, as parcerias que envolvem desde a orientação até a estruturação de uma tese em livro, com prefácio, posfácio, capa...

Foram dez anos de trabalho, iniciado com a escrita do projeto de doutorado em 2010 e chegando à etapa tão importante da publicação dos resultados no início de 2021. Para escrever os agradecimentos devidamente, precisaria de um capítulo à parte.

Portanto, citarei aqui aquelas e aqueles que estiveram ligados diretamente à produção do livro, sabendo que todas as outras pessoas saberão que fazem parte de cada página.

Primeiramente, a cada uma das 13 mulheres que corajosamente compartilharam comigo suas histórias de aborto.

Ao professor José Carlos Sebe Bom Meihy, pela orientação e eterna paternidade acadêmica.

À minha mãe, Cidinha, que além de tudo, me ajudou intensamente na transcrição das entrevistas.

Ao meu companheiro Thiago que, com perspicácia e paciência, revisou textos e me ajudou na escolha do título.

Às queridas Suzana Lopes Salgado Ribeiro, Tamara Prior e Marta Rovai, pelas escritas sensíveis dos textos que envolvem o corpo do livro.

À Jéssica Vieira, artista incrível que traduziu em imagem o significado dos escritos.

À Editora Pontocom, na pessoa de André Gattaz, que cuidou com delicadeza e seriedade da publicação.

A cada amiga e amigo que fazem parte dessa caminhada, cujos nomes não ousarei citar, pois daria novo livro. Vocês sabem de sua especial parte nesse todo.

*A João Pedro e Bento,
Rebentos criativos e admiração incessante.*

*Um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar.
(Francisco, el Hombre)*

Mulheres, subjetividades e diferenças: exercícios de escuta sensível e escrita humanizada

SUZANA LOPES SALGADO RIBEIRO
HISTORIADORA E PROFESSORA DA UFMS

Prefaciar um livro é sempre um presente. Que se faz pela oportunidade de reflexão sobre um tópico e pelo convite da amizade para comemorar sentimentos construídos e compartilhados ao longo da vida. Assim, recebi este convite como quem recebe um presente: com muita alegria!

A cada página fui ficando mais feliz ao ver a força das histórias e o revelar de uma grande pesquisadora. Mas logo depois que li todo o texto de Marcela e as narrativas de suas entrevistadas, vi que tinha também uma grande responsabilidade: de dizer a muitas pessoas, e em especial mulheres, da necessidade de lerem este livro.

Mas, afinal, por que você deve ler este livro? Consigo ver ao menos quatro fortes motivos.

O primeiro, para conhecer a trajetória de treze mulheres que tiveram suas vidas entrecortadas por muitas diferentes experiências, e que mesmo vivenciando abortos, podem deixar evidente que cada uma dessas experiências é única. Mesmo sendo uma mesma mulher, em tempos diferentes de sua vida, essa experiência assume significados diferentes. Parece, mesmo, que a única coisa em comum da história dessas mulheres foi ter que passar por esse momento de forma – mais ou menos – em segredo e com pouco apoio.

Com isso fica a questão de como, histórica e culturalmente, nossa sociedade atribuiu significados ao aborto em si, mas também à mulher que o vivenciou. E esta

é outra razão pela qual você precisa ler o livro, pois Marcela Boni apresenta um bom histórico que nos ajuda a pensar criticamente sobre nossos posicionamentos sociais/coletivos sobre esse assunto. Aponta questões centrais da história das mulheres e também das liberdades e dos limites impostos aos corpos femininos ao longo da história do ocidente.

Para além desses dois motivos, particularmente, destaco que a leitura do texto é necessária para pensarmos sobre a diferença das/para as mulheres de nosso tempo. Precisamos compreender que tais diferenças são constituidoras do que somos: mulheres, e lutar para que possamos todas – negras ou não, pobres ou não, cristãs ou não, homossexuais ou não – ter a liberdade e a responsabilidade de decidir sobre nossos próprios corpos.

Um quarto motivo pelo qual o livro deve ser lido, que acaba por amarrar todos os outros, é que ele apresenta excelentes histórias, narrativas fortes e bem escritas. E olhando um pouco mais de perto, não podemos imaginar que tais narrativas tenham nascido da maneira que hoje se apresentam. Elas são o resultado do trabalho de uma pesquisadora atenta, boa ouvinte, e de narradoras que tinham o compromisso de narrar suas histórias em nome de si mesmas e de outras mulheres que viveram experiências como essas, na busca de que as mulheres possam ter vivências diferentes.

Pode-se compreender, portanto, que a história oral foi exercício fundamental para a escrita deste livro, porque permitiu o encontro não violento, o ouvir atento, o registro cuidadoso, a produção de textos contundentes. Permitiu o acesso a subjetividades de mulheres, que precisavam falar de suas experiências, garantindo a identificação de umas e a não identificação de outras, de forma a respeitar suas escolhas, dando visibilidade a seus motivos e amplificando suas vozes.

A história oral, como processo de produção dialógico de narrativas, ganha neste livro dimensão de história pública

e de denúncia. Essas mulheres trazem à tona realidades que por vezes preferimos não ver, publicizam suas experiências de vida e fazem-se sujeitos neste processo. As narrativas trazem a público dimensões particulares, que não estamos acostumados a notar.

Com isso, a autora e as narrativas das mulheres que com ela colaboraram colocam uma dimensão concreta na experiência subjetiva de ser mulher e ser dona do seu corpo. Muitos estudos acadêmicos apontam a necessidade do controle dos corpos dentro da sociedade ocidental. Outros tantos apontam que desses corpos, o feminino é ainda mais subordinado a este controle. A maternidade parece constituir-se como finalidade última do uso do corpo feminino. E não é acidental que a produção da vida seja o “valor de uso” das mulheres em uma sociedade que tem como valor a produtividade e a funcionalidade de coisas.

Nesse sentido, se for escolha da mulher, o aborto pode ser um ato radical de declaração de independência e liberdade de seu corpo. Mas todas as histórias mostram a importância de diálogos, amparos e suportes, que deveriam ser dados por quem está por perto.

Este livro não se propõe assumir um lado, ou estabelecer uma verdade. Propõe-se a ouvir a diversidade de perspectivas femininas sobre esse assunto. Não se propõe simplificar; propõe-se pluralizar, multiplicar, mostrando a complexidade do assunto. As próprias falas das colaboradoras mostram as contradições assumidas por suas escolhas. Sendo assim, ao longo dessas páginas você poderá conhecer narradoras que falam sobre experiências de (re)existência. O texto insurge no cenário que normaliza o uso do corpo feminino, problematizando regras estabelecidas.

Dizer que nossa sociedade é patriarcal é “chover no molhado”. Qualquer mulher já passou por alguma situação de abuso, subalternização ou menosprezo. Entretanto, é preciso

que ouçamos essas vozes, com as quais nos identificamos em alguns momentos, e nos diferenciamos em outros. Com isso, poderemos ter mais segurança do que somos, e, ao mesmo tempo, poderemos ver que em alguns aspectos não somos assim tão diferentes. Poderemos nos perguntar e entender como essas identidades e essas diferenças foram/são produzidas. Tal questionamento talvez nos revele a artificialidade de algumas de nossas certezas e traga sentimentos humanizadores, que vão além da tolerância e do respeito.

As narrativas que constam deste livro são profundamente humanas e humanizadoras. Antídotos contra a indiferença. Celebrações da diferença! Construtoras de liberdade e emancipação.

Talvez daí venha a principal força deste livro. Ao dar destaque à subjetividade feminina, a suas diferenças, constrói uma nova humanidade nos leitores, cujos componentes centrais são a desnaturalização e a ressignificação da diferença. Com a produção de textos sensíveis, Marcela Boni marca uma diversidade de modos de re-existir e re-viver frente à experiência do aborto, deixando evidente que sua prática é questão particular. Ao mesmo tempo, ao dar destaque às experiências femininas sobre a vivência do aborto, o livro aponta caminhos, abre trilhas para que possamos pensar outras relações estabelecidas, socialmente, com o tema.

Desejo, então a todas e todos uma excelente leitura!

Introdução

Este livro é o resultado de encontros. A partir de entrevistas, eu me encontrei com treze mulheres que me confiaram suas histórias de vida e experiências de aborto. A cada narrativa, sentia-me mais próxima da realidade que aflige número impensável de mulheres que escondem, às vezes para sempre, o que viveram. Os motivos são tantos e tão compreensíveis que o objetivo desta publicação é extravasar os limites que sozinhas teríamos para falar sobre aborto. Acredito que, juntas, possamos trazer, do silenciamento imposto, as histórias que merecem (sobre)viver.

Falar sobre aborto no Brasil no momento em que vivemos mostra-se tarefa árdua e ao mesmo tempo repleta de significados. Motivos sobram para trazer à tona um tema que transita por diversas esferas da vida de mulheres e homens que, envolvidos por tramas discursivas complexas, deparam-se com intensos dilemas que dizem respeito à vida e aos direitos humanos.

O trabalho de pesquisa que me ampara nessa empreitada foi desenvolvido durante meu doutorado em História Social no Programa de Pós-graduação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O estudo foi realizado entre os anos de 2011 e 2017, período marcado por discussões intensas sobre a questão do aborto em diferentes ambientes.

Meu objetivo inicial, remodelado em função das possibilidades e necessidades do trabalho acadêmico, buscou registrar experiências sobre o aborto, tendo em vista seus aspectos subjetivos, de maneira que não houve recorte nítido entre classe, raça ou gênero para a coleta de material.

Considero desde o princípio que se trata de um fenômeno que atinge todos os níveis da vivência na contemporaneidade, inclusive de pessoas que não as sentiram objetivamente.

A ideia de publicar os resultados da pesquisa tem em vista estabelecer um posicionamento condizente com o momento atual, que exige valorização do rigor científico, mas também a busca por um diálogo mais efetivo com o público não especializado, este sim, ainda mais passível dos mandos e desmandos que cerceiam as vidas privadas e a intimidade dos corpos.

Desta forma, este livro tem dois grandes objetivos. O primeiro é trazer à baila o tema do aborto; o segundo é demonstrar o potencial da história oral para iluminar aspectos da vida social muitas vezes negligenciados pelas abordagens tradicionais.

No que diz respeito ao primeiro ponto, considerando os dilemas e estigmas que o envolvem, pretendo traçar um breve panorama histórico sobre as diferentes maneiras como o aborto foi concebido em distintas temporalidades e espaços, com ênfase ao chamado “mundo ocidental”. Quanto ao segundo objetivo, buscarei demonstrar, por meio da publicação de histórias de vida perpassadas pela questão do aborto, comparilhadas a partir dos pressupostos da história oral, o quão vasto pode ser este campo de produção de conhecimentos para novas reflexões sobre o assunto. Estes dois objetivos estruturantes têm em vista, ainda, possibilitar um maior acesso a tais reflexões, uma vez que se trata de uma escrita voltada para além de públicos especializados.

O livro, assim, é dividido em duas partes. Na primeira abordam-se os grandes marcos históricos que mostram a historicidade do tema e suas transformações e manutenções ao longo do tempo, chegando ao “tempo presente” e à contemporaneidade, e mais especialmente à experiência brasileira. Este sobrevoos sobre o tema do aborto é importante pois considero

que grande parte dos tabus e preconceitos que o envolvem traduzem o distanciamento de conhecimentos históricos acerca não apenas do fenômeno do aborto, mas de questões concernentes à sexualidade em uma perspectiva que vai além dos condicionantes da atualidade.

Na segunda parte são apresentadas treze das dezesseis histórias de vida coletadas durante minha pesquisa de doutorado, de mulheres que por diferentes motivos e circunstâncias tiveram o aborto como momento-chave em suas trajetórias. A ampla diversidade dos perfis denota a indiscutível penetração desta questão no seio da sociedade brasileira contemporânea. Sem a intenção, nesta publicação, de analisar o conteúdo das narrativas, tenho como foco conferir visibilidade a tais trajetórias, ressaltando menos o que diferentes categorias analíticas permitem do ponto de vista científico, e realçando o que a experiência do aborto implica nas vidas de mulheres.

As histórias compartilhadas compõem um mosaico em que cada peça representa mulheres muito diferentes em suas trajetórias, mas que se encontram nas experiências de aborto pelas quais passaram. Seus nomes reais e características que as identificassem foram cuidadosamente modificados, tanto pela condição de criminalização que o Brasil ainda mantém quanto para proteger suas identidades e garantir a confiança em mim depositada quando aceitaram colaborar com a pesquisa. As únicas exceções são as histórias de Amelinha Teles e Yury Orozco, por serem pessoas públicas cuja militância e atuação podem ser valorizadas com sua visibilidade.

Espero que a leitura nos auxilie a contribuir com a reflexão e humanização desta experiência, que atravessa os tempos e os corpos das mulheres.

Parte 1

O aborto na história e na contemporaneidade

O aborto na história

O aborto faz parte da História provavelmente desde os tempos mais remotos. Inicialmente, as diferentes concepções sobre a vida humana, em razão das necessidades e funções atribuídas aos sujeitos, permitem-nos inferir alguns significados sobre a gestação e os nascimentos. O que seria uma gravidez em meio à adversidade pré-histórica? Certamente a possibilidade de perpetuar a espécie, em meio às mais prováveis possibilidades de perder a vida diante da precariedade, mas também um fardo, diante da imposição frequente dos deslocamentos e mesmo do tempo dedicado aos cuidados de um recém-nascido. O controle da natalidade fazia-se necessário nos momentos mais ou menos estáveis das populações ainda marcadas pelo nomadismo. E este era provavelmente realizado pelas mulheres, até então as únicas capazes de reconhecer os sintomas do período gestacional.

A história do aborto ainda está por ser desvendada, mas certamente há certa negligência dos pesquisadores sobre o tema. Isto ficou evidenciado quando realizei a pesquisa bibliográfica que amparou o trabalho de doutorado. Havia, em língua portuguesa, somente uma publicação que se atrevia ao título *História do aborto*. A iniciativa não foi brasileira, mas de uma italiana, Giulia Galeotti, que o fez a partir do referencial europeu e, mais especificamente, italiano. Evidentemente não se trata de uma obra definitiva, mas seu esforço em condensar informações e sistematizá-las cronologicamente deve ser valorizado como uma das poucas iniciativas nesse sentido.

A tradução para o português, por sua vez, deu-se em Portugal, em 2007, também não por acaso. Naquele ano, o país conseguira – depois de uma tentativa anterior frustrada

– descriminalizar o aborto em alguns casos, o que representou uma conquista para o direito das mulheres.

A obra de Galeotti, portanto, serve-nos de ponto de partida e inspiração para estabelecer um recorte temporal que pretende apresentar em três tempos o fenômeno do aborto em perspectiva histórica. Embora seja este nosso referente, pretendemos inserir nesta breve apresentação as obras que nos iluminaram no percurso de refletir sobre o tema.

O primeiro recorte temporal sugerido estende-se dos primórdios até o século XVIII – período extremamente longo para representar todas as possibilidades analíticas, mas que serve ao nosso propósito indicativo de elementos fundantes para a compreensão das mudanças e permanências que permeiam a questão. Este seria um período marcado por relativa autonomia das mulheres sobre seus corpos e, sobretudo, sobre o conhecimento acerca das experiências de contracepção, gestação, parto e aborto. Somente a mulher sabia-se grávida e tal reconhecimento poderia ser camuflado por tempo suficiente para que se levasse a termo a interrupção da gestação. Os métodos utilizados, certamente rudimentares, deveriam ser eficazes em algumas situações e não em outras. Mas o fato é que foi sendo construída uma sabedoria eminentemente feminina sobre o controle do corpo e da reprodução.

Neste espaço de tempo, muitas transformações marcaram a ressignificação dos papéis sociais de mulheres e homens e às primeiras foi gradativamente sendo imposto o universo do privado e da maternidade e procriação como naturalmente concebidos. As religiões, especialmente as monoteístas, conferiram às mulheres ainda maior compromisso com a manutenção da vida e responsabilidades com tal exercício.

A despeito disso, pesquisas recentes têm demonstrado o quanto tais imposições jamais foram aceitas sem resistência. É neste ponto que gostaríamos de trazer para a discussão o trabalho de Silvia Federicci, *O calibã e a bruxa*.

Ao propor uma revisão sobre as origens da acumulação primitiva de capital, a autora oferece elementos pouco observados sobre o cotidiano feminino nos momentos que antecedem a transição do feudalismo para o capitalismo. Estamos falando da Idade Média, este “tempo” marcado por preconceitos que circunscrevem um período de mil anos a restrições indiscutíveis sobre os comportamentos humanos, principalmente das mulheres, os quais estariam condicionados aos ditames da Igreja Católica.

Federicci oferece uma ampla gama de exemplos documentados do quanto esta percepção pode ser relativizada. Sem ignorar os processos de transformação, emergem das comunidades medievais práticas mais libertárias do que se poderia supor. A participação feminina em diversos setores da vida social é um deles, sem contar os aspectos concernentes à sexualidade, cujo cerceamento teria muito maior ênfase na passagem da Idade Média para a Moderna.

A figura da bruxa, central em sua análise, serve-nos de mote e inspiração justamente para refletir sobre os diferentes significados que assumiu, à medida que a autonomia feminina se mostrava mais perigosa às intenções políticas e econômicas da época. É certo que sua explanação parte de um olhar sobre aquele tempo e também de seus posicionamentos militantes, indicando limites e lacunas. Mas qual pesquisa não as apresenta? A mim, parece bastante significativo o fato de que cerca de 95% das pessoas assassinadas por bruxaria tenham sido mulheres e que seus crimes em grande medida tenham relação com os chamados “crimes reprodutivos”, em que o aborto figura exemplo crucial.

Dando continuidade à proposta de divisão temporal de Galeotti, chegamos ao segundo momento, cujo recorte remonta ao século XVIII, conhecido também como Século das Luzes, quando supostamente os desvios e retrocessos do medievo teriam sido superados. A despeito das formulações que

reconheciam os governos absolutistas modernos como disfuncionais perante a necessidade de liberdade, esta não foi percebida como inerente à realidade feminina. Mais uma vez depa-ramo-nos com uma contradição quanto à ideia de autonomia dos sujeitos. Isto porque o tal *sujeito universal* desde sempre fora o homem, não a palavra que designa a humanidade, mas alguns homens especificamente. É no século XVIII que um dos maiores nomes do Iluminismo, Jean-Jacques Rousseau, publicou um texto que serviria de modelo para as condutas sociais. *Emílio*, seu livro sobre este tema, traz uma espécie de manual de como deveriam ser e se comportar as mulheres de então, propondo mudanças substanciais nas funções por elas desempenhadas e que deveriam ser valorizadas.

Para refletir sobre este segundo momento acionamos Elizabeth Badinter, que na década de 1980 ousou problematizar a ideia de maternidade enquanto natureza inata feminina. Para isso, lançou mão justamente de Rousseau, estabelecendo um recorte temporal nítido sobre o significado do amor materno.

De acordo com Badinter, até o fatídico Século das Luzes, as mulheres, sobretudo da nobreza, não viviam a maternidade enquanto algo de gozo pessoal e íntimo. Ao contrário, seu contato com os filhos recém-nascidos era ínfimo, já que os bebês eram cuidados por amas de leite, muitas vezes em locais distantes. Isto mostra não somente o pouco valor atribuído à maternidade e aos cuidados dispensados às crianças, mas o quanto a amamentação poderia se traduzir em fonte de renda para mulheres pobres que, para ter algum dinheiro, deixavam mesmo de alimentar seus próprios filhos para fazê-lo para os filhos de outrem. Isto sem contar as altíssimas taxas de mortalidade infantil, que não eram tidas como insuportáveis ou marcadas por indignação como se poderia imaginar.

A mudança, da qual o texto de Rousseau é marca, tem como alicerce avanços inegáveis nas ciências. A despeito da

importância que guardam em termos gerais, devemos observar o que implicaram para a sexualidade feminina. Ao passo que maiores conhecimentos sobre a fisiologia tornavam-se realidade, como acena Galeotti, a autonomia feminina passou para uma fase de maior depreciação. Os saberes médicos foram paulatinamente sendo apropriados por homens e os saberes tradicionais das mulheres foram sendo desqualificados. Ao mesmo tempo, o feto foi sendo identificado como parte separada do corpo da mãe, o que conferiu ao aborto um novo emblema, já que a decisão sobre sua manutenção poderia ser feita por outras pessoas.

Acompanhando tais mudanças, devemos ressaltar os dispositivos legais que foram sendo constituídos e dominados politicamente, de modo que os corpos, especialmente das mulheres, passaram a ter ainda mais relevância do ponto de vista governamental. Ter mais ou menos filhos deveria ser objeto de atenção dos governos, dispostos a incentivar ou restringir nascimentos de acordo com as necessidades operacionais de uma sociedade já pautada pelo capitalismo industrial.

Entre teorias natalistas e eugenistas, as mulheres foram cada vez mais tornando-se sujeitos cujo controle fazia-se necessário. Os avanços científicos, por sua vez, foram contornando trajetórias que se aliaram a preceitos de religiões e governos. Estes, junto com a sociedade patriarcal, ao passo que operacionalizaram dispositivos de controle voltados para as mulheres, impulsionaram sua insurgência – que justamente no século XVIII demonstra os primeiros passos do que viria a ser o feminismo.

Na mesma França iluminista dos direitos do homem e do cidadão, Olympe de Gouges (1748-1793) foi guilhotinada por propor os direitos das mulheres e das cidadãs. Poucos anos depois, na Inglaterra que matara inúmeras bruxas, Mary Wollstonecraft (1759-1797) escreveria sobre os direitos das mulheres. E no Brasil do século XIX, Nísia Floresta

(1810-1885) traduziu o livro que inicialmente se pensava ser o de Wollstonecraft, mas era ainda anterior, de Mary Wortley Montagu (1689-1762), intitulada *Woman not inferior to man* – indícios que demonstram que já no século XVIII algo precisava ser dito.

Embora ainda não se falasse sobre questões relativas à sexualidade, maternidade ou aborto, as mulheres manifestavam seu descontentamento com o que lhes era imposto. As sufragistas inflaram o percurso e foram inspiração para o que viria a ser o terceiro momento indicado por Galeotti. Este coincide inexoravelmente com o que conhecemos como “feminismo de segunda onda”, quando aspectos da intimidade passaram ao interesse público. O “pessoal é político”, lema deste percurso, transformou o aborto em mote subliminar, capaz de unir mulheres de diferentes perfis em torno de um mesmo dilema e direito a ser garantido.

A segunda metade do século XX trouxe em seu bojo a publicação de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1908-1986), que ao questionar as prerrogativas do “ser mulher” ancorou as bases para desnaturalizar os papéis de gênero impostos a mulheres e homens. No seio de tal discussão, a maternidade, até então vista como tarefa natural de todas as mulheres, passou a ser observada como opção, tendo como símbolo o advento da pílula anticoncepcional.

Mesmo com os movimentos feministas nas ruas, as queimas de sutiãs e os riscos enfrentados por muitas mulheres, a questão do aborto continuou envolta por tabus, reforçados pelas religiões e pelo Estado que, ao criminalizar a interrupção voluntária de gestações, colocava as mulheres que abortavam em situação de vulnerabilidade física e psicológica, fazendo esquecer o quanto o aborto foi desde sempre uma existência histórica.

As discussões tomaram corpo e, além das ruas, as mulheres ganharam os espaços acadêmicos para demonstrar em

números e argumentos a necessidade de se pensar no aborto como uma questão de saúde pública e de classe social. Afinal, diante dos números extraoficiais e, mesmo assim, impressionantes de abortos e mortes em sua decorrência, alguns países, como a França, conquistaram sua descriminalização ainda na década de 1970.

No Brasil, as coisas complicaram-se ainda mais com a ditadura e as disputas pelos assuntos que “realmente” importavam à militância. Ainda assim, regulamentações internacionais foram vislumbradas e as lutas pelo acesso ao aborto legal fizeram-se presentes. Neste período de restrição aos direitos cidadãos, os movimentos feministas buscaram novos aliados, que foram de setores da Igreja Católica a grupos de mulheres exiladas, que em seus novos espaços de atuação acompanhavam as discussões internacionais sobre os direitos das mulheres. Periódicos feministas como o *Nós Mulheres* e o *Brasil Mulher* foram de significado indiscutível, inclusive por abordar demandas de mulheres das camadas populares, como a luta por creches e a questão da violência doméstica.

O tema do aborto passou por período de relativo esquecimento, sendo marcado por avanços e retrocessos ao longo das décadas de 1980 e 1990. A maior visibilidade foi conferida ao aborto legal e sua implementação, o que acabou por não impulsionar o aprofundamento das discussões sobre a autonomia sexual e a liberdade de escolha.

Desde então, felizmente, avolumam-se pesquisas e publicações que se debruçam sobre o tema do aborto em suas diferentes abordagens. Os avanços legais, contudo, não seguiram esta tendência, também acompanhada pela ampliação da atuação de movimentos organizados, principalmente feministas.

O aborto na contemporaneidade

Além de (re)conhecer uma trajetória temporal, que envolve a História das Mulheres e perpassa a questão do aborto, importa voltarmos a atenção para o “nosso tempo”. As histórias compartilhadas passaram-se no que podemos chamar de “tempo presente”, abrangendo da segunda metade do século XX até o presente.

Vivemos, entretanto, um momento de ambiguidade. Ao passo que o assunto é cada vez mais destacado em manifestações feministas e também por profissionais de diferentes áreas, como da saúde, do direito e das ciências humanas, os avanços conservadores parecem ter grande força no silenciamento das mulheres que vivenciam tal experiência. A recente perseguição a pesquisadoras que defendem o debate público sobre o assunto, como é o caso de Débora Diniz, tem inúmeras consequências negativas, sendo uma das mais relevantes a dificuldade na realização de pesquisas – como a que a pesquisadora coordenou em 2016, para citar apenas um exemplo – de amplo alcance e que são fundamentais para a proposição de políticas públicas.

Como o tema do aborto tem sido percebido e discutido? Quem fala sobre o assunto e o que se fala? Quem o vivencia e pelo que passam essas pessoas?

Sem pretender dar respostas definitivas a questões tão profundas, é importante observar que apesar de todo o tabu que envolve o tema, ele sempre vem à tona e suscita discussões acaloradas. Normalmente motivado por algum caso alarmante ou com desfecho trágico, o aborto levanta opiniões e manifestações. O mesmo acontece quando há alguma discussão política relacionada à proposta de novas leis ou à mudança

das já existentes. Nas ruas, quando há manifestações públicas, sejam a favor ou contra a descriminalização do aborto, percebemos uma maioria de mulheres. Suas ações, no entanto, não possuem poder de mudança efetiva, pelo menos não imediatamente e legalmente.

No que se refere a movimentações políticas, o cenário é outro: há inegável maioria de homens que, por sua vez, em função dos cargos que ocupam, possuem maiores condições de promover mudanças que, pelo que temos visto, voltam-se à retirada de direitos conquistados e a indiscutíveis retrocessos.

Embora o fato de vivermos em uma sociedade democrática permitir que sejam realizados debates públicos, tais como as audiências públicas realizadas em agosto de 2018, estes são acontecimentos acompanhados por pequenas parcelas da população, geralmente aquelas mais engajadas com o debate, seja por suas posições favoráveis ou contrárias à descriminalização do aborto.

A pergunta que fica é: afinal, as mulheres que vivenciam experiências de aborto estão aí? Não podemos garantir nem que sim, nem que não, mas certamente a maioria das mulheres que precisa abortar permanece em silêncio, muitas vezes mantendo em segredo suas vivências.

Por isso, este livro pretende ser um instrumento de reflexão e luta!

Que este livro possa ser um instrumento de empoderamento, identificação e trabalho.

Que mulheres que temem falar sintam-se encorajadas e possam lidar com seus traumas e dilemas íntimos e pessoais.

Que mulheres que precisaram escolher pelo aborto em algum momento de suas vidas saibam que há muitas como elas.

Que mulheres que se dedicam à educação em seu sentido integral possam se apropriar deste material para discutir um tema que exige delicadeza e firmeza.

Que, enfim, Marias, Lauras, Cecílias, Fernandas, Robertas, em qualquer paragem ou roupagem, possam ler e falar sobre o assunto.

Que este livro alcance o que esperamos de uma história pública, produzido com rigores acadêmicos, colaboração com protagonistas do tempo presente e, sobretudo, dirigido a públicos amplos, principalmente, não especializados.

Que o conhecimento seja ferramenta de transformação e novas reflexões!

Parte II

O Aborto na Vida

Giana

Se me perguntam se sou a favor ou contra o aborto, sou totalmente contra! Acho que tem que ter uma punição com certeza! No meu caso, como foi sigiloso, me senti punida pela vida. Atribui todo meu sofrimento e meus maus momentos a isso.

Nasci no interior de Minas Gerais em 1951, onde morava com meus pais e irmãos. Tivemos uma vida muito difícil! Na minha cidade só tinha até o quarto ano primário, então fomos morar na cidade vizinha para continuar os estudos. Fomos só minha mãe e os filhos e passamos muita dificuldade, chegamos a passar fome porque meu pai parou de mandar dinheiro. Minha mãe costurava para fora, mas o dinheiro não dava, porque tinha que pagar aluguel. Voltamos para casa e parei os estudos. Fiz até a quinta série e nunca mais tive oportunidade de estudar.

Aos quinze anos vim embora para São Paulo... Meus tios já moravam aqui e minha irmã mais velha tinha vindo morar com eles. Quando ela voltou para passear em Minas, quis vir para São Paulo com ela para ajudar meus pais porque a gente podia trabalhar e mandar dinheiro para eles. Deixei família, meus pais e irmãos...

Na rodoviária, quando cheguei com minha irmã e uma prima, parecia o "Jeca Tatu" com a mala na mão. Dava um passo pra frente e dois pra trás por causa dos carros. Aquele monte de carros! Demorei muito para me adaptar! A maneira de falar, vestir, andar... Sentia-me como uma verdadeira matuta! Naquela fase de uns 15 anos foi muito difícil! Até para abrir a

boca para falar tinha dificuldade, porque falava tudo errado, cheio de sotaque... Nunca tinha andado de ônibus! Lembro a primeira vez que foi muito engraçada! Passei da catraca e fui parar perto do motorista! A gente entrava por trás, a catraca era no meio, e quando passei fui parar lá na frente!

Foi muito difícil aqui, trabalhar como empregada doméstica... Enfrentei muita dureza! Todas nós trabalhávamos de doméstica e morávamos no emprego. No final de semana íamos para a casa da minha tia. E o frio? Nossa! Não tinha sequer uma blusa de frio porque na minha cidade era muito quente! Na época tinha muito parquinho e quando passeava, o pessoal falava: "Nossa, a gatinha não sente frio!" E eu ia tremendo de frio, mas toda "bam bam bam". Só que não tinha nem roupa para vestir! Na casa da minha tia, dormia num tapete no chão! Ela morava num quarto e cozinha com dois filhos e o marido, então colocava um tapete no chão para mim. Eu amanhecia quase congelada! Tinha até placas de gelo na porta de casa!

Quando comecei a trabalhar as coisas melhoraram um pouco porque tinha o quarto de empregada. Mas a solidão era muito grande! Chegava a dar desespero! Uma metrópole desse tamanho e eu que tinha vindo de lá do meio do mato, onde não tinha televisão – que eu vim conhecer aqui – nem ônibus... Hoje tem tudo lá, mas naquela época não. Minha casa era toda de chão batido e foi a maior alegria quando meu pai cimentou a casa! E quando colocou luz? Nossa! Era um bico de luz só no meio da casa! Era um motor que ficava das sete às dez da noite! Geladeira, nem pensar! Nada disso! Banho quente não tinha, era de caneca mesmo... Mas eu era feliz!

No começo foi muito difícil! Eu sofria muito! Chorava dia e noite! Naquela época, como não tinha telefone, escrevia todos os dias uma carta para a minha mãe. Uns quatro ou cinco anos depois, alugamos um quarto e cozinha e a trouxemos. Ela deixou dois filhos com meu pai e trouxe os outros.

Foi difícil, mas a gente pagava a prestação dos móveis e o aluguel. Mal dava para comer... Minha mãe era uma excelente costureira e trabalhava para as fábricas. Era de onde saía o sustento dos filhos.

Aos 17 anos me envolvi com uma pessoa e fiquei grávida... Sofri muito! Meus pais não aceitaram, fui colocada para fora de casa! Mas, enfim, sempre tive na minha mente que não queria que meu filho se envergonhasse do meu passado! Com esse pensamento fui à luta! Trabalhava e pagava alguém para cuidar dele. Consegui criá-lo com muita dificuldade, mas hoje posso dizer que ele é um grande homem e não se envergonha do meu passado – que era a minha grande preocupação...

Era muito nova e não posso dizer que o pai do meu filho me iludiu. Eu me iludi com ele, sabe... Na época era muito diferente de hoje. Não tinha informação sobre essas coisas em televisão ou coisa do tipo. E os pais, pelo amor de Deus, jamais falavam com a gente o que quer que fosse a respeito do assunto! Meu pai ficou muito decepcionado! Ele dizia uma coisa que hoje vejo até como uma piada... Ele falava que meu filho era o diploma que vim tirar em São Paulo. Porque eu tinha falado que viria para cá estudar, ser alguém na vida!

Sobre gravidez, como evitar filho, essas coisas, eu sabia muito pouco! Tinha vindo do interior e era muito inocente com as coisas. Mesmo assim, posso dizer que foi descuido mesmo... Eu tinha 17 anos, ele 18, em fase de quartel. A mãe dele foi contra na época e foi um transtorno danado! Meu pai veio de Minas e foi quando tive que sair de casa. Fiquei na casa de umas amigas que eram muito pobres! Não tinha nem o que comer, só onde dormir mesmo! Na época bebia muito, posso dizer que virei alcóolatra! Essa minha vizinha era alcóolatra e eu ficava com ela. A gente bebia pinga o dia inteiro! Ficava bêbada e não tinha nada para comer... Acabei vendo a bebida como uma fuga! Sabe a pessoa que está sem esperança de nada na vida? Isso existe mesmo! A pessoa bebe para afogar as

mágoas e pode ver que tem gente que quando tem algum problema, vai lá e enche a cara! Esse foi o meu caso. Porque não fui criada com bebida... Meu pai não bebia jamais! Eu mesma, quando jovenzinha tomava alguma coisa, mas nada nesse nível. Na minha família não existe nenhum histórico de alcoolismo, então comigo foi realmente o desgosto... Estava revoltada com a vida! Minha mãe tinha viajado com meus irmãos pequenos e me deixou com a minha irmã e meu irmão mais velhos. Meu irmão, do dia em que soube que estava grávida, ficou 13 anos sem falar comigo! Ele me renegava, tinha vergonha de mim... Minha irmã trabalhava e me desprezava muito! O que eu tinha era essa vizinha como companhia...

Fiquei lá enquanto meu pai estava em São Paulo e depois voltei, mas na casa da minha mãe não era muito diferente... O descaso era imenso! Era como se eu não existisse! Um desprezo só! Teve dias em que eles faziam almoço e sequer deixavam comida para mim. Uma vez foi um pessoal almoçar em casa e eu era tratada como um zero à esquerda. Não deixaram nada para eu comer! Lavei toda a louça, arrumei a cozinha e não comi nada... Passei muita humilhação!

Tive meu primeiro filho no Amparo Maternal, um hospital para mães solteiras. Sofri muito! Para ir embora não tinha nem roupa para vestir e tive que me enrolar no cobertor do neném que minha mãe tinha levado porque estava muito frio e minha roupa tinha sumido no hospital. No caminho, minha mãe comprou um penhoar numa loja e foi o que vesti para voltar para casa.

Quando meu filho tinha um ano e meio e eu estava com 20 anos, fiquei grávida novamente... Gostava demais do pai dele e voltamos a nos encontrar. Desta vez foi muito mais difícil! Passei frio, fome, rejeição da família inteira! No primeiro filho, minha mãe até deu "apoio", mas no segundo, nossa! Ela ficou muito brava mesmo comigo porque não era para ter acontecido!

Estava na casa da minha mãe quando comecei a sentir as dores do parto. Peguei uma tesoura e um cordão, deitei na cama e fiquei com dor sozinha em casa. Quando minha vizinha foi me procurar, soube que estava sentindo as dores do parto e me levou para a casa dela. Ela queria me levar para o hospital, mas eu não queria de jeito nenhum! Não tinha feito o pré-natal, não tinha ideia do tempo que estava de gravidez... Não tinha uma fralda sequer para o bebê! Foi então que ela chamou outra vizinha, minha conterrânea, que fazia partos. Pediu para ela fazer meu parto, mas ela colocou uma condição: "Faço, mas não posso ter responsabilidade nenhuma!" Então, acabaram chamando a polícia. Chegou uma viatura com dois policiais que queriam me levar para o hospital, mas eu insistia em não ir! Na verdade, eu queria mesmo era morrer... Pensei que se ficasse em casa isso poderia acontecer... No caso, a polícia fez um termo tirando a responsabilidade da vizinha, que concordou em fazer o parto.

Eu sentia as dores, mas não tinha força suficiente para ter o bebê. Depois de muito tempo, a parteira começou a usar os métodos do interior: banho de água bem quente nas costas e vários truques que se usavam. Finalmente, o bebê nasceu! Mas, começou outro grande problema! A placenta não saiu junto... Ficou dentro de mim. Ficou muito difícil e todos entraram em pânico! Mas eu não queria ir para o hospital de forma nenhuma! Naquela hora já tinha várias mulheres no quarto que começaram a fazer promessa, acender velas, rezar e, graças a deus, o neném nasceu! Nasceu com fome, mordendo o bracinho, mas felizmente eu tinha leite e dei de mamar...

Quinze dias depois precisei voltar a trabalhar como empregada doméstica porque tinha o outro bebê para sustentar. Os dois são filhos do mesmo pai, mas ele não assumiu nenhum, simplesmente ignorou... Quando voltei ao trabalho, era muito complicado porque não tinha contado para minha patroa e, como tinha muito leite, vazava na roupa e eu tentava

esconder. Um dia não teve jeito! A patroa chegou de repente e viu minha blusa toda molhada. Foi quando contei toda a história, minha situação e dificuldade que passava. Ela ficou muito brava comigo, disse que não deveria ter escondido, mas não me mandou embora. Trabalhei com ela ainda por dois anos.

Na época, a gente morava num conjunto habitacional abandonado que minha mãe e outras pessoas tinham invadido. Nossa condição era realmente muito difícil! Moramos durante cinco anos neste lugar.

Um casal de vizinhos que não tinha filhos se propôs a ficar com o menino mais novo para eu trabalhar porque conheciam a situação. Eu tinha que trabalhar para dar o que comer para o meu filho, então deixei o bebê com eles. Como dormia no trabalho, só voltava para casa nos finais de semana. Tentei pagá-los, mas nunca quiseram receber... Quando o menino estava com dois anos e pouco, eles fugiram com ele. Levaram embora e nunca mais tive notícia. Também não procurei, na verdade...

Na adolescência, ele descobriu que era registrado em meu nome e que não era filho legítimo deles. Foi então que me procurou... Infelizmente não havia afinidade nenhuma entre nós e não há até hoje. Depois disso, tivemos muito pouco contato e até hoje é assim. Tenho netos que são filhos dele, mas não existe afinidade nem da minha parte, nem da dele... Os pais adotivos morreram e ele não deu certo nos relacionamentos, então vive sozinho com os filhos. Eles vivem a vida deles e eu a minha. Não me procuram e também não os procuro. Enfim...

Uma vez meu filho mais velho teve um outro problema... Quando tinha uns dois anos, a pessoa que cuidava dele achou que deu mamadeira estragada e ele teve uma infecção no intestino terrível! Quase o perdi! Mais uma vez Deus colocou alguém muito bom na minha vida, que foi minha patroa da época. Expliquei toda a situação e ela me mandou com seu

motorista até minha casa para buscar o bebê e me levou até o Einstein, no médico das crianças dela! O médico consultou e ela pagou tudo: a consulta, todos os remédios e, graças a Deus, ele ficou bem!

Morei durante bastante tempo com a minha mãe, enquanto meu pai continuava a morar no interior. Nossa casa era um problema a mais... Na época era o BNH, e queriam vender para a gente por um preço muito barato, mas não tínhamos a mínima condição de comprar. Saímos de lá despejados e fomos para um cômodo que um primo, que tinha casas de aluguel, arrumou. Tivemos que ficar neste quarto todos nós, inclusive o bebê... Depois, desocupou o cômodo ao lado e ficamos morando em dois cômodos. Foi quando minha mãe fez a inscrição para um conjunto habitacional. Quando saíram as casas, meu pai não veio assinar os papéis porque não gostava que morássemos aqui, então perdemos a oportunidade. Minha mãe tornou a fazer a inscrição e, em 1978, saíram os apartamentos na cidade vizinha, na região metropolitana de São Paulo.

Vim aqui para falar sobre aborto e confesso que estava me esquecendo... Não sei precisar a data... Foi depois do nascimento do segundo menino. Tive relacionamento com uma pessoa por uns três anos. Já não era o pai dos outros dois. A gente brigava muito! Ele era ciumento e judiava muito de mim. Sofria demais! Ele chegava até a me agredir! Não podia olhar para os lados na rua!

Fiquei grávida e ele até queria assumir, mas pensei muito em tudo o que acontecia e decidi fazer o aborto. Uma amiga me indicou, mas não era um lugar público ou conhecido. Era muito caro e tudo envolto por muito sigilo! Isso foi por volta de 1976... Fui numa dessas pessoas que faz aborto quando estava com três meses e meio de gravidez. Super perigoso! A gente tomava a injeção abortiva e ia embora. Não tinha a mínima ideia de onde vinha aquele medicamento! Quase morri!

Tomei a injeção à noite e fui trabalhar normalmente. Quando cheguei no serviço, a gente trabalhava toda de branco, me troquei e fomos tomar café numa barraquinha lá fora como de costume. Quando a mulher me serviu o café, senti aquele monte de sangue que sujou toda a minha roupa. Me levaram correndo para a enfermaria e expliquei a verdade para a enfermeira, que estava sofrendo um aborto. Fiquei em repouso e quando fui ao banheiro fazer xixi, o bebê caiu na privada. A enfermeira me ajudou a pegar, passamos álcool e colocamos em um vidro. Estava todo formado, completo, era um menino também...

A ambulância da empresa, em vez de me levar para o hospital, me levou para casa, onde comecei a sentir dores horríveis! Gritava de dor! Minha mãe estava trabalhando e quando chegou, fui obrigada a contar. Mostrei para ela... Tinha trazido o feto para casa... Mas as dores foram piorando cada vez mais e então chamaram um amigo que tinha uma perua para me socorrer. A dor era tanta que ninguém podia encostar a mão em mim. Parecia que a dor tomava meu corpo inteiro! Não tem como explicar uma dor como essa! Isso porque a placenta apodreceu dentro de mim... O feto nasceu, mas a placenta não... Teria que fazer uma curetagem...

Foi negligência da enfermagem da empresa, porque sabiam que eu tinha sofrido um aborto. Mas até então não sabia que era por causa da placenta... No outro dia de manhã, minha mãe me levou no convênio. O médico enfiou o dedo e puxou... Saiu uma pele preta, da cor de carvão de dentro de mim... Ele disse para a minha mãe que aquilo ia me matar em menos de uma hora! Se não tivesse tirado eu teria morrido! Tomei anestesia geral, fizeram a curetagem e fiquei três dias internada... Minha mãe enterrou o feto lá no fundo do quintal... Essa história pouquíssimas pessoas sabem... Só os mais próximos da família...

Não tive escolha porque não queria ficar com aquele namorado. Já estava com ele há bastante tempo, mas ele me

torturava! Gostava muito de mim, era uma pessoa boa, porém o ciúme era muito forte, ele me sufocava demais! Com certeza eu seria infeliz, não daria certo! Ele não soube que provoquei o aborto, mas quando ficou sabendo, nossa! Chorou muito! Ele achava que eu tinha perdido naturalmente.

Estava numa situação muito complicada. Comecei a me desentender com a minha mãe... Na época, meu filho era pequeno e fiquei morando com meu pai por um mês. Fui com meu filho e meu pai ficou muito contente! Eu fazia a comida e, como fumava e bebia na época, ele me dava cigarro e bebida... Eu limpava a casa e estava tudo bem. Fazia companhia para ele, que morava sozinho, e estava tudo certo. Mas, fiquei desesperada para vir embora! Não sei explicar o motivo...

Antes de ir uma empresa grande havia aberto vagas e preenchi uma ficha. Fiz tudo certinho e passei no teste! Embora só tenha estudado até a sexta série, modéstia a parte, sou muito boa no que faço! Só que coloquei que tinha filho... A moça disse que não podia e fiquei muito decepcionada! Foi um dos motivos de ir para a casa do meu pai... Tentei ir embora, mas não deu certo...

Voltei para São Paulo e fui lá de novo. Dei sorte porque estavam fazendo seleção e eram muitas pessoas! Mas, dessa vez fiz a ficha e coloquei que não tinha filhos... Aí consegui a vaga! Entrei nessa empresa e foi quando minha vida mudou! Tinha mais condições de dar as coisas para o meu filho. Gostava muito de trabalhar lá!

Eles deram muitos testes para fazer para os melhores cargos porque até então eram todos ajudantes de produção. Os outros eram de auxiliar técnico, calibradora, revisora, cargos com salários melhores. Fiz os testes e fui contemplada com um dos cargos com salários melhores! Trabalhei lá por onze anos, mas durante um ano ninguém sabia que eu tinha filho, até que ele ficou muito doente! A assistente social era muito bacana, tinha muita amizade com ela, então como precisava

faltar no serviço, resolvi conversar com ela. contei toda a história, o motivo por ter mentido sobre meu filho, o quanto aquele emprego era importante para mim e ela ficou muito comovida! Pediu para levar imediatamente o registro dele e, no dia seguinte, ela fez a autorização e falou para levá-lo no médico. Ela foi muito bacana! E tem muitas pessoas boas na minha história...

Quando meu filho tinha oito anos, conheci uma pessoa, que é meu atual marido. Ficamos juntos quatro anos e nos casamos. Meu filho mais velho o considera como pai, embora não o chame assim. Queria demais que o pai biológico conhecesse meu filho para ver o que perdeu, o homem que meu filho é hoje! Inclusive na aparência eles são muito parecidos! Até hoje às vezes falamos por telefone porque tenho amizade com a mulher dele e confesso que não tenho raiva. Ele não me enganou, nunca me prometeu nada, como tinha e tem muito caso de homem que fala que vai casar e depois não assume o compromisso. Esse não foi o caso dele. Muita gente me criticava dizendo que ele nunca me deu assistência. Inclusive, quando meu filho completou 30 anos, o pai o procurou e insistiu muito para conhecê-lo, mas ele não aceita de jeito nenhum! Chegou a conhecer os irmãos, mas só... Ele foi categórico: "Depois de 30 anos ele lembrou que tem filho?" Mesmo aceitando conhecer os irmãos, ele não quis contato. Ficou cada um para o seu lado e tudo bem. Mesmo assim, meu grande sonho é que ele conhecesse o pai... Acho muito difícil porque ele não gosta nem de tocar no nome!

Depois de um ano do casamento, fiquei grávida e tenho um filho que hoje está com 28 anos. Hoje estou com 59 anos e mesmo com meus filhos todos adultos, fico muito triste com o meu mais novo pelo tipo de problema que ele me dá porque foi o que mais teve assistência. Já estava casada e nunca faltou nada para ele! Na medida do possível, ele teve tudo o que quis, sendo que os outros dois não tiveram... O segundo filho sequer

minha companhia teve! E o mais velho, foi muito difícil para criá-lo, mas tenho certeza de que ele é muito grato por isso. Ele me valoriza muito! Não me ajudou muito porque saiu de casa, foi viver a vida dele e depois teve mulher e filho. Mas é alguém com quem sei que posso contar a qualquer hora que precisar. Já o mais novo é muito malcriado comigo, é rebelde e não sei o que acontece... Ele me dá muito trabalho mesmo!

Sou católica, mas só "de nome" mesmo. Muito relaxada, vou muito de vez em quando à missa e não rezo tanto quanto deveria. Mas acredito muito em Deus e agradeço por tudo que ele me deu, a vida que tive e tenho hoje. Meu filho mais velho frequentou catecismo, ia à missa, mas depois que casou parece que segue o espiritismo com a esposa. Já o mais novo fala que acredita em Deus e ponto. Nunca foi a uma igreja, não frequenta nada nem tem religião. Eu me sinto culpada por não tê-lo induzido a ir quando era menor, ter levado ele, sei lá...

No meu caso, no caso do meu aborto, nossa, isso pesou muito! Inclusive, até hoje tenho em mente, pelo que passo com meu filho mais novo, a maneira como ele me trata, o fato de ser tão malcriado e rebelde, penso, no meu íntimo que é como um castigo pelo que eu fiz... Eu me arrependi muito, muito, muito! Sofri muito tempo com arrependimento! Quando fui casar, fiz um curso na igreja e eles mostraram slides de uma criança sofrendo aborto, se debatendo dentro do útero para não morrer. Fiquei muito mal porque meu marido nem sabe desse episódio! Ele até estranhou porque fiquei tão abalada! Fiquei muito tempo assim porque acho que foi um pecado muito grande que cometi. Pedi perdão a Deus, mas pesa em mim ter feito isso...

Se me perguntam se sou a favor ou contra o aborto, sou totalmente contra! Acho que tem que ter uma punição com certeza! No meu caso, como foi sigiloso, me senti punida pela vida. Atribui todo meu sofrimento e meus maus momentos a isso. Inclusive problemas de saúde que meu filho mais novo

teve quando nasceu. Enquanto ficava com ele no hospital, deu para refletir muito sobre o que eu fiz...

Lembro da minha vida no interior, quando tudo era inocência e eu era feliz e não sabia... Tinha aquele sonho de vir para a cidade grande pensando que ia ser alguém... Não deveria ter vindo para cá, me arrependi... Acho que minha vida teria sido muito diferente se tivesse ficado lá... Hoje me acostumei e não moraria mais lá. Mesmo assim, não perco uma oportunidade de voltar quando posso! Tenho muito carinho por aquele lugar...

Hoje as coisas são diferentes... Sofri muito com a perda dos meus pais! A gente sempre comentava como éramos uma família privilegiada! Porque até então nunca tínhamos perdido ninguém! Jamais tínhamos sofrido a dor da perda até recentemente... Mas faz parte da vida... E começou "certo", pelos mais velhos... E eles foram privilegiados porque sempre pediram para nunca perder um filho. E conseguiram... Conheceram até alguns bisnetos...

Hoje, graças a deus, posso dizer que sou uma pessoa feliz. Tenho minha casa, meu marido, meus filhos e alguns sonhos...

Fábria

É importante deixar claro que não defendo o aborto! [...] O melhor caminho é as pessoas tentarem se cuidar o suficiente para evitar chegar à opção do aborto. Mas ter ou não um filho é um direito da mulher. Definir se vai ou não fazer um aborto é um direito da mulher!

Meu nome é Fábria, nasci no Rio de Janeiro e tenho 42 anos. Sou jornalista e me formei no Rio, numa faculdade particular. Comecei a estudar há relativamente pouco tempo e me formei há quatro anos, com 38 anos. Quando vim para São Paulo, estava muito desgastada no meu trabalho e meu companheiro recebeu uma proposta para trabalhar aqui. Estávamos pensando em morar juntos na época e quando ele recebeu o convite, aceitei primeiro que ele! Ainda no Rio, fiz duas entrevistas de emprego num bate e volta de ônibus. Fazia a entrevista e voltava para casa. Na segunda fui contratada. Cheguei aqui num dia à meia-noite e no dia seguinte às nove horas da manhã comecei a trabalhar. Faz quatro anos que estou aqui!

Não posso dizer que gosto nem desgosto... Como vim num momento ruim lá, não cheguei com preconceito contra a cidade. Vim para aceitar o que a cidade tinha para me oferecer. É óbvio que a diferença cultural, apesar da proximidade, é muito grande, principalmente no que diz respeito ao calor humano. O pessoal de São Paulo é muito formal e senti um pouco porque estava numa cidade sem relações próximas, enquanto lá no meu cantinho sempre fui super paparicada pela família e pelos amigos... É diferente! Depois de quatro anos, esse foi o primeiro em que ganhei um bolo aqui no

trabalho, o que é uma evolução com certeza! As coisas estão melhorando...

No Rio morava na zona norte e aqui moro no centro. Não posso negar que ganhei em qualidade de vida. No Rio, apesar de trabalhar relativamente perto, o trânsito era caótico! Chegava a gastar uma hora de deslocamento. E aqui gasto quinze minutos de caminhada...

Bem, para falar do início da minha história de vida, sou de uma origem bem humilde. Fui criada no Rio de Janeiro pela minha mãe, sem a presença de pai. Quando tinha uns 14 para 15 anos minha mãe conheceu um senhor que morou com ela durante alguns anos e desse relacionamento ela teve mais um filho. Mas na realidade nós somos três irmãos, de pais diferentes. Minha mãe sempre teve que trabalhar muito para poder cuidar dos filhos, então a minha relação com a maternidade sempre foi um pouco conflituosa por conta de ver o desgaste que ela tinha que ter para cuidar dos filhos.

Minha mãe teve que trabalhar e quem cuidou da gente foi minha avó. Só que quando eu tinha 12 anos minha avó morreu, então eu que era a filha mais velha fiquei cuidando dos meus irmãos da forma que dava... Meu padrasto era muito gente boa, tinha muito mais carinho por ele do que pelo meu próprio pai, porque meu pai não vejo desde que tinha 15 anos de idade! Meu padrasto também já morreu, mas a gente tinha uma relação muito positiva!

Desde sempre na minha vida, desde que me entendo por gente, que comecei a entender de maternidade. Sempre dizia que não queria ter filho e trago isso até hoje. Não por uma imposição, porque eu adoro criança, me dou muito bem com as crianças, mas acho que é muita responsabilidade! Sempre pensei que não queria ter que me dar para ninguém tanto assim! Filho é algo que você vai ter que carregar para sempre e, quanto a mim, não estou disposta a esse tipo compromisso com ninguém.

Em alguns momentos fico me questionando se não seria um pouco de egoísmo... Mas é assim que sou. Não mudei nesse tempo todo. Quando via minhas amigas de infância preocupadas em ser mães, percebia que na minha cabeça aquilo não passava de jeito nenhum! Poderia vir a ser uma consequência da vida, poderia mudar de opinião a qualquer momento, inclusive hoje ainda penso que um dia posso acordar com o sentimento de maternidade fervilhando e dizendo que quero ser mãe, mas até agora não aconteceu...

Minha vida sexual também sempre esteve muito ligada a isso. Como eu tinha muito medo de ser mãe, via muita experiência de jovens que eram mães solteiras, que tinham suas primeiras relações e se deparavam com uma gravidez, percebia que não estava preparada para aquilo. Por isso, sempre me norteiei da seguinte forma: para ter minha primeira relação sexual, não posso mais ser dependente financeiramente da minha mãe, então precisaria estar trabalhando de carteira assinada, ter meu salário para poder bancar meus contraceptivos. Essa sempre foi a regra para mim e assim fui levando minha vida até que pude ter meu dinheiro para bancar meu anticoncepcional. Só então iniciei minha vida sexual mesmo.

Nessa época, tinha uns 19 anos. Eu achava muito engraçado porque todos os carinhos que eu namorava, os namoros eram ousados, a gente ia para motel e tudo! E eles sempre tinham paciência comigo... Sai com vários namorados, mas uma coisa era minha vida, sempre tive isso comigo de que não ia fazer nada para atender a necessidade de outra pessoa. Primeiro eu! Na hora que estiver preparada, vai acontecer!

É interessante que, mesmo com tudo isso, tive que pensar muito para lembrar como foi que engravidei... Na verdade, consegui apagar isso da minha cabeça. Não ficou como trauma ou peso algum... Acho que foi entre 26 e 27 anos. Eu tomava aquele anticoncepcional injetável. Um dia, não sei se estava desempregada na época e dependia do dinheiro

do meu namorado... Sei que foi um dia de chuva muito forte! Estava na casa dele esperando, ele tinha ficado preso na casa dos filhos... Ele não chegou e passou do dia da injeção. Trinta dias depois eu estava grávida!

Quando descobri entrei num conflito imenso comigo mesma! “E agora? O que vou fazer da minha vida?” Não conseguia me imaginar mãe! Isso me fez bastante mal porque não queria ter passado por aquela situação... Ficava procurando dentro mim uma vontadezinha que fosse de levar aquela gravidez adiante, mas não encontrava e ficava mal... Era o único caminho que tinha, que minha consciência realmente aceitava. Se fosse para outro caminho seria uma coisa imposta pela sociedade.

Apesar de nunca ter sido religiosa, fui criada no catolicismo, então sou católica, mas não sou praticante. Mesmo assim, o peso da religião acaba vindo... Sempre ouvia minha mãe dizendo: “O que? Quando você ficar grávida, desde o momento que você ficar grávida, você se apaixona pela criança”... Meus deus, então eu sou uma monstra! Cadê esta paixão que não vem?

Aí fui procurar uma clínica, que não é nenhuma clínica... Na verdade, era um lugar que já tinha tido algumas batidas da polícia... Uma amiga tinha feito um aborto lá alguns anos antes.

Sempre me informei sobre essas coisas, porque se precisasse eu sabia que iria recorrer ao aborto, mas de forma objetiva, procurando uma clínica para fazer a intervenção. Chás e mesmo o Citotec nunca foram coisas que passaram pela minha cabeça. Mas, quando descobri que estava grávida, compartilhei com a esposa de um primo e ela queria me levar num lugar para fazer o aborto. Mas falou para antes tomar um chazinho... Não me lembro do que era, mas tomei o tal chá. Sei que depois que tomei comecei a vomitar sem parar! Me fez um mal terrível!

Engraçado que não tinha contado isso nem para minha melhor amiga. Só meu namorado sabia... Não sei por que contei para essa pessoa, de quem nem era tão íntima. Mas foi ela quem me levou num lugar onde seria o consultório médico que fazia o aborto. Quando chegamos, estava fechado. Acho que era porque estávamos em época de final de ano.

Morava ainda no Rio e lembro que foi justamente durante a festa de Natal que contei para minha melhor amiga. Ela falou: “Fá, sabia que estava acontecendo alguma coisa...” Contei para ela o que tinha acontecido, chorei e disse que tinha tomado um chá. Ela me disse que chá não adiantava nada e, no final, foi ela quem me levou no mesmo lugar onde tinha feito um aborto tempos atrás.

Chegando lá, era uma casa rosa e estava totalmente fechada. Andamos pela rua e aquilo parecia mesmo uma cena de filme! Enquanto andávamos pela rua, passou alguém por nós e falou alguma coisa que não consegui compreender. Mas, minha amiga percebeu um cara falando alguma coisa. Paramos numa padaria e pedimos uma Coca-Cola. Ficamos olhando aquela casa toda fechada, quando alguém falou: “O endereço mudou”... Na verdade, tinha mudado de número e seguimos, então, para o número que o cara indicou. Era na mesma rua, mas tinha mudado para outra casa, que também estava quase toda fechada...

Quando finalmente encontrei o lugar, entrei... Tinha que fazer um exame e dizer de quantos meses estava a gestação. Eles, então, falam o preço. Se você fala a quantidade de meses errada nem sei em qual momento vão descobrir...

Por conta de uma batida policial, eles tinham mudado o processo. Primeiro você entrava neste lugar, que era um tipo de consultório, então eles te colocavam dentro de um táxi. Não podia ir acompanhada com quem estava junto até ali. Eu tinha ido com minha amiga e meu namorado, mas eles não podiam me acompanhar. No táxi, iam outras moças,

exatamente quatro, que era para ocupar todas as vagas do carro. E seguiam para um lugar muito longe! Só que na hora que estava no carro, ninguém sabia para onde estava indo. Os acompanhantes também não sabiam onde estavam te levando e não era possível sair dali.

Chegando lá, você entra em uma salinha, eles aplicam alguma coisa na sua veia e quando você acorda o negócio já aconteceu! Já estava sentada numa cadeira, não era nem ao menos uma cama! Era uma cadeira onde você retoma a consciência sem nem ao menos saber o que foi feito. Aí você fica lá um tempinho para se recompor e chamam novamente o táxi para te levar embora...

As mesmas quatro pessoas... Mas, cada uma com um metabolismo e uma reação diferente! Algumas iam acordando mais grogues, outras menos... Lembro bem de uma menina que chorava tanto! Desesperadamente! Enquanto outra falava: "Não chora não... Isso não é nada... Já é a terceira vez que estou aqui...". E eu falava: "Não chora não, mas não venha pra cá três vezes..." Era uma forma de amenizar aquilo tudo e ficávamos conversando. Uma com tanta naturalidade, aquilo era só mais um e, provavelmente, depois de algum tempo estaria ali de novo. Enquanto a outra se sentia muito mal por ter feito, mas já tinha acontecido...

Eu também me senti mal! Principalmente porque me senti irresponsável! Passar por aquilo não era uma coisa legal, definitivamente! Continuava não querendo ter filhos, mas não me arrependia pelo que tinha feito. Certamente preferia não ter passado por aquilo e não acho normal ou corriqueiro. É algo que faz mal para você! Independente da vida que tem dentro de você, se já tem vida, se ainda não tem, mas faz mal para você! É algo muito arriscado que pode ter consequências, tem risco de morte...

Mas depois daquela conversa, a menina foi se tranquilizando. Éramos nós quatro naquele carro, mas e nos outros

carros, como estariam as meninas? Afinal, quando saímos, acho que foram uns três táxis... É um fluxo bem grande! E nesse tempo outros tantos deveriam estar saindo de lá...

Quando entramos novamente no carro, não podíamos dormir. O motorista ficava falando que não podia dormir porque se ele fosse parado como iria explicar as quatro meninas ali apagadas? Então tínhamos que ficar atentas.

Na volta, as pessoas que ficaram esperando também estavam numa angústia muito grande porque não sabiam onde fomos e tampouco se daria tudo certo... Por fim, receitaram um anti-inflamatório ou algo do tipo. Sei que tive que passar na farmácia, comprar uns remedinhos e, pronto, acabou! A relação deles com você acaba ali.

Isso deve ter acontecido em algum dia de semana, uma quarta ou quinta-feira. Só sei que no sábado terminei com o namorado. Sobre a decisão do aborto, da parte dele era indiferente. Se eu resolvesse ter o filho, ele apoiaria.

Fiquei muito mal com tudo isso... Ainda mais porque durante muito tempo, mais de dez anos, eu tive um tipo de paranoia de que todo mês eu achava que estava grávida! Quando via alguma grávida na rua, já pensava que eu também estava. A mesma coisa quando via alguma reportagem sobre gravidez. Chorava, chorava pensando: "Estou grávida! E agora, o que vai ser da minha vida?!" Para ter uma ideia, cheguei a fazer ultrassonografia menstruada! E olha que sempre tomei o anticoncepcional certinho! Essa minha amiga que me acompanhou falava: "Você precisa se tratar, porque isso não é normal! Você não pode ficar me enchendo todo mês com essa neurose!".

Meu namorado da época, com quem fiquei por mais de um ano, imagine quantas vezes passou por essa situação! Todo mês eu chorava e ele me dizia: "Você não quer ir lá falar com a Roberta?". Nem ele mesmo dava conta! Quando fizemos os exames e eu realmente estava grávida, ele achava que era só mais um exame que me levava para fazer e que, como sempre,

não daria em nada... Quando veio o resultado positivo, ele falou que se eu quisesse ter, tudo bem, e não seria ele quem iria impor qualquer coisa.

Mas eu estava em um momento no meu trabalho em que pensava que uma gravidez só iria atrapalhar. Além disso, eu gostava dele, mas não passava disso... Não me via num relacionamento com ele para sempre. E criar um filho sozinha não era um plano. Eu via toda a dificuldade da minha mãe para cuidar de nós! Por isso não levanto bandeira de ser mãe solteira, acho muito difícil! E não via um futuro para ser compartilhado com ele. Então, seria muito difícil me convencer a ter um filho.

Por isso digo que a decisão foi minha. Não o consultei ou perguntei o que achava, decidi e pronto. Da parte dele também não devia estar muito interessado em ter filho porque não tentou me fazer mudar de ideia. Sem contar que ele já tinha um filho. Em momento algum tentou me forçar a fazer alguma coisa e quando falei de terminarmos, tanto ele quanto minha amiga acharam que era porque eu estava emocionalmente abalada. Para mim ficou claro que nossa relação era tão frágil que cheguei a fazer o aborto porque não via um futuro... E se não via futuro por que ficar perdendo meu tempo e o dele? Eles achavam que teria volta, mas assim ficou... Ainda somos amigos e nos vemos de vez em quando, mas só isso...

Não fiquei remoendo isso. Meus conflitos acabaram no momento em que fiz o procedimento, já que tinha deixado chegar naquele ponto... Não fiquei com trauma e nunca tive problema para falar sobre isso. Algumas primas, com quem sou muito ligada, também souberam. Uma delas que é testemunha de Jeová estava estudando a bíblia... Ela me deu um panfletinho, mas eu já tinha feito o aborto. Ela insistiu e concordei em ler, mas deixei claro que isso não me faria mudar de ideia se tivesse lido antes.

Minha mãe não sabe – pelo menos até agora. Talvez fique sabendo qualquer dia desses... Ela andou me irritando e

estou querendo falar umas coisas para ela. Talvez ela veja que não sabe tanto da minha vida assim como pensa...

Minha responsabilidade com meus irmãos nunca foi um peso para mim porque minha mãe sempre foi muito presente. Mas é verdade que ela sempre teve que trabalhar muito e ainda cuidar da gente. Ela trabalhava como empregada doméstica, depois como auxiliar de serviços gerais ou cozeira em hospital. Todos trabalhos muito desgastantes! Quando chegava em casa, ela ainda tinha que fazer o trabalho de casa, deixar comida pronta para a gente e, para deixar tudo arrumadinho, ficava até altas horas! Aos poucos minha ficha foi caindo e percebi que podia contribuir um pouco mais com ela... Comecei cuidando um pouco da casa, ajeitando algumas coisas em relação aos meninos.

Sem contar que minha mãe ainda cuidou de três sobrinhos, mas quando minha avó ainda era viva e tinha com quem dividir a responsabilidade. Ela podia trabalhar porque minha avó estava ali tomando conta da gente. Depois que a avó faleceu, fomos morar sozinhos, mas ainda assim minha mãe continuou cuidando de um dos sobrinhos. Ela sempre se esforçou muito para dar uma boa educação para todos nós, pagava colégio para que não estudássemos em escola pública e isso significava ficar muitas horas fora de casa.

Como ela sempre trabalhou, nossa relação acabou sendo um pouco distante. Não posso dizer que somos próximas... Confesso que é até difícil dar um abraço na minha mãe... Sou carinhosa com todo mundo, abraço todo mundo, mas quando chega minha mãe e vou abraçá-la, sinto que fico dura! Já com meus irmãos a relação foi melhor. Acho que no caso deles, por mais que ela tenha tido que trabalhar, os tempos eram outros... A diferença de idade entre mim e meus irmãos é considerável. Sou a mais velha e a diferença para meu irmão do meio é de seis anos. Quando estava com quase 15, nasceu o caçula. Isso significa momentos diferentes também na vida da minha

mãe, principalmente com relação ao meu irmão mais novo. Na época eu já trabalhava e tinha como ajudar em casa, então ela conseguia dar um pouco mais de atenção para ele.

Interessante que sempre me achei mais adulta que minha mãe... Quando ela engravidou do meu irmão menor, achei aquilo um absurdo! Como era possível engravidar numa situação dessas, sem ter condições? Eu me achava a dona da verdade! Ainda mais porque era adolescente, então já viu!

Um dia, conversando com uma senhora, ela me disse: "Quem é você para definir se sua mãe tem ou não idade para ter outro filho?". Aí a ficha caiu...

Mas quando ela chegou da maternidade, eu nem olhava para eles... Se ela estava em um cômodo, eu ia para outro. Uma coisa bem chatinha mesmo! Lembro que ela veio com meu irmãozinho no colo e disse: "Oh, maninha, você não quer olhar para mim?"... Tudo bem vai... Dei uma olhadinha...

Para mim aquilo parecia uma passividade para enfrentar a vida, achando que tudo é coisa de deus. Talvez tivesse a ver com grau de educação, o que criava um certo distanciamento em relação a ela. Mas isso é algo muito meu, porque sinto que ela nem consegue perceber. Nossa relação não chega a ser fria, talvez seja da minha parte essa dificuldade, porque para ela é algo tranquilo.

Quando digo que ela está me irritando e que uma hora ela vai saber coisas que não imagina que eu fiz, como o aborto, é porque normalmente sou uma pessoa muito ponderada e dificilmente tomo iniciativas em momento de nervosismo. Se não fosse isso, alguns dias atrás, quando estava realmente irritada, teria falado coisas desnecessárias e até magoado ela.

Não que ache que esse assunto seja sem importância e quando tiver oportunidade vou falar. Na minha família, sou uma das que se sobressai da realidade daquele mundinho em que todo mundo convive. Para eles é como se eu fosse a certinha. Isso mostra que depende muito do que se entende por

certinha... Continuo me vendo assim, mas talvez se algumas pessoas tiverem conhecimento dessa minha experiência, cairia um pouco essa ideia. Até porque eu divido muito pouco meus problemas pessoais com o pessoal da minha família. Na verdade, mais absorvo as situações e problemas dos outros do que o contrário. Além do que dificilmente a opinião deles vai mudar o que estou pensando e só criaria situações de angústia, que os deixariam mal, criando verdadeiros conflitos entre nós por defender minhas posturas, o que eu penso sobre as coisas. Acho que não vale a pena levantar certas bandeiras que só levariam a brigas. Penso que as discussões devem ser feitas de forma positiva, não simplesmente para dizer o que eu faço ou penso.

Meus valores morais, por serem um pouco diferentes dos deles, faz com que se sintam à vontade para dividir muitas coisas comigo. Eles sabem que não terão somente alguém para criticá-los. E ainda que precise criticar e colocar pontos diferentes, sempre é de forma cordial, tentando entender o lado do outro. Acho que isso favorece que quando eles tenham algum problema, venham falar comigo para buscar uma palavra, algum apoio...

Uma das maneiras de quebrar o gelo entre a gente da parte da minha mãe foi dar meu irmão mais novo, para batizar. Ele é meu afilhado e, de vez em quando, fica metendo os pés pelas mãos, fazendo um monte de besteiras por aí... Mas, então ele vem e fala que está precisando conversar... Puxo a orelha dele, mas não daquela forma como se ele só estivesse errado. Procuro conversar e entender que cada um tem seu momento e a hora da maturidade vai chegar para todos.

Apesar do aborto não ter sido um problema traumático, lidar com o corpo depois é estranho... Quando sai de lá e fui ao banheiro pela primeira vez, notei um monte de algodão ou algo do tipo e tive que tirar aquela coisa nojenta! Mas com relação aos medicamentos, algo para combater a febre caso tivesse – e

acho que nem tive – não teve problema nenhum. Quando fui ao ginecologista, creio que antecipei minha consulta, mas não lembro muitos detalhes, contei o que tinha feito, ele fez os exames necessários e estava tudo bem! Nem lembro como foi a consulta e certamente não era um médico que me acompanhava, mas não percebi nenhuma atitude diferente, não que me chamasse a atenção...

Teve uma outra situação em que fiz o exame, porque minha paranoia continuava, e deu positivo!!! Na época, estava num relacionamento muito intenso, o cara me pediu em casamento e tudo! Ele era separado e, de repente, de um dia para o outro, voltou com a mulher dele... No meio disso tudo, fiz esse exame e ele me acompanhou na consulta médica. Levei o resultado positivo que acho que tinha feito em um laboratório qualquer, e o médico me olhou e disse que eu estava grávida! Quando ele viu minha reação, perguntou se eu não queria ter e quando disse que não, ele disse para, então, eu tentar ver o que faria porque estava grávida... Só que não era um ginecologista. Tinha marcado no autoatendimento. Não satisfeita, marquei a consulta com um ginecologista mesmo e quando me pediu os exames viu que não estava grávida coisa nenhuma! Era loucura da minha cabeça!

Isso foi bastante tempo depois do aborto, mas minha neura era tão grande, que conseguia alterar até o resultado do exame! Olha que maluquice! Deve ter algo a ver com meu emocional... Mas, dessa vez foi só um alarme falso... Tão falso quanto esse meu companheiro! Tanto que nem sei como foi de verdade a reação dele...

Esse relacionamento não foi adiante porque felizmente a ficha caiu que era aquele tipo de pessoa que cria um personagem para te agradar... Talvez tenha sido um divisor de águas, mas tem umas coisas que eu prefiro deletar... O esquecimento também faz parte da memória... Talvez tenha sido providencial para sair dessa relação.

Depois de ter vivido essa experiência do aborto, o que me chama atenção é a forma como algumas pessoas tratam o assunto como se fosse uma banalidade! Não é legal e não é banalidade! O que me toca é como a coisa é explorada. Acho que isso tem que ser passado de que todas as mulheres têm que ter direito sobre o seu corpo. Isso significa definir pela maternidade ou interrompê-la. Isso é um direito nosso! Não deveria depender de ninguém! Por ter feito a opção de não ter filhos, sou muito criticada. As pessoas esperam que, por ser mulher, tenho que querer ter filhos e não conseguem compreender o contrário. Dizem que eu seria uma mãe maravilhosa porque me dou bem com crianças...

Meu marido tem três filhos de mães diferentes: uma menina de sete, um menino de onze e outro de treze. O mais velho vai para a minha casa passar as férias e isso só começou a acontecer por conta do meu relacionamento com o pai, que resistia muito. Nunca combinei isso com as mães, mas meu marido já colocou no cronograma dele. Sempre tive essa preocupação porque sei o quanto foi difícil para minha mãe cuidar de três filhos e nunca ter tempo para ela. Então penso que se 365 dias ficam com a mãe, qual o problema de ficar quinze dias com a gente? Mas não aceito só quinze dias, tem que ser trinta! Ele fala que a gente acaba não tirando férias, mas faço questão de lembrar que as mães ficam com as crianças o tempo todo! As pessoas fazem comparações e falam que eu tenho muita dedicação e me doo de verdade. Mas, sempre lembro para as crianças mesmo que eles até podem me irritar, mas não vão me tirar do sério porque vai chegar o dia de devolvê-los para as mães, então não tem problema, podem fazer o que quiserem... Nessas horas, vou na folhinha, respiro e conto os dias, é até engraçado... Para mim não funciona... Pensar em ser responsável pelas criaturinhas a vida toda! Não só durante, 30, 60 dias... Ano que vem eles voltam e não vejo problema nenhum, mas eu devolvo...

Por isso, as pessoas precisam ter consciência do que é ser mãe, tanto para fazer um aborto quanto para manter uma gravidez. Você se torna responsável por uma vida e não só enquanto a criança está na sua barriga, nem tampouco enquanto é bebezinha. A responsabilidade com aquele ser é para a vida toda e isso tem que ser levado em consideração! A pessoa tem que ter educação, não basta conseguir trabalhar e alimentar seu filho de uma forma mais ou menos precária. É preciso pensar que tem que educar para este mundo que está aí! Por mais que você se doe, nem sempre é suficiente. Às vezes é preciso compreender a criança, assim como repreender o adulto que ela vai se tornar...

É importante deixar claro que não defendo o aborto! Porque engravidou, vai lá e tira. Acho que as pessoas têm que se cuidar para não precisar chegar a um aborto. É um processo muito invasivo para a mulher, tanto quanto ficar grávida e levar a gestação até o final. Traz consequências que vão além de ficar emocionalmente abalada, a mulher fica numa situação delicada... A hora do parto é um momento em que a mulher corre risco de morte e o aborto é um procedimento invasivo, agressivo. O melhor caminho é as pessoas tentarem se cuidar o suficiente para evitar chegar à opção do aborto. Mas ter ou não um filho é um direito da mulher. Definir se vai ou não fazer um aborto é um direito da mulher que nem passa pela opinião do homem porque quem vai levar a gravidez ou não é a mulher. O companheiro pode ser consultado, mas a decisão final, quem tem o direito e deveria ser sempre a dona da situação é a mulher. Porque quando opta pela gravidez, quem vai gestar o filho por nove meses é ela.

Acho importante descriminalizar este processo porque, na prática, quem tem dinheiro e consegue fazer, esconde que faz... Pior ainda é que muitas vezes aponta o dedo para quem torna público que está fazendo. E isto mata! O aborto é criminalizado e isso mata muitas mulheres. Mudar este quadro é fundamental!

Janaína

O certo é que teria que ser um direito, mas com toda orientação por trás... Todo apoio do Estado... Fora aquela coisa da saúde pública, porque é uma questão que vai até a psique da mulher que porventura venha a passar por isso...

Nasci em São Paulo e sou a mais velha de três filhos. Minha família é muito complicada! Minha mãe tem distúrbio bipolar e nem entro nos detalhes dos diagnósticos psiquiátricos porque é tudo muito confuso. Mas ela dá bastante trabalho! Meu pai mora em outro estado e também tem seus problemas... O caso dele é síndrome do pânico... Meu irmão do meio mora com a minha mãe e também tem algumas questões, transtorno de desenvolvimento, traços de autismo, cada laudo fala uma coisa... E o mais novo é usuário de drogas e está pelas ruas.

Fui uma criança bem problemática! Minha mãe nunca teve autoridade e meu pai nem se fala... Eles sempre *tretaram* demais e quase todo dia tinha polícia na frente de casa. Uma vez ouvi: "Da próxima vez que essas crianças vierem parar aqui, vamos levar para o Conselho Tutelar!". Não tinha ideia do que era esse raio de Conselho Tutelar e fiquei morrendo de medo! Para onde eles iam me levar?!

Minha infância foi bem conturbada nesse sentido. Eram muitas brigas, principalmente entre meu pai e meu avô, que bebia muito... Quando morava com minha avó, ficava jogando vôlei na rua, que era a mesma por onde meu avô passava para ir para casa. Dependendo de como ele estivesse, se estivesse *chumbado*, eu ia para casa distraí-lo com piadinhas tontas para ele não brigar com minha avó, que fingia estar dormindo.

Às vezes, ele comia alguma coisa, ia para a sala e ficava vendo televisão, enquanto eu ficava falando sem parar até que ele dormisse na poltrona. Quando acordasse depois já estaria menos *alto*. Várias vezes deu certo, mas era uma *puta* responsabilidade para uma criança! Desde muito pequena tive esse papel de fingir que estava tudo bem... Violência física só aconteceu duas vezes com um espaço de tempo enorme entre uma e outra! Talvez do tamanho da tensão que sentia em todos aqueles anos seguidos...

Minha mãe conta que minha avó sempre tentou se apoiar da situação. Então tem esse lado da minha mãe talvez não ter tido condições, mas havia a interferência autoritária da minha avó por outro lado. Por exemplo, quando minha mãe estava grávida de mim, ela era louca para fazer parto normal, mas minha avó pagou para o médico fazer uma cesárea. Minha mãe nem sabia o que estava acontecendo, ou seja, nasci de uma violência obstétrica, o que é algo muito doido!

Fui alfabetizada em casa pela minha mãe com musiquinhas: “Junto a letra B com a letra O. O que é que fica? Fica Bó!” Entrei no Pré sabendo ler e escrever, mas tinha muita vergonha e falava que não sabia! Pedia até para a professora escrever meu nome nos trabalhinhos... Não sei o motivo, acho que vou ter que fazer terapia para descobrir...

Da minha infância não tenho muitas lembranças bacanas até a segunda série. Estudava numa escola de freiras e via meu irmão mais novo, que tem deficiência intelectual, sofrer muito preconceito! Criança nessa idade aponta e exclui o diferente, o que não era nem um pouco bacana. Eu sempre pegava piolho e até hoje pego só de saber que alguém tem... Um dia me chamaram na diretoria com a desculpa que era para entregar o livro para um aluno, mas mesmo com oito anos saquei na hora que não era nada disso. Uma funcionária ficou fuçando no meu cabelo e disfarçou que era para levar o tal livro. Daí veio o bilhetinho que estava com piolho.

Esse meu irmão tinha o cabelo raspado, mas não por causa de piolho... Na verdade, ele picotava todo o cabelo! Mesmo assim, era só ele aparecer que vinha aquele monte de criança correndo e gritando: "Corre que o piolhento está vindo!" Quando eu via, falava que não era nada disso, que era meu irmão, que ele tinha problemas e picotava o cabelo, por isso tinham raspado. Mas, criança, sabe como é! Ele rabiscava meus cadernos e todo dia vinha bilhetinho perguntando quem tinha feito isso...

Naquela escola lembro que uma vez peguei catapora e, quando voltei, fui apostar corrida com uma menina e ganhei! Aí eu ficava *toda toda* dizendo que até doente ganhava! Eu quicava a bola mais que todo mundo, pulava corda mais tempo, achava que estava abafando! E em escola particular tem esses lances com esporte...

Se de um lado tinha essas vantagens, de outro, minha mãe não tinha noção, por exemplo, de mandar a garrafinha de suco do lanche. Ao invés disso, ela mandava numa mamadeira sem bico! Então, era alvo de gozação e tinha uma autoestima muito ruim!

Depois fui para a escola pública, onde fiquei até terminar os estudos. A partir da sexta série comecei a curtir mais, adorava a escola e sempre gostei de estudar! A gente ficava jogando vôlei na rua, tinha um monte de aula vaga, íamos para o clube, que mesmo longe, dava para ir andando... Tinha os trabalhos na biblioteca, coisa que hoje, por causa da internet, não tem mais... Eu era até amiga da monitora!

Minha avó tinha uma imobiliária, mesmo tendo estudado só até a quarta série. Como era muito leitora e, na época não exigiam formação para esta função para corretores de imóveis, ela abriu uma salinha e deu o pontapé inicial. No auge da imobiliária, ela administrava vários aluguéis, mesmo ganhando pouco porque eram pequenos quartos de cortiços que tinham na região. Ela datilografava o contrato comercial

de cabeça para se ter ideia do seu potencial! Era uma pessoa muito competente! Como estudava de manhã, fui trabalhar com ela como *office girl* e auxiliar de serviços gerais, mas a imobiliária acabou falindo. Eu era da família, mas trabalhava pra caramba! Ganhava meio salário mínimo, que gastava metade para pagar a manutenção do meu aparelho! Não sobrava nada para mim. Mesmo trabalhando relativamente pouco – eram cinco horas – era diferente dos meus amigos que ficavam assistindo filme na casa dos colegas. Então nunca me achei patricinha!

Sempre fui meio "*atrasilda*" nesse lance de namoro e amores... Todo mundo beijou antes dos 13 e eu só fui beijar nessa idade, e ainda um cara daqueles que fica com todo mundo. Apesar disso, foi legal e até hoje acho esse carinho bacana. Mas namoro mesmo só no primeiro ano do Ensino Médio. Fiquei quase dois anos com meu primeiro namorado e acho que era com quem deveria ter transado... Mas não rolou...

Como minha mãe ficou grávida com 17 anos, ela sempre falava que eu iria me formar na faculdade e só depois começaria a olhar para os lados. Foi uma lavagem cerebral que, de alguma forma, deu certo porque fiquei meio *travadona* e só fui namorar de novo depois dos 18 anos.

Sempre morei no mesmo bairro, onde estudei até o terceiro ano do Ensino Médio. Quando terminei o colegial, prestei o vestibular e entrei direto em Educação Física na USP. Antes de decidir por esse curso, mudei de ideia várias vezes, mas acabei me formando cinco anos depois.

No primeiro ano de faculdade fiquei meio distante porque o trote foi pesado! Tinha um lance de cortar a alça do *soutien*, pegar palitinho na boca dos veteranos, jogaram tinta óleo na minha bermuda favorita, que era de quando joguei vôlei federada e uso até hoje porque nunca mudei de peso, mas aquela marca não saiu mais... Um dia o pessoal estava jogando truco e eu estava sentada no chão do lado de um veterano

que perguntou se podia encostar em mim. Quando ele chegou perto, o pessoal ficou tirando um *coco*, falando que naquele dia ele voltaria para casa pela Raposo. E o que tem lá? Um monte de motel! Já vi que era um bando de idiotas e fiquei com preconceito daquele lugar no primeiro ano... Depois melhorou e acabei curtindo o curso também...

Foi uma experiência bacana, em que se a pessoa quiser ter qualidade de vida, aprende muita coisa que vai usar no dia a dia. É um curso que está anos luz à frente de qualquer outro em outras faculdades. Na questão de laboratório, estrutura, pesquisa, é muito bom, apesar de ter um pessoal meio *caxias*. Recentemente voltei para essa área e, quando converso com o pessoal que está fazendo cursos de atualização, extensão, eles contam novidades que há 15 anos já tinha visto na graduação!

O primeiro cara com quem transei foi meu professor de violão, um amor totalmente platônico! Mas, naquele momento, já era uma questão de tirar o "peso" das costas... Estava quase no terceiro ano da faculdade e ainda não tinha feito nada! Quando comecei a namorar esse cara, era aquela coisa de ir logo... Mas ele era bem machista! Gostava que eu tivesse marca de biquíni, comprava Playboy todo mês e acabou sendo minha primeira experiência... Não tinha referência nenhuma e mesmo assim não gostei muito, por sinal! Era um cara super performático, que queria fazer todas as coisas como se fosse um filme pornô! Enquanto eu pensava que não precisava durar sempre três horas, que já não estava mais curtindo... O engraçado é que, apesar de tudo, ele não encostava nos meus seios, não sei o que era... Acho que o cara era meio doente!

Foi quando prestei História e entrei em uma universidade particular, afinal trabalhava e podia pagar as mensalidades... Sempre tive dúvida entre as duas faculdades. A cada ano que terminava na Educação Física pensava em abandonar para prestar História, mas sempre tinha uma amiga ou alguém da família que dizia para continuar e acabei empurrando com

a barriga. Por fim, me formei nas duas coisas. De qualquer forma, pela experiência de vida, para mim, a graduação em História é bem mais legal!

Depois fiquei com outros caras e vi que aquele tinha sido mesmo uma merda! A cada cara que ficava, parecia mais bacana que o anterior. Comecei a ver que tinha solução e que o mundo tinha alguma esperança... Sempre namorava um ano e pouco, com períodos de intersecção, mas quase emendando um no outro... Às vezes, dois ao mesmo tempo!

Até que no primeiro ano da História comecei a namorar um cara que vendia um "amor de cinema"! Mesmo eu propondo uma coisa aberta, ele não quis porque falava que quem ama não trai. Mas foi para um evento e ficou com outra menina! Aquilo me deixou muito mal! Perdi quase sete quilos! Mesmo assim continuei com ele...

Depois fiquei mais um ano e pouco com outro cara e quando terminamos fiquei com um menino que era amigo do meu atual companheiro, que foi com quem me relacionei depois. A gente ficou um tempo escondido até achar que o ex estava pronto para saber.

Foi uma fase em que me encontrei com a *putaria*, com as drogas... Mas também o amor livre, os relacionamentos abertos... Nessas situações sempre tem quem sofre um pouco mais, mas sempre fui a pessoa que terminava os relacionamentos... Esse cara que fiquei um ano e meio dividia quarto comigo em uma república e, quando ele ia para a balada, não sabia se podia entrar no quarto, se ele estaria sozinho ou com alguém. Nunca aconteceu e talvez fosse paranoia minha, mas vi isso acontecer com outras pessoas. No fundo, acho um exercício bem legal, que vale a pena tentar...

Sempre gostei de esportes, principalmente vôlei. Fui federada dos onze aos 14 anos e continuei jogando na escola e na faculdade. Como era "atletinha", minha relação com as drogas não aconteceu muito cedo. Meu primeiro porre foi com

uns 17 anos. Mas quando entrei na faculdade, já tinha bebido e fumado maconha... Quando fui morar com essa galera, usei cocaína, a gente cheirava cola, benzina... Teve uma festa à fantasia que fui e tomei uns dez comprimidos com álcool e é muito louco porque você começa a ver rastros de luz, não consegue completar frases, esquece o que estava falando e o dia seguinte é terrível! Nunca mais repeti a dose! Mas usei um lance que são umas sementinhas que você pede para agricultor pela internet... Uma das meninas que moravam comigo estudava as plantas alucinógenas e descobriu essa, aí a gente acabou usando... Era um negócio que atacava o fígado e, naquelas alturas o meu já devia estar bem sensível de tanto que bebia, então foi terrível! Sei que fui andando de um *pico* onde estava até minha casa, e era longe! Quando cheguei, deitei e achava que poderia desligar de vez, porque sentia minha frequência cardíaca baixando, o que parecia legal... Pensei que se quisesse morrer naquela hora, tinha controle da situação. Até que me *liquei* e fiquei com medo de morrer! Fui para a cozinha e comi uma colher de sal. Aí passei mal de verdade! Comecei a vomitar às oito da noite e fui parar umas cinco da manhã! Foi a maior *bad trip* da minha vida!

Essa experiência com as drogas tem um lado muito positivo que é, para começar, não ter preconceito com quem usa. Mesmo que tenha optado por não cheirar mais cocaína porque, mesmo antes de engravidar, vi que não era algo bacana, não é uma coisa fechada que nunca mais vá fazer. As pessoas ficam meio esquisitas e o mesmo acontece com a bala, que deixa a pessoa meio transtornada, mas que eu adorava! Tive experiências bacanas com bala, doce, apesar de algumas *bads*... Maconha foi um negócio que parei quando começou a me deixar muito introspectiva. Era como dois espelhos em que eu me via pensando e repensando as coisas enquanto o mundo continuava andando... Comecei a pensar umas coisas estranhas e como minha família já é bem doida, achei melhor

não dar sopa para o azar... Para mim, maconha é para quem tem a cabeça no lugar. Eu dou um peguinha no máximo para tomar um banho quente porque a sensibilidade fica maior e é gostoso... Mas no *rolê* não fumo mais! Gosto mesmo é de beber! É a droga com que me identifico de verdade!

Quando usava cocaína, achei que tinha algum perigo, mas depois cansei de ficar três dias acordada e sentir aquele vazio profundo, além de ver as pessoas estranhas quando não estava usando... Comecei a ficar com um pouco de medo. Com relação ao álcool, teve uma vez que entrei no site do AA e tem, sei lá, dez perguntas que se você responder afirmativamente a três ou quatro, é bom procurar ajuda. E eu respondia afirmativamente a oito! Então tive medo e sempre me achei meio alcoólatra.

Várias vezes aconteceu, por exemplo, de sair e prometer para mim mesma que não *tocaria o puteiro* naquela noite, mas fazia tudo de novo! Já tive várias amnésias alcólicas! Uma vez tomei um murro de uma puta no centro da cidade porque estava bem louca! Estava comemorando com a galera e o cara que está comigo hoje ia levar alguém em casa e combinou de me encontrar em algum lugar. Estava tão bem louca que nem sei para onde fui, mas me perdi do pessoal e em algum momento me vi sozinha. Comecei a tentar ligar para ele, mas o orelhão não funcionava. Fiquei nervosa e bati o gancho do telefone, xingando! A prostituta que estava perto virou e falou: "Sua patricinha do caralho, esse é meu instrumento de trabalho!". Quando ela falou "patricinha" bateu! Trabalhei desde os 14 anos, estudei em escola pública, pedia para abrir a geladeira porque era a casa da minha avó... Virei e falei: "Patricinha é o caralho!" Não sei mais o que falei, mas tem um corte nessa história... Só lembro de alguém me dando a mão e falando para eu levantar e vazar dali! Fui embora e andei até a Consolação, onde deitei em frente a uma farmácia e estava muito bem até que chegaram os *gambés* e falaram que eu não

podia dormir ali... Fiquei *puta* e comecei a falar: "Que saco! Não se pode nem dormir nessa cidade! Não pode nada!"... Fui dormir num ponto de ônibus, mas achei melhor não ficar ali. Liguei para um amigo que estava numa festa e disse que daria um jeito de chegar lá. Como não tinha mais dinheiro, entrei num táxi e pedi carona até um lugar mais próximo, de onde eu iria andando até a festa. O cara foi tentando passar a mão na minha perna e foi terrível! Não sei como cheguei! Dizem que deus guia os bêbados, mas como não acredito nisso, não sei quem me guiou, só sei que cheguei na balada. De manhã vi o roxo do murrão que tinha tomado! Isso me fez ter mais cuidado quando tomo um *gorosinho*...

Já dormi num apartamento e acordei em outro... Teve vezes de perguntar para o cara com quem dormi se usamos camisinha e a resposta era que da primeira vez sim, mas da segunda não... Para mim nem tinha tido a segunda porque não lembrava! Também não considero que fui abusada porque fui porque quis e estávamos ambos bêbados... Esse é outro perigo da cocaína... Porque sem cheirar, você bebe e fica num canto da balada... Se tiver cheirado, fica mais resistente e bebe mais do que deveria, o que já não é pouco. Essas foram duas situações ruins, mas em geral sempre curti beber. De qualquer jeito foi bom para que hoje eu tenha mais noção...

Minha história com o aborto não teve nada a ver com essas maluquices, por incrível que pareça! Com o tempo fui conhecendo melhor o meu corpo e achava que sabia quando poderia engravidar. Usava tabelinha e camisinha, mas se estivesse menstruada ou se tivesse acabado ontem, não usava... Pode parecer mentira, mas passei por situações em que estaria no sétimo ou nono dia de ciclo...

Na primeira vez que passei por um aborto, ainda estava nessa vida maluca... Mesmo pensando em ter filho algum dia, naquele momento pensava sobre o mundo e se tinha algo que não era necessário era mais gente. Se quisesse uma criança

ou sentisse falta disso na minha vida, já existia um monte de criança que puseram no mundo. Para que ter outra? Sem contar que tinha minha mãe e meu irmão para cuidar e, mesmo que não estivesse lá todos os dias, eles precisavam de mim.

Mas quando você engravida, as coisas mudam... Existe algo para resolver! Ter ou não ter? Fiquei um tempão perguntando o que meu companheiro queria e a resposta era sempre: "Tanto faz..." Não joga a culpa nele e isso é motivo de briga até hoje! Ele diz que minha posição era de que a última palavra é sempre da mulher, que é quem decide e que é a dona do corpo. Mas até hoje eu falo que não é possível que ele não entenda que se eu disse tudo isso e acredite realmente que a última palavra é da mulher porque é o corpo dela, eu não quisessesaber a opinião dele e que isso não era importante! Ele não entendeu que as coisas não são excludentes e, mesmo que a última opinião seja da mulher, se ela quer sua opinião, você tem que dar, pô! Ele fugiu de mim, ficou meio longe e, quando me ligava era pra falar de uma amiga nossa que estava grávida e tinha engordado e ficado com um bunda enorme! Não era possível que isso estivesse acontecendo!

Quando rolou tudo isso, o cunhado de um amigo era médico e sabia que eu tinha uma hérnia epigástrica, que depois vim saber que eram duas... Essa hérnia é uma coisa que, na gestação, vai abrindo e o intestino pode ficar preso e necrosar. Liguei para esse cara, expliquei que estava grávida e ele disse para curtir a gestação porque não era nada certo e não me deu uma posição definitiva... Ou seja, queria ter o bebê, senão não tinha ligado para esse cara, nem contado para minha tia ou para a meia dúzia de pessoas que rapidamente se tornariam um monte de gente!

Acabei fazendo um aborto com a instrução de uma amiga num lugar de alto padrão na época. O cara foi comigo e, na sala de espera, perguntei se ele não queria... Ele disse que ali não era mais hora de falar sobre isso, mas rebati dizendo

que aquela era a única hora possível porque 20 minutos depois realmente não seria... Ficamos nisso até me chamarem... Até hoje não sei bem o que pensar porque não foi uma decisão de verdade, não cheguei a tomar essa decisão!

Nossa sociedade é tão cruel com a população de baixa renda que pratica aborto que não consigo me ver numa posição de vítima. Afinal, podia ter *cagado* para a opinião do meu parceiro e ter tido um filho. A verdade é que seria cômodo não ter um filho naquela hora, além de estar de acordo com meus antigos princípios de não ter um filho...

Depois disso, transei menstruada com o mesmo cara e pensei que não era possível tanta coincidência! Quando soube que estava grávida, decidi ter! Não me considero vítima, mas não é uma experiência agradável e jurei que nunca mais faria aquilo... Parece que foi só para queimar a língua, porque fiz de novo! Só que dessa vez fui esperta! Sabia que estava grávida, mas marquei consulta com um médico gastro e comentei que desconfiava que poderia estar grávida, mas estava preocupada por conta da hérnia... Queria saber, caso estivesse, se tinha algo para fazer. Ele disse que eu rezasse para não estar grávida! Fiquei desesperada e pesquisei a respeito. Soube que se precisasse de uma cirurgia de emergência, o feto poderia não aguentar... Moral da história: fui no mesmo cara e fiz um aborto de novo! Era no mesmo lugar e gastei aquela grana! As duas vezes paguei sozinha porque o cara não trabalhava na época, só fazia uns bicos... Gastei muito dinheiro! Mas depois fui tratar essa hérnia!

Essa situação foi logo depois da morte da minha avó, quando já estava decidida a ir morar com minha mãe. Ela mora em outra cidade e minha avó sempre foi a pessoa que deu suporte. Na época, estava dando aulas, mas comecei a procurar concursos na cidade onde ia morar e acabei passando para professora de natação da prefeitura. Voltei para minha primeira área, mas foi o pior emprego da minha vida! Passei

frio, meus pelos caíram, exalava cloro e conheci a podridão da prefeitura daquela cidade.

Meu companheiro decidiu se mudar comigo, prestou concurso também e hoje tem um emprego na cidade. Como tinha convênio que cobre a ala particular do HC, imaginei que lá deveria ser bom para operar. Consegui operar a hérnia e, depois, perguntei sobre a situação de uma gravidez com a hérnia e ele explicou que daria mais trabalho que a própria gestação, ou seja, seria uma situação de risco. Concluí que, em relação aos abortos, havia tomado a decisão certa.

Na época, considerei o fato dele ter abraçado minha vida, minha mãe e meu irmão... Seria difícil porque nossos amigos, baladas e o que a gente gosta está aqui. Lá não tem o que a gente curte, então achei que formar um núcleo familiar fortaleceria nossa relação. Nada na minha vida foi muito decidido... Com 35 anos a fertilidade despenca, então pensei em parar os contraceptivos para ver o que dava e engravidei no mesmo mês! Acho que eu e ele somos muito férteis porque tudo aconteceu com a mesma pessoa...

Quando fui fazer ultrassom com nove semanas, vimos que o bebê estava com tamanho de seis, não dava para ouvir o coração nem nada... Acabei encontrando numa coincidência bizarra uma amiga de infância que contou que tinha ficado grávida e perdeu o bebê. Ela contou que estava cheia de pontos na barriga porque fez uma curetagem por causa de um aborto espontâneo no mesmo hospital e a médica perfurou o útero dela... Ela começou a ficar com a barriga verde, inchada e eles decidiram abrir para ver se não tinha perfurado o intestino... Ela me contou isso um dia antes do ultrassom e quando vi que também tinha perdido, fiquei com medo!

Foi na mesma semana que tinha começado num trabalho novo, então não poderia tomar o remédio e esperar o que ia acontecer, porque ficaria sangrando no meu primeiro dia de trabalho... Decidi vir para São Paulo e fazer o procedimento

de “limpeza” com o mesmo médico. O aborto foi espontâneo, mas não houve expulsão do feto. Fui e voltei dirigindo, e ainda comprei algumas roupas no brechó porque meu estilo não é muito social. Continua não sendo, tanto que o pessoal me acha meio hippie... O importante é que sou concursada e agora ninguém pode reclamar disso...

Foram três abortos... O primeiro não posso dizer que foi uma decisão... O segundo sim, mas por conta da hérnia principalmente... O terceiro espontâneo, mas precisava me proteger. Depois de tudo isso, tivemos dúvida sobre ter ou não filhos. Por mim adotaria, mas ele não foi muito firme... Disse que se a gente tivesse um, adotaria outro. Racionalmente, nunca teria, mas parei de me cuidar e, se a natureza trouxesse, seria bacana.

Fiquei grávida de novo e dessa vez curti a gravidez! Foi tudo super bem e pulei portão até o sexto mês. Mas meus exames sempre deram alguma alteração... Queria ter o parto em casa, mas só tive certeza mesmo quando o último exame deu tudo normal...

Minha parteira me passou muita segurança! Depois do meu bebê, ela fez outros partos cabulosos! A mulher é meio bruxa mesmo! Deu umas pancadas pra desencaixar e encaixar de novo o bebê... Estava com meu companheiro e uma enfermeira obstetrix, e ela pediu até desculpas pelas pancadas, mas eram bem mais suaves que as contrações... Sei que depois de umas cinco horinhas, ele nasceu... Ainda bem que deu tudo certo, apesar das horas de trabalho de parto fazendo uma força danada! Felizmente não estourou os pontos da cirurgia da hérnia, embora o médico tenha falado que não tinha nada garantido... É uma experiência que você não esquece mais! Mesmo assim me sinto privilegiada por ter feito com alguém com experiência, num lugar onde me trataram bem e que sabia o que estava acontecendo...

Depois que tive o bebê, paro para pensar e até chego a me arrepender de ter abortado... Penso como ela seria... Porque

rola aquele lance de que o espermatozoide mais resistente é menina, então penso que seria uma menina... Hoje em dia até penso que seria legal, mas não fico morrendo de sofrimento, só penso, tenho curiosidade de como seria a irmã mais velha dele...

Quando aconteceram os abortos, queria a opinião do meu companheiro para decidir e não tive, apesar dele não admitir... Acho que o homem pode dar sua opinião e, no caso da mulher indecisa, pode fazer a campanha dele. Não acho que pode pressionar em qualquer um dos sentidos. Mas a opinião do companheiro é sempre bem vinda, desde que não seja uma imposição ou pressão. É importante quando você quer um pai atuante, mas também para não carregar tudo sozinha... Tudo é legal quando eles são bebezinhos fofos, mas dá muito trabalho! A participação do pai tem que ser sempre, assim como da mãe!

Para mim o aborto deveria ser uma coisa legal. A mídia, dominada pela bancada evangélica está trazendo um retrocesso muito grande nesse sentido, assim como o tema é tratado pelos partidos políticos... Esses dias vi o artigo de um médico que mostra quanto o aborto pune as mulheres pobres, as mulheres e não os homens... Quem comete o crime é a mulher e o pai que vai embora não... Foi muito interessante ver que essa reflexão partiu de um médico! O certo é que teria que ser um direito, mas com toda orientação por trás... Todo apoio do Estado... Fora aquela coisa da saúde pública, porque é uma questão que vai até a psique da mulher que porventura venha a passar por isso...

Meu trabalho atual não tem muito a ver comigo, então acabei prestando outro concurso para voltar a dar aulas e estou só esperando homologar. Minha ideia agora é trabalhar menos porque não quero deixar o bebê na creche o dia todo. Vou fazer isso para ficar mais tempo com ele. Quando levei o bebê no pediatra e contei todo o histórico da família ele passou

uma homeopatia e falou para cuidar do emocional da criança. Não vejo mal nisso e dou umas gotinhas para ele... Vamos dar as gotinhas para o menino se safar e apostar nisso... O fato é que estou curtindo muito cuidar dele e estou desesperada de ter que voltar a trabalhar 40 horas! Aqui estou com meu bebê! Gosto tanto dele, essa *coisica* bonitinha...

Alicia

A loucura toda era o fato de ter tido vontade de ter um filho e depois ter tirado. Estava cometendo um crime, matando alguém que tinha desejado e feito existir. Isso era muito duro moral e eticamente. Isso era importante!

Meu nome é Alicia e tenho 36 anos. Meu pai é português, nasceu num navio! Como sua família é portuguesa, só tem um tio meu no Brasil. A família da minha mãe é um pouco maior, mas ela não é muito próxima deles. Tanto meu pai quanto minha mãe são filhos únicos, assim como eu. Atualmente eles são separados. Minha mãe mora no interior e meu pai em São Paulo.

Desde pequena sempre tive o sonho de ser poeta, escritora! Acho que é isso que continuo querendo na verdade! Quando tinha uns 14, 15 anos fiz teatro e, na mesma época, conheci meu primeiro namorado. Aos 17 anos sai de casa para morar com ele e acabei brigando feio com meu pai. Sempre o achei um cara reacionário... Ele é muito circunspecto, não assiste televisão, só ouve rádio e nossa casa sempre foi muito silenciosa. Às oito da noite todo mundo tinha que dormir e havia uma rotina que acredito tenha a ver com essa raiz portuguesa. Com isso, acabei crescendo uma criança bem revoltada!

Ainda pequena, minha avó, mãe do meu pai foi morar com a gente e acabei ficando um bom tempo sem quarto. Meus pais dividiram a sala com uma estante e ali passou a ser o meu quarto. Essa foi uma das várias revoltazinhas que tive nessa fase...

Quando conheci esse namorado, estava pela primeira vez andando de metrô. Ele apareceu cantando uma música

que, depois, vim saber que era do Luiz Melodia, e achei aquilo tudo tão bonito que me apaixonei! Ele era ator e fazia assaltos poéticos, que é basicamente ir aos bares, recitar poesias e passar o chapéu para ganhar alguns trocados. Claro que ele era muito louco, drogado, coisas que fui descobrindo depois, afinal só tinha 14 anos...

Naquele dia, estava indo a uma reunião do partido de que fazia parte. Fiz escola técnica federal, mas antes disso tinha feito um cursinho preparatório na própria escola, até que entrei no Liceu de Artes e Ofícios, mas fiz só um ano de curso, depois segui para a escola normal. Na técnica tinha um professor que estava começando a formar o PSTU, uma presença socialista dentro do PT. O professor era de História e acabei me envolvendo com as pessoas que estavam nessa coisa de política. Estava indo na primeira reunião, que era na estação Paraíso do metrô e esse moço desceu na Vergueiro.

Queria saber o que tinha ali e descobri que tinha um centro cultural, onde fui com uma amiga e ele estava lá! Ele tinha vindo de outra cidade, vendia livrinhos de poesia e era um menino fodido, filho de uma puta e saiu também muito cedo de casa. Ele tinha a roupa meio rasgada e nada de grana, mas foi por ele que me apaixonei! Acabamos ficando juntos e saí de casa com 17 anos.

Era uma menina muito submissa no final das contas e sempre gostei de homens mais assim... Ele era ator e fazia um monte de coisas, o que de alguma forma me encantava! Sai de casa dando adeus e dizendo que não queria nada do meu pai. Fomos fazendo esses assaltos poéticos quando estava no segundo colegial, mas quando chegamos em Vitória, não dava mais para continuar... Ninguém mais queria saber de nos dar dinheiro, além da minha mãe que continuava mandando algum para mim.

Nisso, ele foi chamado para trabalhar no Primeiro Festival de Teatro de São José do Rio Preto, para onde

seguimos e onde fiquei durante um ano. Era uma coisa muito louca porque comecei a cheirar cocaína com ele, que acabou se endividando e brigando com pessoas de lá. Um belo dia ele me disse: “Baby, preciso cair fora agora, mas eu volto!”.

Tínhamos alugado um apartamento, que minha mãe ajudava a pagar enquanto ele ficava com as outras despesas. Quando ele foi embora, não tive coragem de falar a verdade para a minha mãe e acabei colocando uma amiga com que fazia colégio para morar comigo. Obviamente era um colégio público e minha amiga tinha brigado com a mãe porque tinha perdido o emprego numa vídeo-locadora.

Esse foi um momento muito maluco porque minha amiga roubava coisas no supermercado, era trombadinha das boas e acabei indo na onda... Estávamos fodidas e tínhamos que pagar o apartamento, então fizemos todos os tipos de pequenos trambiques que se pode imaginar!

Esse foi um momento muito marcante para mim e lembro que ficávamos num hotequinho perto da rodoviária da cidade, onde conversávamos sobre o futuro... “O que vai acontecer? O que vai ser da gente?” Eu tinha 17 anos e ela acabou se tornando caixa de supermercado durante os últimos 20 anos!

Quatro meses depois, meu namorado apareceu! Eu e minha amiga tínhamos um esquema porque um menino da escola que gostava de mim levava a gente para almoçar na casa dele e depois levava a gente em casa de carro. Eu só tinha dado um beijo nele, afinal não sabia se o meu namorado ia aparecer mesmo...

Nessa época, minha mãe me pagava um cursinho à noite e, quando meu namorado voltou, ficou bebendo no boteco em frente o prédio. O cara do bar contou que eu tinha um novo namorado e, quando cheguei do cursinho, a casa estava toda quebrada! Ele me bateu pra caramba no meio da rua, na frente do bar e de todo mundo, mas ninguém tomou qualquer providência! Foi impressionante!

De qualquer forma, me senti a pessoa mais culpada do mundo e dei razão a ele por ter feito aquilo! Mesmo que nesse intervalo a gente mal tivesse se falado, não tinha celular e eu nem sabia se ele voltaria mesmo...

No dia seguinte, liguei para minha mãe super chateada, dizendo que era uma vaca e tudo mais... Ela ficou enlouquecida e me disse para voltar imediatamente, senão iria com a polícia acabar com toda essa história!

Deixei todas as minhas coisas e fui embora no mesmo dia. Quando cheguei, minha mãe tinha se separado e morava numa casinha de fundo num bairro longe pra caramba! Diante das condições, ela me falou que não tinha outro jeito, eu teria que trabalhar. Comecei a fazer várias coisas: pesquisa na rua, entregava panfleto, trabalhei como secretária, mas fui mandada embora porque me atrapalhava com as chaves e tinha que chamar a mulher de doutora, mas só chamava pelo nome, enfim...

Percebi que essa vida não era para mim! Fui estudar e passei na faculdade... Queria ser cineasta, pensei em fazer faculdade de cinema, mas percebi que nunca ia passar! Então fui fazer Ciências Sociais, que tinha uma relação candidato-vaga mais a minha cara...

Foi então que minha vida mudou muito! Como tinha que trabalhar, fiz uma entrevista para ser secretária e quem me entrevistou era a professora chefe do departamento. Era o primeiro mês de faculdade e me ligaram para voltar. Quando cheguei, estava acontecendo uma seleção de Iniciação Científica para um projeto dessa professora que, por algum motivo, tinha gostado de mim... Ela disse que estava me esperando e, antes de começar o processo seletivo, me perguntou se queria fazer Iniciação Científica... Eu não tinha ideia do que era isso!!! Não tinha nem computador! Sem contar minha história anterior! Cheirava cocaína e fazia avião com a minha amiga do interior.

Entrei na faculdade porque precisava fazer alguma coisa, mas estava muito distante desse mundo acadêmico! Apesar de sempre ter sido uma criança muito estudiosa e, mesmo em meio ao caos que foi essa fase da minha vida, nunca deixei de estudar! O meu namorado mesmo sempre se impressionava com o quanto eu gostava de estudar, mesmo depois de uma noite de cerveja e pó, eu estava ali com meu livro! Coisa que ele fala até hoje quando a gente se encontra. Mas minha vida tinha ido para outro caminho...

Essa professora me disse que eu ganharia a mesma coisa que uma secretária, mas teria que estudar. Não precisaria bater cartão, mas teria que participar das reuniões do grupo. Ela me apresentou o departamento inteiro e foi quando comecei com essa coisa da ciência, mas nada pragmática, obviamente!

Entrei no grupo de estudos que estava, na época, fazendo o primeiro acordo com Harvard, para onde queriam que eu fosse, iam até me pagar curso de inglês, mas chutei tudo isso! No final foi muito bom!

Acabei indo para a Sociologia, onde também entrei num grupo de pesquisa. Sempre fui atrás daquilo que me move, embora ainda fosse muito pouco pragmática. Podia ter feito minha vida acadêmica inteira já naquele momento, mas não era o que realmente me movia...

Eu não quis, até por conta dos ideais políticos... Naquela época, o que estava me fascinando era a Escola de Frankfurt, o Walter Benjamin, aquela coisa da crítica da crítica crítica, dos intelectuais à beira do abismo, em que você fecha a porta e não tem mais nada depois... E eu achava tudo aquilo lindo!

Minha primeira pesquisa foi sobre a transformação do município em índice federativo. Foi muito bacana porque li todos os debates da Constituinte e descobri que a descentralização é algo da esquerda, mas quem fez essa descentralização na Constituinte foram os movimentos de direita, um movimento municipalista, algo que descobri super retrógrado.

Fiz uma outra pesquisa sobre maio de 68, as cartas de Adorno e Marcuse, porque achava que ali havia uma cisão na teoria crítica que queria entender e fiquei muito fascinada. Vivi essa coisa dos anarquistas na História, pixei na greve “Sejamos realistas, pensamos o impossível!” Morei com o pessoal nas barracas e foi algo que me marcou!

Depois, sempre tem essa coisa do professor, me apaixonei por um professor que apareceu no nosso grupo de pesquisa e trouxe o lado empírico da pesquisa. O empírico tem a ver comigo porque gosto muito de gente, sou muito comunicativa... Então tinha algo da teoria crítica da crítica crítica que me sufocava! E num desses cursos que era só sobre Walter Benjamin, desenvolvi pânico!

Nessa época, tive um namorado, que andava de chinelo e meia e tinha um cabelo enorme, falava baixo e eu achava aquilo tão lindo e fofo! Depois ele virou líder do movimento estudantil e perdeu toda a graça... Na época, ele estava virando liderança, enquanto eu queria ficar estudando e lendo loucamente Walter Benjamin. Foi quando comecei a ficar em pânico! Acho que isso tem um pouco a ver com as coisas que a gente estuda...

Até aí nunca tinha sido uma questão ter filhos, ficar grávida, embora tivesse isso como ideal de infância. Achava que com 26 anos ficaria grávida, ou com 27 como minha mãe, mas não era nada que estivesse posto nesses dois namoros eu tive.

Desde o primeiro namorado, com 14 anos, minha mãe me dava pílula de manhã. Para ela era muito claro que essa era a última coisa que poderia fazer porque senão eu acabaria e não faria mais nada. Ela sempre foi muito objetiva nisso e, quando estava fora, todas as vezes que nos falávamos ela perguntava se eu tinha tomado a pílula.

Minha mãe me influenciava muito e o faz até hoje, então sempre tive a consciência de que se desse brecha naquele momento, jamais faria uma universidade. Até porque todos os

namorados que tinha tido eram uns fodidos! Era tudo meio atrapalhado, nada certo...

Era como fechar um horizonte de possibilidades que minha mãe achava que eu não deveria fechar e penso que ela estava certa! Sou muito realizada em tudo que faço, sou feliz com isso e seria ruim se não fosse assim. Esta é uma questão importante para mim e não pensava sobre o assunto...

Fiquei um tempão no amor platônico com o professor e cheguei a ficar com ele em algum momento, quando não éramos mais professor e aluna, mas vi que não tinha nada a ver! Foi ele quem trouxe a questão da pesquisa empírica novamente que tanto me fascinava! Acabei entrando em outro grupo de pesquisa e veio aquela coisa do Foucault, que não é nada empírico, mas eles faziam etnografia, narrativas de vida na periferia e achava tudo isso muito legal!

Terminei a faculdade e fui trabalhar com outras coisas... Primeiro num projeto de memória porque tinha um amigo muito amado que o pai era presidente de lá e estava montando um pequeno núcleo. Nesse momento, estava estudando a história da universidade, história da ciência, e ele me chamou para entrar no núcleo, que foi o meu primeiro trabalho. Depois fui para um Instituto Latino-americano, e posso dizer que aprendi o empírico! Mergulhei na SPSS e manjei do negócio, comandeí toda a pesquisa, aplicamos um questionário e eu que comandeí o banco e a aplicação porque era muito comunicativa, então acabei aprendendo todo o processo. Fui para lá por causa disso, primeiro para trabalhar num banco de dados e depois me convidaram para coordenar uma pesquisa.

Presteí mestrado nessa época, mas não passei... Não passei na prova de inglês porque não traduzi as últimas linhas do texto, então não pude fazer a prova teórica. Quis ver minha nota pelo menos, mas a professora foi super dura e disse que para fazer mestrado com ela teria que aprender francês. Mergulhei nos estudos, mas ela queria que eu ficasse mais um

ano e passaria na próxima. Decidi prestar outra universidade e passei em segundo lugar! Mesmo assim tive que mudar o projeto porque a professora disse que com aquele eu não iria! Mesmo que ela tivesse me ajudado, por favor, né!

Mesmo com todo o trabalho de mudar o projeto, foi ótimo! Imagina ter feito o trabalho com ela! Tinha dor de barriga cada vez que ela respondia um e-mail, além de interferir o tempo todo no trabalho! Eu, moralmente correta, fiz outro projeto que me deu um puta trampo!

Tinha a ver com a migração boliviana, que foi uma das coisas que descobrimos no trabalho de campo. Bolivianos que trabalhavam com coreanos e achava fascinante essa questão das misturas e das teorias da globalização. No final das contas, foi uma entrada para a teoria porque sempre tive essa coisa com os livros, gosto muito de ler! Não foi tanto pela questão da precarização, eu queria mesmo discutir a globalização por baixo, "*la mundialización par les bas*", era isso que eu queria fazer! Esses bolivianos e coreanos vindo de lugares tão distantes e se encontrando no continente americano... Era isso que eu queria entender! Havia coreanos que não só trabalhavam em oficinas de costura, mas eram donos de oficinas e do negócio todo, contratando outras pessoas e tudo mais! Nos anos 60 e 70, chegou uma leva de coreanos que foram responsáveis pela revitalização da indústria de confecção em Nova Iorque, Los Angeles, São Paulo. É um empresariado étnico que começa a contratar no Brasil e na Argentina bolivianos, e nos Estados Unidos, mexicanos.

Os primeiros estudos sobre empresariado étnico foram em torno dos coreanos e minha história foi para esse lado, que via os bolivianos como o fim do circuito da subcontratação. Minha hipótese é que, na verdade, eles estão dentro de uma economia étnica que tem tudo a ver com a reestruturação produtiva, mas de um jeito diferente. E fiquei nessas...

Não tive mais namorado e fiquei anos apaixonada pelo mesmo cara! Era uma menina muito gordinha e, por isso, tinha

muito problema de autoafirmação... Ainda fumava muita maconha, o que acho que piorava tudo! Fumar, para mim, se tornou algo muito ligado ao estudo. Não fumava porque queria ficar muito louca e sair por aí, mas para ficar estudando... O “back” era meu grande companheiro e também uma forma de me isolar porque me sentia plenamente satisfeita. Éramos eu, o back e meu trabalho! Com isso fui me isolando cada vez mais...

O fato de ser gordinha era também um lance de que o cara que eu gostava nunca gostava de mim e acabava virando meu amigo. Talvez por isso, minhas experiências amorosas, meus encontros, tenham sido sempre ruins... Quem eu gostava virava *brother* e eram meninos inteligentes, com quem tinha papos incríveis! Mas os meninos com quem ficava mesmo eram sempre coisas passageiras... Namorei um menino por quem fui muito apaixonada, que era artista plástico e super drogado!

Quando passei no mestrado, precisei escolher entre a bolsa e meu trabalho. Já tinha terminado uma primeira etapa do trabalho lá e poderia continuar. Foi uma decisão muito difícil! Mas também queria fazer mestrado porque era uma outra possibilidade e optei por isso. Acabei me apaixonando pelo menino que passou em primeiro lugar... Eu tinha passado em segundo... Ele era a coisa mais linda do mundo, fazia cinema e também virou meu grande amiguinho...

Fizemos várias coisas juntos, mas ele era apaixonado pelas meninas perfeitas, magras e eu, apesar de agora ser um pouco vaidosa, sempre fui largada, pouco preocupada com a imagem. Comprava livros, não roupas. Era até uma compulsão porque comprava muito mais livros do que poderia ler. Quando batia a tristeza, ia na livraria Belas Artes, que era pequenininha e achava muito legal, e acabava gastando meu dinheiro com livros, sem me importar com roupas...

Mas eu era muito interessante de conversa e outras coisas, então éramos muito amigos por causa disso. Apesar

de tudo, era muito ruim porque nunca era algo que se realizava...

Assim que terminei o mestrado, entrei no doutorado. Tive um problema no útero, um mioma, e tive que fazer uma cirurgia. O fim do mestrado foi muito duro, o que é algo muito importante para mim, e por isso quero muito fazer um livro, porque por mais que tivesse muitas ideias e muita empolgação, eu precisava assentar as coisas. E não tive esse tempo...

Não entrei bem no doutorado, era uma das últimas colocações, e quem quis me pegar foi uma professora com quem passei meses escrevendo um projeto, que mandei para a Fapesp e acabei conseguindo. Fui para outra cidade...

Antes disso, estava em casa e meu grande amigo, que era meu vizinho e tivemos uma história até... Eu, com minha paixão platônica, e ficávamos às vezes. Chegamos a morar juntos numa casa anarquista com outros dois meninos, que os pais dele pagavam o aluguel. Transformamos a sala em quarto de todo mundo e tinha também o quarto do amor e o do estudo para fazer uma coisa onde não havia espaço privado...

E mesmo tendo uma história com esse amigo, o que era algo muito importante para mim, ele começou a namorar uma menina virgem e não podia ter mais nenhuma história, senão ela não ficaria mais com ele...

Só que durante o tempo que ficaram juntos, essa menina começou a pirar, beber, cheirar e, nesse dia, ela queria sair para a balada e ele me chamou pedindo pelo amor de deus para eu ficar com eles em algum boteco para não precisarem sair na rua em pleno apagão!

Acabei indo e ficamos nesse boteco, onde apareceu meu outro vizinho, que era um menino muito criativo, frágil – como eu gosto, apesar de ver nisso alguma força – mas autodestrutivo de um jeito muito louco! E com ele tive uma história que foi muito ruim porque eu queria acompanhá-lo! Sempre tive essa coisa da intensidade, agora menos, mas ele ia beber e eu ia

junto, sem limites! Sempre fui ótima companheira dos bêbados porque vou até o fim e não caio! Mas foi horrível porque não conseguia trabalhar direito, não dava!

Agora, depois de tudo isso, entendo que é uma sementeira! Todo dia ficar sete, oito horas trabalhando e ver os frutos! Começo quatro e meia da manhã, porque se não começo logo cedo, o mundo me atropela e não consigo fazer. Quando dá meio dia como alguma coisa e posso até continuar, mas acabei minhas horas de trabalho. Senão o negócio não anda, não consigo fazer nada decente! E é muito bom o resultado! É difícil ter concentração o tempo todo, principalmente porque esse trabalho, a escrita, é algo que exige muito! Vejo muita potencialidade em todo o trabalho que fiz até aqui, mas sinto que preciso levar ainda mais a sério!

Até porque com minhas histórias de amor, acabava dando uma "viajada" e voltava depois meio perdida... Foram dois meses nessa viagem infinita com esse menino, até que me mudei para o interior.

Minha primeira viagem internacional foi para a Espanha, onde fiquei por dois meses. Depois fui fazer uma apresentação na França. Esse também foi um momento muito louco! Eu precisava urgentemente aprender francês para fazer a apresentação e tinha uma escola de línguas de cara super legal, que me fez o curso por um preço muito bacana, porque eu não tinha muita grana. Uns dois meses antes da apresentação eu ia três, quatro vezes por semana, o que me ajudou muito!

Pouco antes disso, passei por um momento muito difícil, que foi a morte da minha avó materna... Foi quando a questão de fazer vida ficou muito candente em mim! Uma pessoa extremamente importante na minha vida porque ela era A pessoa que gostava muito de livros... Eu queria aprender a ler rápido e ela foi A pessoa que me ensinou! Meu avô, marido dela, me deu uma máquina Olivetti... Ainda não sabia direito as palavras, mas ficava ali mexendo na máquina como

se fosse uma grande escritora! Acho que tudo isso tem a ver com ela...

Passávamos as tardes juntas e era muito louco porque andávamos pelo centro da cidade e tudo se transformava num conto de fadas! Ela era uma mulher muito à frente do seu tempo! A gente conversava sobre tanta coisa! Ela, que sempre morou em São Paulo, nessa época estava meio a contragosto morando no interior com a minha mãe. Lia cada vez mais e o que ela mais gostava era quando eu chegava com um livro novo! Era perto do fim do ano e ela me pediu muito para ir vê-la. Eu ia, mas antes viajaria para a praia com uma amiga.

Uns dias antes, aquele meu primeiro namorado, através de pessoas que eu nem imaginava que podíamos ter em comum, conseguiu meu endereço e apareceu na porta da minha casa falando que quase tinha morrido, precisava parar de beber e não sabia mais o que fazer... Queria me ver porque tinha medo de morrer! Disse que estava muito inseguro, não sabia se conseguiria parar e acabei passando o Natal com ele e desisti de ir para a praia com minha amiga... Mesmo depois de tanto tempo, ele ainda tinha toda uma culpa porque tinha me batido e eu também tinha sido sua primeira namorada de verdade... Bom, no final, ele não morreu, conseguiu parar de beber e, logo em seguida, fez um filho com outra mulher... Simples assim...

Mas acabou sendo bom porque depois do Natal fui ver minha avó e aqueles foram os últimos dias com ela... Sua morte é uma coisa que me marca profundamente!

Ela aprendeu a ler e amava tudo isso, mas queria ter ido mais à escola. No entanto, ela tinha dez irmãos e a mais velha, que não tinha frequentado a escola, brigou com o pai para não deixar minha avó ir também! Mesmo assim, ela tinha esse apreço pelo estudo e queria que eu fosse uma grande mulher, não uma dona de casa, mas uma estudiosa, coisas que ela projetava e acabou sendo o que me tornei de verdade! Ela era

muito avançada e capaz de acompanhar esses amores comigo, até mais do que minha mãe. E embora não fosse esse o objetivo dela, no momento em que ela morre, eu começo a querer ter um filho. Começo a achar que estou muito sozinha...

Depois de sua morte, fui para a Espanha e para a França, entrei em contato com outro professor para preparar o terreno e ficar mais tempo. Essa viagem foi muito legal, mas muito solitária... Era a primeira vez que estava fora, me virando sozinha, me matava de estudar francês, dormia ouvindo a rádio France, ia para a aula, onde o pessoal foi super legal! Antes do dia da apresentação, fiz uma prévia para a escola inteira, então todos acabaram entrando nesse projeto comigo! Nesse sentido foi tudo muito legal! Por outro lado, tinha uma melancolia muito grande, uma solidão, uma tristeza imensa. E daí essa vontade de gerar vida, dar um sentido para a minha própria vida.

Algo muito diferente do que estou vivendo agora... Faço psicanálise e acho que agora consigo entender qual o sentido da minha vida e gostar disso. Mas passei muito tempo fazendo coisas para lá e para cá que, embora tivessem sentido, faziam com que eu perdesse o fio de mim mesma... Era aquela vida solitária, estava gordinha, sem muita expectativa com relação ao mundo e ao amor e a morte da minha avó que mexeu demais comigo!

Nessa história de estudar o tema da imigração, acabei indo mais fundo e fiquei com alguns imigrantes... Um deles era africano e vivia na mesma moradia estudantil que eu. Achava aquilo fascinante! O nome dele, os costumes, o jeito de ser... Sempre flertei com a Antropologia, queria ser antropóloga e cheguei a fazer um projeto no Doutorado para ciências sociais, mas não foi aprovado porque tratava de uma teoria dos anos 60 e o cara começou a perguntar sobre coisas contemporâneas, que eu não sabia, então acabei sendo aprovada na Sociologia. Mesmo assim, sempre tive um flerte com a Antropologia e esse

“outro”, as coisas muito diferentes e misteriosas me atraem extremamente!

Esse africano era um cara enorme, muito negro, bem diferente dos negros brasileiros! Minha família tinha um certo preconceito e, se minha avó fosse viva, ia ter um surto de tristeza, nunca poderia ficar com ele...

Mas o cara era um malandro! Uma pessoa que precisava basicamente de um *green card*... Só que não fui capaz de perceber isso! Mesmo estudando tanto e pensando em tantas coisas, nunca achei que isso fosse acontecer comigo! Mas aconteceu... Fui incapaz de entender que, na verdade, ele não estava me amando loucamente e tínhamos encontrado o amor eterno. Ele queria me engravidar porque, tendo um filho brasileiro, poderia ter algo e ficar aqui. Esse era seu objetivo! Ele mentia para mim, ia para as baladas e ficava com outras meninas... O lugar era super pequeno e as pessoas viam. Até que um dia, minha amiga me levou para ver, quando já estava grávida dele!

Tenho até vergonha em dizer que engravidei porque quis... Vivi o primeiro mês da gravidez como se fosse ter esse filho, que para mim era um menino e já tinha nome... Mas aos poucos fui descobrindo tudo, as mentiras, que não se tratava de um grande amor, cheguei a ver ele ficando com outra menina. Enquanto eu passava mal, ele fazia festas na minha casa, porque nem onde morar ele tinha...

Antes de decidir fazer o aborto, tive uma conversa determinante com a menina que morava comigo, que era feminista.

Quando minha mãe soube da gravidez, teve um surto porque eu tinha acabado de chegar e precisava fazer o doutorado! Teria que parar tudo para ter o filho e sustentar também o pai, que não tinha trabalho... Na verdade, para piorar tudo, depois descobri que ele era traficante!

Acho que o que fiz foi algo terrível e me trouxe uma série de problemas psicológicos! Só agora estou começando

a lidar melhor com isso, mas até então foi super traumático! Engravidei porque queria, dei até um nome, mas conforme fui descobrindo as coisas, ele se transformou num peso! No fundo, eu tinha alguma ideia do que acontecia, não sou tão idiota e ele não mentia tão bem assim...

A verdade é que criei essa história e embarquei nela. Só depois fui entender que era tudo uma grande mentira! Ele era um traficante que não queria trabalhar, não tinha casa e precisava de um visto para continuar no Brasil porque tinha tido problemas no país dele. Conforme fui entendendo as coisas, o filho passou a ser um peso... Sentia que tinha produzido as coisas de um jeito, mas a história de verdade não era aquela.

Ainda assim, foi uma decisão muito difícil! Porque eu quis, então estava matando meu filho! Não estava por aí e, de repente, fiquei grávida. Não! Fiquei grávida porque quis, gerei uma vida e lhe dei um nome, mas depois tirei essa vida. Foi uma coisa muito terrível! Foi o momento em que parei e pensei na vida num sentido muito profundo. Muita coisa mudou na minha vida depois disso. A partir daí, comecei a ficar com medo de mim mesma, das minhas atitudes e onde meus instintos podiam me levar. Foi um momento confuso, de crise de identidade mesmo porque as coisas tinham acontecido assim por conta do que eu era, esse lado de me jogar nas coisas... Na Europa, por exemplo, conheci um cara, ficamos trocando ideia e acabamos ficando juntos. Sempre fui muito aberta e me jogava muito em tudo. Foi aí que entendi que isso tem consequências na minha vida e na de outras pessoas... Foi algo muito louco! Daí em diante comecei a ter medo...

Minha mãe dizia:

– Ele vai te colocar outro filho logo mais, porque você está super fragilizada nessa situação e vai estar presa a um cara que, na verdade, te enganou e vai continuar assim porque ele não tem nenhum meio de sustento, ou seja, ele vai precisar de você, que vai ser quem vai dar o visto para ele. Vai prender

sua história para o resto da vida por causa de um engano, uma mentira e não vai terminar esse doutorado porque ele não vai deixar. Essa gravidez vai ser um inferno e coletiva, com todos os amigos dele presentes e você servindo. Depois disso acabou! Vai estar escolhendo essa vida!

De fato, bateu mais forte o desejo de não perder a vida que já tinha escolhido antes...

Mas só pude fazer isso porque minha mãe emprestou o dinheiro e fui a um lugar muito bom, uma clínica ótima e foi tudo muito tranquilo no final das contas. Fui com meu amigo e sai andando no mesmo dia. Mas imediatamente fiquei pensando: "Imagina se não tivesse essa condição! Teria que ter esse filho! Quantas mulheres não passam por isso que estou passando agora, mas não podem tirar, precisam ter, porque não têm alternativa. E às vezes é só um engano ou a camisinha estourou, aconteceu alguma coisa..." Meu caso foi muito mais grave na minha concepção. Muito peculiar porque acho que a maioria das mulheres que querem ter um filho, não tira depois...

Muita coisa mudou porque foi uma crise de identidade absoluta! A princípio disse para ele que tinha perdido, mas não sustentei isso por muito tempo, não achava certo... Ele era muçulmano e ficou com muito ódio! Queria me matar! Chegou a ameaçar me jogar da escada!

Mas as loucuras da minha vida não pararam aí... Na época, um amigo diplomata estava fazendo seu primeiro posto na Nicarágua! Não pensei duas vezes... Fui para lá! Fiquei três meses na casa dele, um cara de quem eu era um pouco a fim, mas que também nunca quis nada comigo, para variar... Foi ótimo porque ele morava numa casa bacana, tinha um motorista que me levava para o clube e lá eu ficava tomando sol, pensando na vida e nadando, coisa que adoro desde pequena. É o único esporte que eu consigo fazer e a coisa que mais gosto na vida! Foi algo surreal!

Aquele foi um momento de muita reflexão, porque eu tinha literalmente entrado nessa pira do amor! Acreditava nesse amor! Depois percebi que, na verdade, não amava esse cara porque não tinha com ele uma relação de companheirismo... Ele fazia parte do meu cotidiano porque tinha ido morar na minha casa, mas não havia uma troca de verdade. Ele dizia que me amava, mas eram só palavras... Que acreditei porque, no fundo, queria tanto amar que quando encontrei alguém que dizia que me amava, acreditei completamente!

Depois do aborto ainda fiquei um bom tempo pensando em tudo isso, até porque ele fez uma chantagem emocional comigo absurda! Eu ouvia aquilo e chorava desesperadamente! Ao mesmo tempo em que ele queria me matar, a gente conversava e ele com muita raiva, piorada pela religião dele, que dizia que essa era uma coisa que não se pode fazer, tirar uma criança! Ele falava que eu seria infeliz pelo resto da vida, que nunca mais teria filhos, seria uma solteirona e tinha feito uma coisa contra tudo, acabado com um grande amor... Essas coisas foram muito duras de se ouvir e ecoaram ainda por muito tempo!

Ano passado ele entrou em contato comigo pelo Facebook e acabamos nos encontrando numa ocasião em que fui fazer uma apresentação na universidade. Foi muito legal porque quando conversamos ele contou que conheceu outra mulher, ela engravidou e ele conseguiu o visto. Continua sem grana e sem casa, morando com a mãe dela, mas disse que vai casar um dia... Foi aí que caiu a ficha! Entendi que se não tivesse sido como foi, hoje eu é que estaria na casa da minha mãe, vivendo essa situação. Felizmente, passei por essa ilesa!

Outra mudança importante teve a ver com esse medo... Comecei a ter vontade de levar mais a sério as coisas da vida, de me comprometer mais comigo mesma e tentar me encontrar. Mas foi uma fase de muita melancolia, um sentimento que está acabando só agora... Sempre tive e continuo tendo

muitos amigos, mas essa foi uma batalha solitária. Cheguei a não acreditar mais no amor, pensava que não existia mais amor para mim, que esse era um assunto enterrado. Hoje penso diferente! Acredito que esse amor existe e vai aparecer em algum momento!

Agora estou gostando do meu cotidiano! Parei com a maconha e mesmo que tenha pequenas recaídas, tirei isso do meu cotidiano. Isso me tornou uma mulher mais bonita, consegui emagrecer e estou muito mais serena. Antes não conseguia emagrecer porque comia muito mais e, mesmo no trabalho, que tinha um lance legal com a maconha porque dava uma abertura, estou menos ansiosa. Tirar a maconha da minha história tem um significado importante porque foi como tirar uma muleta. Só parei quando soube que estava grávida. Mesmo com o companheiro muçulmano, isso fazia parte. A única coisa que não aceitava era tirar o filho, mas o resto...

Essa foi uma grande mudança e me impressiona o quanto algo que você usa, que é exterior, pode te mudar tanto! A psicanálise é outro ponto que tem me ajudado muito, fui ficando mais independente. Apesar de tudo, de ter segurança para me jogar nas coisas, tinha um lado de insegurança que, de alguma maneira, ele conseguiu captar, assim como minhas culpas, e jogava muito com isso porque reconhecia meus pontos fracos. Por isso foi muito difícil! Agora começo a me sentir mais segura e entendo meu lugar no mundo.

Para meus pais, virar acadêmica sempre foi algo questionável porque não tinha um trabalho rápido e fixo. Por isso, paralelamente, fui tentando prestar outros concursos, o que de certa forma me desviou dos meus objetivos, mesmo que eu goste de estudar qualquer coisa... Estou começando a entender, nesse processo de autoconhecimento, que não é isso que eu quero e mesmo que não consiga realizar meu desejo e lá na frente olhe para trás e veja que não consegui ser o que gostaria, preciso ir a fundo nessa carreira que escolhi, já que estou

no pós-doc. Esse pensamento me dá muito mais segurança do que sou e do que construí ao longo desse tempo todo.

A história com esse cara também tinha o lado de que ele não respeitava, nem valorizava minha trajetória, o que me colocava numa posição de desprezo em relação a mim mesma. Superar isso foi algo muito legal! Faço um trabalho do caralho, curto o que faço e quero que dê certo. Só que para isso tenho que trabalhar oito horas por dia e fazer esse negócio ficar bom de verdade! Ainda não está como quero, mas pode ficar. Tenho coisas a dizer e construí uma história!

A coisa do filho é algo que eu quero ter. Sou filha única e, como meus pais também são, sempre fui uma criança solitária, mas aprendi a ter o meu próprio mundo e a gostar dele. Adoro a solidão e vivo muito bem sozinha, mas não quero que seja sempre assim. Queria encontrar um amor, mas aquele de verdade, um cara legal, que tivesse a ver comigo, gostasse das coisas que eu gosto e teríamos uma história bacana. Hoje acredito que vai acabar rolando em algum momento. Tem que rolar!

Passei por tantas fases na minha vida... Tive momentos em que cheguei a me arrepender de ter feito o aborto. Mas, de fato, não me arrependo e sei que fiz a coisa mais certa que poderia. Depois muitas coisas legais vieram... Fiz um trabalho de campo durante oito meses em outro país, algo impensável se estivesse grávida. No final o saldo foi positivo porque aquele não era o momento, nem o cara certo. Fico feliz de não ter dado continuidade a uma mentira...

Minha família é muito laica. Meu pai acha que quando a gente morre vai para debaixo da terra ser comido por bichinhos. Quando era mais nova, minha mãe teve problemas de convulsões, acho que até em função do trabalho extremamente burocrático que tinha. Ela tinha muitos desmaios e foi nessa época que foi para o Candomblé. Ela me levava aos sábados e era tudo muito bonito! A gente ficava fazendo comida de

santo, arrumando as coisas e era tudo branco, transmitia uma paz muito grande! A mãe de santo me abraçava e são momentos bonitos que trago na lembrança...

Naquele momento com o cara de quem engravidei, claro que tive medo! Ele conseguiu me colocar essa coisa de nunca mais poder ter filho, de ser punida por isso... Mas o medo do aborto era mais uma questão física, de passar por uma cirurgia e não algum temor religioso... A religião não era uma questão.

A loucura toda era o fato de ter tido vontade de ter um filho e depois ter tirado. Estava cometendo um crime, matando alguém que tinha desejado e feito existir. Isso era muito duro moral e eticamente. Isso era importante!

Acho que a mulher tem que se libertar dessas amarras. O lema "Meu corpo, minhas regras!" é bem claro nisso e sou bem dessa linha feminista. Queria ter sido mais feminista na minha história. É engraçado que quando tudo aconteceu, morava com uma mina do Pagu, que viu tudo isso de camarote! Nesse caso, não fui nada feminista, mas acho lindo o movimento!

Uma coisa engraçada foi quando me identifiquei de verdade com o feminismo... Estava no ônibus subindo a rua Augusta e estava acontecendo uma manifestação onde as meninas falavam: "Sou mulher, maconheira e não sei mais o que..." Quase desci do ônibus e falei: "Gente, eu também sou!". Parece bobo, mas existe uma série de exclusões pelas quais passamos. Eu mesma, uma menina que estudou tanto e passei por situações de violência!

Já levei porrada de namorado, fui enganada por um cara, ou seja, a gente está muito sujeita a isso, independente de classe social ou qualquer outra coisa. Isso tem a ver com a nossa socialização, nosso papel... Há muitas formas de machismo e essa que passei é uma delas. Muitos caras engravidam suas namoradas por outros motivos e exercem uma forma de controle sobre seus corpos querendo decidir o que a pessoa deve fazer. Mesmo que ele tenha participado do processo, tenha

feito junto, é complicado porque acho que nosso corpo deve ser principalmente respeitado por nós mesmas.

Meu caso é diferente porque eu poderia não ter dado esse passo e nunca ter passado por isso. Não acho legal fazer um aborto porque é uma violência com você mesma. Mas cheguei nessa situação como muitas mulheres justamente por causa de todas essas formas de sujeição que nos colocamos nas relações com os homens.

Na minha história isso é muito marcante porque sempre tive relações machistas e fui submissa aos homens. Provavelmente tem tudo a ver com a minha família e tantas outras coisas que foram determinantes para que eu chegasse justamente nesse homem. Minha história é igual a de muitas meninas que também foram submissas. E foi por um triz que não foi tudo diferente! Se não tivesse a oportunidade de fazer esse aborto, estaria vivendo outra vida. Não teria feito doutorado, estaria com essa criança na casa da minha mãe, onde esse cara, um traficante, apareceria de vez em quando e seria extremamente pesado!

Eu me identifico muito com as mulheres que passam por esse tipo de situação e sofrem violência que, na verdade, não são as acadêmicas. As mulheres que aparecem na televisão porque levaram porrada do marido são da periferia e me identifico com elas, temos algo em comum. A diferença é que tive dinheiro para fazer um aborto decente e não corri nenhum risco, o que nem sempre é a realidade das mulheres...

A situação muda completamente quando a gravidez rola em relações de amor e afeto. Nesses casos, acho que o homem tem direito de pelo menos ser ouvido. Se minha situação fosse essa, certamente teria o filho apesar de saber que tudo seria mais difícil. Se fosse uma coisa de amor e cumplicidade, encararia o que viesse pela frente. O cara até podia falar que não queria o filho e, nesse caso, poderíamos conversar e decidir juntos, afinal, fizemos tudo juntos.

Acho que minha história tem algo de extraordinário, mas menos do que poderia ter se eu não tivesse uma boa educação, estudado em bons colégios. Tive esses pulos, mas minha base era boa. Caso contrário, não ia conseguir e provavelmente estaria como minha amiga da adolescência, até hoje como caixa de supermercado. Minha família não tinha tanta grana, mas meu pai tinha o suficiente para me proporcionar uma boa escola. Até os dez anos era a melhor aluna da classe e esse primeiro percurso foi decisivo para o desfecho. Por outro lado, estava escolhendo um caminho tão torto que tudo poderia mudar muito rapidamente e a história seria outra.

Acho que essa fase da infância foi muito importante e teve o ingrediente mágico que foi o contato e a relação com a minha avó. Todas aquelas tardes que passamos juntas ficaram na memória e fazem parte do que quero para mim, das coisas que dividimos juntas, como é o lance de escrever um livro, algo que está nos planos e, com certeza, vai ser uma realização de nós duas!

Daniela

Sei que não é uma atitude correta, mas naquele momento era a decisão mais adequada, sem dúvida! O futuro se encarregará de trazer o que tiver de ser... Tenho certeza que, como em tudo que faço, darei o melhor de mim!

Sou uma mulher de 34 anos, independente e acho importante me definir também pela minha profissão: engenheira. Nasci na Inglaterra, onde vivi por quatro anos. Talvez por isso não me lembre nada de lá... Quando meus pais voltaram para o Brasil moramos em João Pessoa, Brasília, até que há uns 25 anos moro em São Paulo.

Em João Pessoa, ficamos acho que dois anos. Tenho algumas poucas e não tão boas lembranças... Algumas viagens com meus pais e várias brigas... Na verdade, mais brigas que boas lembranças...

Nessa época já ia para a escola, devia ter uns seis anos, e lembro de uma coisa bem bacana que aconteceu. Ia ter uma festinha do colégio e tínhamos que ir fantasiados. Eu ia com uma fantasia acho que de índio mas, um pouco antes da festa, abri o berreiro! Lembrando hoje foi até engraçado! Sei que não queria ir de jeito nenhum com aquela fantasia! Como minha mãe costurava, ela fez para mim uma fantasia de palhaço! Lembro certinho como era: cetim branco e as bolinhas de papel metálico espelhado... Coladas uma a uma pela minha mãe... O mais legal dessa história toda foi que no final, adivinha quem ganhou como melhor fantasia? Eu!!! Foi muito bacana!

Outra coisa que lembro é que a gente ia muito à praia. De manhã, praia; de tarde, escola. Nossa casa era bem bonita,

tinha um jardim bacana e uma piscina de plástico... Como a gente morava na praia, fiz natação desde pequena. Era até um medo da minha mãe e acho que meu pai também orientou para não correr o risco de pular na piscina e me afogar.

Em Brasília fomos morar em apartamento. Era bem diferente! Porque na casa a gente tinha liberdade total, cada um tinha o seu quarto. Na casa nova eu tinha que dormir no mesmo quarto do meu irmão.

Os móveis também não eram mais os mesmos porque nem tudo cabe em apartamento. Em compensação, tínhamos um convívio maior com outras pessoas, porque em prédio tem mais crianças e isso era bem legal!

Tenho até hoje uma amiga dessa época! A gente brincava bastante! Tinha uma brincadeira que pegávamos papelão das caixas que tinham transportado nossos móveis e a gente descia pela grama. Até a molecada roubava papelão para fazer essa brincadeira... Era sempre ideia do meu irmão...

Mas eu gostei mesmo de ganhar meus patins! Na descida eu tinha medo e ia agachada. Como sempre estava de shortinho curto um dia fui descer e ralei a bunda inteira! Na hora eu chorei, mas hoje não me aguento de rir quando lembro! Não chegou a ser um trauma, mas faz uns 15 anos que não ando mais de patins...

Em Brasília moramos até os meus oito anos. Lá, teve um episódio meio traumatizante na escola... Em João Pessoa, acho que como todo mundo se conhecia, a professora não fazia chamada. Mas, em Brasília era diferente... Você tinha que falar "presente" quando chamavam pelo seu nome. Quando me chamaram, eu disse: "Eu não trouxe presente". Comecei a chorar! Era muito mimada e fiquei chateada porque ninguém falou que tinha que levar presente. Hoje a gente ri, mas foi terrível aquele dia!

Em Brasília os bairros são organizados em quadras e cada uma tem sua própria escola, seu próprio comércio, tudo

bem localizado. Eles davam comida na escola naquelas canecas de plástico azul e eu não queria comer essas coisas... Arroz doce, canja... Hoje eu como, mas criança é cheia de frescura...

Outra coisa que lembro da época é que eu adorava a Xuxa! Tinha até um álbum desses de colar as fotos que vende em banca de jornal... Uma amiga tinha irmãos mais velhos e acho que por isso era muito malandrinha e esperta... Eu era bem mais bobinha... Olha o que essa menina fez: ela tinha uma mecha de cabelo colada no caderno e falava para todo mundo que era cabelo da Xuxa! Super sabichona! A Xuxa morava no Rio e a gente em Brasília! Depois descobri que era mentira, mas até então fiquei pensando que a mecha era realmente do cabelo da Xuxa! Cada uma!!! Eu era bastante fã! Dessas de escrever cartinha cheia de "Eu te amo". Muita gente fazia isso e eu, nossa, escrevi muitas cartinhas!

Em pouco tempo, mudamos de casa várias vezes. Sempre por causa do meu pai. Primeiro ele foi fazer doutorado na Inglaterra. A intenção dele era trabalhar na USP e, então, do Nordeste fomos para o Centro-oeste até chegar no Sudeste e procurar trabalho para ele.

Quando chegamos em São Paulo eu tinha oito anos e meio e estou aqui desde então. A mudança até que não foi ruim... A gente se mudou para um prédio com dois blocos e tinha muitas crianças! Todas ficavam sempre juntas! Passamos por muita coisa juntos... Não tanto divórcio naquela época, mas se o pai de alguém morria, todo mundo sofria. E assim, fomos crescendo juntos!

Na época que começou a popularizar essa coisa de redes sociais, ainda quando a mais famosa era o Orkut, um amigo do prédio criou uma comunidade e foi impressionante! Todos se lembravam daquela época! Foram três gerações: a minha era a do meio, mas tinha a do meu irmão mais velho e a dos pivetes. Todos tinham um imenso carinho por aquele prédio! Foram dez anos de amizade! Depois, aos poucos, as pessoas foram se

mudando... Mesmo assim é uma coisa que marcou na vida de todo mundo!

Aqui em São Paulo, estudei em colégio católico por influência da minha tia, mas não era tão perto de casa. Depois meu pai me colocou num colégio melhor e lá pude ver uma diferença social absurda! As diferenças de status, roupa, carro, tudo... Eu odiava! Não gostava porque não tinha poder aquisitivo tão bom quanto o dos outros alunos. Acho que era na época do Collor, quando quem era empresário ganhava muito! Meu pai era funcionário público, então... Mas, as coisas mudaram... Depois do *impeachment* o pessoal do comércio quebrou e hoje meu pai é que está bem! O mundo gira! Os pais das amigas que tinham dinheiro não têm mais e quem sustenta a casa hoje são elas!

Nessa escola fiquei até o segundo colegial. No terceiro me mudei... Acabei acostumando... Tenho uma amiga de lá até hoje, mas a maioria são só conhecidos... Eu queria mesmo era sair de lá. Meu pai me ameaçava dizendo que se não passasse de ano ele me colocaria em colégio público. Eu repetia de ano empolgada em ir para outro colégio, mas no fim ele não me tirava! Repeti duas vezes: a quinta série e o terceiro colegial... Não posso dizer que foi de propósito. Na verdade eu tinha muita dificuldade – principalmente em Humanas – e odiava estudar! Em Exatas era meio obrigada a ir melhor... Meu pai sempre ficava muito em cima, me deixava de castigo, ficava tirando matéria no final de semana e quando tinha festinha no prédio não me deixava ir...

Na época do prédio, a gente se sentia muito dependente, vivia mais em função daquele espaço. Quando o dono do prédio morreu, os filhos começaram a vender os apartamentos e todo mundo começou a sair. Foi muito triste! Cada mês a gente “perdia” um amigo... Alguns foram para o interior, outros mudaram de estado ou foram para bairros diferentes. Mesmo quem ficou por perto e voltava para visitar, já não era mais a mesma coisa.

Aquele prédio ficou marcado na vida de todos... O primeiro amor, o primeiro beijo... E paramos por aí mesmo... Foi só o primeiro beijinho, mas foi muito bacana...

Lá existia uma solidariedade, sabe... As portas sempre abertas, quando precisava de açúcar ou mesmo contar que tinha brigado com o marido. Sempre tinha com quem contar... Era realmente muito legal! Naquela época não tinha esse negócio de *buffet* e as festinhas de crianças eram todas no prédio. As mães ficavam a semana inteira fazendo os brigadeiros, enfeitando a mesa e sempre com os vizinhos ajudando.

Brinquei de Barbie até meus 15 anos! Adorava pular corda, apostar corrida! E as maratonas! Os mais velhos sacaneavam a gente, lógico... Tinha o futebol que dividia toda a galera: os mais velhos, nossa geração e ainda os pivetes. Imagine a bagunça!

Mas, o primeiro beijo... Bom, eu usava aparelho... Acho que foi uns dois andares acima do meu. Na verdade, foi horrível! Tinha uns 12, 13 anos... Era estranho o cara chegar e falar: "Adoro beijar mulher de aparelho..." Quando você gosta muito de alguém, gera uma expectativa grande e quando não é aquela coisa, sabe como é... "Isso que é beijar?" Foi perto do garoto se mudar para o interior, onde mora até hoje. A gente tinha contato pelo Orkut, mas agora não temos mais... Foram só uns beijinhos mesmo, não chegamos a namorar...

Quando mudamos para São Paulo as brigas entre meus pais pioraram. A família dele era daqui e meu pai e minha mãe brigavam porque ele preferia a família dele à nossa.

Minha mãe sempre costurava e fazia artesanato. Ela gostava muito de mexer com as mãos...

Depois de um tempo, quando eu tinha uns 14 anos, nos mudamos para outro prédio. Lá era diferente... Não tinha mais aquela galera. Era um prédio com menos moradores, ninguém da minha idade. Então, eu saía com o pessoal do colégio. Continuei no mesmo colégio e foi por esse tempo que as brigas

pioraram em casa... Já não havia o convívio com o pessoal do prédio. Só tinha duas amigas...

Nesse tempo, comecei a frequentar a Igreja Adventista por um motivo meio diferente: um garoto! Meu pai era do contra porque para ele religião era uma coisa que se procura e não se é influenciado. Então eu ia escondida mesmo! Foi uma fase legal por causa das viagens, quando acampávamos e aprendi a montar barraca, essas coisas... Tinha uma amiga muito legal de lá e as do colégio, que era com quem eu andava, porque ainda não saía de verdade, meu pai não deixava... Meu irmão podia e todas sextas e sábados ele saía com os amigos. Eu queria também, mas não podia...

No último ano que morei nesse prédio, me tiraram do colégio... Mas, essa parte da história prefiro deixar para lá... No colégio novo até que foi legal. Repeti o terceiro ano, conheci outras pessoas, uma delas é minha amiga até hoje e fez a mesma faculdade.

Aí minha mãe faleceu e devem ter me passado de ano... Bem, a morte da minha mãe não foi fácil... Digamos que foi por vontade própria...

Passei no vestibular para a segunda fase da Unicamp, mas acabei não estudando para passar... Tudo isso aconteceu no mesmo ano... Ficava quase doze horas no colégio porque tinha o extensivo do Anglo junto...

Quando terminei o colégio, meu pai me obrigou a trabalhar, porque se dependesse de mim, eu não queria não! Já tinha trabalhado fazendo uns bicos e fiquei o ano inteiro "sur-tando", até que em outubro minha tia, que é psicóloga, me arrumou um emprego de escriturária no hospital. Mas, acabei não passando na experiência e me mandaram embora...

Depois de uns dois meses, arrumei um namoradinho na praia e ia para lá de vez em quando. Foi aí que decidi voltar a estudar. Queria fazer faculdade e, como sou determinada, passei seis meses estudando, fazendo cursinho e entrei!

Escolhi Engenharia! Uma das minhas amigas do prédio – aquele prédio querido – tinha entrado em Engenharia e falava bastante do curso... Como sempre me dei bem em Exatas, e com um pouco de influência dela, optei por essa área. No começo fiquei entre Arquitetura e Engenharia, mas meu pai, como sempre, veio dizer que era para escolher Engenharia porque dava mais dinheiro. Então, fiz! Entrei logo de primeira!

Essa foi uma fase diferente... Desde o último ano do curso era só bagunça, sem compromisso sério com as coisas... Muita balada, muita bebida, coisas da juventude...

Nessa época meu pai estava namorando, aí ele casou e depois de um ano foi morar fora. Ficamos morando juntos eu e meu irmão, mas meu pai sustentando a casa, lógico... Eu e meu irmão temos cinco anos de diferença de idade e posso dizer que não temos relação nenhuma...

No meio da faculdade, queria mudar para Arquitetura por influência de um namoradinho que era arquiteto e eu achava muito legal. Meu pai deu o maior apoio, mas acabei terminando o namoro e desisti da ideia, graças a Deus! Em cinco anos exatos concluí a faculdade de Engenharia.

O último ano foi horrível! Aquela sensação de que não tinha aprendido nada... E agora? Vou ser engenheira e não sei nada! Fiquei com medo... Já fazia estágio em uma construtora bacana, mas acabei não sendo efetivada. Houve, na época, uma queda na área da construção civil e a empresa onde estava sempre efetivava todos os estagiários. Mas, naquele ano, de vinte só efetivaram os três que estavam há mais tempo. Foi uma decepção muito grande! Era como uma questão de me ver com relação aos outros. Quando não consegui ficar, me senti muito mal...

Tinha 27 anos e não me envolvi com ninguém de verdade nessa época. Tive um namoradinho no início da faculdade, mas que não era de lá e, depois, só umas paquerinhas... Nada muito significativo...

Com o lance do trabalho fiquei meio desesperada e acabei pegando empresas pequenas, onde nunca era registrada. E isso é algo importante porque se tiver alguma consequência, ou mesmo coisa básica, como se aposentar, é preciso pensar direitinho. Fiquei um ano e meio trabalhando em pequenas empresas, executando serviços em obras, mas sempre por projeto. Até que consegui uma empresa legal e me mudei pra Minas.

Foi uma experiência diferente de tudo que tinha vivido. Era algo que eu desejava, mas não imaginava que seria tão difícil! Na primeira semana, para ter uma ideia, quis desistir! Mas meu pai não deixou, o que por um lado foi bom! Nunca tive problema em ficar longe da família, não foi por causa de saudade, essas coisas... É que não sabia o que esperar daquilo tudo... Foi um grande amadurecimento, mas com muitos traumas também...

Trabalhava na área de telecomunicações e viajava bastante! Trabalhava mais sozinha do que com as equipes, que eram sempre terceirizadas. E isso dava muita solidão... Morava cada dia em um hotel, em cidades diferentes... Então, convivía só com o pessoal do trabalho, sempre homens, porque as únicas mulheres que tinham ficavam no escritório. Tinha aquela discriminação porque eu trabalhava em campo, então me relacionava mais com os homens, até porque não tenho muita frescura! Falo com homens assim como falo com mulheres, então...

Não posso dizer que eram amigos, éramos todos pessoas querendo companhia. A maioria era de fora, e ninguém quer se sentir sozinho numa sexta à noite, né... Alguns momentos foram bem bacanas porque como a maioria das cidades era pequena, tinha aquela coisa de festa na cidade e a gente acabava conhecendo novas culturas. Sair de São Paulo é diferente e conhecer novas cidades era sempre legal. Mas isso quando tinha gente da equipe para sair, senão era hotel e dormir! Lá conheci um cara dois anos mais velho e a gente acabou namorando por dois anos...

Mas, se envolver com uma pessoa que não se envolve com você cem por cento não é bacana... Sem contar as mentiras, outros envolvimento paralelos... Estava sozinha naquele lugar, então acabei me apegando a essa pessoa, até porque era a única que tinha... Não digo que foi um trauma, mas a falta de maturidade dele era algo ruim, além de me sentir meio boba a ponto de não acreditar em mim mesma. Como estava sozinha, acabava me adequando a ele... Se ele me procurava, eu estava sempre lá. O certo não é você se adequar às pessoas, mas os dois fazerem o mesmo.

Quando soube que estava grávida, o pior foi a decepção do fato literalmente concebido... O cara disse que o máximo que poderia fazer era visitar uma vez por mês e ligar de vez em quando. Por um lado eu queria para poder segurar ele... Por outro, via que não tinha a estrutura que eu queria. Ainda não era totalmente independente e, se voltasse grávida para São Paulo, teria que morar na casa do meu pai, coisa que ele jamais admitiria. Tinha a opção de tirar porque não queria decepcionar meu pai, mas também não queria ter um filho de um babaca!

Quando minha menstruação atrasou, fiz vários testes. Sabia que podia ser porque já não estava tomando remédio e pedia para ele não gozar dentro, mas ele insistia. Atrasou uma semana, fiz teste de farmácia e quando deu positivo não acreditei! Pensei: "Está errado!". Até que a ficha caiu... Liguei para ele, que perguntou se eu queria ter e, se quisesse, ele não poderia ficar comigo... Aí tomei a decisão de tirar.

Ele foi ao médico comigo e lá o ginecologista deu parabéns e aquele "blá blá blá"... Quando saímos do consultório, disse que não queria ter se fosse nessa situação, que para mim não era satisfatória, e ele correu atrás do remédio, o Citotec... Perguntou para o pessoal do trabalho e todo mundo ficou sabendo... Mas ele acabou conseguindo. Quando chegou o remédio, apliquei como tinham falado e, no dia seguinte,

fomos para o hospital, mas como tinha comido falaram que não podiam fazer a curetagem por causa da anestesia. Felizmente, tinha convênio em hospital particular, o que é uma segurança a princípio, para não deixar nenhuma sequela grave.

No dia seguinte, o pessoal todo sabia, já estavam dando parabéns pelo bebê... Mas, fomos fazer essa micro-cirurgia que é a curetagem. Ele me acompanhou – era o mínimo que podia fazer – e depois, quando saímos de lá, ele foi para um bar beber... Isso porque ele tem dois filhos! Mas o processo todo envolve muita dor! Cólicas absurdas! Para aliviar, tomei banho e vi o embrião, porque sangra bastante, absurdamente! Tanto que quando fizeram a curetagem, falaram que não tinha mais nada. Graças a Deus, deu tudo certo!

Pedi demissão do trabalho e voltei para São Paulo. Depois de um mês o contrato dele terminou, e ele voltou também.

O que ficou daquele momento foi a falta de personalidade dele, de fazer uma coisa sabendo que eu podia engravidar, já que não estava tomando remédio, o que poderia acarretar consequências.

Tenho planos de casar e ter filhos, mas não ser mãe solteira e muito menos ter um filho de um babaca, né...

Posso dizer que no começo me arrependi de certo modo... Por mais que fosse uma coisa que sempre imaginei que faria na época da faculdade – porque não deixaria de estudar por causa de um filho – já estava em outro momento, formada. Só que não tinha estabilidade financeira e não queria ser mãe solteira. O que importava para mim era conseguir alcançar aquilo que tinha sonhado como profissão e projeto de vida.

Quando voltei para São Paulo ele me procurava, mas eu sumia... Até que uns dois meses depois a gente voltou a ser ver e até a namorar. Só que sempre fica a mágoa, porque é difícil fingir que nada aconteceu, é até meio ridículo...

No começo, estava desempregada. Depois de seis meses consegui um trabalho na mesma área, mas em função diferente,

menos desgastante. Continuamos trabalhando juntos porque ele era do mesmo ramo e a empresa dele estava envolvida na logística do trabalho.

Em São Paulo, voltei a morar com meu irmão e ele sabia da situação porque procurei uma namorada dele que tinha feito a mesma coisa e foi quem me deu as dicas. Ela, com receio, contou para o meu irmão que eu ia voltar, para ele me ajudar... Ele queria quebrar a cara do infeliz! Quando conversamos, ele ameaçou contar para o meu pai e esse é um dos motivos pelos quais não nos falamos. Ele não tinha que se envolver. Era uma coisa minha e meu pai não tinha nada a ver com a história...

Procurei a namorada do meu irmão, na época, não só porque ela tinha feito, mas porque queria uma orientação. Era alguém em quem confiava e confio muito. Passamos por altos e baixos e ela poderia me ajudar. Não só ela... Liguei para outra amiga, só uma, que me disse para voltar que a mãe dela ajudaria a criar... É até engraçado porque todas falam isso, mas não é tão simples... Ter um filho e a mãe de uma amiga ajudar a criar...

A importância de ligar para alguém foi mais por desabafo... O que eu faço? Ferrou!

Foi muito difícil voltar... Fiquei tanto tempo longe que perdi o contato de algumas amigas, não sabia se meu lugar era em Minas ou São Paulo... Fiquei uns dois meses perdida, refletindo... Um livro que me ajudou foi *A Cabana*, que fala sobre perdão... Mas o lance de *você* se perdoar... Sabia que o que tinha feito não era legal, mas no momento não era a coisa mais adequada, não tinha como levar adiante...

Hoje muita coisa mudou! Consegui comprar meu apartamento, o que é a realização de um sonho! Se tivesse um filho não teria como... Minha independência hoje é total! Posso fazer o que quiser!

Penso no futuro, e próximo, que fique claro! Quero conseguir alguém legal, companheiro, constituir uma família...

Mas a família certa, com companheiro de verdade, aquele que vive junto, curte junto e quando eu estiver para baixo, ele me erga, e quando estiver feliz, ele compartilhe. Mas, sei que é *beeeem* difícil!

Quando aconteceu tudo, ele me deu livre arbítrio, mas a falta do companheirismo influi bastante. A decisão de morar juntos e ficar juntos era impossível porque cada mês estávamos em um estado e, segundo ele, por isso não poderia se agarrar. Percebi que não significava nada para ele... Colocar uma criança no mundo sem a presença do pai não valeria a pena...

Falar de aborto para mim é algo difícil... Quando você faz, entende, mas não significa que concorde. É uma confusão de sentimentos, uma coisa bem bagunçada! Mas também acho que ser mãe solteira não está com nada! A falta de companheirismo é algo muito difícil! Tenho exemplos de amigas que tiveram até gêmeos e só conseguiram ficar bem com a ajuda da mãe. Dá para ver o quanto conta a falta de ajuda, inclusive financeira! Você pode dar A, mas com o cara é A + B, o que proporciona várias coisas! Só que sozinha é diferente...

Apesar de não ser nenhuma católica que frequente a igreja, cada um tem seu Deus, e me senti mal perante o que fiz. Sei que não vou para o inferno, mas acho que tento fazer coisas boas para balancear...

Essa é uma decisão que vai de cada um, mas a situação financeira é primordial! O apoio da família também... Não sei se tivesse contado com meu pai teria sido diferente... Meu irmão teve filho com 30 anos de uma relação casual e meu pai, mesmo sendo bem ignorante, ama o neto. Mas isso com o filho homem... Acho que com a filha mulher seria outra situação porque o desejo dele era me ver estabilizada financeiramente, com um companheiro legal. Ninguém deseja para uma filha ser mãe solteira...

Depois de tudo, voltei à minha ginecologista em São Paulo e contei a verdade para ela... No hospital, quando tirei,

falaram que era normal que nos primeiros três meses voltasse a acontecer por defeito genético, que acaba expelindo, algo natural... Mas essa médica também foi a única com quem falei. Ela disse que está tudo certo, que vou poder ter outros filhos... A princípio, está tudo bem!

Essa é uma situação que precisa ser muito bem pensada porque levamos para o resto da vida. Pode ter sequelas físicas, como não poder ter mais filhos ou mesmo perder o útero! Mas também de não saber lidar quando outro filho nascer... "Será que vou me sentir mal porque já tirei um? Será que quando nascer vai vir o arrependimento? Olha o que eu fiz!" Não sei nem dizer qual pode ser o sentimento... Caso tenha um filho, não consigo imaginar se vou amar duplicado ou vou me sentir extremamente mal pela atitude anterior... Sei que não é uma atitude correta, mas naquele momento era a decisão mais adequada, sem dúvida! O futuro se encarregará de trazer o que tiver de ser... Tenho certeza que, como em tudo que faço, darei o melhor de mim!

Laila

Esta foi minha história, meu processo e pronto! Sinceramente não acho que a alma está no embrião. Poderia ter tido um filho e hoje seria outra história. Mas eu fiz a minha história.

Sou Laila, tenho 33 anos e nasci em São Paulo. Até os dois anos morei numa casa de que não tenho muitas lembranças. Já dos dois aos seis, morei na Vila Mariana, que fica na zona sul de São Paulo. Lembro que a casa foi construída pelo meu pai e meu avô. Eles são portugueses e tinham acabado de chegar de Portugal, então construíram duas casinhas separadas por um pequeno quintal, onde as famílias dividiam o tanque e coisas do tipo. Mas o grande plano era depois fazer uma casa grande e confortável, com vários quartos onde poderiam morar as duas famílias.

Meu pai não tem formação específica. Mudou de emprego inúmeras vezes e fazia de tudo que se podia imaginar, de taxista a gráfico, tudo que se pode pensar ele fez e faz! Minha mãe é funcionária da prefeitura e, no início, eles moravam de aluguel. Quando a situação apertou, meu avô convidou a gente para morar em uma dessas duas casinhas, onde também morava a família do meu tio paterno. Foram quatro anos ali... Desse momento da infância lembro que tinha um primo da minha idade, então sempre tive muito brinquedo “de menino” (como se tivesse essa diferença...), mas lembro bem disso...

Até que meu avô materno comprou um apartamento para minha mãe morar com a gente. Na verdade ele tinha

comprado alguns imóveis e morávamos em um deles com dois quartos, então eu dividia o quarto com as minhas duas irmãs. Era bem diferente de morar em casa, mas tinha o lado de ter um monte de criança!

Tempos atrás, fazendo terapia, percebi que essa parte da história não foi tão legal para mim... Não queria ter mudado e foi algo muito difícil na época. Mas, depois, na adolescência isso já significava ter uma turma garantida. Cresci num lugar que tinha muitos adolescentes! Boa parte estudava na mesma escola pública do bairro e essa foi a primeira turma com quem sai. O engraçado é que depois que entrei na faculdade não preservei essas relações. Tenho contato no Facebook, mas não são pessoas com quem convivo. Na verdade, sempre achei a galera meio alienada...

Minha família por parte de mãe é muito politizada, progressista, engajada. Minha mãe é uma pessoa muito crítica, leitora voraz! Então sempre achei a galera com um papo meio raso, embora gostasse deles e tivéssemos um vínculo de quem sempre estava junto. Quando entrei na faculdade acabei me desconectando e percebi que os laços iam se desfazendo. Mantenho contato no Facebook e quando marcam festas para reunir todo mundo que morou lá eu apareço para fazer uma “social”, mas não passa disso. Não tenho nada contra, mas as relações que cultivo e com quem estou sempre são da faculdade.

Assim como todos que moravam lá, também estudava na escola pública do bairro. Da pré-escola ao Fundamental todo mundo estudava na mesma escola. No Ensino Médio não consegui vaga no colégio para onde foi a maioria. Fui estudar numa escola um pouco mais longe e, no fundo, acho que foi uma boa!

Na primeira escola, aprontei demais!!! Cabulava, pulava o muro, pixava, zoava na aula, comecei a fumar... E hoje sou professora! Olha que coisa engraçada! Meus pais eram

chamados constantemente, mas eram muito “cuca fresca” com isso, achavam besteira e ficava tudo bem! Mas tinha uma condição: eu não podia repetir de ano de jeito nenhum! Meu pai sempre teve e tem até hoje um discurso de liberdade! Para ele, a gente tinha que ser nós mesmos e essa era a melhor coisa que podíamos fazer, a qual ninguém faria melhor! Essa coisa da liberdade de: “Quer experimentar? Experimenta! Quer fazer? Faça!” Minha mãe acompanhava, mas torcia o nariz... E tinha essa coisa: “Olha, você não pode repetir porque só te pedimos para estudar!” Foi um tempo muito bom e tenho um carinho imenso por essa escola, embora não tenha contato com ninguém da época. Na fase do Orkut, o pessoal tentou armar de se reencontrar, mas sou muito desapegada. O que passou, passou! Foi bom e só!

Já no colegial, namorava um cara bem mais velho e acho que isso fazia parte de uma coisa de ser metida mesmo, algo típico de adolescente que quer antecipar a vida adulta, então fuma, namora um cara mais velho, essas coisas... Querendo se achar adulta com 15 anos, vê se pode! Esse namorado também era do bairro e me “ocupou” a maior parte do tempo. Nessa época, eu já era bem CDF e ficava pensando que tinha que estudar para passar em universidade pública. Tinha essa cobrança comigo mesma.

Além disso, em casa sempre teve muitos livros e minha mãe me presenteava com livros ajustados para me fazer gostar de ler, o que deu super certo! Sou uma leitora de carteirinha! E por isso descobri que não precisava me esforçar muito. Era só abrir o livro didático e ler, ora bolas! Isso me dava uma vantagem...

O primeiro livro que me fez chorar foi *A Revolução dos Bichos*. Vi no título “bichos” e achei bacana! Começava com um porco chamando uma reunião e eu, com uns 11 anos, nem podia imaginar que era uma parábola da Revolução Russa, coisa que só fui aprender na faculdade! Chorei quando o cavalo

morreu e hoje dou risada ao lembrar, mas na época me acabei de chorar! Mas acho que o primeiro livro que me tocou mesmo foi *Eva Luna*, da Isabel Allende! A leitura me chamou atenção para essa coisa feminina, da beleza da transmissão do texto, me mostrou a capacidade de transmitir o ambiente... Devia ter uns 14 anos, era adolescente e o livro era da minha mãe, que foi quem me sugeriu. Ficou realmente marcado!

No colegial, tinha o plano de entrar na USP e logo que terminei prestei Fuvest. Nossa, foi o caos! Fui muito mal mesmo! Nunca tinha visto várias coisas daquela prova! Minha mãe disse que não pagaria cursinho integral, então teria que me virar e arranjar uma bolsa! Procurei o cursinho da Poli, que era de graça, e minha mãe foi junto comprar o manual. Mas ela mesma achou que era muito longe e pediu para ver outro lugar. Comecei a ligar para os cursinhos e consegui metade de uma bolsa no Objetivo! Como tinha uma unidade na Paulista e sempre morei perto do metrô, seria mais fácil.

Fiz cursinho durante um ano. Minha mãe queria que eu fosse advogada e no começo cogitei a ideia de fazer a vontade dela. Mas durante o ano fui fazendo os simulados e percebi que estava muito perto da nota de corte ou faltando pontos, aqueles pontos que me fariam novamente ficar no cursinho porque não iria passar no vestibular! Não queria fazer tudo de novo! Afinal, o cursinho é um limbo! Você não está nem no colegial, nem na faculdade, sabe...

Curti fazer porque quase dobrou minha nota, então é um sinal que funciona para a Fuvest. Duas amigas de longa data também fizeram Objetivo, então acabei não me misturando muito com o pessoal. Apesar de que conheci uma moça que entrou na mesma faculdade e hoje é minha grande amiga! Mas do cursinho não guardei ninguém...

Não desisti totalmente do Direito. Minha ideia era fazer duas faculdades: Geografia na USP e Direito no Mackenzie, se minha mãe topasse me bancar, porque na época ela tinha

conseguido melhorar a renda. Aí daria para ela sustentar uma pessoa que não trabalha ou que trabalha bem pouco... Passei na Fuvest, mas no Mackenzie não! Acho que foram os santinhos cuidando da minha vida, porque foi ótimo!

Fazer Geografia foi uma ideia que surgiu no cursinho. Se eu fosse uma menina mais preparada, que tivesse certeza que passaria na *San Fran*, teria feito o caminho que minha mãe queria. Mas não era tudo isso, então decidi fazer uma coisa que gosto e sabia que passaria. Além disso, tinha 18 anos e me agradava a ideia de ser professora. Sou de touro e prefiro caminhar no que é mais seguro, se é que me entende...

Meu plano era fazer Geografia e ser intelectual! Queria poder falar sobre política e isso tem a ver com ser de uma família engajada, informada, de esquerda, então achava que tinha que ter uma profissão que me desse isso. Fazer Geografia me faria pensar em muita coisa, entender muita coisa. Queria ser professora da rede pública porque seguiria os passos da minha mãe. Seria uma professora com engajamento com os alunos que não têm condições de pagar, com quem é do povo e também tem o direito de ter uma boa professora. Estaria ali para fazer isso acontecer, tinha muito isso comigo!

Sempre gostei de História e Geografia, eram as matérias favoritas. Mas também amava as línguas e a literatura. Uma das minhas irmãs, quando saiu do colegial, logo passou em Letras, mesmo tendo estudado em escola pública. Ela era muito danada, muito estudiosa, uma leitora ainda mais voraz que eu! Foi ela quem me falou para não fazer Letras porque ela mesma teria escolhido Geografia. Gostava muito de Humanas e fiz essa opção. Acho que foi uma boa escolha e hoje agradeço aquela Laila de 18 anos que tomou essa decisão...

Quando entrei na faculdade, continuei morando com meus pais. Era o ano 2000 e fiz a graduação ora no noturno, ora de tarde. Sair da escola estadual e ir para a USP é algo que te coloca no mundo real. Ou no mundo irreal da USP... No

colegial, era uma aluna considerada muito boa porque como lia muito, já tinha algumas vantagens. Os professores mesmos me estimulavam a prestar Fuvest. Quando cheguei na faculdade, minhas primeiras notas foram tenebrosas! Pensei até em largar o curso! Mas no final, adorei ter feito Geografia!

Fiz amigos muito importantes, mas não foi algo logo de cara! Foi uma coisa que foi se consolidando com o tempo. Tenho uma coisa comigo: quando cismo que uma pessoa vai ser minha amiga, ela vai e pronto! Algumas, quando bati os olhos, falei: “Essa pessoa vai ser minha amiga!” Algumas realmente são até hoje!

Como tinha uma família engajada, claro que logo me identifiquei com o movimento estudantil! Mesmo tendo estudado em escola pública e convivido com a galera do bairro, sabia o tempo todo que queria ser de esquerda e o PT era legal! No começo, tinha pouca noção do que era o movimento estudantil, de como funcionava e das divergências internas, coisa que aprendi na prática. Tinha certeza de que seria importante para mim e queria viver tudo que pudesse porque, afinal, a faculdade seria uma vez só. Encontrar pessoas e discutir foi algo muito bom que o movimento estudantil me trouxe, inclusive, discutir o feminismo. Foi uma amiga que tenho até hoje que falou: “Vamos nos reunir para discutir gênero?”. Por mais que eu falasse que era feminista, nunca tinha lido *O Segundo Sexo*. Foi por causa desse grupo que comprei o livro e fiquei embasbacada com tudo aquilo! Nossa, foi incrível! Foi sensacional poder discutir com gente da faculdade.

O grupo chamava *Nosotras* e foi formado para discutir gênero. Uma vez fizemos um zine que ficou muito legal! Era uma coisa xerocada e a galera toda colaborou! O que mais marcou para mim no fanzine foi um conto que um amigo nosso escreveu, que era uma *Chapeuzinho* que, na história, era uma prostituta e precisava fazer isso. Ela saía e ia tomar uma cachaça para batalhar na toca do lobo. Ficou algo tão poético!

Muito legal mesmo! Tentamos fazer o segundo número, mas surgiram alguns atritos e o grupo se desintegrou. De qualquer forma, foi uma iniciação no feminismo de forma mais militante, pensando em produzir alguma coisa, discutir pra valer e ler os textos importantes.

Quando entrei na faculdade ainda morava com meus pais. Minha irmã mais velha casou por volta dos 18 anos e tínhamos mudado para o outro apartamento do meu avô, com três quartos. Uma hora minha outra irmã anunciou que queria engravidar! Como ela e meu cunhado estavam sempre em casa, ele acabou indo morar com a gente. Nessa época, eu já queria sair de casa e ter meu próprio canto.

Minha primeira experiência sexual foi com aquele namorado do colegial. Foi com ele que aprendi a coisa mesmo! Porque acho que para a mulher, a coisa do tesão, do gostar de sexo pra valer, pelo menos para mim, não foi algo instantâneo. Gostava dos amassos, mas a coisa do sexo dar muito tesão, algo que você domina, foi um processo, algo que aprendi com esse cara com quem fiquei três anos.

Mas eu queria muito *dar*! Andava com várias meninas mais velhas que já tinham feito e fui uma das últimas. Não tinha pressão, mas queria saber rápido como era esse mundo em que elas estavam se divertindo... Antes desse namorado, tive outro e acho que já era uma coisa que estava nos meus planos de adolescente. Quando rolou, curti e foi bem bacana!

Minha experiência com o aborto... Descobri que estava grávida em abril de 2008, quando estava fazendo 27 anos, e no começo de maio abortei... A história foi com um cara com quem já tinha terminado o relacionamento e aquela seria "a última vez". Como sempre fui muito "regradinha", quando deu três dias de atraso, comprei um teste e descobri. Liguei para ele e acho que já imaginou o que seria porque nossa história tinha acabado e não teria porque telefonar se não fosse algo importante... Falei: "Meu, aconteceu uma merda!" A gente usava

a camisinha, mas de forma safada, sabe... Era uma vez com camisinha, outra sem, sabe essa merda? A gente usava, mas não da forma correta. Cara, na hora que descobri sabia que teria que passar por um aborto. Para mim não foi nenhuma questão.

Na época já morava sozinha e meus pais nunca souberam. Quando sai de casa, cheguei a morar com duas amigas, mas depois decidi que não ia chamar mais ninguém. Só casando! Só alugaria metade da minha cama!

Quando adolescente, me lembro de ter uma opinião contrária ao aborto, mas hoje sei que era uma contaminação moralista. Basta colocar um pouco de racionalidade na questão para ver o grande equívoco! No primeiro ano de faculdade já tinha dois números de telefone caso precisasse fazer um aborto. Quando aconteceu, foi relativamente fácil porque tinha o lance de discutir feminismo e também tinha amigas que passaram pela mesma situação. Quando alguém da turma precisou, descobri que existia um Coletivo Feminista, que conseguiu o Citotec. Depois soube do número de uma clínica. Sempre tive essa informação na manga como uma possibilidade caso eu ou alguém precisasse. Era um número de emergência para nós.

Quando descobri que estava grávida, falei: "Nem pensar!" Apesar disso, foi uma crise porque tenho uma formação espírita kardecista. Embora não tenha uma coisa religiosa, não faça ritos, tenho minha fé! Por isso, foi algo muito difícil! Pensava: "Do que estou abrindo mão?" Nesse momento, rezei e pedi que se tivesse que ser mãe um dia, deus teria que me dar outra chance, porque naquele momento não seria legal...

No meu caso, falei com a amiga de uma amiga, porque era uma coisa clandestina... É de chorar, viu! Eu tinha a opção do remédio ou da clínica... Escolhi a clínica. O remédio era um processo de expulsão e me senti insegura, apesar de saber que é considerado seguro. Se a pessoa tiver acesso, é o ideal. Mas

resolvi confiar na clínica, onde ia dormir, acordar e estaria feito... Mas era muita grana! Como descobri muito cedo, liguei no mesmo dia e soube que ficaria mais barato porque o procedimento seria mais simples.

Sempre fui uma pessoa que guarda dinheiro, principalmente para emergências! Gosto de ter uma vida simples, então sempre ganho mais do que gasto, afinal, sou taurina! Durante um tempo trabalhei e morava com a minha mãe, então fazia faculdade de graça e não pagava nem para andar de ônibus! Bebia no cartão refeição porque minha mãe lindinha fazia minha marmita e eu amo a comida dela. Ou seja, eu tinha dinheiro e ele trabalhava e também tinha. Então dividimos o pagamento da clínica.

Marcamos o mais rápido possível! Agendei um horário com o doutor, porque o lance era uma clínica obstétrica de verdade! Um lugar enorme, cheio de fotos de crianças e uma puta sala de espera em pleno bairro central! Quando cheguei, o médico me examinou e disse que se eu quisesse podia ser naquela hora mesmo. Concordei imediatamente! Acho que faziam aquela pergunta para ver se a pessoa não estava vacilando. Foi tudo no mesmo dia! Só voltei para o retorno para ele olhar se estava tudo bem...

O procedimento foi assim: vesti um avental e entrei numa sala de cirurgia, onde um anestesista me explicou como seria. Dormi e quando acordei senti uma dorzinha... Foi quando me encaminharam para descansar em outra sala, onde podia ficar com acompanhante.

Essa pessoa era alguém da turma e hoje mora em outra cidade, mas está sempre aí. Somos amigos até hoje. Mas, na época, foi dolorido porque ainda gostava dele. Foi uma merda! Sofri pra caramba! Tinha ainda um lance de rejeição porque fiquei com ele quando estava dando um tempo com a namorada... Acabei me envolvendo demais, a ponto de fazer merda com a camisinha! Quando eles reataram, ele me ligou para

contar e eu dei uma de forte dizendo que sabia que isso ia acontecer e estava tudo bem... Talvez por isso ainda quis a "saideira"...

Quando saímos da clínica, fui encontrar umas amigas. Não queria ficar pirando em casa. No dia do retorno, ele me levou, mas não quis ficar na minha casa porque senão a gente ia acabar se envolvendo. Dei um belo tchau e liguei para outro amigo porque ia ter jogo do São Paulo. E bora pra frente!

De qualquer jeito, esse foi um processo bem dolorido de verdade! Tenho a impressão de que ninguém se arrepende de ter, mas também não se arrepende de tirar. Essa é minha impressão porque o que existe, existe e o que não existe também não existe. Pelo que vejo de tantas pessoas e por mim mesma, é algo que envolve sofrimento porque, para a mulher, abrir mão da maternidade não é uma decisão fácil! Pelo contrário, é dolorosa, mas viável em alguns momentos e tem que estar disponível para a mulher.

Minha irmã, por exemplo, sempre teve essa coisa de querer ser mãe, algo que vi em várias mulheres. Mas pessoalmente nunca tive isso, até porque passei muito tempo solteira, sempre com casos passageiros, como foi com esse cara. Para mim, a maternidade sempre esteve associada a um par, um cara para estar junto. Se for um projeto individual, para ser mãe solteira, prefiro não ser.

Mesmo tendo uma fé, acho que essa questão não se coloca. Não faço essa pergunta porque para mim ela não existe. Esta foi minha história, meu processo e pronto! Sinceramente não acho que a alma está no embrião. Poderia ter tido um filho e hoje seria outra história. Mas eu fiz a minha história. Tem algo que aprendi no primeiro ano da faculdade... Em História não existe "se"... Ou foi ou não foi.

Como professora, nunca discuti o tema do aborto de maneira formal, mas sempre sou muito honesta com meus alunos e, seguramente, se o assunto aparecer vou me

posicionar. Acho o aborto uma violência! Precisamos combater essa violência contra a mulher, porque muitas estão morrendo passando por abortos inseguros e mesmo assim elas não vão parar!

Tenho uma edição do *Segundo Sexo*, que é de 1949. Naquela época a Simone de Beauvoir fala que o número de abortos é o mesmo do número de nascimentos! Ela cita uma fonte e, mesmo que não seja exatamente isso, é algo próximo. Esta é uma verdade! As mulheres são responsáveis por sua fertilidade, os homens não. Agora como mudar é outra coisa! Tem a ver com a luta por direitos civis de uma forma ampla, não só a questão do aborto, mas dos homossexuais, das drogas, está tudo dentro de um contexto de dominação por ser a periferia do sistema e manter valores conservadores que são formas de controle e de dominação. No caso do aborto, acho que a decisão é só da mulher, porque o corpo é dela!

Hoje não penso mais nisso porque estou em outro momento. Entendo quem precise e apoio, mas na minha relação atual isso não faz mais parte. Tenho uma super companhia e ter filhos está nos planos! Somos pessoas que vamos pelo seguro, então estamos indo bem devagar... Mas teria um filho com gosto, uma criança, uma responsabilidade que hoje sei que tenho com quem compartilhar.

Paloma

Minha decisão foi certa, para a vida! Não me sinto mal, pelo contrário! Penso na sorte que tive por ter a oportunidade de fazer numa clínica, com o procedimento correto. O que me incomoda é saber que as pessoas precisam poder ter acesso a isso...

Tenho 33 anos, sou professora de Ciências Naturais e trabalho em uma escola de elite em São Paulo. Tenho um filho adolescente e sou casada pela segunda vez. Nasci em São Paulo e morei na Granja Viana até os 17 anos, quando vim morar em São Paulo. Tenho uma irmã de 39 anos e um irmão de 37.

Minha irmã mora no interior. Ela fez Arquitetura, mas não exerce a profissão. Está como mãe agora. Meu irmão é engenheiro, mas também abriu um restaurante. Minha mãe trabalha com Comércio Exterior, vende umas flores colombianas preservadas super bonitas, como estas que tenho em casa.

Depois que saiu da Granja Viana, há uns 16 anos, ela foi morar em Campinas com um alemão que era mais ou menos marido dela, porque ele voltou para a Alemanha, mas eles se veem todo ano. Casal moderno, sabe... Atualmente ela mora na Vila Madalena, numa casinha bem gostosa, super simples... Meu pai comprou o terreno onde morávamos porque ele era engenheiro e queria fazer uma casa para vender. Só que a casa onde a gente morava foi assaltada duas vezes em sequência quando eu tinha seis meses... Minha mãe começou a ficar preocupada porque estava com um bebezinho e dois filhos pequenos. Aí ela falou para o meu pai para eles irem para a casa que estava construindo, meio na raça mesmo! E minha mãe gosta

de morar no meio do mato, adora planta, essas coisas... Eu curto também!

Lá era legal porque tinha quinze moradores. Então, quando precisava comprar coisas, iam cinco mães no Ceagesp, levavam a lista do pessoal e depois dividia tudo na garagem de casa... Era outra pegada! Aí depois foi desvirtuando e virou o que é a realidade dos meus alunos de hoje, que são de famílias bem diferentes!

Estudei por lá até o colegial, depois vim para São Paulo. Até que a grana ficou curta e foi todo mundo para um colégio que até hoje é bem ruim! Os alunos que vão para lá querem mesmo passar de ano, sabe assim... Meu boletim era tudo dez, mesmo em matérias em que eu não era boa! Ridículo mesmo! No colegial, fui para o Palmares. Aí, o bicho pegou! Ficava de recuperação direto! Minha mãe surtou: "Mas você só tirava dez!". Aí eu falava: "É, mãe, então, eu nunca fazia nada e tirava dez... Agora continuo não fazendo muitas coisas e..." É até engraçado! Mas foi muito importante para mim! Mesmo indo para um colégio ultra tradicional, com um pessoal mais careta, sair da Granja Viana foi uma experiência super importante! Conhecer gente, saber que podemos ser de várias formas diferentes... Porque naquele colégio era um universo muito pequeno, as pessoas eram muito parecidas, pensavam igual, se vestiam do mesmo jeito... Lá no Palmares não! Você chegava tinha as super patricinhas, os caras que se vestem de preto, os desencanados, os boleros... Para mim foi "uau, o mundo é super diverso, que bacana!" Foi *animal*! Muito bom!

Desde o começo eu queria ser bióloga. Mas pensava: "Bióloga? Com a Biologia não vou conseguir sustentar minha família!". Meus pais se separaram quando eu tinha sete anos e minha mãe sempre sustentou boa parte da nossa vida. Então eu falava: "Gente, preciso ser uma mulher que sustente a casa! E com Biologia, estou fodida! Vou ficar dependente!" E isso não é da minha índole, não dou muito conta disso... Aí

fui fazer Engenharia de Alimentos, porque juntava Biologia, Química, as exatas que eu gosto e beleza! Mas já no primeiro ano foi uma tragédia! A única matéria que gostei foi Cálculo. Em todas as outras eu *bombeei*! E meu pai foi muito legal! Ele era meio *ogirão*, mas dessa vez foi muito fofo! Ele perguntou se eu não precisava pensar um pouco mais, fazer outro cursinho, pensar bem e fazer o que realmente gostava... Mas naquela época eu estava perdida na vida, não sabia o que fazer... Então fui fazer um ano de cursinho, pensando em Administração... Nessa idade, a gente é muito novo para escolher... A escola não prepara para pensar nisso, enfim... Se preparasse talvez fosse diferente... Aí fui fazer o cursinho, que foi onde conheci meu ex-marido e uma das minhas melhores amigas, fizemos um grupo muito bacana! Foi muito legal! Comecei a me envolver com questões políticas, comecei a entender o mundo de outras formas. Foi uma experiência inacreditável para a minha vida!

E no cursinho, conversando com um professor, eu disse que curti Biologia, mas tinha receio... E ele me falou: “Hoje em dia tem um mercado maior, o Projeto Genoma...” Tanto que a nota de corte de Biologia foi para os ares! Decidi prestar Biologia!

No primeiro ano, engravidei... Aí comecei a entrar para a área da Educação na faculdade e achei muito legal! Mudei de ideia de novo! E curto muito, é uma área que eu adoro! Mas quero fazer mestrado na Biologia *hard* mesmo! Acho importante e na minha faculdade não teve trabalho de campo, essas coisas, e sinto falta de ter essa experiência na escola mesmo.

Estou pensando em fazer na Ecologia, mas ainda não conversei com ninguém. Sei que no mestrado é preciso entrar numa linha de pesquisa, então nem estou pirando muito para não chegar lá e descobrir que não vou poder fazer nada que elaborei... Tenho duas amigas que conhecem caras diferentes dentro da Ecologia, então estou pensando em entrar em contato, mas já com algo elaborado para chegar com a ideia

desde o começo. Ano que vem, se permanecer no trabalho onde estou, vou ver se me dedico a isso.

Dou aula desde 2002. Surgiu uma oportunidade que o pessoal da Sociais me falou de dar aula no cursinho. Quando fui preparar a aula percebi que isso não era brincadeira! Precisava estudar muito para dar aula! E achei muito legal porque curto estudar... Então, peguei na unha e foi mesmo muito bacana! Dei aulas nesse cursinho, depois em outro cursinho popular perto da Paulista e também no Pró-Jovem, que é um projeto de supletivo do governo federal.

É um supletivo meio doido, que você dá os quatro anos do Ensino Fundamental II em um ano. É mais um lance do cara ter o diploma para entrar no mercado de trabalho do que qualquer outra coisa. Mas foi muito legal! Deu para trabalhar várias coisas com os moleques, essa questão mais social... Porque eram três áreas comuns: Português, Matemática e tal; uma de qualificação profissional, então o aluno escolhia um dos cursos de qualificação profissional para fazer; e a outra era de serviço social ou algo do tipo, que as assistentes sociais tomavam para si e a ideia era montar um projeto com os alunos a partir das comunidades. E a gente assumia a tutoria de sala. Então, o professor que era normal como eu assumia uma classe como tutoria e foi muito legal porque pude aplicar um projeto de serviço social na tutoria. E eles ficavam desesperados porque não conseguiam se organizar e a gente estava ali para ajudar, então foi muito bacana essa parte!

Montamos um questionário e fomos na comunidade de um dos meninos para ver se as pessoas conheciam as ONGs relacionadas, se as pessoas se interessavam em participar da política local, como viam as ações dessa política maior... Os meninos curtiram muito! Foi um trabalho de um ano, porque era um contrato fechado, mas foi bem bacana! Os alunos, os professores, tudo muito legal e uma experiência bem diferente...

Posso dizer que tenho uma experiência bem diversificada! E depois trabalhei numa escola de crianças especiais! Para completar! Eram todos os tipos de deficiências! E todos os alunos tinham algum tipo... Intelectual, física, tudo! E foi muito louco! Ver o ser humano nesse lugar... E também tem outra coisa: os caras não têm filtro! Se acontecer alguma coisa vão te xingar... Quando entrei lá, tinha coincidentemente uma menina da Sociais que falou: "Do jeito que você é sensível como te conheço, talvez fique meio preocupada se algum aluno te xingar"... Essas foram as boas vindas! Mas tudo bem, vamos lá! Fiquei dois anos e meio e foi muito legal! Conhecer as crianças, conhecer o humano, como pensam... No último ano, peguei alunos praticamente da escola inteira, dos dez anos até os que estavam se formando. Fiz um projeto muito legal com o professor de filosofia para preparar os alunos para o mercado de trabalho, para eles começarem a pensar sobre que profissão queriam, que habilidades tinham, para se conhecerem, se olharem, para pensar no futuro. Foi muito legal! Gostei demais!

De lá fui para a escola onde estou há quatro anos... Mas é muito diferente! Tem muita pressão! É uma escola grande, de gente que tem grana... Mas, a escola tá rolando de perder aluno, a diretora está surtando... E ninguém fica bem quando a diretora surta... Então não sei quanto tempo vou ficar. Se descolar outro trampo saio, senão fico por lá...

Bom, mas antes do meu ex-marido, eu fiquei com uma galera, mas não namorei. Não conseguia me deixar amar, sabe... Não rolava... Ficava com a galera, mas nas poucas oportunidades que rolou de namorar, pulei fora...

Sou leão com touro e escorpião... Mas sou tranquila... Na verdade, um dos lances que podia rolar namoro, o cara namorava uma menina e terminou. No dia que a gente ficou, ele contou que a menina estava grávida, mas ela ia abortar. Só que eu não dei conta! Falei: "A menina está grávida, vai

abortar e eu vou começar a namorar com você?”. Não vou conseguir! Aí eu pulei fora! No meu emocional, ia achar que era uma bruxa! Foram casos assim ou que eu não curtia o cara o suficiente, essas coisas...

Conheci o pai do meu filho no cursinho. A gente começou a se aproximar, formamos um grupo que começou a se organizar para ir em manifestações, ficamos próximos de grupos anarquistas e isso foi nos aproximando... Lembro que a gente ficou antes da primeira manifestação, mas essa questão foi o que nos aproximou... Começamos a namorar e depois poucos meses eu engravidei.

Primeiro ficou a discussão eu falando que queria abortar e ele dizia que não, que queria que eu tivesse, que seria muito legal, essas coisas... Falei: “Você vai encarar?”. Ele disse que ia. Então, vamos aí! Mas nosso casamento foi uma merda! A gente se separou de casa, mas continuou namorando. Eu tinha medo de me separar... Tinha umas questões emocionais que eu não dava conta, o cara não era muito delicado, enfim... A gente continuou namorando e nessa eu engravidei de novo! Aí eu falei: “Não!” E ele: “Vamos, *vamo* aí...” Falei: “Não, nem ferrando! Outro filho com você? Nem a pau!” Aí ele ficou muito puto!

Foi um horror esse lance do aborto, *meu*! Fomos lá, só eu e ele. Uma amiga perguntou se eu queria que ela fosse junto, mas eu disse que daria conta. Nossa, ele ficou puto comigo! Puto! Aí, foi foda! Mas foi a melhor coisa que eu fiz! Apesar do cara ter surtado e tudo mais... Nosso filho era super novinho e o cara não era firmeza como pai. Até hoje não é! Quando vi aquilo tudo... O pai já não é pai de verdade, doidasso! Não vou me prender ainda mais! Porque filho prende, cara! Então, não! Não quero, não rola!

Quando engravidei a gente foi morar junto. Minha sogra tinha um apartamento fechado, então foi esquema! Eles tinham alugado uma ou duas vezes e os inquilinos detonaram o apartamento! Então deixaram fechado e a gente foi morar lá.

E era um lugar prático, perto de tudo, super esquema! Minha mãe e minha sogra ajudaram a bancar porque a gente não trabalhava... Quando começamos como estagiários ganhávamos 300 contos, não dava para pagar as contas da casa porque estagiário é isso aí, né! E mesmo depois que parei de amamentar e voltei, a gente ganhava isso, o que é ridículo! Então, a gente não bancava a casa, quem bancava era a família, que por sinal foi muito bacana de verdade!

Quando fiquei grávida a primeira vez, minha mãe me deu uma bronquinha clássica, né... “Em pleno século XXI, com todos os métodos anticoncepcionais!” A gente teve que ouvir, porque era verdade... Mas, a merda já estava feita, então *vamo* aí! Rolou uma força-tarefa ali... O pessoal da família dele nem deu bronca! A mãe dele é muito mãe demais! Nessa parte foi mais que tranquilo! Enquanto nossa casa não estava pronta, peguei um dinheiro que guardava desde a adolescência para reformar a casa, o pessoal ajudou dando os móveis, o essencial para a gente morar...

Meu pai não conhecia meu namorado e ficou sabendo com a notícia, mas foi tranquilo! Foi engraçado: “Bom, é o que temos, né, minha filha...” Isso que é louco! Meu pai fez um monte de cacada, mas nessas horas ele segurou a onda e foi muito legal!

Quando eu fiquei grávida, até pensei em abortar, mas eu era apaixonada por ele, então falei: “Tá legal! Você vai ser um pai legal? Então vamos!”

No segundo caso foi diferente! Resistência dele até o fim! E eu também! Mas nessa hora é a mulher que decide! O cara não tem muito poder nessa hora. E foi meio isso que rolou... Fui a uma clínica clandestina... Uma amiga conhecia umas minas feministas e elas me indicaram, me deram o contato desse cara que, inclusive, dei para outras pessoas...

Cheguei lá, o cara deu a anestesia e foi assim “puft”, beleza! Acordei, já estava zerada! Então, nem sei o quanto

isso afetou ou não o meu corpo. Até cheguei a ir ao ginecologista depois e aparentemente estava tudo bem! Mas... Tipo, nunca mais engravidei... E eu e meu marido atual não usamos método anticoncepcional nenhum! Então, a gente não sabe... Também não vou muito ao ginecologista, sabe...

Mas como agora estou no projeto de engravidar, irei! Ainda não tinha definido que iria engravidar. Puxa, começar tudo de novo! Meu filho cresceu, estou quase independente... Rolou, inclusive, uma pressão da escola. Porque esse ano eu engravidei e tive um aborto natural... E a escola ficou sabendo, porque contei para a coordenadora, que contou para a diretora e aí lascou! Eu ia pegar um projeto maior ano que vem, aí a diretora colocou em mim e falou que tinha ficado sabendo da gravidez e se eu quisesse mesmo engravidar não daria para pegar o projeto. Falei: "Quer saber? Quero engravidar!" Aí rolaram outras coisas na escola e eu talvez nem fique. Mas já passei no ginecologista e agora estou super "in"...

No lance do aborto, a clínica em si foi tranquila! Mas, ele surtou!! Deslocou meu maxilar e tudo! Isso é algo que ninguém sabe! Ninguém! O cara surtou geral! Me deu um monte de soco! Ficou puto comigo! Na hora que a gente saiu da clínica, me trancou no carro e *poft!* Fiquei com a perna toda roxa! Me deu um monte de beliscão! Nossa, foi horrível! Foi muito difícil! Por isso que quando me separei, a gente não conseguiu se separar de verdade... O cara é muito doido! Imagina se eu não fizesse o que ele queria! Então, eu fiquei, entendeu...

E não era a primeira vez que acontecia... Mas dessa vez o cara passou um pouco mais do ponto do que ele costumava fazer... Foi muito, muito difícil!

Nessa época, a gente já estava separado de casa. Ele morava com alguns amigos. A gente ficou mais um ano e meio junto até quando ele deu mais uma dessa, eu falei: "Chega! Já deu! Tomei muita porrada!" Demorou muito, mas na hora foi! Pelo menos isso...

Quando me separei, fui morar com minha avó... Meu pai colocou ela para morar lá pra eter contato com meu filho Minha avó estava muito velhinha, desencanada de viver... Quando meu tio morreu, ela sofreu muito! E justo ela que era uma mulher forte, virou um fiapinho de gente... Dava dó de ver... Fui morar com ela, enquanto meu namorado morava com essa galera.

Quando me separei, uma amiga também se separou... Eu já tinha a casa onde moro hoje, porque minha mãe, quando vendeu a antiga casa, deu uma grana para cada filho. Tinha essa casa, mas estava alugada para bancar as coisas na casa da minha avó. É uma casa bonitinha e está ainda mais agora que reformamos...

Vim morar com uma amiga que tinha um filho um pouco mais novo que o meu e que se davam super bem! Foi super legal! Moramos um ano e meio até que comecei a namorar meu atual marido... Minha amiga estava achando a casa pequena e queria mudar para uma maior. Mas essa já era minha, pô! Sair daqui pra pagar aluguel não fazia sentido! Ela colocou o irmão dela na jogada para morarmos os três, mas eu já estava enroscada com meu namorado e falei que ficaria aqui mesmo e que ela se sairia bem... Ela entendeu super de boa e foi morar com o irmão...

Aí, pedi meu marido em casamentooooo!!!! Olha só! Estamos aqui há oito anos... Ele é um cara muito legal! Outra pegada! Um cara macho, forte, até ogro... Mas, super sensível! Isso é muito louco! E o outro, metido a sensível era o verdadeiro ogro! Vai entender...

Agora, falar do meu filho... Ele é um fofo, cara! Minha casa é povoada pelos quadros dele! Quase um artista plástico! Tenho uma máscara que ele fez com os amiguinhos com cinco anos de idade!

Tem várias coisas bacanas de filhos, né... Uma é essa do amor sempre! É muito amor, muito gostoso! Mesmo nessa

idade mala que ele está agora... Uma coisa muito louca de ter filho é que é um tapa na cara todo dia, né... O que você é reflete no filho... Quando ele faz uma coisa que você não gosta, mas faz, você olha e “puta que pariu!”... Dói até o estômago! Você percebe que precisa mudar necessariamente em você mesmo! Uma terapia nada leve!!! Essa coisa de ter filho é muito legal porque abre a possibilidade de se olhar de outro ângulo e perceber o que é preciso melhorar de verdade. Isso foi e ainda é muito importante!

Mas, nesse lance todo eu tive que dar conta das minhas coisas e ainda dar bronca no cara! Um saco! Uns dois anos atrás ele começou a reclamar que o pai não perguntava nada, não sabia nada da vida dele... Eu tentava passar um pano, mas a reclamação era recorrente! Tive que ir conversar com ele! Mas ele dizia que tinha que relativizar porque sabia dela pelos outros! O que acontece no fim de semana deles? Meu filho fica com a mãe dele e isso o cara não consegue enxergar! E eu falo: “Seu filho quer você! Não adianta outra pessoa!” Ele tenta argumentar e é um inferno! Mas o recado foi dado!

Ele tinha se separado da mulher com quem ficou casado uns anos e disse que estava se recuperando... Falei: “Meu, quando a gente se separou, você estava aí fazendo sua vida com a galera, eu não deixei de ser mãe! A gente não pode deixar de ser mãe e pai por qualquer coisa...” Ele falava que eu não entendia, mas para mim o recado estava dado!

Depois disso, ele começou a perguntar umas coisas e pensei que tinha surtido efeito! Fiquei feliz! Surtiu o efeito... O cara foi resistente na minha frente, mas na hora fez o certo! Passou um tempo, nosso filho voltou a reclamar... “Meu pai se tranca no quarto, só sai para jantar... Fica no Facebook o tempo todo e não conversa comigo...” Eu nem sabia o que dizer... Nessa idade, ele já se liga nas coisas... Eu falo que meu pai também era meio assim para amenizar, mas ele fica chateado... Fala que quando ele sai pra rua está super feliz, mas

em casa é mal humorado, *deprê*, não quer saber de nada. Ele é assim! E a criança se ligou nisso... Não sei o que falar nessas horas... Meu filho falou que ele só é bacana em público para os outros saberem que ele é legal. Na escola, ele abraça, finge que é super pai, mas é só chegar em casa que está pouco ligando. É muito triste!

A cada quinze dias eles passam o final de semana juntos. Ele está morando com a mãe, que é super querida, gente boa e cuida dos netos, porque ele tem mais dois filhos.

Parece que ele é mais presente com as meninas. Conversando outro dia com meu filho, ele falou que o pai leva as irmãs ao médico e tal e eu disse: "Isso acontece porque a mãe não leva. Como eu sempre fiz isso, para ele foi confortável nessa parte. Não é que ele goste menos de você. Tem que entender que a relação é um pouco maior e não tem a ver com gostar ou não". Não quero que ele – por mais tosco que o pai seja – o enxergue como um pai que não gosta dele, né...

Isso tudo é muito louco porque conforme ele foi se ligando das cagadas do pai, foi se deixando levar pelo meu atual marido. Antes, não falava pra ele "eu te amo" e agora fala. De vez em quando, mas fala... É que a gente sempre foi muito "*grudinho*", então falamos o tempo todo "te amo", a gente é muito amorzinho mesmo... Mas ele precisou desse tempo para conseguir. Tento conversar e falar que não precisa transferir o amor, dá para gostar de duas, de várias pessoas, porque nosso coração é super grande!

Só que ele tem o pai dele e isso a gente conseguiu preservar bem. Acho muito importante! Nunca ia deixar que se esquecesse disso. Mas aqui em casa a gente brinca que somos os pais dele e às vezes ele fica meio puto... É até engraçado! Ele fala: "Eu tenho pai, viu!". Eu falo que sei disso, mas que aqui em casa ele é nossa filhinho...

Perdi a virgindade com o pai dele aos 19 anos! Não queria perder a virgindade com um cara que não fosse meu

namorado, mas também não conseguia ficar com nenhum para namorar, então fui enrolando... Quando contei pra ele que era virgem, ele quase riu da minha cara! "Você virgem? Nem a pau!" Falei que era mesmo e quando a gente transou até tive um sangramentinho. Nem toda mulher sangra, mas comigo rolou e aí, ele disse: "Meu, é verdade mesmo! Essa cara de safadinha esconde tudo!" Foi engraçado isso...

Quando engravidei pela segunda vez, acho que por ser bióloga, isso não mexeu com meu emocional na época. Estava precisando tanto de uma estabilidade emocional que era algo necessário, senão ia surtar de vez! Foi complexo depois, agora por exemplo, porque penso: "Será que o aborto mexeu com meu sistema reprodutor e isso está influenciando o fato de não conseguir engravidar?" Essas coisas mexem com a nossa cabeça, a gente fica pensando... Quando vou ao médico, minha mente fica funcionando... Mas a decisão em si não foi complicada. O difícil foi o embate, ter que aguentar e falar, insistir que ia fazer sim... Essa parte para mim foi a mais difícil!

Não acredito em nenhuma religião. Sou batizada na Igreja Católica, mas meus pais nunca foram de ir à igreja. Meu pai, depois de algum tempo que tinha se separado da minha mãe virou crente e tudo mais, mas já estávamos muito afastados. A gente teve umas tretas na adolescência... Então, não segui nenhuma religião. Minha avó materna sempre foi meio hippie, foi para a Índia e lugares diferentes para conhecer outros tipos de coisas, fez cursos para conhecer religiões diferentes, então em casa sempre foi uma coisa meio "existe uma energia que a gente chama de Deus", que eu falo que é a energia da natureza, do Cosmo, mas não tem nada pré-determinado.

Talvez isso tenha facilitado minhas escolhas, até porque dou aulas de reprodução e sexualidade na escola. Outro dia, estávamos conversando sobre a questão do aborto, o que é um aborto natural, porque falávamos da questão dos cromossomos

e que o feto não consegue se formar e, então, acontece o aborto natural. E a mãe de duas alunas gêmeas, que trabalha na escola, perdeu um filho esse ano, um aborto natural como o que eu tive, e falamos disso... Falamos também sobre outros tipos de aborto, levei alguns dados sobre a situação no Brasil. Falei que como o aborto não é legalizado, não sabemos de fato o número, mas que é alarmante! Foi muito louco! A gente começou a conversar e um tempo atrás tinha comentado com alguns deles sobre o fato de como não é legalizado, algumas mulheres usavam agulhas de tricô, o Citotec, que era um remédio para o fígado. Falei para eles que esta questão do aborto é muito delicada porque temos que pensar que existem mulheres abortando e não podemos fingir que não acontece. Aí uma aluna falou: "Mas aí está matando uma vida!". Falei que entendia que existe essa questão da religião e que essa é uma das coisas que impedem que a discussão avance. Além disso, tem duas questões: se a gente deixa o filho viver, às vezes a mãe perde a vida neste jogo. E também, a mina quando vai tentar algo que dá errado, pode ser trágico, as pessoas morrem tentando abortar e isso precisa ser balanceado. É muito louco! E a religião faz parte desse olhar. Como sou bióloga e não tenho nenhuma religião, penso diferente.

Mas minha irmã, por exemplo, é meio do contra, e demorou quase dez anos para engravidar, desde que casou, e ela foi numa mulher meio xamânica que disse que ela não conseguia engravidar porque na vida passada ela tinha abortado. Isso já cria um lance de culpa, de que isso é pecado e vai acarretar em outras vidas... Ela me contou tentando ser delicada porque sabia que eu já tinha abortado, mas é muito complicado...

Nunca contei para a minha mãe... Uns quatro anos antes, meu irmão tinha uma namorada que engravidou e eu ajudei a bancar o aborto. Minha mãe dava dinheiro pra gente sobreviver e eu não gastava, guardava... Tinha uns reais e,

na época, falei: “Tó pra vocês”... Aí, quando precisei, recorri ao meu irmão. Falei: “Agora eu que estou precisando...” Acho que minha mãe tinha percebido que eu estava grávida... Ela comentou com meu irmão no Natal e, olha que doido, porque ela já não gostava do meu namorado, então ferrou, né...

Que ela sabe, ela sabe, mas a gente nunca conversou sobre isso... Meu irmão sabe porque também já viveu essa situação, então foi mais tranquilo. Ele não olhou feio, nem achou esquisito. Com a minha irmã já foi mais difícil, mas...

Hoje parece que está mais público esse assunto... Hoje mesmo falou disso no jornal... A Argentina está debatendo e outros países estão nessa discussão também...

Quando vejo ou ouço algo sobre isso para mim é *sussa*... Porque minha decisão foi certa, para a vida! Não me sinto mal, pelo contrário! Penso na sorte que tive por ter a oportunidade de fazer numa clínica, com o procedimento correto. O que me incomoda é saber que as pessoas precisam poder ter acesso a isso... Tive oportunidade porque tinha dinheiro e um pessoal que me ajudou!

Na época devo ter pago uns mil e quinhentos reais. Não lembro bem porque já faz uns onze anos. Acho que hoje deve estar uns cinco mil, sei lá...

Quando saí da clínica, ele ficava falando que ia denunciar o médico e eu falava: “Meu, você tá louco! A gente vai morrer!” Na ida ele não surtou, mas tentava me persuadir... Eu não falava nada, estava triste pela situação toda... Mas, na volta ele surtou geral e ficava falando em denunciar e eu pensando que as minas foram super firmeza de descolar o cara...

A clínica era aparentemente comum, de médicos, super clínica! Perto da Paulista, super bonita e tudo mais! O cara até chegou a ser preso uns anos depois, mas deve ter sido solto, não sei... O lance da ilegalidade é muito complicado... Tem o lance de ajudar pessoas, mas também o fator negócio, né...

Depois disso tudo, tive um aborto espontâneo... Bom, minha menstruação atrasou, aí fiz o teste de farmácia e deu positivo. Legal! Liguei pra minha mãe, pra sogra, todo mundo... Uma semana depois comecei a sentir uma dor tão forte que fui ao médico, no Pronto Socorro. Falei que estava grávida e queria saber se podia tomar qualquer remédio, essas coisas... O cara em momento nenhum levantou a hipótese de eu estar abortando! Ele me deu um remédio qualquer para dor e meia hora depois estava urrando de dor de novo. Falei que estava sentindo muita dor! Ele falou para fazer ultrassom e passou um Tramal! Falou que aparentemente não era nada, para eu ir para casa...

Quando cheguei em casa, falei para a minha mãe e ela me disse para ligar para o médico da família, que é vizinho da minha avó. Fui até lá e ele disse: "Sinto lhe informar, mas acho que você está tendo um aborto". Disse para ir a outro hospital, onde tinha ginecologista de plantão e o pessoal foi super gente boa comigo. Fiz o exame que indicou que ou eu tinha acabado de engravidar ou estava perdendo...

Estava grávida de bem pouco tempo... Lá disseram que eu tinha que voltar depois de uns dias... Fiz um ultrassom intra-vaginal e a médica falou que conseguia ver que tinha ocorrido a ovulação, mas não tinha formado nada ainda, então precisava esperar... Voltei quatro dias depois porque a médica, que era super gente boa, me falou o dia de plantão dela e fizemos novo exame. Com o resultado, ela disse: "Sinto informar, mas você está perdendo mesmo..." Alguns dias depois menstruei e foi isso... Foi meio triste, na verdade... Quando finalmente arrumei um marido muito legal, bacana, que seria um puta pai, e sei disso pelo jeito que ele cuida do meu filho, aconteceu isso...

Mas vai rolar! Agora tenho que ver o lance do trampo... Mas, como professora, meu maior desafio é plantar o respeito por todas as formas de vida e comportamentos. Se conseguir

isso, tá bacana... Sobre essa entrevista, só posso dizer que falei o mais importante, que é a questão do sentimento...

Valéria

Para mim foi um momento de muito sofrimento! Apesar dessa dor, posso dizer que não me arrependi... Mas também não sei se quase não morri...

Nasci em Jundiaí, onde fui criada e moro até hoje. Na verdade, saí da cidade só o tempo em que fiz faculdade na USP, quando fui morar em São Paulo, um tempo de cinco ou seis anos. Voltei porque passei num concurso público.

Em Jundiaí sempre morei na mesma casa. Uma casa própria que fica num bairro bem legal, bem localizada. Minha casa era em frente a uma pracinha e minha infância é muito saudosista porque naquela época não tinha ainda certas preocupações com a violência urbana como agora. A gente brincava na rua sem problema nenhum, eu tinha muitos amigos e amigas...

Sou a caçula de três irmãs... Nossa diferença de idade é de dois anos para cada uma. Hoje tenho 32... Sempre moramos na mesma casa, mas agora somos só eu e minha mãe, porque minhas irmãs são casadas e moram com os maridos. Sou a única que não casei, ainda, mas tenho um namorado e pretendemos nos casar.

Meus pais se separaram quando eu tinha uns dez anos mais ou menos. Apesar de novinha, eu achei ótimo, pois como eles brigavam bastante, a separação foi algo bom. O casamento já estava péssimo, então lembro que não senti nenhuma tristeza, pelo contrário. Acho que foi bom para eles e para nós, que sofríamos com as brigas deles! Logo depois meu pai se casou novamente e agora tenho um irmão de 19 anos por parte de pai.

Minha relação com meu pai sempre foi muito próxima, mesmo depois da separação! Ele pegava a gente aos finais de semana e, inclusive, nos demos muito bem com sua esposa e a família dela. Íamos sempre à casa da sogra dele almoçar de domingo! Agora estamos mais distantes, mas por conta do tempo mesmo, pois a vida é uma correria! De qualquer forma, continuo vendo sempre que posso meu pai, meu irmão, temos uma relação bem legal! Minha mãe não se casou novamente, ela teve vários namorados e agora está com alguém há uns cinco anos, mas não concretizou casamento, só namoros mesmo...

Sempre estudei em escola pública, mas mudei de escola quando fui para o Ensino Médio. As duas escolas eram próximas de casa, então sempre fui e voltei a pé, o que era bacana, porque ia com os colegas... Nunca fui muito estudiosa e era até um pouco "bagunceirinha"... O que é uma contradição engraçada, já que hoje sou muito estudiosa.

No terceiro ano do Ensino Médio "tomei juízo do nada"! Quando vi que queria fazer uma universidade e que teria que ser pública, porque não tinha dinheiro para pagar uma particular, que era muito cara – além de que não existiam programas governamentais como agora – comecei a fazer cursinho pré-vestibular ao terminar o Ensino Médio... Na época não era tão caro como agora e ainda consegui uma bolsa de desconto na mensalidade, que já ajudava bastante! Meu pai e minha mãe dividiam o valor da mensalidade e eu fazia o cursinho à tarde, mas acordava às sete da manhã para ficar estudando para o vestibular e de noite lia os livros de literatura que iam cair nas provas... Fui muito responsável, pois hoje vemos jovens que estão no Ensino Médio e que não têm essa preocupação de estudo, se não existir um incentivo familiar. Lembro que na época fui eu que organizei tudo: procurei o cursinho, fiz a prova de bolsa, pedi a ajuda financeira aos meus pais, depois fui atrás de isenção nas provas dos vestibulares, e me dediquei muito aos estudos para passar nas provas.

Inicialmente, prestei Geologia... Em 2001 passei na UNESP de Rio Claro. Quando fui fazer a matrícula, lembro que meu pai me levou no primeiro dia e já fui procurar uma república para morar. Lá o aluguel era barato e o custo de vida da cidade era muito baixo, o que foi excelente! Morei com três garotas numa casa simples, sem luxo, mas lembro que era realmente muito barato! A faculdade lá era muito bacana e linda! A cidade pequena, com muitos estudantes e tinha festas de quinta-feira, o que era muito legal! Comecei a participar das festas e foi a primeira vez que bebi bebida alcoólica, como cerveja e drinks. Chamo a atenção para esse fato, porque hoje também vemos a juventude começar a beber muito antes...

Tudo estava bem, mas não gostei muito do curso... As disciplinas não eram "a minha cara". Foi quando uma amiga comentou que estava aberto o processo de transferência para Geografia na USP e como tinha comentado que não estava gostando do curso e curti Geografia, fiz a inscrição nesse processo. Lembro que tinha duas fases: a primeira era pela Fuvest e a outra tinha que fazer uma prova dissertativa. Foi aí que li autores da Geografia pela primeira vez.

Dei uma lida e deu certo! Meu pai que me trouxe dessa vez também, para fazer a prova e para fazer a matrícula. Lembro que tinha que encaixar três disciplinas que tinha feito em Geologia com as da Geografia para poder fazer a transferência. Na época a diretora do departamento olhou meu currículo e, sem muita burocracia, selecionou algumas! Estava dentro! Então, em 2002, vim para a USP!

Minha primeira experiência sexual foi com 16 anos... Hoje, penso que era muito nova, uma criança ainda! Mas, era um pouco conservadora. Quando ficava com os meninos, não deixava ninguém "passar a mão em mim". Só podia beijinhos! Um dia fui para uma chácara com uma amiga muito querida da escola e teve um churrasco... Lá conheci um mocinho que devia ter uns 20 anos e era muito lindooo! Foi chocante! Fiquei

a primeira vez com esse carinho e aconteceu tudo! Antes não deixava acontecer nada com nenhum dos outros meninos... Com ele foi a minha primeira vez... Sem romantismo nenhum! Mas, não me arrependi...

Lembro que ele usou preservativo. Mas eu era muito consciente sobre gravidez, DST, essas coisas... Minha consciência vinha das revistas que a gente lia na época, *Capricho*, *Atrevida*, pro público adolescente, que não sei se eram semanais ou mensais, mas comprava todas! E o que eu sabia vinha daí, davam informações bem bacanas.

Depois tive um namorado que fiquei por cinco anos e ele era mais velho... Eu tinha 16 e ele uns 22 anos. Começamos a ter relações, claro, e sempre tive esse cuidado de usar camisinha... Lembro que depois da minha primeira relação fui ao ginecologista... Muito por causa das orientações dessas revistas, porque minha mãe e mesmo minhas irmãs, que eram mais velhas, não conversavam esses assuntos comigo... As revistas falavam que depois da primeira relação precisava fazer exame Papanicolau e marquei sozinha minha primeira consulta... Comecei a tomar pílula, mas como esquecia, passei para a injeção... Depois de um tempo voltei para a pílula...

Em São Paulo, já sabia que o aluguel era mais caro que em Rio Claro, então minha alternativa era o CRUSP, que é a moradia oferecida pela universidade aos alunos de baixa renda. Foi então que uma amiga, que conheci no primeiro dia de aula da Geografia e que hoje é muito querida, me levou para conhecer o apartamento de uma amiga dela que morava no CRUSP. Eu não sabia como era e achei o máximo porque muitas pessoas falavam mal do lugar, que era sujo, perigoso, essas coisas. Mas eram quartos individuais, com cama, armário, escrivaninha e tudo de graça pela universidade! Já quis uma vaga e realmente precisava!

Aqui inicialmente fiquei em alojamento do CRUSP, porque existe todo um processo com assistente social para

conseguir a vaga, que deve demorar alguns meses. Na primeira semana de aula eu vinha de ônibus fretado de Jundiá e depois fiquei no alojamento, que era um quarto coletivo, com umas dez pessoas, homens e mulheres, todos estudantes esperando sair o resultado da moradia. Quando saiu o resultado, consegui! Fui morar com um dos colegas de alojamento, que também conseguiu a vaga, e mais uma moça, fiquei ali durante cinco anos. Todos os moradores eram muito responsáveis, estudiosos, organizados, respeitosos, mas, no final eu já não aguentava mais! É um espaço pequeno, você pode ter uma geladeira, um micro-ondas, mas não tem muito conforto ou mesmo estrutura de estar perto de uma padaria, de uma farmácia, de um ponto de ônibus aos finais de semana...

Sempre voltava para a minha cidade de sexta-feira, às vezes até quinta-feira, quando conseguia concentrar as disciplinas, raramente ficava em São Paulo aos finais de semana. Não compensava ficar aqui porque gastava muito com a comida, saía mais caro que as passagens! Durante a semana, tinha uma bolsa alimentação, ou seja, podia comer sem pagar no restaurante universitário, o popular "bandejão", mas também não queria "bandejar" no almoço e na janta, pois se tornava enjoativo, então acabava tendo gastos com a comida, mais os gastos das passagens de ônibus para ir e vir de Jundiá, os gastos com xerox das leituras da disciplina, tudo era dividido entre meu pai e minha mãe, mas eu vivia mesmo bem apertada aqui. Além disso, não queria ficar pedindo muito dinheiro para eles todo mês, porque eles não tinham uma renda alta, então evitava os gastos tanto quanto podia...

Mas a mudança de curso foi tudo de bom! Adorei fazer Geografia. Senti um choque porque em Rio Claro era bem diferente! As pessoas aqui eram muito apressadas, então não tive um círculo de amigos como lá... Aqui, acabava a aula e todo mundo saía correndo! Eu fazia umas disciplinas de tarde e outras à noite... Apesar do choque, adorei o curso em si! E a

cidade, eu também gostei muito, principalmente a parte cultural de museus, exposições. Na verdade, quase não saía da universidade, algumas vezes que saía era para esses passeios.

Quando vim pra São Paulo, tinha meu namorado de Jundiaí, então só nos víamos de fim de semana. Depois, acabei conhecendo um rapaz aqui muito legal que também morava no CRUSP e como meu namoro lá já não estava “dando muito certo”, terminei o namoro... O rapaz daqui era muito bacana, mas depois de um tempo a gente brigava bastante por causa de ciúmes, mais da parte dele, e acabou não dando certo também...

Desde que entrei na faculdade, sempre procurei trabalhos. Já havia tentado “bolsas trabalho” oferecidas pela universidade desde o primeiro ano do curso, mas nunca consegui. Estágios, quase não tinham... Surgiu um projeto em Jundiaí, do Governo Estadual para trabalhar em um supletivo de final de semana, e comecei a trabalhar lá de sábado e domingo o dia todo. Não ganhava muito, mas já ajudava no meu orçamento... Depois, aqui em São Paulo também trabalhei alguns meses em um bar famoso de rock, pegando os nomes das pessoas na entrada, que foi uma colega do CRUSP que me indicou. Foram os únicos trabalhos que tive durante a faculdade, mas sempre bicos... Eu precisava muito trabalhar!

Depois de brigas com meu namorado da época, acabamos terminando. Em uma festa acabei ficando com o meu atual namorado, que até então já era meu amigo... Foi com ele que tive a experiência do aborto... Nunca tinha pensado na gente como casal... Ele morava como hóspede no meu apartamento do CRUSP e acabou ficando por lá... Todo mundo sempre o adorou. Ele é uma pessoa muito legal, muito engraçado! A gente acabou ficando, mas bem depois dele já ser morador... E começamos a namorar.

Não sei quanto tempo depois de namoro, a gente já não estava tomando muitos cuidados com relação à gravidez...

Como nas minhas relações anteriores, sempre esquecia de tomar o remédio, passava meses sem tomar e depois começava de novo, e com ele foi a mesma coisa, cheguei um momento que parei de vez... Achava que não ia engravidar... Olha que idiota! De onde tirei essa ideia?!

Ficávamos naquele método do coito interrompido, até que um dia acabou acontecendo... Desconfiei porque a menstruação atrasou... A gente usava esse método e sempre passava... Bem irresponsável mesmo! Não cheguei a tomar nem a pílula do dia seguinte, porque estava naquelas de que não ia acontecer nada, totalmente despreocupada... Totalmente irresponsável! Diferente de quando eu tinha 16 anos!

Estava com 24 anos e quando desconfiamos lembro que nem quis fazer o teste de farmácia que, na época, falavam que era duvidoso. Fui direto ao hospital universitário e o resultado do exame de sangue foi positivo! O resultado saía no mesmo dia. Quando a médica viu minha cara de decepção, até tentou dar uma força, dizendo que eu estava numa idade bacana e que poderia ser bom...

Meu namorado tinha ido comigo fazer o exame, mas ficou esperando lá fora... Quando saí e ele viu minha cara de decepção, fomos para longe das pessoas e eu chorei... Chorei, porque não queria ter um filho naquele momento. Já tinha até falado para ele que eu queria "tirar", se fosse positivo o resultado...

Naquele mesmo momento falei isso novamente e ele não se contrapôs. Ele apoiou, porque também não queria... Não tínhamos condições financeiras! Os dois eram estudantes universitários, vivendo da renda dos pais... A gente já tinha ouvido falar daquele remédio Citotec e a questão era como arrumá-lo! Ele conversou com uns amigos da faculdade e um deles falou que conseguiria, porque trabalhava em hospital...

A gente pagou a quantia que ele pediu e pegamos o remédio... Fui tomar ele no CRUSP, porque não queria que

ninguém da minha família soubesse! Lembro que ainda tomei um chá, feito por uma amiga, que me fez passar muito mal! Vomitei muito! Era um chá abortivo que, teoricamente, ajudaria, mas passei mal e vomitei muito! O remédio não fez nenhum efeito! Não sei se fiz errado, se o remédio era falso ou se deu errado porque vomitei, mas, enfim, não fez efeito... Não lembro nem se o remédio vinha em uma caixinha... Era tanta ansiedade! Não parecia algo falsificado quando compramos. Achei muito estranho não fazer nenhum efeito, nenhuma cólica, nada... Só fiquei vomitando, por causa do chá...

Então decidi que deveria contar para minha mãe... Teria que contar porque não queria mesmo ter um filho... E foi muito difícil arrumar esse dinheiro porque era caro e a gente vivia "muito duro"! Nessa época não estava mais nem com aqueles bicos, tinham acabado e era meu último ano de faculdade... Estava fazendo só a Licenciatura, sem emprego nenhum. O mesmo acontecia com meu namorado, que estava fazendo a faculdade aqui e a mãe dele que ajudava, mas sem conseguir estágios, nada.

A situação era realmente muito apertada financeiramente e decidimos que não era o momento. Conteí para a minha mãe e disse que não queria ter um filho, essas coisas... Ela apoiou que eu abortasse, aliás, foi uma conhecida dela que arrumou outro remédio... Era o mesmo Citotec, mas dessa vez eu teria que tomar um via oral e o outro deveria inserir na vagina, coisa que não fiz da primeira vez...

Tivemos que pedir dinheiro emprestado, pois nem pra isso tínhamos dinheiro, imagine para ter um filho! Meu namorado pediu para o irmão dele, porque a gente não tinha, e eu falei para a minha mãe. Então, foram duas pessoas da família que ficaram sabendo, mas que não se opuseram. Pelo contrário! O irmão do meu namorado foi correndo no banco tirar o dinheiro e minha mãe ficou desesperada, dizendo que eu tinha que fazer isso mesmo... Dessa vez, acabei fazendo tudo em casa...

Foi uma experiência horrível! De muita dor! Imagino que seja como a dor do parto, não sei! A contração era tão forte que nem consigo explicar! Uma dor muito grande! E ainda solta o intestino, então ficava no banheiro o tempo todo com aquela dor, aquelas contrações, suando muito e saía sangue... Achei que fosse morrer! Foi tão, tão ruim que não gosto nem de lembrar!!!

O pior de tudo é que não acabou aí... Senti que não tinha acontecido completamente... Voltei para São Paulo e fui ao hospital universitário... Não tinha convênio médico e pensei que se fosse a algum hospital público na minha cidade, não seria bem atendida. No HU, por ser aluna, seria melhor atendida... Falei que estava grávida e tinha tido um sangramento durante a noite, aí me levaram para um ultrassom.

Fui atendida por duas médicas super legais, que falaram que eu não poderia mais usar calça jeans, me deram conselhos como se eu fosse ser mãe... Fiquei me sentindo mal, porque já sabia... Fizeram o ultrassom e viram o feto, ou embrião, tinha um mês, não sei como se fala... Enfim, viram que não tinha mais vida. Elas desconfiaram nessa hora que eu tinha provocado alguma coisa, até porque devem acontecer vários casos...

Mandaram-me para uma médica diferente, para fazer outro procedimento com outro aparelho, para ter certeza. Essa médica nem olhou na minha cara, eles ficam muito bravos com isso! Ela nem olhou para mim e falou: "Já tá morto mesmo", e assinou um papel... Pensei até que teria que fazer um teatrinho, fingindo que não sabia, mas ninguém me perguntou nada... Tiraram suas próprias conclusões e estavam certos...

Como não saiu, teria que fazer aquela curetagem, então fui internada no mesmo dia para terminar o aborto. O procedimento era o mesmo que eu havia feito: tomar o Citotec e inserir na vagina, para ver se saía sozinho... Fiquei lá durante a noite, tinha muito sangramento e chorava muito! As pessoas

mais legais eram as auxiliares de enfermagem, que me ajudavam a tomar banho e davam um apoio moral...

De repente veio um médico... O mais escroto dos médicos! Acho que é aquele que vai vendo todos os pacientes... Ele foi colocar o dedo na minha vagina, achei que ia fazer o exame de toque ou coisa assim... Mas estava tão dilatado que ele colocou a mão inteira! Tirou o feto, ou o embrião, e nesse momento eu fechei meus olhos... E ele queria porque queria me mostrar... Ele falava: "Olha aqui seu filho! Olha aqui!". Eu não abri os olhos, não olhei... Mas ele queria me mostrar! Me senti violentada, apesar de ter cometido uma violência... Um lugar onde deveria ter gente preparada, Mas eles abominam quem faz isso...

Para mim foi um momento de muito sofrimento! Apesar dessa dor, posso dizer que não me arrependi... Mas também não sei se quase não morri...

Depois desse procedimento, só então fui fazer a tal curetagem, que é uma limpeza no útero. Tomei uma anestesia geral e apaguei. Não vi mais nada... Quando acordei, estava no quarto. Fiquei num quarto só para mim, porque era aluna da USP. Lá esperei durante um dia até me darem alta. Meu namorado foi me visitar...

Quando decidi fazer o aborto, achei que seria muito fácil! Que eu tomaria o remédio e sairia como uma menstruação. Não pensei que primeiramente não ia dar certo, que depois teria que tentar novamente e que fosse acontecer tudo isso! Não pensei que ia sentir muita dor e ter que me internar no hospital, passar por esses olhares médicos, esses julgamentos, esse risco de vida... Foi uma experiência traumática!

É algo que não fico lembrando mais... Não me causou um trauma assim de ficar sonhando ou pensando nisso. Pelo contrário! Simplesmente apaguei um pouco da minha memória. Tanto que antes da entrevista eu nem lembrava exatamente quantos anos eu tinha... Procurei os papéis do hospital, que

estavam guardados, para ter certeza. Tinha 24 anos e o período entre o exame de sangue e a curetagem deu exatamente um mês de gravidez...

Apesar de tudo, não me arrependi! O principal fator para fazer o aborto foi a questão financeira mesmo. Não era tão nova, mas ainda era sustentada pelos meus pais. Nenhum dos dois ganhava muito bem, que pudessem me ajudar realmente. Sei que um filho gera muito custo... Meu namorado também não trabalhava, era estudante universitário como eu... E também ninguém me incentivou, ninguém com quem conversei falou: "Não faz!"... Desde meu namorado, as poucas amigas com quem falei na época, minha mãe, minhas irmãs... Talvez se alguém tivesse falado alguma coisa, para eu não fazer, tivesse sido diferente...

Esse é um assunto que eu não falo com mais ninguém! Sempre tive o apoio do meu namorado, que falava: "A gente chama ele de novo depois, quando a gente puder...". Com a minha família é um assunto que nunca mais toquei... Até hoje não contei para o meu pai...

Na verdade, é um assunto que quando você não é engajada é diferente... Sei que tem mulheres que fizeram e são engajadas, estão na luta. Eu, pelo contrário, me calo. Mesmo no Facebook, a gente vê o pessoal compartilhando coisas pela descriminalização do aborto e eu sei a importância de tudo isso! Mas é um assunto que me calo, não me posiciono, exatamente porque fiz e sei que tem pessoas que condenam, me sinto julgada...

No meu caso tem pessoas que ficaram sabendo, mas que eu não queria que ficassem sabendo... Por exemplo, quando meu namorado teve que contar para o irmão dele, minha sogra ficou sabendo e contou para a cunhada. Minha irmã contou para o marido, que contou para outras pessoas... Sei que vários sabem e não concordaram, por isso, não me manifesto sobre o assunto...

Quando era criança, frequentava uma igreja presbiteriana, tipo protestante. Eu ia com meu pai... Não fui batizada quando nasci como se faz na igreja católica. Minha família não era católica. Hoje, não acredito em deus e não frequento nenhuma igreja. Mas deve fazer uns cinco anos que não acredito em deus... Não sei dizer exatamente onde foi o corte... Fico pensando... Existem tantas religiões, por que a cristã é a certa? Fico vendo absurdos que acontecem no mundo, o sofrimento das pessoas... Houve um corte que não sei dizer quando, mas não tenho essa crença. Quando tudo aconteceu acho que ainda tinha alguma crença, mas não muita a ponto de pedir ajuda a deus! É complicado...

Agora estou com 32 anos. Recentemente, de uns dois anos para cá, tenho sentido uma vontade, mas pequena, a ponto de ainda não saber ao certo, se quero ser mãe... Pode ser que eu seja mãe, mas não sei... Às vezes a gente vê uns bebês fofos e dá vontade, mas penso que é muito difícil ser mãe... Ainda não é um sonho... Quem sabe daqui uns anos, com tudo bem planejado...

Hoje em dia tomo anticoncepcional certinho. Depois do que aconteceu, fui a uma ginecologista até para saber se não tinha alguma complicação. Não contei que fiz o aborto, mas fiz o Papanicolau e deu normal... Desde aquela época não me descuido mais.

Minha vida sexual voltou ao normal... Mas, logo depois, ainda lembrava do assunto e chorava... De qualquer forma, posso dizer que consegui retomar tranquilamente minha vida. Inclusive, melhorei financeiramente, agora tenho um emprego estável... Não me arrependo do aborto, mas se tivesse acontecido em outro momento, não teria feito... Se eu ficasse grávida hoje, eu teria o filho, com certeza...

É importante dizer que o que falei foi em respeito ao que vejo de importante na pesquisa e ao fato de falar para alguém que me conhece. Se fosse diferente, não seria uma colaboradora.

Afinal, falamos para quem nos ouve. E quando esta pessoa é de nossa convivência e respeito mútuo, é diferente.

Amelinha

Eu fiz um aborto seguro quando vivia na clandestinidade. Hoje, em plena democracia, mulheres morrem por fazerem abortos clandestinos.

Sou Maria Amélia de Almeida Teles, conhecida como Amelinha Teles. Nasci no dia 6 de outubro de 1944, em Contagem, Minas Gerais. No próximo mês faço 70 anos, uma data redonda! Filha de comunista, criada no ateísmo, posso dizer que sou comunista de nascimento! Mas, não demorou muito para me tornar feminista! Afinal, comunista luta contra as injustiças, as desigualdades. Sendo mulher, para chegar ao feminismo não estava muito longe.

Tenho apenas uma irmã, a Criméia. Minha mãe era contabilista e católica, mas não praticante e também não pedia que a gente fosse. Não ia à igreja, embora acreditasse em pecado. Só que entre o bem estar da pessoa e o pecado, minha mãe acreditava que deveria prevalecer o bem estar. Isso era muito claro para ela! Cheguei a vê-la apoiando mulheres que tinham feito aborto. Era comum mulheres fazerem aborto e passarem muito mal. Nesses casos, todo mundo ajudava a socorrer. Era algo muito perigoso para a saúde, enfiavam coisas lá dentro e começavam a passar mal. Minha mãe era uma que dava suporte dentro das suas possibilidades, porque ela não era da área da saúde, mas ajudava como podia. Ela jamais censuraria ou entregaria uma pessoa por isso. Mas, vivia com esta dúvida entre pecado e bem estar, ficava neste “meio campo”.

Comparando com meu pai, ela era mais rígida e moralista, mas, na medida do possível, não interferia na nossa

formação. Na verdade, ela sempre respeitou muito, tanto que era casada com um comunista, alguém completamente diferente. Ela sabia que meu pai era comunista, portanto, fazia coisas que ela não gostava, por exemplo, política. Engraçado que ela não gostava, mas acompanhava e falava para a gente: "Olha, ouvi isto no rádio. Estão comentando tal coisa...". Não era de falar ou participar de atividade política, mas sempre foi solidária comigo e com a Criméia. Apesar de que, no fundo, seu maior desejo era que a gente tivesse uma profissão e fosse trabalhar e não se meter em política. Como era inteligente, ela sabia que não faríamos uma política tradicional, conservadora, apoiada pelo sistema. A gente iria fazer um tipo de política de contestação e, por isso, podíamos sofrer as consequências, muitas vezes violentas... Mesmo assim, sempre nos apoiou.

Quando tinha uns 11, 12 anos, em meados da década de 1950, vi várias campanhas de grupos radicais da igreja cristã, católica, contra o aborto e o divórcio. Eles saíam colhendo assinaturas do povo em praça pública para abaixo-assinados contra a legalização do aborto e contra o divórcio, dizendo que isso era coisa de comunista. Por isso, era preciso guardar a família!

Sempre me interessei por esses assuntos, ainda mais porque sou comunista e como diziam que isso era coisa de comunista, eu precisava saber do que se tratava. Cheguei a discutir esse assunto com o meu pai, que dizia: "Quando uma mulher precisar fazer um aborto, ela tem que fazer em condições de saúde adequadas. É isso que a gente tem que ver e não fazer qualquer besteira." Ele falava até mesmo para eu tomar cuidado! Sobre o divórcio também: "O casamento só faz sentido, evidentemente, se as duas pessoas querem viver casadas. Se não querem, separa! Não tem problema! Vai procurar outra pessoa para viver ou, se preferir, vai viver sozinho!" O meu pai me ensinou isso!

Eu tinha apenas 11 anos, estava entrando no ginásio, e já via que a luta era difícil! Lembro que defendi esta proposta em sala de aula na época. Na década de 1950, apesar do Brasil ter vivido poucos momentos de democracia, ainda assim era uma democracia! Apesar de acharem estranho uma menina de 11 anos defender a legalização do aborto e o divórcio, as pessoas pelo menos suportavam. Quer dizer, este era um debate suportável, embora realmente raro. Acho que eu era uma das poucas... A professora chamava atenção, pedia para eu tomar cuidado. Não que ela discordasse da minha posição. Na verdade, ela tinha medo que eu me manifestasse em outros espaços e fosse reprimida. Era uma forma de me proteger.

Costumo dizer que tenho uma data de nascimento no feminismo: 19 de março de 1964! Eu tinha 19 anos de idade quando aconteceu o Golpe Militar no Brasil. Alguns dias antes do golpe, os militares, junto com a igreja, os latifundiários e os empresários, mobilizaram mulheres para fazerem uma manifestação contra o presidente João Goulart. Falava-se em 250 mil mulheres! Quilômetros e quilômetros de mulheres andando, com os padres e a classe média na frente. Claro que com esse número tinha ali mulheres pobres, negras, faveladas, ou seja, mulheres com as quais eu trabalhava, no sentido de conscientizá-las. Pelo menos eu tinha esta pretensão de buscar conscientizá-las para lutar contra o capitalismo, suas injustiças e desigualdades. Queria mostrar que nós tínhamos o direito de ser iguais, de ter as mesmas condições e oportunidades!

Quando vi naquela passeata as mulheres com as quais trabalhava, fazendo uma manifestação contrária às ideias que defendíamos juntas, fiquei triste, chorei muito! Foi aí que percebi que tinha alguma coisa muito errada com a esquerda. Não sabia ainda dizer o que era, mas havia algo errado! Somente depois percebi que o problema era não ter um projeto político que garantisse um espaço protagonista para as

mulheres. Estas seriam guiadas pela esquerda, mas não sujeitas da sua história.

Infelizmente, quando percebi isto e me identifiquei definitivamente como feminista, não havia muito mais tempo para debater. Na ditadura é assim, não tem liberdade para discutir, as pessoas são perseguidas o tempo todo! Como éramos comunistas, minha família toda foi duramente perseguida, com sequestro, prisão, clandestinidade. A mesma coisa aconteceu com meus amigos, companheiros de militância. Vivia sem saber se chegaria no dia seguinte viva. Esse era o nosso dia-a-dia, nosso cotidiano. Assim foi minha vida durante a ditadura...

Fui presa por duas vezes: a primeira foi logo no início da ditadura, em 1964. Depois, em 1972 fui presa novamente. Nesta ocasião, já era mãe da Janaína e do Edson... Eles foram sequestrados quando tinham cinco e quatro anos! Mas, esta é outra história...

Quando fui presa em 72 fiquei seis meses incomunicável no DOI-CODI e outro período no DOPS. Quando saí da incomunicabilidade, fui para o Hipódromo e, depois, para o Carandiru, que era o complexo penitenciário. Nesta época o presídio Tiradentes, muito conhecido, não existia mais. O lugar foi derrubado para construir o metrô, que teve a primeira linha inaugurada em 1974, que é a linha azul, Jabaquara-Santana. Até 1972 os presos ficaram no Tiradentes. Depois disso, eram mandados para outros presídios, como é o meu caso.

A discussão que se tinha entre as presas políticas não era necessariamente feminista, até porque muitas não se declaravam feministas. Mas, eram feitas discussões, muito poucas sobre tortura e, menos ainda, ou praticamente nada, sobre violência sexual. Com torturado não se conversa sobre isso. Torturado não gosta dessa conversa, é impressionante! Eu achava importante falar, mas respeitava as meninas porque elas começavam a passar mal, então não se falava. E

quando se tocava no assunto, não se falava da tortura sexual. Sobre aborto se falava, afinal é uma necessidade. Mesmo com métodos contraceptivos, se pode ter uma gravidez indesejada. Isso está na cara! É um assunto que toda mulher, mesmo as mais reservadas, precisam falar.

Fiquei longo tempo na clandestinidade e foi nessa época que fiz um aborto. Tive a necessidade de fazer. Tinha dois filhos e era clandestina! Não havia razão para ter mais um filho, eu via que não tinha condições objetivas para criar uma criança. Mal conseguia criar os dois que tinha, imagine mais um! Um companheiro médico fez o aborto em mim em uma casa, com todas as condições e me deu toda a atenção necessária.

Fiz um aborto seguro embora vivesse na clandestinidade! O paradoxo é que hoje vejo mulheres precisando fazer um aborto e tendo que fazer de forma insegura e clandestina, mesmo sabendo que vivemos uma democracia! Ainda assim, o aborto continua clandestino! Algo que deveria ser entendido como um direito humano fundamental é realizado na clandestinidade! No meu caso, o aborto foi clandestino porque eu era clandestina! A vida nos havia empurrado para isto, a ditadura não permitia que fosse diferente. Hoje vejo mulheres enfrentando a mesma ditadura, mas em outro sentido, precisando fazer clandestinamente o aborto e sofrendo gravíssimas consequências!

Este ano, na abertura da Bienal houve uma manifestação de mulheres que fizeram aborto. Eram vários depoimentos de mulheres que não se identificaram, sem suas imagens porque é perigoso. Elas podem ser presas, processadas, criminalizadas. Estou nesta luta há muito tempo! São praticamente 70 anos! Passei a vida inteira lutando e acompanhando a vida do povo, nunca me afastei até por uma questão de ideologia. Por isso, posso dizer com convicção que, na questão do aborto, estamos muito atrasados! Podemos dizer mesmo que retrocedemos! Não se pode tocar na palavra "aborto". E olha que

estamos com três mulheres candidatas à presidência na campanha eleitoral deste ano! Ninguém fala nada! O assunto está literalmente silenciado, interdito, censurado. Que democracia é esta? Nesta democracia, não cabem as mulheres...

Minha luta como feminista está por toda parte. Nos livros que escrevi, nos trabalhos que fiz e faço até hoje. Um dos momentos importantes foi a criação da União de Mulheres de São Paulo. Antes disso, como eu e a Rosalina contamos no livro *Da guerrilha à imprensa feminista*, aquela é parte da nossa história, mas também tem muito da história do feminismo da época, na década de 1970.

Assim como me tornei feminista em 19 de março de 1964, acredito que muitas mulheres se incomodaram com alguma coisa, embora não tivessem voz, nem pudessem se organizar. A vida das mulheres mudou muito rapidamente. Costumo dizer que o Brasil tinha que ser uma grande potência industrial, o maior parque industrial do mundo! Nossa história mostra a grande concentração fundiária, que expulsou a população do campo e a colocou em direção à cidade. Em pouquíssimo tempo, o Brasil se tornou um país urbano e há diferenças enormes entre a vida rural e a urbana! As mulheres são as que mais enfrentam as dificuldades destas mudanças. Uma coisa é ser mãe lá no sertão, onde se tem por perto a mãe, a irmã e não sei mais quem. Se a mulher precisa sair, o filho tem sempre com quem ficar. Outra coisa é ser mãe aqui na cidade, onde não se tem ninguém. Aqui ou tem a creche ou não se sabe o que fazer!

Neste novo estilo de vida, todas as nossas questões vão aparecer muito fortemente. Surge um novo mercado de trabalho, que sofre influências de outras partes do mundo. É como a história de 1968, que teria começado com uma manifestação em Berlim, na Alemanha ou, como outros dizem, em Paris, na França... Aqui também teve o seu momento de transformação. Apesar de estarmos em uma ditadura, os estudantes, operários

foram para as ruas, fizeram greves! Como a greve que aconteceu na minha cidade, Contagem.

A greve de Contagem foi dirigida por uma mulher, Imaculada Conceição de Oliveira. Mas, ninguém fala disso... Imaculada foi presa e muito torturada quando estava grávida. Fizeram um aborto nela na frente dos presos políticos, arrancaram o feto à força, quase mataram essa mulher! Hoje em dia ela não se manifesta, não a vejo em lugar nenhum, mas ela foi extremamente importante para esta história. Era diretora do sindicato dos metalúrgicos, onde tudo começou. Esta mulher teve um papel fantástico! Para se ter uma ideia, a greve não precisou nem de piquete! Simplesmente todo mundo aderiu! Os funcionários entraram e decidiram não trabalhar. Tomaram conta da cozinha, fizeram comida na hora do almoço e não saíram da fábrica durante uns cinco dias.

Foi uma greve muito diferente da que aconteceu em Osasco, que é até mais famosa que a de Contagem. Com certeza porque foram homens que lideraram. Quando se fala da greve de 68, lembram vários nomes de homens, mas ninguém fala da Imaculada. Eu não esqueço! Sou feminista o tempo todo, estou sempre ligada ao feminismo!

As mulheres presas naquela época eram muito torturadas e a violência sexual, apesar de existir também com os homens, no caso das presas políticas, o estupro era quase que um procedimento, até quando o objetivo era matar. Mas isto não é falado, o que é impressionante! Casos de mulheres grávidas que tiveram que sofrer abortos forçados, mulheres grávidas em decorrência de estupros, que tiveram filhos nestas condições, nada disso é falado. Como o caso da Madre Maurina, que é praticamente proibido, fazem de conta que não aconteceu isso, que ela não teve este filho. Parece que a criança ficou em um orfanato no México, mas ninguém sabe ao certo!

Posso falar disso porque foram momentos que vivi. Quando a gente saiu da cadeia, procuramos manter a atividade

política, muito embora houvesse um controle intenso de todos os lados. Meu marido continuou preso por cinco anos e eu tentei retomar as atividades de discussão do feminismo. Fizemos o primeiro jornal feminista, o Brasil Mulher, que vai lutar pela Anistia, de 1975 a 1980. Isto fazia parte do meu compromisso com o feminismo. Com a reorganização partidária, as mulheres vão preferir atuar nestes partidos ao invés de investir na imprensa feminista, que acaba por terminar.

Entretanto, muitas outras mulheres continuam precisando de organizações. É neste contexto que criamos, em 1981, a União de Mulheres. Neste momento, surgem várias organizações feministas autônomas no Brasil e na América Latina. Era uma necessidade de ter espaço para a reflexão, para a ação, o estabelecimento de pautas e plataformas de luta. Antes disso, participei do Brasil Mulher e do Primeiro Congresso da Mulher Paulista, um encontro feminista onde foi discutida a questão da sexualidade, do direito de ter ou não filhos, a questão do aborto, do trabalho feminino, principalmente do assédio sexual, mas também da desigualdade salarial, enfim, essas coisas todas. Uma das questões mais fortes foi a das creches! Fui uma das lideranças do movimento de creche porque me identifiquei com aquelas mulheres. Sempre tive filhos e não sabia onde colocá-los. Tinha que fazer atividades políticas o tempo todo clandestinas e, em determinados lugares, não podia levá-los até por uma questão de segurança. Então era um grande sacrifício! Por isso me identifiquei e, então, fizemos a luta pelas creches.

Na União de Mulheres tinha muita gente que além da luta por creches queria fazer outras discussões como sobre o aborto, violência, sexualidade, licença-maternidade... Então, em 1981, fizemos uma assembleia com 300 mulheres para organizar isso.

Até chegar em São Paulo, a jornada foi longa... Com quatro meses de idade saímos de Minas e fomos para Santos,

onde meu pai foi ser portuário. Um tempo depois voltamos para Minas, onde meu pai passou a trabalhar como ferroviário, sempre na área de transportes. Durante a clandestinidade, vivi no Rio de Janeiro, onde a Janaína e o Edson nasceram. Somente depois vim para São Paulo, onde passei a trabalhar na imprensa clandestina, até ser presa. Quando saí da prisão, voltei para o Rio e passei a ficar entre o Rio e São Paulo, mas foi aqui que acabei arrumando emprego e me estabelecendo. Trabalhei no *Jornal Movimento*, onde tinha remuneração e, paralelamente, me dedicava como voluntária ao *Brasil Mulher*.

A União de Mulheres sempre defendeu a legalização do aborto, assim como outras bandeiras feministas. No processo da Constituinte, tivemos uma atuação fortíssima! Todo o movimento feminista foi muito atuante, mas a União de Mulheres tinha uma convicção impressionante! Tínhamos muita clareza da vergonha que era ter leis que diziam que o pai pode deserdar filha desonesta; se a mulher não casa virgem, pode se anular o casamento. Em 1977 o divórcio foi conquistado, mas ainda de forma muito tímida. Por isso, nos dedicamos muito a esta luta! Cada bandeira defendida teve uma trajetória especial dentro do processo da Constituinte.

No caso do aborto, uma parte das feministas achava que não devíamos falar claramente que queríamos o direito ao aborto, para evitar provocar os conservadores. Sempre tem essa história... Minha vida inteira ouvi isso. É preciso avançar, senão sempre vai para trás ou fica no mesmo lugar. Naquele momento, tivemos um papel muito importante ao defender estas propostas. No começo perdemos. Toda discussão que se fazia nesse sentido, nós perdíamos. Um momento crítico foi quando o "centrão", o "centrão-direita", ou seja, as alas conservadoras, queriam que os primeiros artigos da Constituição, a cláusula pétrea, estabelecesse o direito à vida desde a concepção. Esta ideia estava muito forte no Congresso e provavelmente iria ganhar. Era hora de agir! Fomos para a rua fazer a

emenda popular. Isto é uma loucura porque na emenda popular da Constituinte era preciso conseguir 30 mil assinaturas. É muita coisa! E conseguimos! Não só a União de Mulheres, mas vários movimentos aqui e em todo o Brasil se organizaram. Nós conseguimos 12 mil e poucas assinaturas em São Paulo, quase metade das 30 mil exigidas. Destas, quatro mil e poucas foram coletadas pela União de Mulheres. Nosso papel foi fundamental! Tanto que fui escolhida para fazer a defesa dessa emenda. Deve estar lá nos anais da Constituinte...

Preparei o que ia defender junto com todas as mulheres, mas no dia da defesa fiquei extremamente sozinha. As mulheres ficaram no plenário e somente eu fui para dentro, como se fosse uma deputada. Conseguimos as 30 mil assinaturas com muita dificuldade. Durante um bom tempo, íamos para o Viaduto do Chá duas ou três vezes por semana para discutir com o povo. Além disso, tínhamos que lidar com pessoas muito maldosas, como algumas da igreja católica, por exemplo. Eles fizeram uma emenda popular em que entravam três direitos: um era contra a tortura, o outro a favor da reforma agrária e o último era contra o aborto. As pessoas olhavam os dois primeiros e assinavam. Com isso, conseguiram 500 mil assinaturas! Como nossa emenda era sobre o aborto, não tivemos o mesmo retorno...

No momento da defesa, uma representante da igreja fez sua apresentação genericamente, com um discurso conservador e sem grandes efeitos. O discurso inovador ali era o meu mesmo! Defendia a legalização do aborto com todos os pingos nos "i"s e sem o apoio dos partidos políticos, que tinham medo de se comprometer. Lembro que somente dois deputados me deram apoio: um do PT de Minas Gerais e outro do PDT de algum estado do norte do país que agora não recordo... Eles me ouviram até o fim e depois defenderam a proposta. Em compensação, fui acusada de aborteira e assassina por uma lacerdista chamada Sandra, que conheci no Rio de Janeiro.

Uma mulher terrível, da ultra-direita, que defendeu o golpe junto com o Lacerda, conhecida por “limpar” a cidade, jogando mendigos no Rio Guandu para diminuir os moradores de rua que “enfeiam” a cidade... Foi muito duro, um momento de sofrimento solitário! Mesmo assim, fui até o fim, como sempre faço. Se tenho uma tarefa, vou até o final!

Depois que terminei, as meninas me levaram para a casa da Gilda Cabral, do Cefemea, que foi alguém que me ajudou muito! Saí daquele lugar com muita dor de cabeça e extremamente cansada. Ela colocou uma fralda quente no meu rosto e, aos poucos, fui relaxando e me sentindo melhor.

Com certeza, este foi um dos momentos mais fortes da minha militância como feminista. Mas, de lá para cá fiz e continuo fazendo muita coisa! O projeto “Promotoras Legais Populares” discute, entre outros temas, a defesa e legalização do aborto. Fazemos este curso há 20 anos! É uma iniciativa que tem em vários lugares do Brasil. No caso do interior não saberia dizer exatamente como as mulheres se posicionam em relação à legalização do aborto, porque quando estou lá não vejo ninguém discutir o assunto ou protestar. Agora, aqui em São Paulo, nos dez primeiros anos do curso, sempre tinha gente que protestava contra a legalização do aborto e contra lésbicas! Até manifestações racistas apareciam! Estes eram os três pontos mais polêmicos do projeto. Hoje não. Diria que mudou o perfil das mulheres que frequentam, ou elas evoluíram... De qualquer forma, a discussão do aborto sempre está presente. Recentemente falamos sobre o desaparecimento da Jandira, a menina do Rio que desapareceu depois de buscar atendimento em uma clínica de aborto clandestina. Olha onde o aborto inseguro leva! Aquilo foi um absurdo! Para mim, o desaparecimento de um corpo é um sofrimento a mais. Posso dizer com convicção porque tenho desaparecidos em minha família e lido com esse assunto o tempo todo! Isto também é tratado no projeto.

Para mim, o que impede que a discussão sobre o aborto avance é o moralismo, o conservadorismo tão presente tanto no governo como na sociedade e até dentro do movimento feminista! No “meu tempo”, quando uma mulher fazia aborto, existia alguma solidariedade, alguém que ajudava a ir para o hospital, pelo menos. Hoje em dia é a coisa mais difícil que tem! Não existe uma retaguarda, não se pode falar nada sobre o assunto, quer dizer, os fundamentalismos avançaram sem ter uma resistência, uma oposição de forma organizada.

A governança está preocupada com a governabilidade e não em garantir direitos! É um absurdo esse retrocesso político que acompanhamos! É preciso realmente respeitar a dignidade das pessoas, isto é uma bandeira de luta. Caso contrário, prevalecem acordos políticos espúrios, como a gente vê por aí... Às vezes, mesmo uma feminista petista vai fazer acordos porque o governo petista não pode falar sobre aborto ou porque a igreja católica, evangélica não deixa...

Temos que ter um estado laico de verdade! A laicidade do Estado é fundamental para se compreender e tratar de forma mais aberta questões como as uniões homoafetivas, de sexualidade, a legalização do aborto, a legalização da maconha. É preciso ser mais coerente com a dignidade que defendemos enquanto sociedade democrática. Mas, ao contrário, o que acontece é que as mulheres continuam sendo expostas ao ridículo de perder a vida, ficar com o corpo desaparecido, como o caso da Jandira. E olha que falamos de 2014 e não do “meu tempo”. Isto é um absurdo!

Minha vida é totalmente ligada a essas lutas. Mas, tem momentos que paro um pouco e gosto de andar... Adoro andar na praia, no Ibirapuera, em qualquer lugar. Sozinha, acompanhada, com os meus cachorros, não importa, eu gosto mesmo é de andar! Talvez seja isso o que mais faço... Mas, também gosto de apreciar as artes: cinema, teatro, artes plásticas, música, de preferência MPB, mas também latino-americana,

os cubanos, tangos argentinos... Tango acho algo assim muito chocante, impactante! Gosto disso!

Também gosto dessa arte que é ligada à História. Há muitos anos, vi uma exposição na Casa das Rosas chamada *Virando Vinte*, que falava sobre o século XX. Podia se conhecer a história da cidade, do Porto de Santos, tudo ligado ao século XX. E a técnica era muito bonita também, usando imagem, som... Gosto muito desse tipo de coisa!

Algo que me choca e me chama atenção é um sonho que tenho de vez em quando... Sonho que estou voando e até parece que vou cair da cama... E quando estou acordada, nossa, tenho muitos sonhos! Sonho com um mundo mais justo e melhor! Um sonho muito simples que tenho é que as mulheres que sofrem violência e, depois da Lei Maria da Penha, podem denunciar seus agressores, não fossem mais mortas. Mas, infelizmente, não é isto que está acontecendo... As mulheres continuam morrendo. A cada noventa minutos uma mulher é assassinada no Brasil.

Em 2006, quando foi aprovada a Lei Maria da Penha, pensei: "Pronto! Quem sabe agora que as mulheres podem denunciar, mesmo que muitas não denunciem, o Estado vai intervir, garantir a segurança e proteger a vida dessas mulheres..." Mas, não é isso que está acontecendo. Ao contrário, quando a mulher denuncia, o Estado a deixa ao deus dará e acaba com ela sendo assassinada.

No caso do aborto, fiz várias campanhas em escolas! É importante que isso faça parte da educação. Por exemplo, esses dias fui com meu marido ao oftalmologista para ver a situação da catarata e a médica falou que se ele quisesse operar, ela faria a cirurgia. Mas, na opinião como médica, ela não o faria agora porque ele precisaria melhorar a diabetes para ter uma cicatrização mais adequada. Quer dizer, o corpo é dele. Ele é quem decide se vai operar agora ou não.

No que diz respeito ao aborto, eu nem queria discutir. É uma questão de foro íntimo e não o Estado que deve legislar. Se

uma pessoa está grávida e entende que não pode levar adiante a gravidez, faz-se um aborto com todas as condições para sua saúde física e mental. A gente precisa discutir isso melhor. É um assunto de foro íntimo, mas deve ser tratado também do ponto de vista social e político. Ou seja, é preciso garantir que se fale sobre o assunto sem sofrer ameaças ou ser criminalizada. Porque agora nem falar sobre o assunto é permitido!

Num momento com tanto meio de comunicação como celulares, e-mails é um absurdo que não se possa falar sobre aborto. Uma pessoa que precisa recorrer ao aborto não pode falar sobre isso porque pode ser ameaçada e acaba se arriscando em clínicas clandestinas, como aconteceu com a Jandira. Quem atendeu essa moça? Com certeza gente de má índole porque esconder o corpo de uma pessoa, para mim, é uma maldade, uma perversidade que não tem classificação! Esconder o corpo é como tirar a humanidade da pessoa! Mas, estas pessoas não são chamadas de bandidos! A mulher que faz aborto é...

Na França, a audácia das feministas fez as coisas na marra! Mesmo sabendo que seriam presas, elas faziam aborto nas outras porque aprenderam a técnica. No Brasil, nem as feministas têm coragem de falar a palavra aborto. Nosso país é reprimido e este conservadorismo acaba impedindo até mesmo quem quer avançar. Este é o problema! Por isso, se não tiver um grupo de feministas audaciosas o aborto não vai ser legalizado no Brasil.

Luara

Minha situação foi que quando engravidei, o pai do meu filho ameaçou me denunciar se eu tirasse o filho, se fizesse o aborto... Dizia que era uma criança, uma vida e se eu fizesse isso seria uma assassina, uma criminosa, então ele me denunciaria e eu seria presa!

Nasci em Recife e bem nova fui para Maceió. Durante minha vida cheguei a voltar para Recife, mas a maior parte da minha educação foi em Alagoas. Quando fiz 17 anos, entrei na faculdade. Estudei em colégio particular a maior parte do tempo. Quando passei no primeiro vestibular, consegui somente nas faculdades particulares e meu pai não tinha condições de pagar. Ele disse: “Paguei a vida toda ensino privado para você passar em uma universidade boa...” No ano seguinte, consegui passar também na Federal, já com 18 anos.

E foi na Federal que comecei a participar do movimento estudantil. Minha vida acadêmica foi toda voltada para a pesquisa, projetos de extensão em comunidades e o movimento estudantil, tanto local quando nacional. Fui coordenadora de diretório acadêmico, centro acadêmico, do DCE, do executivo nacional dos estudantes de comunicação. Comunicação é a minha área. Hoje sou jornalista em um sindicato em São Paulo, o Sindicato dos Servidores Públicos Federais – SSPF.

Quando tinha 21, 22 anos voltei um namoro antigo com uma pessoa que era amigo de infância. Conhecia meu companheiro desde os sete anos de idade, nossas mães eram amigas. Quando a pessoa é criança tem muita coisa em comum, mas conforme crescemos a vida vai mudando de acordo com o

engajamento de cada um. No meu caso, fui para o movimento estudantil. Já ele começou a frequentar outros lugares. Ele é programador de sistemas, então mexe muito com computador, internet, essas coisas... Aquele cara que era surfista, que fazia jiu-jitsu, hipismo, passou a se dedicar só ao computador. Mudou completamente a vida dele! Começou a fumar... Eu não. Mantive minha relação com o mar, eu velejava, meu pai era campeão de windsurfe, então mantive minha relação com o mar e ao mesmo tempo ingressei no movimento estudantil, na militância...

Quando tinha 23 anos, estava me formando e no dia de apresentar meu trabalho de conclusão do curso, peguei o exame de gravidez... E lá estava: POSITIVO. Tomei um susto na hora! Uma semana antes falei com meu companheiro: "Acho que estou grávida." Ele falou: "Não, não é possível!". Aí eu disse: "Deixei de tomar o anticoncepcional três dias e a gente transou uma vez sem camisinha, então não acho que estou grávida, tenho certeza! Estou sentindo todos os sintomas." Então, vamos fazer o exame. Na semana seguinte veio a confirmação – bem no dia em que ia apresentar meu trabalho... Mesmo assim, tirei meu dez, o trabalho deu tudo certo e me formei!

Mas aí é que tá... Quando soube que estava grávida, a primeira coisa que pensei foi: "Vou tirar!" Conhecia aquele companheiro há tanto tempo que imaginei que ele diria: "Vamos, pode contar com meu apoio, a sua decisão é o que importa." Mas não! Tomei um susto com a atitude dele! Ele ficou emocionado, muito feliz em ter um filho e queria de qualquer jeito ter a criança! Mas eu disse: "Eu não quero! Acabei de apresentar meu TCC, pessoas indicaram meu trabalho para ser publicado, quero fazer Mestrado e já tenho até um projeto. Não quero parar minha carreira agora, não tenho nem condições de manter um filho, não tenho emprego..."

Na época trabalhava na Comissão Pastoral da Terra como voluntária. Era o movimento sem terra ligado à Igreja

Católica e eu ganhava 400 reais por mês, no máximo. Tinha acabado de perder minha bolsa porque tinha me formado e tinha em mente fazer o Mestrado. Mas como, estando grávida?

Meu companheiro falou que eu teria de qualquer jeito, senão me denunciaria para a polícia. A primeira coisa que ele fez para me constranger a não fazer o aborto foi conversar com a família inteira, a minha e a dele! Um dia, estávamos na casa dele quando minha sogra chama todo mundo para conversar. Sentei próxima dela à mesa e ela disse:

– E agora, o que vocês vão fazer?

Ele disse:

– Casar!

E eu:

– Casar??? Não quero, não precisa casar agora!

– Então você não gosta de mim! Não me ama!

– Não tem nada a ver! Só não quero casar agora! Quero casar com você, quero ter filhos, sempre quis...

Mas não queria naquele momento... Não tinha condições de ter, inclusive não tinha estrutura emocional e física para isso. Mas a família dizia:

– Não, a gente vai te dar todo apoio! A família inteira vai ajudar. Você não é uma pessoa pobre, que está na miséria e precisa abortar. Isso é uma coisa. Outra coisa é uma mulher de classe média querer abortar. Não pode porque sua família tem condições.

– A família tem condições, mas eu não tenho. Eu não tenho dinheiro!

– Mas a família vai ajudar!

Então está bom... Mas, no primeiro mês de gravidez as coisas começaram a mudar... Meu corpo não reagiu bem à gravidez. Tive diabetes gestacional, refluxo, problema de pressão, cheguei a desmaiar três vezes na rua a ponto de pessoas se juntarem ao meu redor preocupadas e até chamarem ambulância. E nessas três vezes meu companheiro não estava ao

meu lado... Nem sequer foi me socorrer! Quem me ajudou nesses momentos foram as pessoas do meu trabalho, como o motorista do sindicato onde eu trabalhava em Alagoas.

Foi uma gravidez complicada! Mas lógico que também teve momentos bons... Como sempre quis ser mãe, lógico que estava amando ter um filho. No primeiro ultrassom me emocionnei muito com o coraçãozinho batendo. Tem toda uma questão em ser mãe... Tem a de você querer ter o filho, mas também a de não ser momento para isso. E foi isso que aconteceu...

Hoje tenho meu filho, que amo muito, vivo em função dele. Agora, o que acontece? Toda aquela promessa da família de que você tem que ter o filho de qualquer jeito que vão ajudar a manter, isso não se concretizou. Depois de muitas idas e vindas com meu ex, que aconteceram por muitos motivos, por exemplo: depois do parto tive uma perda da libido, não sentia vontade de transar com ele, então ele foi entrando numa crise de depressão... Ele já tinha começado a jogar muito no computador e passou a virar as noites jogando... A vida dele se resumia a tomar banho para ir trabalhar, quando chegava em casa não comia direito e ia direto para o computador onde ficava até de madrugada e dormia sujo... Depois do parto aconteceu isso e continuou mesmo quando ele voltou a fazer faculdade.

Tem outro detalhe que é um fator muito importante. Eu não queria ter um filho naquele momento, mas se quisesse, queria que o parto fosse normal. E teve a questão de ser uma cesariana desnecessária, como a gente chama. Meu corpo não mudou nada durante a gravidez. Ao contrário! A maioria das mulheres engorda, o corpo muda, mas o meu ficou magro porque perdi quase dez quilos! Eu pesava 54 quilos, fui para 59 e sai da maternidade com 47! Cheguei a 45 quilos! Só tinha peito porque estava amamentando, mas a estrutura do meu corpo parecia que estava doente. As pessoas comentavam e era verdade! Estava com diabetes e com toda a dificuldade que passei, meu companheiro me ajudou durante poucos dias

e chegou um ponto em que ele não fazia mais nada! Assumi uma vida de “Amélia”! Lavava, passava, cozinhava e ainda operada, sem tirar os pontos, fazendo todas as tarefas domésticas enquanto meu companheiro não fazia nada!

Morávamos só nós dois. Minha ex-sogra ainda pagou uma babá para ficar lá, mas ela ficava só até as cinco da tarde e, quando ia embora, eu tinha que assumir as tarefas do mesmo jeito. Cuidava da criança sozinha e fazia todo o resto. Então decidimos nos separar ainda em Alagoas, quando ainda estava amamentando meu filho. Tive uma conversa com a mãe dele e ela:

– Por que você quer se separar?

– Porque não estou mais aguentando os vícios dele!

– Que vícios?

– O cigarro, a maconha e os jogos em rede no computador...

– Com que frequência ele fuma maconha?

– O mais importante para mim não é a maconha. Se ele fumasse e desse atenção a mim, se dividisse as tarefas domésticas e cuidasse também do filho, seria tranquilo.

– Mas a maconha atrapalha porque ele não presta atenção, fica em outro mundo. Com que frequência ele fuma?

– É melhor dizer com que frequência ele não fuma, porque ele está sempre chapado!

Então ele ficava bitolado no computador o tempo todo e eu fazia as outras coisas. A família pressionou para que ele se tratasse e ele começou a fazer o tratamento. No começo estava dando certo! A gente conseguiu um psicoterapeuta com uma visão mais progressista que não era aquela coisa de só entupir a pessoa de remédios. Tinha a preocupação de voltar ao passado dele e resgatar onde estava a origem do problema de ansiedade e da depressão. Mas as consultas eram muito caras! Mais de 300 reais por consulta toda semana. Foi então que indicaram outro médico, que por sinal era o pai do amigo que indicou o primeiro, onde estávamos fazendo o tratamento

em casal para fortalecer a relação. Desde o começo estranhei... Como é que pode esse amigo não indicar o próprio pai? Uma semana depois, o pai do meu filho apareceu com crise alérgica a mim! Voltou a tomar antidepressivos que faziam o lado emocional dele se abalar quando encontrava comigo. Ele começava a se coçar e ficava todo vermelho! Parou mais uma vez o tratamento... E, sem me avisar, decidiu vir para São Paulo... Ele simplesmente foi embora sem me avisar!

Ainda senti que ele passou no meu quarto à noite para dizer tchau, mas não me acordou. Depois perguntei e ele disse que passou, mas eu estava dormindo, então ele nem me acordou... Pegou o voo e foi embora! Dois meses depois, ele liga para mim do Paraguai perguntando seu eu queria que ele comprasse um HD externo!!! Eu perguntei:

– Você tem noção do que fez?

– Não! O que eu fiz?

– Você foi embora e me deixou aqui com nosso filho. Só sei para onde você foi porque perguntei para sua mãe!

– Eu sei... Mas vou me cuidar, vou fazer um tratamento...

E vou mandar esse presente para você.

– Tá bom...

Comprou o negócio lá para mim e mandou o tal HD externo... Um tempo depois, a família dele entrou em contato dizendo que ele estava se tratando e estava muito melhor! Que estava frequentando a igreja... Aí eu disse: “Mas a igreja vai fazer o tratamento psiquiátrico com ele? Não acredito que ele vai avançar com a igreja...” Mas eles insistiram que ele tinha melhorado muito e estava tendo apoio em casa. Nisso ele voltou para Maceió para passar uns dias e fizemos as pazes.

Ele disse que tinha melhorado e que as coisas iam mudar. Ficou morando em São Paulo, mas queria que a gente voltasse a se relacionar. Passamos um ano, eu vindo quase todo mês com meu filho para São Paulo para a gente ficar junto, para matar a saudade e, então, decidimos que no final do ano

eu pediria férias no meu trabalho em Maceió para arrumar emprego aqui. Em 15 dias consegui um emprego, que é onde estou até hoje.

Isso foi em 2011. Voltamos nossa relação em 2008 e no final do ano de 2009 tive meu filho. A questão da cesariana, aliás, teve a ver com essa data porque, como era véspera de ano novo, por conta da falta de médicos e a não mudança no meu corpo, fizeram a cesárea... Seis meses depois já pensava em me separar por conta dessa questão da falta de divisão das tarefas domésticas e a sobrecarga que estava sofrendo. Especialmente porque eu também trabalhava e, além disso, estava passando por toda a situação de desconforto por conta do parto, do filho que não queria ter naquele momento e ainda amamentava! Até porque, para mim, é uma questão ideológica. Defendo a amamentação e não ia querer que a babá desse só leite NAN para o meu filho. Então, trabalhava e saía correndo do trabalho para amamentar. O pai nem sequer chegava em casa mais cedo para poder ficar com o filho. Às vezes, tinha que ligar para amigos esperarem em casa com meu filho até que eu chegasse do trabalho.

Em 2010 nos separamos e ele veio para São Paulo e, no ano seguinte, vim para São Paulo também. Comecei a trabalhar aqui e no meio daquele ano de 2011, novamente comecei a avaliar que ele não tinha mudado. Ele mudou o comportamento enquanto estava na casa dos familiares, mas mesmo assim as primas dele haviam me alertado que ele não tinha, por exemplo, parado completamente de fumar maconha e não tinha diminuído tanto o cigarro. Ele continuava a fazer escondido... Quando voltamos, em casa ele já não fazia mais escondido. Se ele jogava pouco na casa dos tios, na nossa casa, como não tinha os tios para fiscalizar, e como era a casa dele também, começou a fazer com uma frequência ainda maior.

Não respeitava minha situação enquanto mulher. Ele obedecia a família, que para ele eram os tios e a mãe, porque

a mulher, a esposa dele não... No final daquele ano a gente se separou. Quando isso aconteceu, nossa casa era alugada pela mãe dele e ela me falou:

– Olha, você vai ter que sair porque não vou continuar pagando aluguel para você continuar morando na casa. Então, acho melhor você voltar para Maceió.

– Seria fácil voltar para Maceió... Imagina como é que uma mulher que larga tudo na vida para se dedicar ao marido e ao filho, que larga o emprego na cidade onde morava para viver em uma cidade onde não tem família, amigos, ninguém, nenhum apoio... Larguei minha vida em outra cidade e não tinha como voltar. Se fosse servidora pública federal como você, seria muito fácil! Era só pedir para voltar! Mas não tenho como fazer isso porque não tenho emprego em Maceió e meus pais não têm condições de me manter!

Tenho um irmão que é músico saxofonista e deve ganhar, no máximo, mil reais por mês. Meu pai é dono de uma oficina de marcenaria. Minha mãe é arquiteta, mas passou muito tempo desestruturada porque foi embora para a Europa e, quando voltou, não tinha mais estrutura de trabalho, foi perdendo a clientela. Comigo foi a mesma coisa. Passei um ano afastada da minha cidade e perdi meu espaço no mercado de trabalho, então já não seria tão fácil voltar, não tinha como...

Aqui eu tinha meu emprego, então decidi ficar. Minha ex-sogra disse que eu não tinha família, nem ninguém e como ficaria aqui sozinha? Disse a ela que voltaria caso tivesse um emprego lá, mas como não tinha, ficaria aqui, onde tinha pelo menos um trabalho.

A situação em que me encontro hoje é que eu tenho emprego, mas muito poucos amigos aqui em São Paulo, dá para contar nos dedos... O apoio que tenho vem do meu trabalho no sindicato, que é um sindicato diferente da maioria, onde tem um debate forte sobre gênero e as opressões. Então, quando preciso trabalhar até mais tarde, fazer a cobertura

de uma atividade, o sindicato paga a creche para mim. Em compensação, quase não tenho vida social. Como não tenho família e são poucos amigos, além de não ter condições de ficar pagando babá, até porque a pensão que o pai paga é suficiente exclusivamente para pagar a escola, vivo hoje em São Paulo em função do meu trabalho, da minha militância política e do meu filho.

Fazendo uma retrospectiva, meu caso é o de uma mulher que foi ameaçada, coagida a ter o filho de qualquer jeito, com todos dizendo que iam me apoiar, e hoje vivo sozinha com meu filho e minhas cachorras em uma cidade que não é a minha. As cachorras, inclusive, foram herança do casamento... Quando meu ex-marido me deu a cachorra, disse que era nossa primeira filha... É uma pitbull, que não é fácil de levar para todo canto...

Ganhei a cachorra e engravidei no mês seguinte, ou melhor, fui praticamente obrigada a ter o filho. Passou um tempo, adotamos outra cachorra e, quando me separei, fiquei com o filho e duas cachorras sozinha em São Paulo... Parece até brincadeira...

Depois de tudo que aconteceu, não tinha como me relacionar com ninguém... Imagina! Se não tenho vida social, não saio para canto nenhum, não tenho também como sair à noite porque com o dinheiro que ganho e o custo de vida alto de São Paulo, não tenho condições de pagar babá, então mal saio à noite... Não tenho carro e o metrô funciona até meia-noite, em horário de Cinderela... Então, vou para casa...

Minha rotina é: de manhã vou dar conta da casa, arrumo tudo, converso com meu filho, dou um pouco de atenção, cuido dos meus animais domésticos, lavo e passo roupa, cozinho, faço tudo, levo meu filho para a escola e à tarde venho trabalhar. À noite, busco meu filho na escola, arrumo novamente a casa para o outro dia começar tudo novamente... Essa é minha rotina! Isso quando não tenho reunião! Porque faço parte de

um partido e, quando tenho reunião, o partido paga creche também, assim como o sindicato, para eu participar. Mas quando se trata de apoio emocional, para ter uma vida para além do trabalho e da militância, uma vida de lazer eu não tenho. Talvez por isso não me relacione com ninguém. Tive alguns casos, mas foram curtos...

Acabei desistindo do Mestrado, inclusive hoje pretendo voltar para Maceió. Tentei ficar aqui, mas já faz mais de um ano e não é nada fácil... Mãe solteira e com meus bichos, mantenho a casa e tudo sozinha, sem ajuda dos meus pais, inclusive, sem a ajuda de ninguém realmente. Vivo com meu salário e meus *free-lancers* como jornalista, diagramadora e designer gráfica. Meu ex-marido paga a pensão que é voltada exclusivamente para a mensalidade da escola, então realmente me mantenho sozinha aqui. O Mestrado é a mesma questão do meu momento de lazer, ou seja, não tem como levar adiante agora... Pelo mesmo motivo que não tenho vida social ou até mesmo um novo namorado. Descobri que não tenho como fazer para estudar aqui em São Paulo, por mais que eu queira! As pessoas falam que São Paulo é o melhor lugar para me desenvolver profissionalmente. Já me desenvolvi muito profissionalmente, inclusive, tenho um reconhecimento muito bom aqui, meu trabalho é super reivindicado e elogiado, mas a questão é que para crescer no sentido financeiro e ter condições de parar para estudar, preciso de tempo. E para isso, preciso de dinheiro também...

Trabalho em um lugar diferenciado. Como a gente fala, aqui é um lugar de luta classista, democrático, participativo, muito diferente dos lugares onde trabalhei, onde não tinha nem carteira assinada. Eram sindicatos que não pagavam os direitos trabalhistas como FGTS, INSS, inclusive descontavam o INSS e não faziam o repasse. Passei por muitas situações irregulares dentro de sindicatos. E hoje trabalho em um onde tenho todos os meus direitos respeitados, inclusive como mãe,

porque além do auxílio creche, que é embutido no meu salário, eles pagam a babá quando eu preciso.

Em um dia de sábado, por exemplo, eles pagam 80 reais para a babá ficar com meu filho, a diária normal do mercado, às vezes até acima do valor. Tem babá que ganha 50 reais para ficar com crianças e o sindicato paga até 100 reais em algumas ocasiões. Posso dizer que tenho esse privilégio em relação a muitas mães trabalhadoras. Ao mesmo tempo, meu salário é baixo para manter uma qualidade de vida para ter condições de pagar e manter minha vida e do meu filho. Por exemplo, todo meu dinheiro é voltado para o aluguel – porque não tenho casa própria – e para a escola do meu filho, porque apesar do pai pagar a mensalidade, tem todos os gastos extras de alimentação, uniforme, material escolar, lanche, ou seja: despesas do dia-a-dia que qualquer mãe sabe como é, vários gastos que toda criança precisa. Não é só a escola, a criança precisa de toda uma estrutura em torno disso. Com meu salário, pago só as despesas básicas aqui. Não ganho um dinheiro extra para pagar a mensalidade de um curso. Para isso, tenho que trabalhar mais e trabalhando mais, qual o tempo que vou ter para estudar?

Hoje vivo um impasse porque tenho emprego, mas faço tantas tarefas que mal consigo dar conta! Às vezes, a pia fica cheia de pratos e a máquina lotada de roupas para lavar... E não basta lavar, tem que estender a roupa... Enfim, fico escrava desse trabalho doméstico... O que acontece, portanto, é que trabalho e pago as despesas, mas no final do mês não tenho condições de pagar uma babá para conseguir ter tempo de estudar. O tempo que estou em casa, sem executar tarefas do meu emprego, faço os trabalhos domésticos, que por sinal nunca param de aparecer! Preciso fazer meus *free-lancers* e, por isso, não consigo tempo para estudar... É muito difícil!

Estava fazendo os cálculos para fazer o Mestrado, por exemplo, na USP, na Escola de Comunicações e Artes. Preciso

ler dez livros até outubro, então isso significa que tenho que começar em janeiro e ler um livro por mês, além de fazer um projeto. Isso tudo para fazer uma prova e dissertar sobre esses livros... Em que momento vou conseguir ler esses livros? Não tem a mínima condição!

Pensei nisso tudo e o máximo que eu conseguiria era fazer um curso de inglês, que com o tempo a gente enferruja porque para de falar, um curso de línguas, ou algum outro curso básico. Nos dois anos que estou aqui, o máximo que consegui foi fazer um curso de edição de vídeo numa escola profissional de cinema, que foi pago pelo meu trabalho. Se fosse para pagar do meu bolso não teria feito curso nenhum, porque não me sobra dinheiro.

Minha realidade é essa. Diferente de uma mãe solteira que tem o apoio da família, como deveria e, aliás, me foi prometido. A família pagaria uma despesa, um aluguel que fosse para que eu pudesse fazer uma pós-graduação ou especialização. Mas, não tenho isso...

Posso dizer que me relaciono muito bem com todos da minha família, inclusive com a família do meu ex e até com ele mesmo, afinal, temos a criança e não vale a pena criar um desgaste desnecessário. Minha mãe raramente tem condições de me mandar dinheiro. O marido dela faleceu há pouco tempo e ela demorou muito para receber a pensão dele. Passou mais de seis meses sem receber um centavo... Meu irmão é músico, então também não tem condições de ajudar em nada... Meu pai casou novamente com uma moça quatro anos mais velha que eu, tenho um irmãozinho de seis anos de idade... Então, na verdade, hoje cada um tem sua vida e se estruturou como pode. A família se dividiu, mas todo mundo se respeita. Hoje é cada um por si, uma característica de São Paulo, essa coisa do individualismo, e cada um se vira como pode...

Na hora do desespero apelo para a família, mas mesmo assim é difícil contar com o apoio deles hoje. Nesses dois anos

em São Paulo, liguei algumas vezes para o meu pai dizendo: "Painho, estou desesperada, preciso de algum dinheiro!" E ele me mandava 200 reais no máximo, o que em São Paulo é muito pouco! Ao mesmo tempo em que é pouco para mim, me considerando de classe média, porque se você olhar para a periferia, isso é muito... Tudo depende realmente do estilo de vida que você tem...

Enquanto isso, o pai do meu filho continua morando em São Paulo. A família dele é de classe média alta. A mãe comprou um apartamento novo de três quartos para ele aqui, onde ele mora sozinho. Até pouco tempo ele tinha carro, também dado pela mãe, mas acabou vendendo... Ele tem um emprego, é programador de sistemas, portanto, tem seu salário. Faz faculdade particular paga pela mãe. Ou seja, o pai do meu filho tem casa própria, faculdade paga pela mãe, emprego e salário e, ainda assim, o que ele me repassa é a pensão, valor que só paga praticamente a mensalidade da escola do nosso filho. De outro lado, pago aluguel e arco com todas as despesas do nosso filho...

Em termos afetivos, meu filho é apaixonado pelo pai e o pai realmente gosta do filho. Mas, meu ex-companheiro não teve um pai presente e, talvez, seja por isso que mesmo sem intenção, ele reproduza a ausência que teve com nosso filho. Isso porque ele só pega a criança a cada quinze dias no final de semana. Nesse intervalo ele nunca ligou ou foi visitar o filho.

Passei por várias situações em que tive que levar meu filho ao médico e tive que fazer isso sozinha porque o pai só busca no dia dele... É como a gente fala: "É pai quando dá... Hoje não posso..." Só recentemente consegui que ele, sempre a cada 15 dias, buscasse a criança na sexta-feira à noite, porque ele buscava no sábado na hora do almoço e devolvia no final da tarde de domingo. Ele passa os 14 outros dias sem ver o filho ou ligar para saber como ele está. Mas quando se encontram é uma felicidade de ambos. Não posso dizer que ele não

gosta do filho, mas é uma relação muito estabelecida pelas normas da sociedade, de que o pai tem a obrigação de ver o filho e só. O pai não tem a obrigação de ser presente na vida como a mãe tem...

Estudamos ambos no mesmo colégio, o colégio Marista Arquidiocesano de Maceió, considerado de elite. Lembro que meus pais nunca conseguiam pagar a mensalidade e ficavam devendo até o final do ano. Era como o Sr. Madruga com o Sr. Barriga... "No final do ano eu pago tudo!" E às vezes não pagava também...

Mas a família dele sempre estudou no mesmo colégio, tanto que nos conhecemos aos sete anos. A educação católica não influenciou tanto porque tanto ele como eu somos ateus, embora tenhamos estudado em colégio católico. Tenho uma relação muito boa com o catolicismo em seu lado humanista, de respeito ao próximo, o lado bom dos valores porque tem também os valores ruins... Tem algo interessante sobre o pai do meu filho... Não o considero homofóbico, mas ele é machista! Ao ponto do estopim de nossa separação ter sido ele levantar a mão para mim!

Foi um dia em que ele passou desde o começo da manhã até umas oito da noite no computador... Era um final de semana e, enquanto eu lavava, passava, cozinhava... Fiz o café da manhã, o almoço, lavei os pratos, dei banho nas cachorras, troquei fralda, dei banho na criança, e às oito da noite ele estava no mesmo lugar... Pedi para a gente sair e ele tomou um banho, desligou o computador e fomos ao cinema... Quando voltamos, ele ligou novamente o computador e eu disse que se à meia noite ele não saísse de lá, eu desligaria o computador... Ele me chamou de louca e disse que se eu desligasse o computador eu ia ver o que ia acontecer!

Ah! Agora eu ia ver!

Tentei botar meu filho para dormir, mas ele não conseguia porque o pai estava conversando com um amigo com quem

estava jogando em rede. Foi então que eu disse que estava na hora e íamos todos dormir, e eu ia desligar o computador...

Ele simplesmente partiu para cima de mim para tentar me bater! Mas minhas cachorras – a pitbull, a vira-lata e outro vira-lata que estava abrigando – porque também ajudo as protetoras dos animais – foram todos em minha defesa! Ele se assustou, mas chegou a pegar meu *notebook* e ameaçou quebrar. Nessa hora, meu filho levantou da cama e falou: “Papai, não grita com a mamãe!”

Nesse dia, ele saiu de casa batendo a porta, dizendo que tinha perdido o respeito por ele porque tinha desligado o computador. E eu disse que ele tinha acabado o respeito por mim porque tinha passado o dia no computador... A discussão foi pesada! O interessante é que ele sempre me tratou bem, só nesse dia do computador que ele tentou me bater... Depois disso, nunca mais voltamos...

Isso é a prova do machismo... Ele pensava que se eu tinha feito tudo aquilo era porque eu queria, ou pior, porque era minha obrigação! Se ele estava no computador no final de semana era normal enquanto eu trabalhava em casa!

Por isso, eu defendo não só a legalização do aborto, mas defendo que toda mulher tenha o direito de escolher se vai ter ou não o filho. Porque quando a gente fala só de legalizar o aborto, a gente fala em legalizar só quando a mulher precisa abortar...

O debate sobre a descriminalização do aborto, porque legalização e descriminalização são coisas diferentes... Quando falamos em descriminalizar, falamos em situações como a minha, em que eu queria abortar e a família disse que ia me denunciar, pudesse pelo menos não ser presa. E o debate sobre a legalização é dar condições para que a mulher decida. Então, eu defendo a legalização, no caso, o direito mesmo da mulher abortar. Sei que é uma vida realmente, mas quando avalio aquele período, talvez se tivesse abortado carregaria comigo

o peso dentro de mim, na consciência por ter tirado uma vida. Mas hoje vivo em função do meu filho. É uma vida pela outra, na verdade... Hoje eu dou minha vida pelo meu filho...

Na época tomei pílula do dia seguinte, mas não cheguei a tomar o Citotec. Tomei duas a mais para ver se dava certo, mas...

Quando penso no que passei, talvez me arrependesse de ter abortado... Não porque sempre quis ter um filho, mas porque a pressão social é tão grande para que a mulher que abortou se sinta culpada que eu também passaria por isso...

É muito nesse sentido da pressão social porque eu queria ter tido essa escolha. Hoje sei que nunca mais vou deixar ninguém tomar uma decisão por mim...

O mesmo com o casamento... Casei porque estava grávida e tive o filho por conta da pressão. É interessante que quando cheguei em São Paulo, pela primeira vez vi mulheres que abortaram e não se arreponderam e não sentiam nenhum remorso por isso...

Duas colegas de trabalho, de profissão no caso, duas jornalistas. Uma é minha colega de trabalho. Ela nunca teve filho, tem quarenta anos de idade, não tem filho e jamais quis ter. Ela me contou que quando abortou, ela chorou muito! Mas ela chorou muito porque via as mulheres na fila da clínica chorando por ter tirado o filho, enquanto ela chorava por não sentir nenhum remorso...

A outra colega, também jornalista, contou que também fez o aborto, nunca pensou em ter filho, e que não se arrepende de forma alguma, não chorou, não sentiu nenhum remorso, tanto é que nem sequer chorou... Não se comoveu nem com as colegas que estavam lá na clínica.

Aí você vê também que tem a ver com querer ter filho. Como eu sempre quis, a pressão foi um pouco maior... A questão psicológica, poxa eu sempre quis ter filho, engravidei e tirei. E se eu não puder mais ter? Isso também pesa! Naquela

época eu não tinha condições de pagar dois mil reais para fazer um aborto seguro. Teria que tomar Citotec e, talvez, morrer sangrando... Eu precisaria do apoio da minha família, do meu companheiro para fazer o aborto, senão não tinha como fazer...

Quando me separei, falei que nunca mais ia ter filhos porque não queria viver tudo isso de novo! Qualquer discussão que eu tenha com ele e fale que ele tem obrigação de cuidar do filho também, não apenas pagar a pensão, afinal não é só de pensão que vive a criança, ele passa na minha cara que ter um filho foi uma decisão exclusivamente dele. Meu receio é que ele possa usar isso depois para fazer a cabeça da criança contra mim, dizer que eu quis tirar... Não sei até que ponto pode chegar o pai... Estava tão decepcionada com meu companheiro, com a vida de mãe, que pensei muito nisso e achei que não queria mesmo mais ter filhos... Mas conheci casais em que vejo que os pais fazem parte da vida dos filhos e me lembro da minha própria infância...

Meu pai sempre cuidou de mim... Ele dividia as tarefas domésticas com a minha mãe, trocava fralda, dava meu leite, me levava para passear... Por isso, fiquei pensando que não posso pegar meu relacionamento como base para o resto da vida...

Hoje estou me relacionando com uma pessoa da minha cidade Maceió, também militante e comunista, então tem um debate sobre o feminismo. Ele fala que se eu engravidar, ele quer muito um filho, mas a escolha definitiva é minha e o que eu decidir ele me ajuda, inclusive, financeiramente. É outro tipo de relação que estabeleci. É um homem que observo cuidando do meu filho quando estamos juntos, ele se preocupa e divide as tarefas comigo... Espero que dê certo! Pode ser que não, mas só o fato de encontrar alguém que queira assumir e dividir as responsabilidades é muito bom!

Queria muito participar dessa entrevista e acho muito importante essa iniciativa não só porque é uma forma de

ajudar as mulheres a desabafarem, mas porque faz as pessoas pensarem que o aborto não é uma questão religiosa e, no parlamento, não deve passar pelas crenças pessoais. A saúde da mulher é importante e deve ser discutida em nível físico, mas também psicológico. Digo isso porque o que enfrento hoje é uma barra muito grande! As pessoas dizem que sou forte, mas também desabo... Tanto que quero voltar para minha cidade porque não tenho condições de ficar sozinha com filho numa cidade como São Paulo e nem

estrutura emocional para tanto... Por isso afirmo que as pessoas têm que ter o direito de escolher!

Samantha

Pensando em tudo que tive a oportunidade de viver, se a Edneia tivesse decidido ficar comigo, minha história provavelmente teria sido completamente diferente. Acho que ela foi muito prudente em não querer ter criado uma filha. Foi muito empoderada e dona de si por ter a atitude de falar: “Não! Não é meu momento!”. [...] Todo mundo deveria ter esse direito de decidir sobre a própria vida e sobre a maternidade.

Não tenho muitas memórias da minha primeira infância. Isso é muito curioso, mas acho que é o normal de todo mundo. Afinal, a gente conhece nossas histórias pelo que os outros nos contam...

Fui um bebê muito doente. Meus pais contam que eu chorava a noite inteira, o tempo todo e eles ficavam a noite acordados me embalando, a cada hora passando de um para o outro. Na nossa casa eram quatro pessoas adultas: meus pais, minha tia-avó e meu tio. Eu vomitava todo o leite que tomava, tossia muito, estava muito abaixo do peso, foram meses assim... Um dia meu pediatra faltou e o substituto disse que eu estava subnutrida, que o que eu tinha era fome. Pediu para trocar o leite por um que estava escasso no supermercado na época. Só vendiam um por pessoa. Minha mãe chamava outras quatro pessoas e iam todas ao supermercado comprar meu leite uma vez por semana.

Essa parte de bebezinha, de chorar muito, às vezes penso que é porque não fui amamentada... Também ouvi histórias, não sei precisar de quem, mas falavam que minha mãe

biológica tentava esconder que estava grávida, colocava fita na barriga e tudo mais. Falavam que talvez eu tenha ficado muito presa os nove meses na barriga... Eu não abria as mãos, ficava com elas fechadas o tempo todo! Minha mãe fazia fisioterapia 300 vezes diariamente nos meus dedos para eu conseguir abrir as mãos sem ter que fazer uma cirurgia.

Mas o que lembro mesmo dessa primeira infância é de ser um tempo *suuuper* feliz! Vários primos, todos em casa e brincando! Sou filha única, mas morava numa rua com 20 crianças. E ainda tinha 50 primos da minha geração, quase todos morando no mesmo bairro.

Além disso, minha mãe tinha perua escolar, então somavam todas as outras crianças do transporte! Sempre várias crianças! Foi uma infância bem, bem feliz! Com muitos passeios, praia, parques de diversão, viagens... Foi bem legal mesmo, com muitas crianças, adultos, muita festa! Minha avó morava em casa, então todas as festas, Natal, Carnaval, eram lá! Juntava todo mundo e virava uma super balada! Eram fogos, churrasco, às vezes a festa começava meio-dia e ia até a meia-noite! Natal, então, nem se fale! Era o dia 24, 25 e se 26 fosse final de semana ia também! Tenho várias fotos desses momentos!

Adorávamos esportes e danças! Minhas primas, que moravam na região, e eu fazíamos balé, jazz, sapateado, então fazíamos apresentações de balé, patinação, teatrinhos... Era bem divertido! Na verdade, eu tinha que fazer uma dança, um esporte, um instrumento musical, essas coisas da ideia de família pequeno-burguesa...

Como tenho problemas nos tendões, sempre fui muito rígida e por questões médicas tive que fazer natação, o que não era um problema porque adorava piscina! Éramos sócios de um clube, então, além da natação, jogava basquete, tênis e fazia outros esportes. Ainda fiz jazz, balé, sapateado, tocava piano, violão, flauta. Aquela coisa: "um esporte, uma dança,

um instrumento"! Em muitos momentos, várias coisas ao mesmo tempo a partir dos seis anos...

Quando entrei na escola, minha mãe era perueira, então estudava na escola onde ela trabalhava. Era um colégio privado, mas de bairro. Era bem divertido porque a escola era católica e eu nunca fui muito religiosa... Era muito travessa, peralta mesmo! Como gostava de esportes, às vezes cabulava aula para ficar jogando basquete e muita queimada!

Diariamente eram conversas com a minha mãe porque a porteira ou o inspetor a chamavam na hora da saída para contar meus feitos. Tinha coisas que ela aceitava e outras que reclamava, claro! Mas minha mãe era muito parceira com essa coisa da escola. Tinha uma professora de Ciências do quinto ou sexto ano que mandava copiar o capítulo inteiro no caderno, coisa de dez páginas! Aí eu pedia para faltar e minha mãe concordava porque também achava aquilo um absurdo! Meu pai também era muito parceiro, apesar de eles valorizarem muito os estudos! Tanto que alguns primos estudavam em escolas públicas e eles marcavam muito o fato de eu ter a oportunidade de ir para a escola privada, que era, segundo eles, melhor e por isso tinha que valorizar onde estava.

No jardim e no pré eu chorava diariamente! Não queria ir de jeito nenhum! Na primeira escola que frequentei lembro bem o porquê! Tinha muita terra e muitas galinhas que corriam atrás de mim! Eu era muito pequena, então imagina a cena!

Quando mudei de colégio, era muito tímida, uma criança muito quieta, e minha mãe conta que eu vivia agarrada com ela. Então acho que tinha essa coisa do receio de descolar mesmo e ir para outro espaço socializador. Eu queria mesmo era estar com a minha mãe...

Tinha também meu primo Rogério, que era meu vizinho, e fazíamos tudo juntos, como irmãos, só que sempre ficamos em turmas separadas no colégio! Nós dois chorávamos o tempo todo quando íamos para a escola. Mesmo separados, a

gente sempre estava junto nas festas. Nos ensaios de Dia das Crianças, Festa Junina, 7 de Setembro, tudo, íamos para a sala um do outro para ensaiar porque “tínhamos” que ficar lado a lado em todos os eventos sociais.

Nunca tive medo de minha mãe me esquecer na escola porque ela tinha a responsabilidade das várias crianças da perua. Mas passamos por algumas situações de perigo juntas...

Uma vez a perua pegou fogo! Não lembro muito da reação das outras crianças, mas lembro da minha mãe falando: “Todo mundo pra fora!” Eu, como sempre fui muito organizativa, falava na direção das crianças: “Você bate de porta em porta e pede água, pede para chamar o bombeiro!”, “Você vai junto apoiar essa pessoa!”, “Você vem comigo buscar areia para jogar no motor da perua!”, “Você pega o extintor!”... Cada um tinha uma função! Vamos apagar o incêndio e chamar ajuda! Fizemos isso e apagamos o fogo antes mesmo dos bombeiros chegarem...

Outra vez, eu devia ter uns 11 anos, estava chovendo e estávamos numa via paralela à Anhanguera, perto do Parque São Domingos. O carro derrapou e girou 360 graus! Quando o carro parou, minha mãe se virou e disse: “Está todo mundo bem?”. Sim, estava. E eu repetia: “Está todo mundo bem?”. Era engraçado... Em situações de emergência, tínhamos esse comportamento de resolver a situação.

Tínhamos uma “chacrinha” no interior e às vezes, quando íamos para lá em dia de chuva, a perua ou o carro atolava no meio do caminho. Sem muitas delongas, a gente descia, empurrava e continuávamos a viagem! Posso dizer até que quando criança nunca senti medo. Mesmo nadando, sabia que o salva vidas estava lá!

Mesmo meus pais sendo parceiros, tinham coisas que eles não gostavam, claro! Por exemplo, quando cabulava aula para ficar jogando ou quando desrespeitava os padres, o que fazia bastante! Era coisa de criança, como tomar muito gelado

no dia anterior à aula de religião para ficar soando o nariz na capela para fazer barulho... Lógico que os professores sabiam que era de propósito! Tinha vezes que eu lia a Bíblia para discutir na aula de religião e falava: “Não! Espera aí! Uma pessoa de 800 anos? Isso não existe! Isso é um livro de historinhas e você quer que eu acredite como se fosse verdade?”

Apesar de tudo, acho que me mantiveram nessa escola porque era o único colégio particular do bairro. Provavelmente eles quisessem mostrar algum status de que tinham uma boa situação financeira e que, por isso, eu não precisava frequentar a escola pública. Tinha aquele preconceito de que em colégio público só tem trombadinha, essas coisas... Não seria o caso porque o bairro era de classe média e estudando de manhã não teria esse tipo de problema. Era mais imaginário mesmo... Também pode ser o fato deles não terem tido acesso à escola e, por isso, queriam me proporcionar um estudo de qualidade. Acreditavam que era a melhor escola do bairro, portanto, eu deveria estudar ali.

Essa escola só tinha o Ensino Fundamental e quando passei para o Ensino Médio já tinha uma reflexão sobre a história do país, da situação contemporânea, então achava importante ir para a escola pública. Afinal, minha família não tinha tanto dinheiro, meu pai não tinha a mesma estabilidade profissional de quando nasci e comecei a frequentar a escola pública. Houve essa insistência de minha parte para ir para a escola pública, o que foi uma grande briga em casa porque queriam que eu fosse para uma escola privada em algum outro lugar.

Nessa época, minha mãe não tinha mais a perua e meu pai já pulava de emprego anualmente. A questão financeira existia, mas também queria ir para a escola pública por uma questão de independência! A que escolhi ficava na Lapa e como morava em Osasco, significava que teria que pegar ônibus! Para mim seria uma conquista, embora não fosse algo muito

concebível na família. Para se ter ideia, tínhamos três carros na garagem. Não eram carros muito bons, mas eram três! Nenhum “zero”, mas sobrava carro para o número de motoristas. Para eles o fato de eu pegar ônibus era um absurdo, enquanto o que eu queria mesmo era a independência porque poderia fazer o que quisesse, sairia de casa para uma atividade que não necessariamente seria a escola... Não teria os olhares me vigiando o tempo todo, porque tinha essa proteção e cuidado constantes, até então eu quase nunca saía do campo de visão deles. Mesmo quando cabulava, era para ficar dentro da escola, coisa que mudou obviamente no Ensino Médio, quando cabulava era para ficar fora da escola... A preocupação deles também tinha o lado profissional porque, apesar de saberem escrever e fazer contas, não tinham o Ensino Fundamental completo... Eles sempre trabalharam como motoristas: meu pai como taxista, motorista particular ou de diretor de empresa; e minha mãe com a perua escolar, e a escola era uma oportunidade de ascensão social.

Tinha argumentos sólidos para falar que queria mudar de escola. Além das questões financeiras e familiares, tinha questões de independência porque me sentia numa verdadeira bolha! Às vezes, quando brincava na rua, os dois colocavam cadeiras e ficavam sentados na calçada me vendo brincar. Sair do bairro e estudar em outro lugar foi um momento libertador! No Ensino Médio já gostava de lecionar e tinha afinidade com crianças, então decidi fazer Magistério. Fiz o primeiro ano na Lapa, mas comecei a achar longe, então decidi fazer o segundo ano mais perto de casa.

Sempre moramos na divisa de Osasco e São Paulo, mas nossa referência era a Lapa e Pinheiros. Osasco era como se fosse outra cidade. Quando falávamos em ir ao “centro”, era a Praça da Sé e não o calçadão de Osasco... Além disso, a Lapa era um lugar familiar porque meu pai viveu lá desde o nascimento... Mesmo assim, estudar na Lapa significava que

andaria pela calçada e ninguém sairia contando para meus pais que tinham me visto, estaria finalmente longe de casa! Queria distanciar um pouco a adolescente da criança.

A rebeldia veio mesmo aos 16 anos! Virei gótica, tomava vinho no cemitério! Uns dois anos depois passou aquela novela que tinha os góticos. É um estilo, um comportamento que tem a ver com música e também com literatura! Comecei com as músicas, um pop dos anos 80, que são sempre tristes, de amores perdidos ou de solidão e que eu simplesmente adorava e ouvia bastante! Por afinidade musical, fui conhecendo outras pessoas e começamos a ler muitas coisas do romantismo brasileiro... "Noite na Taverna", "Idolatração", era um bando de solteiros apaixonados que não conseguia ficar com a pessoa amada. Então a gente lia, bebia bastante no cemitério, andava com roupas pretas...

Minha mãe não entendia nada que estava acontecendo e me levou para todos os "saravás" que conhecia. Todos mesmo! Como eu era uma pessoa ligada aos esportes e tinha aquele padrãozinho "um esporte, uma dança, um instrumento", de repente ficar trancada no quarto lendo um livro ou ouvindo músicas era uma coisa esquisitíssima! Além disso, nessa idade sempre tem alguém que fugiu de casa ou tentou se suicidar e minha mãe temia que isso pudesse acontecer comigo. Achava que tinha algo demoníaco, um encosto ou algo do tipo...

Na verdade, minha mãe nunca se encontrou religiosamente, passou por várias religiões e algumas vezes várias ao mesmo tempo. A solução era me levar para benzer, tomar passe, mesa branca, redonda, cachoeira, banho de jasmim, sal grosso... Nossa, tive que fazer muito disso! Como não tinha muita paciência de brigar, quando falavam que só poderia usar roupa branca, eu concordava. Mas, quando saía de casa, levava a roupa preta na mochila e me trocava em qualquer lugar. No final, ia com a roupa que eu queria, claro! Essa fase durou uns cinco anos, foi até meus 19, 20 anos...

Apesar das decepções amorosas, dos 16 aos 18 anos eu beijava todo mundo! Tinha até campeonatos!!! Ainda tinha aquela coisa da superproteção, então podia ir para as baladas, mas meu pai me levava e buscava. E levava o pessoal todo também! Acho que fui voltar de ônibus quase com 18 anos e ainda em ocasiões bem específicas. Íamos para os lugares e apostávamos quem ia beijar mais! Uma noite beijei nove e minha prima Carol, treze! Ela sempre ganhava! Era muito divertido!

Tinha vezes que beijava três: um ótimo, um mais ou menos e o outro muito ruim. Na semana seguinte, encontrava algum de novo e não lembrava qual era. Então, a solução era beijar de novo. Às vezes era o ruim, outras dava sorte de ser o ótimo... Mas também tinha os namoradinhos fixos. Com 17 anos, tinha um na sexta, dois no sábado e um no domingo. O problema era quando um deles chegava no dia errado! Quando isso acontecia, eu dava um jeito... A gente frequentava muito a Broadway, que tinha três ambientes: pop embaixo, rock acima e salsa no lado de fora. O jeito era ficar com um em cada ambiente... Quando isso começou a acontecer com muita frequência, variava as baladas. Na sexta ia para o "Caipiraco", Broadway no sábado e no domingo o Rapsody. Variava os ambientes para não cruzar com os bonitos o tempo todo...

Quando dei meu primeiro beijo, tinha uns 13 para 14 anos. Estava na oitava série e foi numa baladinha na casa de alguém. Não lembro direito do carinho, mas era um bonitinho que eu paquerava... Estávamos dançando música lenta quando rolou... Lembro que adorava Halls e ele estava com um... Foi bem legal!

Minha primeira experiência sexual foi com meu primeiro namorado, aos 19 anos. Já devia ter beijado uns 500 caras na vida! Fazia até lista com nome, estrelinha e informações do tipo "vou beijar de novo", "posso passar", "foi legal, mas não sei se rola"... Tinha agenda onde colocava lembranças de todas

as baladinhas, cinema, tudo! Minha primeira vez foi com o Fernando, com quem namorava há quatro meses. Era algo mais sério, ele tinha 24 e eu 19 anos. Teve pedido de namoro, tudo “tradicionalzinho”, como meus pais faziam questão. Foi bem legal, embora gostasse mesmo de outro garoto, o Leo.

Foi divertidíssimo esse namoro! Ficava todo mundo de olho o tempo todo e sempre que saíamos inventavam de alguém ir com a gente, então era tudo muito escondido. No telhado da casa dele a gente ficava bem escondido namorando. Nossa primeira vez foi na praia, em Itanhaém. Foi bem legal! Foi tudo “planejadinho”, estávamos envolvidos e ele era bem parceiro! Ficamos juntos por quase dois anos...

Enquanto isso, continuei sempre próxima dos meus primos. A gente brinca que tem um núcleo central: as irmãs Carla e Michele; as três irmãs Vanessa, Sheila e Daniele; e a Carol e o Jonas. Menos meu primo Rogério, que durante a infância era o mais chegado. Quando tinha uns 12 anos ele se mudou para o Parque São Domingos, que para nós era um bairro de alta burguesia. Fomos perdendo o contato até por conta de um rolo familiar e hoje somos apenas “amigos de Facebook”.

Com os outros, falo sempre. Hoje mesmo a Carla me ligou para irmos ao teatro no domingo e conversei com a Sheila de manhã. Sem contar o grupo do Whatsapp da família que reúne todo mundo! Como morávamos no mesmo bairro, sempre fomos próximos. Claro que aconteceram briguinhas, o que é normal, mas é todo mundo parceiro. Alguns têm filhos, outros não, mas nos mantemos unidos... A fase das baladinhas na Broadway, por exemplo, era com algumas dessas primas... Nunca tivemos segredos, mas fui a única que fez um caminho diferente, principalmente com relação a minhas escolhas profissionais. Sempre fui um pouco esquisita nesse sentido...

Nossas reuniões de família continuam sendo gigantes! Não é mais na mesma casa porque depois que minha tia-avó

morreu, passou para a segunda tia-avó, para a terceira e agora que essa geração morreu, fazemos na casa de quem está vivo... Sempre fui rodeada de pessoas! Sou o que em inglês chamam de “*person person*”, ou seja, uma pessoa que gosta de pessoas! Gosto de conviver com pessoas e sempre tive muitos, muitos amigos! Dos 13 aos 17 anos nossa turma era enorme! Uma vez alugamos um ônibus e uma van e fomos em 50 pessoas para a beira de uma represa para ficar lá, comer, beber, conversar e foi nesse dia que tive meu primeiro porre! Meus amigos tinham entre 13 e 19 anos e sempre tinha alguém que tocava violão, cantava, o pessoal que jogava, bebia, enfim... Um desses amigos, o Everson, morava no bairro e no terceiro andar da casa dele tinha um salão de jogos. Claro que a gente vivia lá! Minha casa também teve momentos em que tinha mesa de ping-pong e sinuca fixas na garagem! Sempre tive videogames e foram muitas festinhas, bailinhos em casa e na casa dos amigos!

Essa turma acabou entrando no Ensino Médio praticamente ao mesmo tempo. Mas enquanto a maioria foi fazer Regular ou Administração, optei pelo Magistério, então já comecei a destoar um pouco do pessoal. Na minha cabeça e levando em conta que em casa, para meus pais, a ideia era que eles tinham estudado pouco, então eu tinha que ir um pouquinho além, imaginava que tinha que pelo menos terminar o Segundo Grau, hoje Ensino Médio. Seria bom sair com uma profissão e por isso escolhi o Magistério.

Era início dos anos 1990 e lembro que fui cara pintada no *impeachment* do Collor... Foi bem divertido! Meus pais, super protetores, diziam: “Não, não pode!” Aí eu disse que ia para o *shopping* porque era greve de professores e não estava tendo aula. Mas, em pleno Jornal Nacional, apareci em cima do carro de som gritando: “Fora, Collor!”. Eles: “Mas você não estava no shopping?...” Olha que situação!

Aos 16 anos comecei a trabalhar oficialmente, então mudei a escola para o noturno, o que também foi um impacto porque fui a primeira pessoa da família a trabalhar formalmente nessa idade. Além disso, tinha um preconceito com o fato de estudar à noite, sem contar que meus pais vinham com aquele discurso de que eu não precisava trabalhar. Gastava mais em transporte, alimentação e roupa do que meu salário, mas queria ter independência e sair do quadrado, viver outras histórias...

Quando terminei o Magistério, me deparei com a sala de aula e esse salário “esquisito”. De cara percebi que não ia rolar, então fui fazer um curso para ser comissária. Fiquei um tempo tentando até que entrei na VASP.

Ser comissária é não ter vida real. Quase não tem folga, você voa o tempo todo! Tem que ter uma folga a cada seis dias no máximo. Tem umas normas que incluem uma folga social no mês. Só que essa folga pode ser: sexta e sábado; sábado e domingo; domingo e segunda. Passei seis meses sem ter folga social de domingo. Sempre caía sexta e sábado, então não ficava mais em casa de domingo. Nessa época minha avó ainda era viva... Perdi todos os jogos do Corinthians, churrascos, festas, porque a gente não tinha um calendário, o avião estava rodando o tempo todo! Não é assim: “Natal, vou passar com a minha família”. Não tem isso.

Lembro que entrei em novembro e em janeiro tinha um show do U2. Ainda estava fazendo voo supervisionado e havia uma escala que era reserva, ou seja, ficávamos no aeroporto esperando o avião chegar. Se alguém faltasse, assumíamos o voo. Falei para a minha chefe: “Vai ter show do U2, quero muito assistir!”. Ela ligou para a escala e disse que tinha sete pessoas na reserva e ela queria que eu, que precisava voar acompanhada, ficasse por último porque tinha um “evento familiar”. Nesse dia seis pessoas foram chamadas e fiquei por último. Era tudo muito imprevisível! Ser comissária é perder

casamento, batismo, não poder fazer uma programação. Não podia pedir férias, a escala saía toda quarta-feira e era válida por uma semana. Então se hoje fosse terça, não sabia o que estaria fazendo o próximo sábado...

Minha mãe tinha o sonho que eu fosse médica, algo surreal! Aquela coisa: médico, engenheiro, advogado são as profissões importantes. Coisa de família sem muita reflexão. Todas essas profissões eram impossíveis porque, imagina, eu não estudava direito, cabulei o Ensino Médio inteiro para ficar passeando no *shopping*, no cinema, não estava nem aí, então não era possível. Por ser uma família, na minha concepção, humilde, eu mesma não tinha esse imaginário de profissões. Todos os homens eram motoristas, as mulheres ou motoristas ou donas de casa, cabeleireiras, domésticas... Tive tia-avó que era passadeira, lavadeira... A gente não tinha um imaginário de profissões.

Mas o sonho do meu pai era que eu fosse comissária. E do que precisava? Falar línguas, ser alta e magra, gostar de viajar e gostar de pessoas. Poxa! Eu gostava de tudo aquilo e o curso era de cinco meses, portanto, super possível! Já falava um pouco de inglês e espanhol, naquela ideia de "um esporte, um instrumento", não podia faltar "uma língua"... Tinha todos os pré-requisitos para ser comissária! Adorava viajar, embora com a família ficássemos entre o Rio e Curitiba, passando um pouco por Minas.

Ser comissária era algo bem "Paralamas do Sucesso"... Conhecer o mundo inteiro sem gastar nem um tostão e sem andar de navio... Ia ser e foi muito divertido! Fiquei um ano e meio na VASP, mas foi quando a parte familiar ficou meio de lado. Se minha folga era na terça, não tinha mais ninguém de folga para ir ao cinema às duas horas da tarde. Mas com o pessoal da aviação era festa todo dia!

Essa imagem impecável que pode ter para quem é de fora é bem diferente! Imaginava que ia mesmo conhecer o mundo

inteiro sem gastar nenhum tostão. Pensava que ia perceber toda a parte histórica, conversar com a população local, saber das famílias, dos lugares, as coisas boas e ruins tanto no Brasil quanto do mundo! Quando cheguei lá era “sexo, drogas e rock and roll”! Todo mundo trancado no quarto do hotel o tempo todo se drogando, bebendo, fazendo sexo e ouvindo música. Isso para mim ficou cansativo já no segundo mês porque não passava disso! Sem contar que não tinha escolha da escala, nem com quem você iria voar.

Fui para o internacional com quatro meses e fiquei muito irritada porque ainda não conhecia o Brasil! Para mim, o Brasil se resumia a São Paulo, Rio, Minas e Paraná. Mesmo que tivesse viajado para outros lugares quando pequena, depois dos seis anos, quando já tinha memória, não tinha tido essas experiências, então queria mesmo conhecer o Brasil.

Por exemplo, em Cuiabá, se estava quente demais ninguém queria ir para a Chapada dos Guimarães! Preferiam ficar na piscina do hotel ou no quarto com ar-condicionado. No Recife, a gente chegava às onze da noite e saía doze horas depois, então no máximo tomávamos uma cerveja ou fazíamos festa no quarto do hotel. Quando Recife virou inativo, ficávamos 32 horas, mas a galera continuava no hotel o tempo todo! Então, saía sozinha mesmo! Fui para a Ilha de Itamaracá, Porto de Galinhas, fazia tudo sozinha, porque ninguém queria fazer essa parte de passeio e cultura – às vezes por questão financeira, principalmente nos voos internacionais, porque naquela época quem voava no internacional era quem já estava ali há dez anos, tinha vida estabilizada ou em construção, então precisava pagar aluguel, carro e todo dinheiro era para isso. E quem tinha acabado de chegar e só queria passear? Nesse caso gastava todo o dinheiro, além do cartão de crédito e mais o que precisasse. Voar às vezes também era muito solitário porque a galera ficava fazendo miojo na pia do banheiro do hotel e eu definitivamente não tinha paciência para isso!

Tem uma viagem que gosto de lembrar porque foi meu aniversário! Eu, sempre *"people people"*, querendo conversar com todo mundo, fiz uma festa... Até que chegou o cara da escala dizendo que finalmente estava me conhecendo pessoalmente! Ele falou:

– Você percebeu que só tem voo bom?

– Percebi! Achei que era sorte... Não é com todo mundo?

– Não! Primeiro que minha letra preferida é S e seu nome tem dois, então quando escrevo seu nome já tenho muito prazer! Segundo que seu número é 48888, então é muito fácil escrever! Como a escala é toda à mão, sou eu que faço. Então anota aqui o que você quer de aniversário!

– Então quero um Zurique de quatro dias!

– Anote, por favor, o nome das pessoas que você quer nesse voo. Você pode levar cinco amigos.

– Ótimo!

Anotei os nomes, fomos escalados e viajamos para lá. Só que eu também vivia essa parte *"sexo, drogas e rock and roll"* e escolhi os amigos dessa turma para a viagem. Moral da história: passamos os três primeiros dias trancados no quarto do hotel! Anoitecia e amanhecia e a gente lá no quarto, de uniforme ainda, conversando, se agarrando... No máximo, íamos para outro quarto para continuar se agarrando e voltávamos. Até que falei para as meninas, num dos poucos momentos de lucidez, provavelmente depois de um cochilo: *"Vamos sair daqui agora, senão a gente não vai conseguir!"* E fomos andar de gôndola em Veneza! Não temos essas oportunidades na vida real! Hoje em dia talvez em congressos, apesar dos cortes nas bolsas, mas é algo uma vez por semestre ou por ano, enquanto para nós era algo normal!

Quando alguém ligava e perguntava onde estava, eu falava:

– No Pão de Açúcar.

– Da Praça Panamericana?

- Não, no Rio de Janeiro!
- Ah, porque ia te chamar para uma balada à noite...
- Ok! Nove horas da noite estou aí!

E saíamos. Como tínhamos passe livre, quando chovia e inundava São Paulo, pegávamos o avião e íamos jantar na casa de algum amigo no Rio, Porto Alegre, Curitiba... Voltávamos dez da noite para casa, quando não tinha mais trânsito na Marginal. Uma vida surreal, mas dentro da normalidade das profissões...

Escolhi aquela viagem especificamente porque, como adoro esquiar, queria ir para os Alpes! Mas estava todo mundo muito chapado e tínhamos medo de cair na montanha e ter que ir para o médico fazer exames... Vai que encontram drogas no sangue? Definitivamente andar de gôndola parecia mais seguro... Mesmo assim, era um voo com 22 pessoas em que seis fizeram algo, que eram as cinco que escolhi para viajar. Fiquei amiga do cara da escala, então sempre voava com quem era parceiro, mas tinha vezes que voava com pessoas que faziam miojo na pia do banheiro para não gastar nenhum real.

Apesar de tudo, sabia que essa fase seria por pouco tempo. Quando a VASP faliu, tentei entrar na Gol, mas não deu certo e acabei não procurando mais outra empresa aérea. Até porque queria estudar de novo e a USP parecia mais possível. Queria ter vida real, apesar de hoje ver que a gente não tem muito isso aqui também...

No começo fiquei sem saber o que fazer. Enquanto estava na VASP pensava em ficar mais três anos para poder voltar a estudar ou ter um emprego de verdade, das nove às cinco, com salário melhor e com uma ideia de profissão. Na aviação, desde o primeiro dia, a profissão era servir Coca-Cola no avião e, desculpa, mas não ia fazer isso a vida inteira! Não tenho nenhum problema com o trabalho, já fui empregada doméstica, pinteí casa, empurrei folhas no Outono antes de cair a neve quando morei nos Estados Unidos, já fiz de tudo!

Para mim não deveria existir hierarquia entre as profissões, mas pensando a longo prazo, passar vinte anos servindo refrigerante no avião, não passava pela minha cabeça!

Queria ter uma profissão socialmente engajada, talvez ser professora, educar crianças, algo que fizesse sentido! Eu viajava mesmo, sem dó! Passeava e tirava todos os passes que tinha direito! Namorei um cara de Porto Seguro e ia para lá como se fosse a cidade vizinha. Quando saí da aviação, eu e todos que foram mandados embora, começamos a refletir: “Tinha Ensino Médio, mas não muita experiência de trabalho, sem profissão, sem faculdade, mas com salário de, no mínimo, dois mil reais.” A questão era o que faríamos para ter a mesma qualidade de vida e as mesmas coisas sem faculdade? Naquela época faculdade era algo restrito. Não era como hoje, que há esse *boom*! As faculdades eram as mesmas de sempre: Mackenzie, Faap, PUC, Casper, USP e duas unidades da Unip, algo surreal! Eu passei toda a minha infância e adolescência acreditando que meus estudos terminariam no Ensino Médio, o que era esperado para a minha geração na minha família. Não pensávamos na possibilidade de fazer faculdade.

Então fui morar nos Estados Unidos para juntar dinheiro... Várias pessoas da aviação tiveram isso como opção porque iria melhorar o inglês e, de repente, poderíamos ingressar numa empresa séria, porque no Brasil quase sempre é algo meia boca. A VASP, por exemplo, não depositava o FGTS, até hoje nunca recebemos esse dinheiro. Seria oportunidade de trabalhar numa Emirates, onde precisaria de um bom inglês, ou outra empresa internacional como Air France, etc. Vários comissários foram para o mundo fazer curso de inglês e passar um ano nessa experiência. Eu já tinha alguma habilidade, falava um pouco da língua e gostava de viajar. Além disso, estava explorando outro lugar com um salário de, no mínimo, mil dólares com a possibilidade de morar e comer de graça, sem contar a chance de ter outros trabalhos!

Morei em Ohio por decisão própria. Tem agências que indicam o serviço de babá, que é o espelho da precarização do trabalho para pessoas de países subdesenvolvidos que vão trabalhar nos Estados Unidos. Tinha várias opções: Miami, Nova Iorque, Los Angeles, mas escolhi uma cidade do interior, para aprender inglês, me relacionar exclusivamente com os norte-americanos e ganhar dinheiro.

Fui babá de duas crianças em uma cidade quase na divisa com o Canadá, perto de Chicago e foi uma experiência bem legal! Fiz amigos, com quem converso até hoje pelo Facebook. Fiquei um ano e pouco, melhorei meu inglês, paguei contas, mandava dinheiro para a família, foi bem diferente de viajar uma vez por semana.

Apesar de toda a criação protetora que tive, trabalhar na aviação sempre foi motivo de orgulho. Ter uma filha comissária de bordo era o sonho do meu pai! Eles nem entendem o que é Mestrado, tanto que a pergunta atual é: “Quando você vai lecionar na USP?” porque eles não entendem o que faço atualmente... Mas o orgulho mesmo da família inteira é eu ter sido comissária, até hoje, quase 20 anos depois!

Morar fora foi difícil, principalmente por conta de questões familiares... Na época, minha avó estava muito doente, bem velhinha, e saí de casa para não vê-la morrer... Também para não ver meus pais se separarem... Eles estavam bem brigados e meu pai sempre foi meu melhor amigo! Só de pensar que ele sairia de casa sem me levar e com minha avó morrendo era algo muito complicado! Como precisava do dinheiro e não tinha opção de trabalho no Brasil que pagasse o que precisava, fui... Na época, pagava 1.500 reais por mês de apartamento, não tinha a possibilidade de ganhar esse salário.

Para a família, foi extremamente produtivo porque meus pais viraram apoio um do outro e se aproximaram, já que eu não estava por perto. Minha tia-avó, que todos julgavam uma velhinha sem muita noção, chamou a família inteira e disse:

– Espera aí! A gente veio para cá fugindo da seca no Nordeste, buscando melhores condições de vida e ela está fazendo a mesma coisa. Só que pra ela, que está em São Paulo, o Brasil já não basta e ela teve que ir para fora!

E foi essa velhinha de 92 anos que deu forças e segurou a família, o que foi bem legal! Eles brincam que fazem negociações com Deus, então ela não poderia morrer porque eu estava fora e assim foi mesmo!

Quando voltei, fui fazer faculdade privada, na época, a Unibero. Era telefonista e meu salário era de 720 reais. Só que a faculdade era 850, então tinha que economizar dois meses para pagar um, ou seja, ficava devendo. Minha carteirinha era bloqueada e não conseguia entrar. Certo dia, um professor me encontrou na porta e falou:

– Por que você está aqui fora? Está esperando alguém?

– Estou! Alguém com carteirinha para eu passar na catraca, porque não paguei a mensalidade esse mês.

– Vou passar com você e vamos tomar um café.

E fomos:

– Olha, em vez de você ser dez nessa faculdade, por que não vai ser sete na USP?

Eu fazia Relações Internacionais, mas o curso não estava homologado pelo MEC. Estava na segunda turma e precisava de três turmas concluídas para tentar a homologação. Ou seja, me formaria sem ter diploma. Ele me explicou várias coisas, apontando características acadêmicas de que eu poderia estar na USP, algo que outras pessoas já tinham dito. Percebi que fazia sentido... Então, resolvi tentar! Na época, não tinha bilhete único, então descia na Paulista e ia a pé na ida e na volta. Para ir, tudo bem, era descida. Mas, para subir... E ainda tinha que ir para o trabalho! Uma correria só!

Nessa mudança, tive que fazer cursinho para entrar na USP, mas não consegui de primeira... Prestei Letras porque eram 850 vagas e, como tinha feito Magistério, não tinha

estudado as matérias exatas. Fazia seis anos que não estudava, então encarei bem não ter passado nas primeiras tentativas. Sabia que daria certo depois! Fiz a graduação com alguns intercâmbios e comecei a lecionar inglês e espanhol.

Além da vida de trabalho e estudos, continuei tendo relacionamentos e sempre usei camisinha, apesar de ter a menstruação muito regulada... Tenho ovários policísticos e em algum momento cheguei a tomar remédio, mas a questão da camisinha nunca foi gravidez e sim o medo de pegar alguma doença que me fizesse tomar remédios a vida inteira.

Meu tio Kiko, que morou com a gente, morreu de Aids quando eu tinha 13 anos, então... Era aquela fase bem Tom Hanks naquele filme *Filadélfia*. Uma época sem conhecimento ou internet, quando achavam que tudo era contagioso. Não podia usar o mesmo banheiro, o mesmo talher, ele foi super abandonado pela mãe e pelos irmãos, tanto que veio morar em casa. Lembro que ia à biblioteca uma vez por semana para ver se no jornal tinha alguma atualização sobre a doença. Foi uma situação bem difícil, numa época em que as pessoas morriam por causa disso.

Para mim, usar camisinha, desde a primeira vez, foi algo presente independente de estar ou não tomando remédio. Nunca aconteceu de não usar, por mais que estivesse bêbada ou chapada. Namorei um cara da aviação que era uma graça. A primeira vez que ficamos juntos foi em Salvador e ninguém tinha camisinha. Aí ele disse que tinha feito exame três dias atrás e mostrou a carteirinha. Eu disse claramente que o problema não era esse porque tem doenças que podem não se manifestar nele, mas podem trazer inúmeras consequências para as mulheres!

Desse monte de primos que eu tinha, muitas primas fizeram de tudo nessa vida e iam ao ginecologista mensalmente. Como sou uma pessoa que não gosta de sentir dor, era bem mais fácil usar camisinha o tempo todo. Então não passei

por nada disso. Mas tive várias amigas que engravidaram e abortaram ou ficaram com doenças, nada como Aids, mas várias outras coisas...

Tive muitos namorados e “ficantes” porque era divertido. Tive também um grande amor. A gente chegou a comentar sobre ficar juntos, ter filhos e morar em vários lugares do mundo, mas o relacionamento acabou. Foi só com ele que eu quis de verdade ter filhos. Com outros namorados, eles fizeram planos, mas eu mesma não queria muito, não os via como “o homem da minha vida”, alguém com quem queria envelhecer e ficar para sempre. Era bacana enquanto estávamos nos divertindo... É curioso porque, por ser filha única, sempre quis ter família, ter três ou quatro filhos, mas nunca planejei namorar para casar. Eu namorava porque era divertido...

Na minha vida sempre teve duas histórias sobre a minha mãe biológica. Uma delas é essa da minha mãe biológica durante a gravidez amarrar a barriga para não aparecer, que não sei em que momento ouvi, ou inventei para justificar todas as partes do meu corpo que não funcionavam tão bem... Ela não queria que ninguém soubesse que estava grávida, porque tinha a intenção de entregar a criança para a adoção. Ela queria trabalhar e uma criança a atrapalharia. Essa história parecia muito fútil, então eu inventei outra. Eu dizia que minha mãe era contra o regime militar brasileiro e que precisava entrar na clandestinidade e/ ou se exilar do país para não ser presa e torturada. O motivo político, relacionado à sociedade, era nobre e fazia mais sentido do que um motivo individual. Hoje acho que todos os motivos são válidos e que as mulheres deveriam ter autonomia sobre seu próprio corpo.

Acho que minha primeira referência dessa história é minha avó falando:

– Nossa, você parece muito sua mãe! Alta, magra, cabelo comprido...

Eu olhava e pensava: “Mas minha mãe é baixinha, gordinha, de cabelo liso e com várias características que eu não tenho...” Se essa não é minha mãe, então quem é?

Não lembro o momento exato... Só a gente sentadas na sala conversando, eu me levantando para ir à cozinha... Mas lembro de falar com minhas primas, principalmente a Vanessa, que era a mais velha e mais próxima:

– E se eu fosse na “Porta da Esperança” perguntar para o Silvio Santos quem é minha mãe biológica?

Primeiro a logística: eu teria que escrever uma carta, que teria que ser sorteada e teriam que achar minha mãe biológica... Segundo: como meus pais se sentiriam em relação a essa história de eu querer saber quem era minha mãe biológica?

A Van, minha prima, perguntava: “Mas sua mãe não vai ficar triste? Por que você faria isso?”. Eram só perguntas porque eu não tinha esses planos de verdade. Nunca escrevi a carta ou peguei o endereço do SBT. Era mais aquela coisa do imaginário, porque tinha crianças que pediam uma bicicleta, enquanto outras pessoas queriam encontrar desaparecidos. Até quando abriam as “Portas da Esperança”! E quando não tinha nada era muito triste! Ficava com isso na cabeça de querer saber e essa parecia a única forma. Hoje, pensando melhor, acho que era uma forma de tentar saber sem implicar ou maltratar meus pais. Era curiosidade de saber quem era a pessoa, mas não necessariamente recuperar minha mãe biológica. Isso tudo aconteceu quando eu era criança! Eu perguntei para a minha mãe adotiva sobre a adoção quando tinha mais de 25 anos! Mas eu soube a vida inteira!

Já estava na USP, no segundo ano talvez, com uma vida muito tranquila, com um namorado bacana e feliz com a universidade... Tinha meu salário e era independente. Foi quando pensei que podia ser quem eu quisesse porque tinha total controle sobre minha vida e, portanto, podia falar para meus pais. Se eles me abandonassem eu tinha como me manter...

Havia medo de todas as partes. Da minha, se eles pensassem que não estava contente e queria procurar “minha” família de verdade, teria que sair daquela casa. Da parte deles, que me rebelasse dizendo que não era filha deles, que queria achar meus pais e fugisse de casa. Era um medo mútuo que durou a vida inteira...

Até que um dia eu acordei e falei: “É hoje!” Minha tia estava lá na cozinha e eu disse:

– Queria muito que você me falasse da mulher do óvulo e do cara do espermatozoide.

Virou uma choradeira geral por parte dos adultos! Porque quanto a mim, estava tranquila, apesar de curiosa. Mobilizou a família inteira e ficaram dias pensando em como falar... Minha tia tentou explicar e falei com meu pai, que na época não estava morando em casa, que começou a chorar pelo telefone... Foi ele quem me deu umas dicas...

A principal é que ela era amiga da Fafá de Belém e se precisássemos era a Fafá que ajudaria a localizar essa pessoa. Meu pai pediu para eu abrir a agenda e reparar o nome da Fafá de Belém, se eu nunca tinha achado isso estranho... Eu nunca tinha reparado! Mas era a pessoa que nos ajudaria a localizar minha mãe...

– O nome dela é Edneia Nascimento e é isso que a gente sabe.

Contaram como foi o processo de adoção, mas nada falaram sobre como procurar, o que fiz de várias formas! Fui atrás da Fafá de Belém... Procurei a Edneia de diversas maneiras! Peguei a lista telefônica e liguei para todas as Edneias possíveis e imagináveis!!! Foi muito engraçado porque ou eu falava que era eu mesma ou dizia que era uma amiga minha. Meus amigos falavam que eram eles mesmos querendo saber. Então, era assim:

– Oi, você é a Edneia? Quantos anos você tem?

Se tivesse mais de 45 anos havia a possibilidade de ser ela, então, falávamos:

– Você teve uma filha que nasceu em 1976 e você abandonou ou deu para a adoção?

A resposta era sempre a mesma:

– Não! Imagina!

E insistíamos dizendo:

–Olha, é uma oportunidade única na vida! A pessoa é a Samantha e ela está com a vida feita, está tranquila, só tem curiosidade de saber quem é a mãe. Não é sua filha mesmo? É só curiosidade de, de repente, falar um “oi!”, sair para tomar um café... Ela não quer nada, nem está procurando herança ou precisando de doação de sangue.

A gente ligava da USP e, mesmo se os telefones para onde ligamos tivessem identificador de chamadas, apareceria o número 3091-1000. Ligamos para umas 40 Edneias! O curioso é que as pessoas que me ajudaram nisso nem eram amigos próximos... Eu fazia parte do Centro Acadêmico e essas eram pessoas que estavam por lá. Quando ficávamos sem fazer nada, às vezes inventávamos alguma coisa e essa foi uma delas. Não eram amigos, mas achavam bacana poder ajudar, o que é bem legal! Converso com eles até hoje e liguei para todos quando finalmente achei A Edneia!

Foi pelo Facebook! No momento dos telefonemas, não era nenhuma delas, ou pelo menos nenhuma se identificou. Mesmo se fosse, acho que oito anos depois, quando a encontrarei, ela falaria...

Nesse intervalo, desencanei, não pensei mais no assunto, até que um dia, uns três anos depois, dei uma busca no Orkut. Nessa época já tinha mais internet e devo ter dado uma busca no Google também. Em algum outro momento que não sei precisar, acho que também me inscrevi em uns três sites do tipo “Pessoas adotadas” ou “Em busca de pessoas”, onde coloquei algumas características, mas era como agulha no palheiro. Afinal, são 200 milhões de pessoas no Brasil, metade mulheres...

Certo dia, estava em casa à noite, com insônia, sem fazer nada e decidi procurar. Entrei no Facebook e digitei “Edneia Nascimento”. A primeira que apareceu foi uma mulher abraçada com a estátua do Fernando Pessoa no meio de Lisboa. Aí pensei: “Bem que podia ser essa, né? Uma mulher viajada, passeando ou trabalhando ou qualquer coisa assim... No inverno, cheia de casaco, cachecol, óculos escuros... Muito eu passeando no inverno!” Pensei em mandar uma mensagem, mas o que dizer?

Minha adoção foi por meio do meu padrinho, que chama Roberto, aliás, é só isso que sei dele – ah, e que ele é de uma escola de samba. Não sei nem o sobrenome do cara e devo ter, no máximo, duas fotos com ele. Ele era amigo da Edneia e da irmã do meu pai. Num desses churrascos familiares, meus pais comentaram que queriam ter um filho, mas que provavelmente seria por adoção. Ele prontamente falou que tinha uma amiga que teria bebê e não ia querer ficar. Ele ajeitou a situação para que meus pais fossem ao hospital no dia que eu nascesse ou no dia seguinte... Era a única pessoa que tínhamos em comum, então decidi escrever o seguinte:

– Olha, estou procurando meu padrinho, o nome dele é Roberto e ele era amigo de uma Edneia na década de 70...

Algo bem superficial! Mas fomos aproximando a conversa até que ela disse:

– Essa conversa está muito estranha. Ou você é a pessoa que estou procurando e até agora não sabia nem ao menos o nome ou...

Para mim a conversa fazia todo sentido do mundo! Na verdade, acho que ela não tinha feito nada para me procurar, mas de qualquer forma, tinha a curiosidade e queria saber quem eu era... E realmente era ela! Marcamos de conversar, mas nunca usamos as palavras “mãe”, “filha”, “doou”, falávamos muito metafóricamente e até hoje tenho essas mensagens no Facebook. Podemos procurar agora mesmo...

Isso aconteceu em 2010, mas tenho problema com datas... Como acho que entrei na USP fora da idade universitária ideal, minto muito minha idade! Por isso, os anos não fazem muito sentido para mim, então tenho que fazer muitos cálculos para achar o tempo certo das coisas, o que é muito doido! Com segurança sei mesmo o ano em que nasci! Esse século para mim é muito maluco porque acho que tive 24 anos durante oito anooooos!!!

A mensagem que escrevi foi esta:

“Olá, Edneia! Procuo por uma pessoa e tenho seu nome como referência. Seu nome é Roberto, era advogado e sambista, sempre morou em São Paulo. Você o conhece? O conheceu na década de 70? A Edneia que procuro morou na Barra Funda em 1976, mas não acho que ela seja de São Paulo.”

Ela respondeu pelo Facebook:

“Você não é de São Paulo? Se precisar de alguma coisa que eu puder ajudar, estou à disposição! Tenho amigos da época...”

Ela também foi bem curiosa! Podia ter falado que não conhecia e ter desistido. Na verdade, tenho poucas informações dessas pessoas porque meu pai conta que entre querer adotar e me buscar no hospital, o Roberto marcou de conversar com a Edneia e, enquanto eles conversavam na porta da casa dela, meus pais passaram na rua para ver quem era essa pessoa. Imaginando os preconceitos deles, provavelmente para ver se a pessoa tinha todos os dentes e coisas do tipo, ou se estava grávida mesmo...

Conversamos mais um pouco até que uma resposta dela foi:

“Samantha, que momento e que surpresa, o que falar? Surpresa? Emoção? Mas sou eu sim e estou aqui, moro em São Paulo e fique à vontade para questionamentos.”

Entre essas conversas, ela disse que achava aquilo muito estranho... Na verdade, revendo os e-mails, fui eu que escrevi:

“Não sei se seu e-mail foi confuso ou claro demais. Bom, de qualquer forma, foi uma surpresa para ambas...”

Uma vez me contaram uma história que ela não quis ficar comigo porque queria seguir a carreira. Falaram que queria ser modelo e fazer propaganda. Lembro que vim para a biblioteca da FFLCH com um amigo da Geografia, pegamos todas as revistas de propaganda e começamos a ver se eu parecia com alguém! Uma busca realmente grande! Acho que estava mesmo empreendida em querer saber quem era minha mãe biológica...

Revendendo algumas mensagens que trocamos, disse também que procurava meu padrinho porque ia me casar e o queria no casamento. E pode ser mesmo que fosse me casar nessa época... Namorava o Danilo e achava que meu pai ia morrer. Como ele queria me ver casada, a gente ia casar não porque eu gostasse muito dele, mas morávamos juntos e fazia sentido... Depois dessa troca de mensagens, não lembro quem quis marcar um encontro, mas eu estava muito curiosa!

Minhas primas todas eram parecidas com alguém e eu não parecia com ninguém! Eu era a única magra e alta da família... Minha família era outra família! Eu era muito distante fisicamente e comportamentalmente da família inteira e tinha curiosidade, queria ser parecida com alguém...

Decidimos nos encontrar pessoalmente e marcamos num restaurante português atrás da Fnac de Pinheiros. Cheguei cinco minutos antes e pouco depois a vi chegando com um vaso gigante de flores! E eu não tinha levado nada...

Pelo caminho inteiro fiquei com “aquele” frio na barriga! Foram 15 minutos de ônibus em que pensava: “O que eu vou falar? Nossa, será que vou reconhecê-la ou vamos ficar uma olhando para a cara da outra na porta do restaurante sem saber quem é? Tudo bem que o Facebook tem foto, mas o que perguntar ou não perguntar?” Não cheguei a fazer um roteiro, não tinha ideia do que aconteceria! Estava curiosa,

mas sem muita emoção. Não que não sentia emoção, mas não era muita...

Quando a vi se aproximando, me perguntava se era ela mesma! Porque ela também não parecia comigo fisicamente, o que foi meio frustrante porque tinha procurado tanto por ela tentando achar alguma semelhança comigo! Nas revistas, no Google, em imagens e mesmo nos lugares por onde andava, pensava se tinha alguém ali que parecia comigo...

Trabalho com uma moça que tem a mesma cor esquisita que eu. De vez em quando penso em perguntar se ela é mesmo filha dos pais ou quem é o pai dela... Isso talvez porque até hoje não achei meu pai e provavelmente não acharei porque é um nome comum, tipo José da Silva, e é algo bem difícil de achar... Fico tentando me ver nas pessoas, pensando se alguma ali é minha irmã.

No caso da Edneia, tinha buscado seu rosto no de outras pessoas pelo caminho até o restaurante e acho que queria que ela fosse parecida comigo... Quando vi aquela mulher baixinha, com um corpo diferente do meu, um cabelo diferente, não me achei nada parecida e foi mais frustrante do que alegre ou emocionante... Não sabia se abraçava, dava beijo ou pegava na mão dela, porque não teve essa troca, ou a pergunta: "Você é minha mãe biológica? Procuo minha mãe." Podia ser uma doida que apareceu no meio do caminho...

Ela chegou no restaurante e disse para o garçom:

– Oi, tudo bem? A gente quer uma mesa perto da janela, de preferência lá no fundo, e quero que você coloque essas flores na geladeira porque vamos ficar aqui umas duas horas e não quero que elas murchem.

Foi aí que pensei: "Nossa, é a minha mãe!" Eu faço exatamente isso!!! Aí me reconheci. Não fisicamente como queria, mas foi muito divertido perceber a semelhança nas atitudes! Nesse encontro, devo ter feito três perguntas e falado duas frases... Eu só olhava... Queria saber o que estava acontecendo.

Ela é a uma pessoa que gostava de falar, então só ela falou! Foi narrando sem parar enquanto eu tentava ver se nossas sobrançelas eram iguais...

Acho que ela estava bem preocupada em contar como foi o processo de adoção, o que estava acontecendo naquele momento e, para mim, isso não fazia muita diferença. Estava prestando atenção, mas verificando se aquele braço era igual ao meu... Ficava esperando ela sorrir para ver se meus dentes eram iguais... Ficava só observando, querendo saber se era verdade, se ela era minha mãe.

Foi então que ela contou que saiu um tempo com esse cara, meu pai, e ficou grávida. O que não esperava era que ela contasse que tentou abortar. Foi para a clínica umas duas vezes e não abortou, não conseguiu, ficou com medo, assustada... Pode ser que não tenha prestado muita atenção nessa parte... Ela decidiu ter a criança e dar para a adoção e é onde entra meu padrinho. Pelo que entendi, ela não fez muitas perguntas, nem queria saber quem iria adotar.

Essa parte é confusa na minha memória... Não sei quem falou, mas... Meu pai é branco de olhos azuis e minha avó muito mais velha e toda mandona, o que teria dado a impressão de que ele era alguém importante e minha avó uma espécie de governanta. Foram eles dois que me buscaram no hospital enquanto minha mãe ficou no carro... Parece que a Edneia achou que eu seria contrabandeada e levada para outro lugar ou talvez fosse uma família de estrangeiros...

Meu pai sempre andou de terno e gravata, muito arrumado... Alto, loiro, olhos azuis, não era um padrão nacional. Então ele se perguntava se minha mãe biológica não achava que eles viajariam comigo pelo mundo ou me criariam em outro lugar... Não sei se ele falou dessa forma ou Edneia pensou que eram pessoas que nem deviam morar em São Paulo e iam pegar a criança e sair pelo mundo... Não sei de quem é essa fala...

Certamente não parecia ser uma família de Osasco porque meu pai, sempre em horário de serviço, deve ter chegado com uma aparência muito além de sua classe social no hospital, muito cheio de si: “Vim buscar a criança! Você precisa de dinheiro para o táxi? Cadê minha filha nova?” Pegou e foi embora como se tivesse comprando uma gravata no *shopping*... Não sei de quem é a fala, mas saí do hospital com eles.

A Edneia contou que foi embora e, depois disso, se afastou do meu padrinho porque seria doloroso não perguntar por mim... Lembro de meus pais comentando que meu padrinho também se afastou porque frequentar nossa casa e continuar falando com ela também era difícil, porque ele sabia das histórias, mas não poderia cruzá-las... Não sei o que aconteceu com ele, mas um dia meu pai, trabalhando como taxista, pegou alguém da mesma escola de samba que contou que ele tinha morrido...

No encontro com a Edneia, ela perguntou o que eu fazia, se trabalhava e perguntou:

– E seus pais?

– Eles também estão curiosos para saber quem é você!

Quer marcar um dia todo mundo junto?

Marcamos, então, na casa dela com meu pai e minha mãe. Ela fez um almoço para a gente e foi bem legal! Ela mora no Centro e uma coisa engraçada foi meu pai, muito pragmático, perguntar se aquela casa era própria ou alugada!!! Quando fomos embora, a primeira coisa que ele falou foi que eu não teria herança porque a casa dela era alugada!!!

Sei que ela não se casou nem teve outros filhos. Na verdade, acho que ela é meio hipocondríaca. Ou então, é muito doente! Começou a falar de várias doenças, parece que tirou o útero quando tinha 32 anos, um seio quando tinha 40 e está fazendo quimioterapia novamente. Para minha mãe é castigo porque ela não quis me ter e perdeu o útero e a possibilidade de ter outros filhos por isso. Filhos ela não tem. Pode ser que

tenha tido e perdeu ou abortou... Mas perguntei porque no fundo gostaria de ter irmãos, afinal sempre fui filha única...

Quando ela disse que tentou me abortar, acho que não consegui passar da recepção na clínica. Parece que ficou esperando ser atendida com o “cara do espermatozoide” e falou: “Não vou conseguir!” Mas também não sei o que isso significa: se foi medo da dor física, não querer gastar dinheiro, o fato de poder dar ou mesmo porque seria moralmente errado... Não falamos mais no assunto, até porque não conversamos. Somos amigas de Facebook, falamos feliz Natal, feliz aniversário e não passa disso...

A última vez foi para perguntar se ela daria uma entrevista para este projeto. Perguntei quais as novidades e ela respondeu duas horas depois. Mas não falei mais nada, porque não faz diferença. É estranho, mas acabo esquecendo e percebo o quanto não faz mesmo diferença...

A gente se viu em setembro de 2010. Em julho de 2011 fui para a China... Loja de um real aqui já é barato, imagina na China! Resumindo, todas as pessoas que eu gosto ganharam, no mínimo, seis presentes. Lembrancinhas, na verdade, mas trouxe para todo mundo! Meu afilhado ou meu sobrinho devem ter ganhado 15 coisas diferentes, que não deu cinco reais... Mas não trouxe nada para ela! Não lembrei dela na viagem... Trouxe lembranças para quase todos os meus professores queridos da graduação, para colegas de sala de aula e não lembrei dela na viagem! Depois até pensei que podia dar alguma coisa para a Edneia quando chegou alguma mensagem pelo Facebook. Mas passei três semanas num país oriental, comprei 300 lembrancinhas, e não lembrei dela!

Não fazia tanto tempo que tínhamos nos conhecido e não alterou muita coisa, não fez tanta diferença... Era uma curiosidade de saber quem era, não queria substituir minha mãe... Minha mãe, aliás, coitada, ficou curiosíssima! Ela deve ter sofrido muito! Sempre tivemos uma relação conflituosa,

então ela não conseguia se expressar sobre isso. Tanto que nas nossas ligações, porque já não morava mais em casa, depois de falar da gata, da casa e das doenças, ela perguntava da Edneia. E eu mal sabia...

Naquele encontro em que estávamos todos, minha mãe Nair ficou extremamente emocionada! Abraçou, chorou! Acho que, de certa forma, eles ficaram aliviados... Como a Edneia é uns 15 anos mais jovem que meus pais, acho que eles pensaram: "Se a gente morrer, ela vai ter um adulto cuidando dela por mais um tempo..." Pensaram na transferência de responsabilidade do cuidar...

Mas minha mãe ficou com ciúmes, o que ficou claro quando, no nosso encontro coletivo, insistia em contar coisas da infância e tudo o que fiz com eles, todas as histórias! Mas também teve a parte dela me reconhecer nos objetos espalhados pela casa da Edneia... Por exemplo, tem um quadro do Miró que uma vez pintei num sulfite e a Edneia tinha igual! Ela tinha comprado um cartaz de exposição e mandou emoldurar. Para minha mãe tanto faz quem é Miró, mas ela falou: "Nossa! Você tem esse quadro emoldurado e a Samantha tem ele pintado a guache na porta do guarda-roupas!" A gente tem não somente o mesmo quadro, mas algumas fotos iguais! E mesmo a disposição dos objetos: chapéus pendurados numa chapeleira, um cabide só para cachecol... Coisas que não tenho com a minha mãe...

Hoje pode até ser que a gente use as mesmas roupas, mas não tem essa semelhança toda que ela observou na casa da Edneia... Eu mesma não tinha percebido imediatamente, mas quando ela falava eu reparava... Posso até ter visto o quadro do Miró e achado bacana, mas não tinha passado pela minha cabeça essa relação. Ela também tinha "As Meninas" do Velasquez, que gosto muito e tinha um cartaz. Mas para mim fazia parte de um contexto porque ela visitava a Espanha com frequência e sabia pelas fotos do Facebook, mas não conseguia

emparelhar e ver que eu também tinha muito daquilo. Foi minha mãe que percebeu primeiro porque não sei se teria percebido sozinha.

Não sei bem porque temos muitas memórias e estas são seletivas. Algumas a gente guarda, mas só as mais importantes... Temos fotos que foram tiradas nos mesmos lugares na mesma época e não sei quando isso se fez presente... Acho que talvez seja sinal de que não faz tanta diferença... Para mim é bem estranho porque gosto de pessoas e tenho amigos de todas as idades e mesmo depois dessa busca intensa, não tive vontade de estabelecer algo diferente com ela...

Tive menopausa aos 32 anos, então não posso ter filhos. De vez em quando faço um tratamento ou outro para tentar reverter... É algo possível, mas dentro das minhas condições, se torna muito difícil! Tenho o atendimento do HU, mas não é tão bom. Teria que ter um bom trabalho para ter um bom convênio porque existem exames muito caros que nem o HU, nem o HC cobririam. Minha bolsa oficial é de 1.500 reais, portanto, na minha vida acadêmica atual, não teria como fazer um tratamento. Nascermos com uma população de óvulos e sinto que ovulo, mesmo que os médicos digam que é praticamente impossível. Pode ser piração minha, mas mesmo sem ovular ou menstruar, é possível que ainda tenha óvulos. Um exame para a contagem de óvulos custa 3.000 reais e não é oferecido pela rede pública. Com o que ganho de bolsa é complicado.

Mas, supondo que tivesse óvulos e salvasse alguns para o futuro, talvez precisasse ser *in vitro* e externo, o que custaria ainda mais dinheiro e, grátis, o HU não faria. Talvez tivesse condições de gestar, mas seria algo bastante desconfortável e difícil porque tenho o útero invertido e pequeno demais porque não se desenvolveu corretamente devido a uma série de fatores, falta de hormônio, enfim... Sei que minha população de óvulos é muito baixa, além disso não tenho uma vida muito saudável, o que significa que biologicamente posso ter

uma criança com alguma dificuldade física, mental e tudo mais... Não sei se tenho óvulos bons o suficiente, então não sei se passaria por tudo isso.

A barriga da minha mãe é toda costurada, ela fez algumas cirurgias e nunca pode parir filhos. Aliás, uma entrevista com ela não seria nada mal... Digo mais: com as minhas duas mães seria ainda mais incrível!

Por isso a adoção seria uma opção. Sempre pensei em ter filhos biológicos justamente porque o fato de não ter tido o "biológico" me deixa muito sozinha no mundo, biologicamente falando. Não sei se isso faria diferença hoje, mas durante muito tempo pensei: "Quero ter um filho biológico!" Não sei nem se a questão era propriamente gestar, porque quando percebi que o HU não daria conta, comecei a procurar óvulos... Minha prima mesma congelou alguns e falei com ela sobre me dar uma parte. Hoje em dia, há possibilidade de gestar em qualquer idade, mas não sei se essa é a questão.

Não conhecia minha origem e, sem filhos, não vou para nenhum lugar. Isso me faz estar muito sozinha e não ter ninguém parecido fisicamente. Imagino que qualquer criança, por mais esclarecido que seja o processo de adoção, deve querer ser parecido com alguém. Eu pelo menos quis ter o nariz, a boca, o cabelo, qualquer coisa parecida com o de alguém... Para o filho é mais fácil ser biológico, lógico! Se tivesse condições financeiras, adotaria, mas não como forma de gratidão ao universo por ter sido adotada. Conheço pessoas que consideram a adoção algo quase ecologicamente correto. Mas isso não é reciclagem! É humano, claro, mas não adotaria por esse motivo.

Gosto *muuuuito* de criança! Sempre quis ter filhos! Sempre quis ter um bebê, porque gosto muito da parte da aquisição da linguagem, o que se acentuou depois da minha primeira graduação, que foi em Letras. Hoje estou numa outra fase, não sei se quero trocar fraldas, cuidar de uma criança

muito pequena, mole, chorando o tempo todo! Sem contar que, dependendo da situação, eu criaria o filho sozinha. Não sei se quero um bebê, mas seria bacana ter uma criança, um companheiro de uns quatro cinco anos... Hoje eu tenho o Tomás, ele é meu vizinho, e é meu filho social! Ele tem sete, fazemos muitas coisas juntos, é extremamente divertido!

Se engravidasse num momento inesperado, sem planejar, sempre imaginei que o aborto seria uma possibilidade, sempre defendi para todo mundo... Mas é algo que depende de muitos fatores... Nada relacionado à religião ou à moral! Acho que nem a igreja, nem o Estado deveriam ter o controle do corpo individual de qualquer ser humano em qualquer situação e não apenas quando a questão é o aborto. Por exemplo, se uma pessoa tenta cometer suicídio e não consegue e a polícia descobre, ela vai presa! É um absurdo! E é crime... É muito governo dos corpos e isso eu não compreendo! É surreal que a igreja ou o Estado queiram dimensionar o que cada um faz com o próprio corpo, um verdadeiro abuso! Se precisasse faria um aborto, conheço várias pessoas que fizeram e apoio totalmente! Acho uma decisão muito pessoal e a única coisa que acontece com a igreja ou o Estado impedindo são todos os abortos clandestinos que levam as mulheres a morrerem ou sofrerem ficando estéreis, machucadas, sofrendo de diversas formas física e psicologicamente. Isso para mim é extremamente agressivo!

Quando conheci a Edneia e soube dessa passagem da história, para mim foi muito natural, embora não tivesse pensado nisso antes. Para uma pessoa que deu o filho, tentar abortar era só outra parte de não querer e naturalmente fazia parte do todo. Já minha mãe Nair é totalmente contra! Ela é muito conservadora e penso que ela acharia abusivo demais!

Se hoje encontrasse uma pessoa bem legal e estivesse numa relação porque é bacana – e estou numa fase assim – e fosse um ser humano paternal, teria um filho. Mas não com

qualquer pessoa... Tenho um “namorado” desde o começo do ano, ele é um cara totalmente perdido, não sabe o que está fazendo no mundo. É um gênio, muito inteligente no que faz, e daria certo em qualquer coisa que fizesse. Além disso, é muito gente boa, extremamente parceiro, uma pessoa com quem tenho convivido nesse ano, mas com quem eu NUNCA teria um filho! Ele é totalmente irresponsável! Poderia sair para comprar um maço de cigarros e literalmente não voltaria nunca mais! Ou porque parou no boteco e bebeu por seis dias, ou foi atropelado no meio do caminho, ou ficou no laboratório fazendo experimentos... Ou seja, ele não é um ser humano paterno e não teria um filho com alguém assim, seja biológico ou adotivo.

Busco um companheiro que tenha algo de paternidade. Um dos meus namorados, o Bruno, foi abandonado pelo pai e quem o criou foi a mãe e os avós, então acho que ele seria o pai mais incrível da face da Terra! Talvez seja um pouco de este-reótipo ou preconceito da minha parte achar que a influência familiar determine isso, mas como quero constituir família, buscaria alguém que fosse minimamente pai.

Acho que isso tem a ver com a minha relação com meus pais. Independente de como foi o casamento dos dois, eles sempre foram pai e mãe. Teve uma briga ou outra na hora do divórcio porque não apoiei nem um, nem o outro. Minha relação com eles é de filha e não de casal, então não tinha que julgar o que cada um fez e fiquei totalmente neutra. Mas eles foram pais fantásticos mesmo que o relacionamento como casal não tenha dado certo. Por isso, mesmo que esteja num relacionamento que não dê certo enquanto casal, espero que meu parceiro seja pai infinitamente! De qualquer forma, logicamente, teria o filho sozinha. Hoje é muito diferente do que foi nos anos 70, quando a Edneia passou por essa situação. Na época, ela disse que estava no cursinho, devia ter 20 e poucos anos e não sei qual era a situação pessoal e social dela. Mas,

o que entendi foi que o cara falou para abortarem porque não queriam ter o filho e não estavam num relacionamento. Não lembro se ele era casado ou não, mas pelo que entendi a ideia partiu do cara do espermatozoide.

O aborto pode ser uma decisão que envolve a família, o pai, a mãe, o companheiro, mas a última palavra tem que ser da mulher! Vivemos numa sociedade em que a mulher fica responsável pela criança. Quando morei nos Estados Unidos, não sei se era algo da cidade onde morei, das cidades do interior ou algo típico de lá, mas eram as mulheres que abandonavam as casas e as crianças ficavam com os pais. Tinha pai com cinco, três filhos. Fui babá em uma casa com um pai solteiro com duas crianças. Normalmente lá a mulher casava depois do Ensino Médio, tinha filhos aos 20 anos e quando chegava nos 30 queria viver e saía de casa.

A gente não tem isso como prática na sociedade brasileira. Aqui é a mulher que assume a responsabilidade pela criança, às vezes com a ajuda dos avós ou outros parentes. Por isso, a decisão final deveria ser da mulher e não de qualquer outra pessoa. Menos ainda da igreja, da lei ou mesmo dos pais, quando mora na casa deles.

Tive uma colega que queria ter o bebê, mas a família não quis e a dopou para levar ao médico para abortar. Neste caso, os pais tiveram total controle sobre a vida da menina e do bebê. É algo muito difícil e, independente da situação, a decisão tem que ser da mulher! Tanto de querer abortar quanto levar adiante a gravidez.

Pensando em tudo que tive a oportunidade de viver, se a Edneia tivesse decidido ficar comigo, minha história provavelmente teria sido completamente diferente. Acho que ela foi muito prudente de não querer ter tido um filho. Foi muito empoderada e dona de si por ter a atitude de falar: "Não! Não é meu momento!". Não sei se ela não seria uma boa mãe, qual sua ideia com relação a isso, se não tinha dinheiro ou não

queria dividir com a família. Independente da posição, ela foi muito racional e isso foi muito legal! Todo mundo deveria ter esse direito de decidir sobre a própria vida. Tive muita sorte de ter a família que me acolheu. Ela poderia ter me jogado na lata do lixo, como em várias histórias que a gente ouve, ou feito qualquer outra coisa se meu padrinho não tivesse aparecido no caminho. Eu poderia ter morado na rua, ido para um orfanato ou qualquer outra coisa. Então, acho muito prudente da parte dela decidir que não queria ter uma filha naquele momento e muito feliz a decisão de dar para a adoção. Na época era muito mais fácil! Sai do hospital sem registro e fui registrada pelos meus pais no cartório sem qualquer processo de adoção. Hoje é algo extremamente burocrático e moroso, como se fosse melhor a criança ficar no orfanato, que é algo que eu não entendo.

Pensando em toda a história, conheci o mundo inteiro, sou a mínima porcentagem da população que faz pós-graduação e sei que não é todo mundo que tem essa oportunidade. Meus pais, mesmo só sabendo ler e escrever, propiciaram isso e, talvez, em algum nível a Edneia tivesse a consciência de que não faria nada disso por mim. Poderia ainda ter sido uma mãe abusiva, que descontasse qualquer coisa na filha...

Sei lá o que ela fez nesses trinta e poucos anos, mas achei que teve muita coragem e isso é muito legal! Talvez seja o que eu admire nela. Não sou sua amiga, não colocaria muitas qualidades, mas ela foi um ser humano muito prudente consigo mesma. Não sei até que ponto em relação ao bebê, se pensou em dar logo de início quando saiu da clínica de aborto. Se pensou em não jogar fora porque se ela não queria, era uma vida e alguém poderia querer e que poderia existir. Como diz minha tia-avó, ela foi forte, foi brava!

Quando falei que era uma criança que não tinha muito medo, sempre muito protegida, eu tinha medo sim! Às vezes, passávamos por uma favela perto da Anhanguera, embaixo da

ponte e minha mãe falava: “Se você não me obedecer, vou te abandonar nessa favela.” Não sei em que época foi, mas batia no sentido de ser adotada e como as histórias se cruzavam. Ela falava isso provavelmente quando estava pulando loucamente dentro do carro e dizia isso para eu ver como seria não ter casa, quarto, cachorro, a vida perfeita que eu tinha. Imediatamente me imaginava voltando para casa correndo! Ficava quietinha dentro do carro olhando pela janela e, de poste a poste, pensava em correr... Fazia todo o percurso de casa e sabia voltar de olhos fechados!

Fico pensando que mesmo que já soubesse que era adotada, naquele momento de criança ou mesmo adolescente, nunca fui à procura de outra família ou de outra casa. Todas essas explorações que fiz de ser comissária, viajar, fazer intercâmbio, o que pesava era meu conceito de família, que era aquela família em que eu queria estar. Por mais que minha mãe brigasse comigo ou brincasse que ia me abandonar, eu voltaria para a MINHA casa... Levaria uma hora para chegar... Nunca tive a ideia, a vontade ou o sentimento de ter outra família. Sempre foi aquela...

Yury

Posso dizer que estavam certos em ter medo de que mulheres e leigos entrassem e conhecessem, tomassem conhecimento do magistério, das argumentações e soubessem fazer reflexões teológicas. Com certeza sabiam que outros assuntos surgiriam e de maneira totalmente legítima, porque temos a chave para dizer não e porque não, para questionar, porque temos toda uma sustentação, um respaldo de ter estado junto com eles dentro dos estudos teológicos.

Meu nome é Yury Orozco. Nasci em 2 de janeiro de 1961, em Cartagena, Colômbia. Somos em seis irmãos, quatro homens e duas mulheres – eu e minha irmã. Há dois anos faleceram meus pais, os dois praticamente no mesmo dia... Os enterramos juntos na verdade... Estamos experimentando um processo de luto e tristeza muito difícil porque nunca tínhamos vivenciado uma situação como essa, de morte tão próxima! Ficamos sem referencial e está sendo uma experiência muito forte para toda a família... Uma família grande, por sinal... Tenho dez sobrinhos e ainda nove afilhados! Dois afilhados aqui no Brasil: uma menina de 19 anos e um menino de cinco.

Faço parte de uma cultura religiosa onde o trânsito entre as religiões não é muito fluido ou constante. É parecido com a experiência do Caribe, onde também é uma região de negros e negras, além da experiência indígena. Nossa vivência da religião é o que chamamos de “popular”, ou seja, você vai à igreja quando morre alguém, na missa de nono dia – como é na Colômbia – ou em batismos e casamentos, quando se é madrinha. Hoje pode ter mudado algumas coisas por conta

do movimento neopentecostal, mas nossa vivência era desse catolicismo popular. Minha mãe, por exemplo, era uma figura semelhante às rezadeiras e benzedadeiras daqui... Ela não usava ervas, essas coisas, mas quando levavam uma criança doente, com febre, ou não se sabia o que tinha, minha mãe rezava... Infelizmente, ela faleceu e não me transmitiu esse saber, que eu tanto queria! Queria saber o que ela rezava porque a gente só via sua boca se mexendo enquanto colocava as mãos na criança... Outra coisa que ela sabia era quando uma pessoa que tinha machucado a mão, o pé, alguma parte do corpo, se estava ou não quebrado. Se estivesse, ela falava para levar ao médico. Caso contrário, ela fazia uma espécie de massagem que ia ajeitando os ossos, enquanto rezava baixinho... Mas quando acontecia com os filhos ela dizia que não rezava porque se tinha acontecido algo era porque estávamos na rua... A gente reclamava porque para os outros ela rezava e para nós não...

Outra coisa que minha mãe fazia era rezar o terço em velórios. Quando morre alguém, é comum procurar uma pessoa que reze o terço e minha mãe era chamada... Mas essa prática tem um monte de orações que às vezes duram nove noites, são praticamente shows em que na última noite se espanta os espíritos... Minha mãe dizia que não gostava disso, mas ia... Tenho vontade de um dia fazer uma pesquisa e saber o que significam todas essas orações! Isso era o que eu conhecia da religiosidade da minha mãe...

Minha mãe era uma pessoa muito inteligente! Mas teve uma frustração muito grande na vida porque queria estudar, fazer Magistério... Ela era uma boa professora e criou muita gente! Minha casa é conhecida até hoje como "Casa do Povo", de tanta gente que morava lá... Houve uma época em que três dos filhos saíram de casa porque não tinha espaço para nós! Tínhamos que morar com amigos... E se falássemos que era injusto porque estávamos estudando e precisávamos de espaço

para estudar, ela dizia que não podíamos ser egoístas, tínhamos que ser solidários! Essa era sua consciência!

Eu entrava uma hora da tarde na escola e saía às sete da noite. Chegava em casa com uma fome louca e, de repente, minha mãe falava que tinha chegado tarde e ela tinha dado minha comida... E eu pensando naquela comidinha gostosa que ela fazia! Tinha que me contentar com uma comida rápida, o que era uma tristeza... Essa era a figura de minha mãe... Tudo que acontecia, alguém que se machucava ou precisasse de alguma coisa, procuravam minha mãe. Ela chegou a criar crianças que não eram da família, que por circunstância da vida foram deixadas com ela porque a mãe tinha que trabalhar ou algo do tipo, e que lá ficaram... Essa é a imagem da minha mãe: uma pessoa extremamente solidária!

Minha mãe nasceu em 1928 numa cidade do interior, onde era comum que as mulheres não estudassem, nem mesmo os homens, principalmente se fossem do campo. Uma coisa interessante era que das cinco irmãs e dois irmãos da minha mãe, todos estudaram. Mas lá só havia o ensino primário e quem quisesse continuar tinha que sair da cidade. Minha mãe ganhou uma bolsa como melhor aluna para estudar magistério. Mas o que aconteceu? O machismo do pai dela não permitiu... Ela mesma contava que era muito esperta e meu avô não deixou porque, já que ela era esperta, poderia fazer coisas erradas na cidade. Claro que se fosse um filho homem esperto, ele não pensaria duas vezes! Ao invés disso, meu avô fez algo muito comum na época, que era mandar as filhas do interior para a cidade para trabalhar com algum parente. Minha mãe foi trabalhar com uma tia, para ajudá-la em casa... Em vez de mandá-la estudar, ele a mandou trabalhar!

Por isso, ela sempre falava duas coisas: estudem, porque é a única coisa que vocês têm e nunca fiquem dependendo de um homem como eu. Com relação ao meu pai ela também era bastante crítica. Ela teve cinco filhos praticamente um atrás

do outro, com pouco mais de um ano de diferença entre cada um, e ainda assim, costurava para fora e tinha que dar conta de tudo em casa porque não tinha ninguém que a ajudasse em absolutamente nada! Fora isso, meu pai ainda chegava bêbado e ela tinha que aguentar... Então, sempre repetia a importância dos estudos e de não depender de ninguém! Mesmo sem ter tido outras experiências, ela tinha essa sabedoria e não era algo que falava somente em algumas ocasiões, como quando eu ia mal na escola, era um conselho para a vida mesmo... Outra coisa que via muito lá era a malícia das pessoas com relação à sexualidade. As mães diziam às filhas para não andarem com esta ou aquela pessoa, que tivessem cuidado para não ficarem grávidas. Minha mãe nunca fez isso!

Meu pai tem uma história muito singular! Ele foi ex-combatente da Guerra da Coreia! Quando aconteceu a separação entre norte e sul, os Estados Unidos pediram reforços para os países latino-americanos e o que se solidarizou foi a Colômbia, que enviou vários batalhões para reforçar o lado da Coreia do Sul, favorável aos Estados Unidos. Na época, meu pai era reservista do Exército e foi feito um chamado para quem quisesse ir, em que se manifestaram alguns primos da minha mãe e amigos do meu pai, um grupo de uns dez homens. Mas quando chegou o momento, todos desistiram, menos meu pai! Havia essa opção de ir ou não... Então, ele acabou indo no segundo ou terceiro batalhão. Por conta disso, criamos um imaginário dele como ex-combatente e ele nos contava muitas histórias da guerra! Falávamos disso até como certo status!

Mas havia uma ambiguidade muito grande por trás disso... Vivíamos a glória de ter ao lado alguém que viveu uma grande experiência como essa e, além disso, nascemos num momento relativamente privilegiado porque, dentro da cultura popular em que vivíamos, morávamos num bairro pobre onde a maioria das pessoas não tinha emprego e as crianças não tinham educação, enquanto tínhamos outra condição, pois

meu pai trabalhava para o Estado e tinha um bom salário, que permitia que não tivéssemos dificuldades muito comuns no lugar onde morávamos, como ter o que comer ou atendimento médico... Antigamente, empregados do Estado contavam com os melhores serviços médicos da Colômbia, algo como o Albert Einstein aqui. Qualquer coisa que tivéssemos, mesmo uma simples gripe, íamos direto para o especialista! Essa era uma face da ambiguidade... A outra era a de ter um pai que viveu uma guerra e tinha traumas muito grandes devido a essa experiência. Ele era alcohólatra e tinha paranoia... Crescemos o vendo passar por grandes crises provocadas pelo álcool e pelo estado de paranoia. Por várias vezes ficou internado. Fomos criados neste ambiente de conflito e só adultos reconhecemos que o problema do alcoolismo não era por vontade dele, mas resultado de uma experiência marcada pela violência do conflito e de estar num país com uma cultura que não era a sua.

Sempre fui muito “pra frente” e, de todos os irmãos, acho que fui a primeira a captar a debilidade e a fragilidade do meu pai, algo que não sabia explicar muito bem. Agora, quase próximo de morrer, minha mãe estava me contando como tinha sido o meu nascimento e foi quando me dei conta do porquê meu pai tinha essa fragilidade comigo. Em algum momento captei algo que me permitia brigar com ele, reclamar e desafiá-lo. Tudo isso tinha a ver com essa história: meus pais se casaram mais ou menos ao mesmo tempo em que os primos da minha mãe, que eram todos amigos, como se fossem da família. Meu pai tinha um filho antes de se casar com a minha mãe e, quando começaram a nascer os filhos dos meus tios, eram todos meninas! Enquanto os filhos do meu pai, inclusive os dois primeiros com a minha mãe, eram meninos. Ele ficava se gabando por ter filhos homens, enquanto os outros estavam dando “milho para peru”, que tinha um sentido como se estivessem desperdiçando algo... Quando minha mãe ficou grávida a terceira vez, eu nasci e acho que meu pai estava com tanto

medo de não ter mais filhos, que me transmitiu de alguma maneira essa fragilidade... Na minha casa quem enfrentava esse senhor era eu! Brigávamos muito, mas havia um amor e um carinho muito grande entre nós!

Meu pai, dentro de sua cabeça de militar, dizia: “Meus filhos vão entrar no Exército! Vão estudar em escola militar!” Já no primário vi umas três brigas da minha mãe com ele, em que ela falava: “Meus filhos vão estudar o que quiserem!” Foi então que me dei conta da coragem daquela mulher, que não tinha um grande discurso, mas não deixava de enfrentar o que não concordava! Essa é uma linha de liberdade que tenho e veio da minha mãe, provavelmente com muito sofrimento naqueles tempos...

Minha adolescência foi marcada pela Teologia da Libertação, uma corrente ideológica que surgiu no campo do catolicismo e tinha um compromisso frente à situação de injustiça social, exclusão e pobreza, especialmente dos países do Terceiro Mundo. As igrejas se comprometeram a fazer uma leitura diferente da tradicional e criaram uma proposta pelos pobres, em que se fazia uma análise da realidade iluminada por teorias sociais, principalmente o marxismo, que analisava essa situação de pobreza e injustiça social como frutos de um modelo político-econômico injusto, que é o capitalista. Diante disso, as religiões não podem ser coniventes, então a partir de uma teologia e uma ética devemos denunciar essas relações de injustiça e procurar saídas. A proposta da Teologia da Libertação era justamente sair desse modelo socioeconômico.

Aos 14 anos me vinculo à Teologia da Libertação a partir de um grupo juvenil da paróquia do meu bairro onde começo a trabalhar. Mas vivi uma experiência religiosa totalmente diferente... Para mim, quando falam de religião, me vem imediatamente minhas origens, de uma religião que me levasse a denunciar as injustiças sociais, a crença em um Deus comprometido com a busca de um mundo totalmente diferente.

A experiência de falar de um Jesus Cristo histórico, que lutou no seu tempo contra as injustiças, denunciou tanto os ricos e políticos quanto a classe sacerdotal. Minha experiência critica toda concepção religiosa que leve as pessoas ao conformismo e a rezar simplesmente... Falamos de oração, credo, missa, mas comprometidos com o resultado de uma convivência comunitária e não de questões *a priori*, de um Deus lá no céu, mas de um Deus que não está concordando com essa injustiça.

O grupo juvenil com o qual me envolvi tinha o compromisso de conscientizar as pessoas, o que fazíamos com várias atividades: grupo de teatro, poesias e reuniões em diferentes comunidades. Era uma proposta que acontecia no meu bairro, mas era resultado um processo maior que se vivia na América Latina, com a formação de pequenos núcleos chamados comunidades eclesiais de base, que aqui no Brasil tiveram uma força muito grande! Um grupo de pessoas inspiradas a partir de sua fé se comprometia a denunciar e trabalhar por um mundo e uma cultura diferente.

Minha vivência familiar tinha esse lado um pouco religioso no meio dessas outras experiências... Quando chegou a proposta da Teologia da Libertação, os grupos tinham a intenção de ir aos bairros periféricos e criar pequenas comunidades, normalmente buscando uma escola ou casa que tivesse condições de receber certo número de pessoas para rezar e ver quais eram os problemas da comunidade. Na época, estava naquela fase de adolescente e não queria saber de família, então fazia parte de uma comunidade enquanto minha mãe formou uma outra na minha casa, o que era até engraçado! Depois da minha mãe, dois dos meus irmãos se envolveram em outro projeto, fruto das comunidades eclesiais de base, mas voltado para a educação. Essa foi nossa experiência de base política a partir de motivações cristãs.

Em todos os países da América Latina se foram estruturando as comunidades eclesiais de base. Na Colômbia, assim

como no Brasil, no Peru, México, em vários países, formaram-se coordenações. Fiz parte da coordenação regional do meu estado, depois da coordenação nacional. Foi um longo período de muita responsabilidade!

A Colômbia tinha um processo muito particular por causa do conflito político interno, então qualquer movimento ou proposta de organização social no país sempre está implicada a situação de conflito sócio-político. E o movimento eclesial político também se via impregnado por este conflito. Houve um processo de divisão interna da coordenação tanto teológica quanto eclesiológica. Assim como a política irrompeu e entrou no movimento, houve um processo de divisão. Fazia quase cinco anos que eu era parte do movimento e chegou um momento em que houve um desgaste, que é próprio de todas essas tensões que se vivenciam, e acabei saindo da coordenação.

No meio do conflito do pessoal da coordenação se colocavam grandes análises em que uns diziam que aquele era um problema de concepção teológica, outros diziam que era de concepção política, e havia ainda os que discordavam e diziam que era eclesiológica! Enquanto isso, eu ficava no meio daquilo tudo, mas sem ferramentas teóricas para opinar com firmeza.

Sempre gostei muito dos estudos! Para mim, era algo tão natural que não conseguia imaginar alguém que não pudesse ou quisesse estudar! Na minha casa, meu pai falava que eu era a advogada da família! Então me criei com esse pensamento. Quando terminei os estudos, prestei para Direito, mas não passei... Foi um momento de crise! Acabei fazendo faculdade de Serviço Social, nem sei bem por qual motivo. Para mim, a Filosofia também era algo muito forte e comecei a fazer também este curso. Mas fiz apenas dois semestres, não dei conta de levar as duas coisas... Terminei Serviço Social, que também era algo motivado pelo trabalho que fazia, uma coisa natural que vinha da minha base social e se mostrava

possibilidade de me profissionalizar naquilo que já desempenhava. Está certo que a motivação primeira foi Direito, que vinha mais de uma motivação familiar do que uma clareza de minha parte. Agora, Filosofia era algo que tinha necessidade! Gosto muito de Filosofia e sinto que é uma ferramenta que me ajuda a entender o mundo, a vida e fazer as perguntas fundamentais sobre a vida e os seres humanos.

A partir desse processo de formação e participação, fui construindo uma postura para minha vida e, para mim, se era para estar dentro do movimento, então queria entrar de cabeça! Queria ir a fundo e uma das questões que mais me motivaram foi a Teologia. Queria estudar como leiga e não entrar para uma instituição de freiras. A ideia era fazer na Colômbia, mas tínhamos relações com pessoas de outros países, várias do Brasil, porque nesta corrente havia uma relação regional latino-americana...

Aqui no Brasil havia uma proposta fruto desse compromisso de uma instituição ecumênica, que realizava cursos com pessoas de toda a América Latina que estivessem vivenciando este processo. Eram cursos de formação política e eclesiológica, em que ainda não aparecia a questão de gênero. Havia dois tipos de curso: um voltado para militantes cristãos, que tinham algum vínculo político, durava um mês; o outro, de seis meses, era para a formação de agentes de pastoral, ligado a esse vínculo da comunidade eclesial de base. O Brasil sempre foi considerado um polo importante na América Latina, o lugar mais progressista, com boa estrutura e instituições reconhecidas, de modo que muitas pessoas vieram estudar Teologia aqui.

Fiquei sabendo desses cursos através de uma pessoa conhecida vinculada à instituição, que me convidou e aceitei de imediato! Nesse momento, apareceu uma figura muito importante no Brasil, Ivone Gebara, uma teóloga feminista. Naquele momento, o feminismo ainda estava muito distante para

mim... Lembro que ela me perguntou: "Como é na Colômbia a questão das mulheres? Vocês têm movimentos próprios? Como é no trabalho que você faz?" Eu, ignorantemente, respondi: "Não! Para nós, o principal é a mudança do modelo econômico, político e social. Depois vem a questão das mulheres!" Era a concepção tanto da Teologia da Libertação como dos grupos de esquerda naquele momento... Totalmente marxista! Hoje acho ignorância pura ter falado isso, ainda mais para esta figura!

Quando estava aqui o pessoal disse: "Por que você não faz Teologia aqui?!". Era um grande desafio e, além disso, eu não tinha dinheiro... Tinha estudado Serviço Social na Colômbia e vivia do meu trabalho como professora. Mas havia os interesses das correntes, dos movimentos e as pessoas se dispuseram a procurar bolsa para que eu ficasse. Depois de quatro ou cinco meses de curso voltei para a Colômbia, mas saí com a pré-matrícula numa instituição de Teologia muito reconhecida em São Paulo. Decidi finalmente estudar aqui, o que foi algo muito interessante!

Quando cheguei, em 1992, fui até a universidade, onde me falaram que eu não poderia estudar ali! Respondi que tinha feito a pré-matrícula, mas muitas mudanças tinham acontecido... Toda a equipe havia sido trocada e no lugar estava um grupo com uma visão teológica e ideológica totalmente diferente que afirmava que aquele era um lugar para que estudassem padres e religiosos, não leigos! Esta era parte de uma visão católica, que estava se colocando como hegemônica, que defendia que os estudos teológicos eram para pessoas que estivessem dentro da hierarquia da Igreja Católica. Eles não poderiam dar fundamentos e munções para pessoas leigas, aliás, quanto mais ignorantes neste aspecto os leigos, melhor para eles...

Imagine minha situação! Tinha vindo da Colômbia para estudar e, de repente, me encontrava nesse dilema! Não me aceitaram em Teologia, mas propuseram Ciência Religiosa,

curso voltado para leigos, o que significava superficialidade e não aprofundamento, ou seja, você continuava fora de um corpo argumentativo, que era justamente o que eu queria. Fiquei seis meses fazendo este curso, que era noturno, e felizmente, encontrei um instituto inter-congregacional que ainda não estava impregnado dessa visão e resolvi mudar para este lugar.

Nessa instituição conheci duas professoras teólogas feministas e começamos a caminhar juntas. Elas eram protestantes – uma luterana e outra metodista – e passamos a fazer esse percurso como teólogas feministas. Finalmente, me encontrei com o feminismo e a teologia feminista, que é onde me situo. A Teologia Feminista, assim como o feminismo, surge na contramão. A Teologia Feminista na contramão de instituições religiosas fundamentais e na contramão de homens, em uma sociedade tanto religiosa quanto política e socialmente masculina. São séculos e séculos para desconstruir um corpo hegemônico, que faz parte do trabalho dessa corrente. Por isso, um pouco da aposta da Teologia Feminista é o fator de contribuir com a mudança dessa sociedade.

Minha própria história ajuda a entender essa pouca visibilidade que existe sobre essa corrente dentro e fora da igreja. Estive diante de uma instituição que fechou as portas para mim pelo fato de ser mulher! Mulher e leiga, então ali não entraria... É minha experiência pessoal, mas reflete uma história global. A segunda questão é que muita gente que se interessa em trabalhar no campo na Teologia Feminista não consegue emprego, seja em instituições católicas, evangélicas ou protestantes. Conheço vários casos de teólogas feministas que estão praticamente sem emprego neste campo simplesmente por serem feministas, o que já é um problema e um agravante muito grande! Num mundo de dificuldades financeiras, em que é necessário traçar uma carreira de lucro, costumo falar que nós, que atuamos na Teologia Feminista, somos loucas!

Principalmente as leigas, porque as religiosas ainda têm algum respaldo da instituição.

As teólogas que são referências para mim são: em primeiro lugar, Ivone Gebara, Nancy Cardoso, uma pastora metodista, e Mary Hann, que é uma católica lésbica dos Estados Unidos. Gosto da forma como fazem teologia. A “número um” para mim é Ivone porque em sua teologia há a desconstrução de todo o corpo simbólico e argumentativo do Cristianismo e, com isso, senta bases para uma teologia feminista dentro da matriz cristã, mas desconstruindo o que está aí. Existem outras correntes que fazem alguma crítica, mas falam de Deus da mesma maneira, como aquele que nos vai salvar, e falam da igreja a partir de sua estrutura eclesial, sem desconstruir as bases de sustentação de tudo isso...

Ivone, por exemplo tentou uma reflexão sobre a Cristologia em que questiona quem é Jesus Cristo para nós mulheres. Seria o mesmo daquela teologia tradicional ou um outro? Simbolismos, rituais, argumentações, categorias que aparentemente não podem ser questionadas, Ivone desconstrói a partir do exercício teológico como mulher, dentro da experiência das mulheres e por isso me identifico! Porque não acredito nesse Deus que nos apresentou a teologia clássica, tradicional, um Deus que castiga, que é homem. A partir da minha experiência de fé descubro uma vivência que considero totalmente diferente dos padres, do meu irmão e do meu pai... O que para mim, Yury, é ser uma pessoa religiosa, no sentido de assumir uma religião!

Um ano depois que estava aqui, voltei para a Colômbia porque minha mãe tinha tido um derrame e estava muito mal! Até que descobrissem que havia resultado numa neuropatia, ela ficou no hospital e foi muito duro! Foi uma confusão terrível porque eu precisava voltar por causa dos estudos e no imaginário da família isso era inconcebível! Na verdade, não me falaram nada e nem me manifestei, mas dava para sentir o que

se passava. Tanto que minha mãe, percebendo essa tensão, me pediu para não ficar lá por causa dela. Disse que eu deveria seguir o meu caminho... E foi o que eu fiz!

Terminando Teologia, me vinculei com às Católicas pelo Direito de Decidir num processo natural. Aqui comecei a me aprofundar muito mais nas argumentações que se usava e comecei a entender e conhecer todo o núcleo forte que era trabalhado pelo grupo, que era a questão do direito sexual e dos direitos reprodutivos. Houve também um vínculo maior com o movimento de mulheres e, acompanhando essa dinâmica, passei a conhecer as teorias feministas. Por isso posso dizer que estavam certos em ter medo de que mulheres e leigos entrassem e conhecessem, tomassem conhecimento do magistério, das argumentações e soubessem fazer reflexões teológicas. Com certeza sabiam que outros assuntos surgiriam e de maneira totalmente legítima, porque temos a chave para dizer não e porque não, para questionar, porque temos toda uma sustentação, um respaldo de ter estado junto com eles dentro dos estudos teológicos.

Como venho da Teologia da Libertação, onde era muito forte a questão da ferramenta social e política, isto casava com a ideologia feminista, mas era preciso fazer uma crítica. Eles trabalhavam pelo pobre de modo global, mas onde estavam as mulheres? Começamos uma crítica dessa matriz da Teologia da Libertação que havia chegado até ali, mas deixara de lado as mulheres, que ficaram como um anexo. Não mexeu em nada e continuou caminhando com as mesmas bases com relação à moral sexual. Deixou intacta toda a concepção que se tinha sobre as mulheres e sua sexualidade, sobre a reprodução e a sexualidade.

Na década de 1990 começou a surgir nos Estados Unidos uma proposta de Católicas pelo Direito de Decidir, que se espalhou para outros países e hoje existe uma rede latino-americana. Os grupos são independentes, mas se comunicam

e possuem elementos semelhantes. Esta tendência está ligada ao movimento feminista, que se via diante de uma grande dificuldade em lidar com a sexualidade por esta ser impregnada de elemento religioso. A forma como lidamos hoje com a sexualidade como um dos pilares da autonomia e da liberdade são devedoras do feminismo. É no nosso corpo que se vivencia a repressão. Por outro lado, a proposta católica vinha preencher um vazio de como trabalhar com as mulheres de fato e como desconstruir essas ideias religiosas que embasavam as mentalidades. Havia um clamor do movimento feminista de que Católicas pelo Direito de Decidir seria um movimento de mulheres que conseguiria lidar de maneira adequada com a sexualidade e a religião.

O grupo surge, portanto, pelo momento em que a proposta coincide com um vínculo do feminismo internacional e regional com a expressão das mulheres teólogas, no encontro entre feminismo e Teologia Feminista, mesmo o surgimento desta. Nesse contexto, Católicas surge como uma proposta mais militante dentro do feminismo, nessa articulação entre feminismo e religião.

No Brasil, o grupo surgiu em 1993, mas me vinculei depois, em 1996, já com a perspectiva de que no grupo, naquele momento, não tinha nenhuma teóloga e entraria como a pessoa encarregada de dar atenção a essa parte da relação com o que chamamos de igreja progressista. Sabemos que existe um grande contingente dentro do catolicismo que está totalmente em consonância com nossas ideias. Dentro do Conselho Consultivo de Católicas já passaram pessoas que fizeram parte da equipe que pertenciam à hierarquia da Igreja Católica, como padres e até um bispo que diz que concorda conosco, mas não pode se posicionar publicamente. Então, minha responsabilidade era aprofundar essa parte da Teologia e dar atenção às argumentações e relações com a igreja progressista, além dos movimentos da igreja.

O pensamento e a argumentação das Católicas pelo Direito de Decidir, comparados com o argumento e o pensamento oficial da Igreja Católica, demonstram séculos e séculos de um pensamento sedimentado e articulado a uma cultura tal que quando chegamos a 1993, temos um pensamento e um posicionamento de mulheres católicas totalmente novo e isto está ligado à questão da Teologia Feminista. No caso da Teologia da Libertação, esta teve maior visibilidade por todo um contexto social e político da América Latina. Uma conjunção de fatores que envolviam a ditadura militar, quando religiosas e religiosos foram presos e desapareceram, dando maior visibilidade para o que, de fato, era um papel de protagonismo político muito forte.

Encontro-me com o feminismo propriamente dito a partir da Teologia Feminista, quando conheço duas professoras que também bebiam das reflexões de Ivone Gebara. Na Teologia tinha duas possibilidades, tanto que quando comecei a elaborar um projeto de estudos da Teologia, comecei a me localizar como uma mulher negra. A partir daí, sem negar essa identidade como mulher negra, seja como epistemologia ou como motivação, o que realmente mexia comigo eram as questões políticas. Mas quando cheguei ao instituto, passo a ter uma motivação forte ligada à questão feminista, das teorias e da Teologia feminista, que foi onde me encontrei! Não me balançou tanto a questão da negritude, me balançou mais a questão da teologia e o feminismo como mulher. Sem negar, claro, minha identidade negra, não tenho trabalhado essa questão do movimento de mulheres negras, do feminismo negro. Situo-me no feminismo que trabalha a questão da sexualidade, dos direitos sexuais e reprodutivos, com que tenho me envolvido muito mais estando no Católicas pelo Direito de Decidir.

Quando não existia o grupo e havia um debate, por exemplo, sobre a questão do aborto, geralmente as pessoas

que montavam esses eventos convidavam um padre, um representante do feminismo e um advogado. Os padres ou bispos falavam: "Olha, respeito sua opinião, mas no campo da Teologia ou da religião, você não pode falar nada porque não sabe". E as pessoas, de fato, pensavam que não podiam falar sobre o que não sabiam. Agora, quando neste debate está o Católicas pelo Direito de Decidir, eles não podem dizer isso porque estudamos Teologia, estamos preparadas, conhecemos o corpo argumentativo e, sim, temos ferramentas para falar com respaldo no que conhecemos. Este é o resultado da entrada das mulheres no campo da Teologia e da Bíblia, porque outros temas de reflexão teológica que estavam fora têm entrado e as mulheres podem sim fazer e falar sobre Teologia. Isso é muito importante! Todos temos legitimidade! É como se fosse algo que estava guardado no cofre dos homens e, nesse momento, as mulheres pegaram as chaves desse cofre e se deram conta de que podemos colocar nossa experiência e falar com Deus. Talvez não o Deus deles, um Deus diferente...

Sempre participo de eventos de Teologia Feminista e em um desses encontros em que reunimos um grupo de teólogas feministas da América Latina, sempre temos um tema central que decidimos em conjunto. Às vezes, quem está organizando fala que precisamos procurar um tema mais ameno porque existem diferentes correntes e nem todo mundo vai assumir a questão do aborto, por exemplo, como nós assumimos. Tínhamos que buscar um tema mais ou menos conflituoso e escolhemos o tema da violência. Que teologia feminista seria contra? No final do encontro, elaboramos um comunicado que não foi assinado por uma parcela das teólogas. Trabalhamos uma semana inteira e das que estavam ali, acho que somente eu e outra pessoa não dissemos ter tido experiência de abuso sexual. Então eu era ali uma exceção à regra! De 21 pessoas pelo menos 19 falaram que sofreram abuso sexual de diferentes tipos, ou alguém da família... Essas coisas todas

fizeram parte da vivência que tivemos e quando chegou no final, algumas se recusaram a assinar o documento porque senão perderiam o emprego! E não eram apenas instituições e universidades católicas, mas protestantes e evangélicas. Encontramos ali, de fato, um problema muito sério na elaboração da Teologia Feminista. Você é excluída por causa de suas ideias dentro da instituição religiosa e, por outro lado, se depara com uma sociedade conservadora religiosamente, onde se encontra mesmo no próprio feminismo gente que quando falamos de Deus olham com desdém: “Lá vem a religiosa!”. É uma sociedade onde temos um longo caminho pela frente. Por isso eu digo que somos poucas, mas estamos aqui e vamos fazer também!

Neste momento, claro, me deparei com a discussão sobre o aborto da forma como o grupo lidava. Mas considero que minha postura frente à orientação sexual, aos direitos sexuais e reprodutivos não foram moldadas quando aqui cheguei. Para mim, é algo lógico! É impossível pensar na democracia, na mudança, na luta por justiça se sou injusta com relação à pessoa ter uma orientação sexual diferente da minha ou uma pessoa que, de repente, se vê na necessidade de interromper uma gravidez. Para mim, esse é um processo que começou na Colômbia onde, por estranho que pareça, me inspirei muito em pessoas religiosas e freiras. O núcleo em que trabalhava da Teologia da Libertação era composto por leigos, padres e freiras e, quando tinha 14 anos, descobri um mundo de total liberdade de luta pela autonomia, dentro da concepção da Teologia da Libertação. Mesmo assim, esse era um processo em que me criei vendo, assumindo e lutando pelos direitos das pessoas tanto do lado político como do lado de suas escolhas humanas. É uma cultura que veio ao encontro do que vim fazer aqui. Quando você se situa por uma ética que coloca como centro os seres humanos, não tem como negar a possibilidade de que uma pessoa seja livre para, em consciência, decidir alguma

coisa sobre sua vida. O aborto se encaixa nisso porque se você é uma pessoa autônoma, livre, com capacidade de decidir, por que vou negar essa possibilidade a você? Que exerça sua liberdade, sua autonomia, seu poder de decisão frente a qualquer circunstância da vida! Se eu luto pela justiça, por que tenho que ser injusta contra você? Mesmo que não pense da mesma forma, você está no centro e suas necessidades, escolhas de vida devem ser respeitadas. O desafio maior é oferecer possibilidades para que as pessoas tenham informação e possam escolher da melhor maneira possível, façam uma boa escolha.

Aqui no Católicas nos situamos com relação ao aborto, por isso nossa preocupação com as mulheres, especialmente aquelas que guiam suas vidas por uma dimensão de fé. Perguntamos a elas: “O que te ensinaram as religiões? O que te ensinou o Catolicismo? O Catolicismo fala para você que é pecado realizar um aborto. O Catolicismo ensinou que você não é autônoma, não é uma pessoa autodeterminada. Mas todas as decisões são emanadas por um Deus supremo.” E mostramos uma outra visão de religião que busca o mesmo magistério e a mesma argumentação, mas afirma: “Você é uma pessoa livre e tem que seguir o exame de sua consciência. Se você acredita em Deus, será julgada por Ele e não por seguir as leis ou as normas, mas por sua consciência”. E isto tiramos do magistério da própria Igreja Católica, fomos a fundo e procuramos por este argumento que é o recurso da consciência.

Nosso trabalho visa a uma mudança de mentalidade, de uma cultura impregnada de elementos religiosos. Nosso discurso, portanto, é para toda a sociedade brasileira. Outro ponto é que mesmo dentro da equipe há diferentes concepções, como em todos os grupos, e que é fruto do mesmo processo que tem vivido o feminismo, inclusive sobre o entendimento do que é gênero. Dentro dessa análise de gênero que se debruça situações de desigualdade, isto é fruto precisamente de relações sociais assimétricas entre homens e mulheres.

Mas teve um grupo que sofreu mais que o outro as consequências e que se concretiza nas mulheres que são mais pobres e que sofrem violência. Os homens também são vítimas deste sistema androcêntrico. Minha escolha se situa em dar visibilidade a quem tem sido mais vulnerável nesse sistema, que são as mulheres o foco principal. Mas Católicas já tem projetos que envolvem homens também...

O trabalho fundamental é com o grupo de mulheres. No "Projeto Multiplicadoras" temos diferentes públicos, mas o principal é de mulheres das camadas populares ou vinculadas com movimentos de mulheres ou movimentos sociais. Falamos que nosso trabalho não é formar outros grupos iguais ao nosso, mas potencializar os trabalhos já existentes. O que vamos fazer é colocar uma ferramenta nova para o feminismo, para que os movimentos de mulheres trabalhem de forma articulada a questão da religião com a questão da sexualidade e dos direitos sexuais e reprodutivos, como fazemos aqui.

Dentro dessa articulação encontramos também o movimento GLBTT (gays, lésbicas, transexuais e travestis), que é uma população que tem sofrido bastante as consequências das religiões e da forma como lidam com a sexualidade. Em muitos projetos nos encontramos com essa população e trabalhamos juntos, em parceria. Outro grupo interessante e importante para nós são os jovens, especialmente estudantes de Enfermagem, Direito, Medicina, Pedagogia e Serviço Social, porque consideramos que esses são públicos que optaram por carreiras reprodutoras de mentalidades e é importante realizar um trabalho sobre essas discussões no campo da sexualidade e da religião.

Quando falamos sobre direitos sexuais e reprodutivos nos baseamos numa concepção totalmente nova, que faz parte de uma luta histórica e de conflito também. Há bem pouco tempo, na Conferência do Cairo, ainda tinha algumas instituições que tinham reservas sobre a questão de reconhecer

como direitos os direitos sexuais e reprodutivos. Felizmente já são reconhecidos por muitas instâncias internacionais e pelos governos também. Têm servido para a implementação de políticas públicas e sua afirmação, assim como amparo para a criação de políticas públicas relacionadas com a saúde reprodutiva das mulheres e homens também. Quando falamos de direitos reprodutivos estamos nos referindo ao direito que todas as pessoas, homens e mulheres, têm de exercer sua reprodução com liberdade e autonomia para decidirem, por exemplo, se querem ser mães. E aqui tiramos aquela lógica cultural de que as mulheres, pelo fato de serem mulheres, têm que ser mães. Dentro dessa perspectiva, existem instrumentos internacionais que as amparam dentro da lógica dos direitos reprodutivos. Os direitos reprodutivos respaldam a decisão das mulheres em querer ou não ser mães, ter ou não ter filhos, decidirem quantos filhos querem ter e como querem, considerando as novas tecnologias reprodutivas. Isto quando falamos de direitos reprodutivos.

Os direitos sexuais também estão neste campo da autonomia e liberdade das pessoas exercerem sua sexualidade de maneira livre, direcionada para o crescimento pessoal e também dentro da liberdade de escolha e orientação sexual que quiserem. Todas as vivências da sexualidade, tanto como hetero, bi ou homossexual, encontram respaldo em princípios, instrumentos e organizações internacionais e também dos governos nacionais. Por exemplo, casos de homofobia são criminalizados e condenados porque há o respaldo de que todas as pessoas têm o direito de exercer livremente e vivenciar sua orientação sexual de maneira livre e segura, amparadas nesses princípios e direitos.

Afirmamos nosso trabalho na promoção desses direitos. O objetivo de Católicas pelo Direito de Decidir é trabalhar na dimensão da sexualidade desconstruindo toda uma cultura e teologia cristã católica que condena e nega o livre exercício da

sexualidade. E buscamos dentro dessa mesma cultura católica princípios e argumentos que nos ajudem e fortaleçam principalmente nas argumentações de uma vivência livre e autônoma das pessoas e sua sexualidade e reprodução. Nosso trabalho lida e tem como foco uma mudança de mentalidade, que passa de uma mentalidade religiosa que condena e castiga para uma que diz: “Deus nos criou livres e nos quer felizes!”. Então, o ser humano glorifica Deus quando ele cria e atua de maneira livre.

É nesse princípio que localizamos também o direito que as mulheres têm em optar por um aborto, baseado no princípio de autodeterminação das pessoas em decidir se querem ou não ter filhos, se querem ou não continuar com uma gravidez. Assim, nós, Católicas pelo Direito de Decidir, embora consideremos o aborto ponto importante, temos como primeiro princípio a autonomia e liberdade das pessoas. Consideramos que as mulheres têm capacidade ética e moral para decidir com liberdade se querem ou não continuar com a gravidez. Nós mulheres nos encontramos em situação de vulnerabilidade e violência em que muitas ficam grávidas não porque querem, mas por imposição dos maridos. Estamos num sistema de uma cultura machista e masculina.

Muita gente fala que isso acontecia antigamente, mas sempre falo nas palestras que não sabemos o que se passa na cama das mulheres e, na cama das mulheres, infelizmente continua essa vivência em que, mesmo cansadas ou doentes, quando o marido quer transar ou “necessita”, como alguns falam, elas se vêem obrigadas a ceder ao desejo deles. Fazemos parte de uma cultura cristã em que o papel das mulheres é de que se sacrifiquem pelos outros e cedam aos desejos dos outros em detrimento dos próprios desejos. Dentro dessa cultura chamamos à autonomia e liberdade das mulheres, ainda mais que consideramos o aborto um problema de saúde pública, em que as maiores prejudicadas são as mulheres pobres. Para nós isto

significa que é um problema de justiça social, criar políticas públicas que respaldem as mulheres que decidem não continuar com a gravidez e legalizar o aborto.

Por que legalizar o aborto? Primeiro porque é um problema de saúde pública e segundo porque está plenamente confirmado que a proibição não ajuda a diminuir a incidência do aborto no mundo. Por isso, legalizar o aborto significa que o Estado deve criar condições de informação, de políticas públicas sobre planejamento familiar, de informações sobre saúde da mulher e um bom atendimento voltado para a saúde sexual e reprodutiva das mulheres para que possam vivenciar sua reprodução e sexualidade de uma maneira mais segura. Além disso, a legalização não significa que vai obrigar as mulheres a fazerem abortos de maneira arbitrária. Não consideramos que nenhuma mulher fará um aborto de maneira folclórica. Sabemos que as mulheres só recorrem ao aborto nas últimas consequências e esta decisão é sempre acompanhada de muito sofrimento e muita insegurança.

Nunca fiz um aborto, mas penso que, se me deparasse com uma gravidez indesejada, não pensaria duas vezes e faria também. Em minha vida pessoal, o trabalho é algo central e apertada muito! Me vejo muitas vezes limitada e isso é um problema que nós, mulheres, lidamos. O trabalho aqui em Católica não é um exercício administrativo, que você está no escritório, ou de uma professora que dá aulas de segunda a sexta e quando fecha a escola vai embora e acabou. Aqui levamos o trabalho para a cama, para as férias. Mesmo dentro do feminismo temos essa como uma preocupação, pois está na proposta de como você cuida de si e muitas vezes nos descuidamos tamanha é a entrega! Esta é uma questão também do Cristianismo, de que você se doa até o ponto que desaparece, então este é um cuidado que precisamos ter. Mas lidamos com vidas humanas, o que é muita responsabilidade! Mas quando tenho uma folga tiro um tempo para uma cervejinha, para

uma dança... Adoro dançar! Estou até fazendo dança de salão quando sobra um tempinho...

Não sou casada e não tenho filhos. Essa foi minha opção e uma decisão desde a adolescência, que foi se concretizando ao longo da vida. Considero que meu projeto como mulher e pessoa humana está em outra esfera que não na maternidade, onde não me encontro, nem me realizo. Acho que minha realização como mulher e pessoa humana está em outros campos também!

Apesar disso, tenho sobrinhos e afilhados, o que gosto muito, mas a responsabilidade é imensa! Sobretudo para mim, que estou vinculada a projetos que trabalham com mulheres, é um desafio muito grande! No caso dos dois sexos, das meninas e meninos... Quando é mulher sempre fica a preocupação de estar lidando e trabalhando com assuntos relacionados à sexualidade, à reprodução e, como madrinha, me coloco nesse papel. O que se faz e trabalha no campo público reflete na família e no campo da vida privada, onde sabemos que as relações de poder são outras. O comportamento na esfera pública muda quando chegamos ao campo familiar, onde há toda aquela afetividade nas relações e, por isso, é um grande desafio. Mas sei que não sou mãe, sou madrinha, e como tal minha responsabilidade tem que ser pelo menos ética e voltada para um processo de informação e educação que considero fundamental para a vida deles.

Há pouco tempo estava vivenciando uma situação difícil com uma sobrinha querida que teve que sair para trabalhar num lugar de grande conflito político. Fiquei muito preocupada e, quando conversava com minha irmã, lembrava o que não teria sido para nossa mãe quando vim para o Brasil!

Glória

Só depois fui percebendo o quanto minha história se intercala com tudo isso! Na época não pensava que seria importante porque não queria que outras mulheres passassem pelo que passei... Hoje vejo que esse é um dos grandes motivos para continuar! Hoje essa profissão é muito minha vida... É o que me dá vida!

Nasci no interior de São Paulo, onde vivi boa parte da minha vida, até entrar no curso de Obstetrícia na Universidade de São Paulo. Sou a caçula de três filhos dos meus pais e tenho um irmão por parte de pai, que nasceu antes dele casar com a minha mãe. Minha família é bastante tradicional e ligada à Igreja Católica, o que para mim nunca foi um problema. Sempre fui muito certinha, de seguir as regras. Achava que o mundo dava as condições e o que deveria fazer de bom em retribuição era seguir esse caminho.

Tive uma educação católica muito forte, com Catequese, Primeira Comunhão, Crisma... Minha mãe era religiosa, ministrava Eucaristia, fazia parte mesmo do movimento da igreja. Quando comecei a namorar, me deparei com situações inesperadas... Tinha como concepção casar virgem – algo que me foi passado por essa educação –, mas isso foi mudando com o tempo.

Minha primeira experiência sexual foi com meu primeiro namorado, com quem estou até hoje... Quando comecei a ter relações tinha uns 16 anos, a gente usava camisinha, mas depois fomos relaxando... Foi tudo muito bacana porque foi no momento que eu quis. Já vínhamos num processo e foi algo

gradual e natural. Meu namorado também era novo e tinha tido poucas experiências, então a gente foi se descobrindo junto, o que foi muito bacana!

Apesar disso, me sentia muito culpada até pela minha história com a religião. Ia à igreja e chorava, chorava! Apesar disso, nunca pensei na religião como uma coisa de controle... Na época já tinha rompido com algumas ideias como a confissão. Pensava: "Vou falar um monte de coisas e esse homem vai ficar sabendo da minha vida!" Então, era aquela coisa bem de criança que inventa pecado para não parecer que não está contando nada. E, claro, essas coisas sobre minha intimidade nunca fizeram parte disso. Quando fiz a Crisma, já namorava, mas não lembro se tinha tido relação sexual. A forma que arrumei para lidar com esses conflitos foi me afastando da igreja. Isso me ampliou a visão de mundo, o que tem um lado ruim porque me afasta da minha espiritualidade, mas me fez ter certa resistência sobre regras impostas e receitas prontas para a vida... Hoje sei que não quero isso para mim...

Comecei a trabalhar muito cedo! Com 12 anos cuidava de criança, depois fiz um curso técnico em informática. Procurava guardar dinheiro e meu sonho era comprar um carro e fazer faculdade! Sempre tive isso em mente! Mas os planos mudaram quando fiquei grávida ainda na adolescência, com 17 anos. É engraçado que naquela época me achava tão adulta e sábia sobre as coisas do mundo! Mas fazendo uma reflexão, vejo que não era bem assim...

Quando engravidei, a gente namorava há um ano e pouco. Eu tinha 17 e ele acabado de fazer 18 anos (mas com uma cabeça de dez)... Não sei se os homens amadurecem mais tarde ou se é a educação machista que está por trás disso, mas tanto ele quanto eu éramos bem "crianças"! Lembro que tinha marcado uma consulta com o ginecologista para começar a tomar pílula, mas minha menstruação atrasou e desconfiei... Na verdade, já estava grávida...

Fazia mais de um ano que trabalhava numa empresa e meu namorado, na época, estava desempregado. A parte mais difícil foi contar para as pessoas! Sempre gostei de acordar tarde, mas quando soube que estava grávida, mesmo sem ter feito exame, só por causa do atraso da menstruação e os sintomas, acordava cedo e, durante uns 20 dias, ia toda manhã para o quarto da minha mãe, pensando: “Hoje eu vou contar!”, mas não conseguia! Eu e meu namorado ficamos totalmente perdidos!

Mesmo assim, ele acabou contando para a mãe dele e foi todo um processo... Até que um dia ele me falou:

– O que você acha de fazer um aborto?

Respondi imediatamente:

– Se é assim pode ir embora! Eu me viro, me resolvo, não preciso de você! Não vou fazer isso!

Isso era algo muito claro para mim! Jamais faria um aborto! Tempos depois ele me contou que a mãe dele tinha feito essa proposta... No final, ele me pediu desculpas e a coisa caminhou... Isso não falo para ninguém, mas na época foi muito difícil! Viviam num mundo muito fechado e envolto pela religião... Esse foi meu primeiro contato pessoal com a questão do aborto. Um contato de resistência, mas não pelo lado bom e sim de repulsão, de quebra de confiança! Lógico que ouvia falar e sabia do que se tratava, mas era algo tão distante da minha vida que não fazia parte nem dos meus pensamentos. Mas naquele momento se tornou uma questão de decisão e escolha sobre o que fazer e o que bancar, seja qual fosse a decisão!

Depois que ele contou para a mãe, no primeiro final de semana que fui para a casa dela foi tudo tão ruim que nem tenho muito claro na memória! Sei que saímos de lá e fomos para a minha casa com a minha sogra junto, decididos a contar para a minha mãe. Acho que, no fundo, não daria conta de contar sozinha... Contamos... Foi um choque muito grande para todos!

Quando meu pai chegou, fizemos o mesmo e ele, muito conservador, vomitou a noite inteira, passou mal, foi parar no hospital! Um drama mexicano completo! Minha sogra teve uma fala que até hoje minha mãe carrega com ressentimento: "A gente encaixa essa criança em algum lugar." Não conseguia nem olhar para a minha mãe... Mas sua reação foi melhor do que pensei. Ela é uma pessoa muito boa de coração e, por mais que tenha ficado chocada, disse que a gente veria o que fosse melhor e talvez nem fosse o caso ficarmos juntos. Ainda fiquei um mês em casa e, nesse tempo, meu pai nem olhava na minha cara!

Tinha ainda o agravante de morar numa cidade relativamente pequena, onde todo mundo se conhece: "O que as pessoas vão pensar?" Mas foi assim que aconteceu. Confesso que o mais difícil nem foi aguentar meu pai bravo, mas saber que decepcionei minha mãe, que achava que eu casaria virgem, aquela história toda... Hoje parece meio bobo, mas é verdade!

No começo, meu namorado ficou na casa dos meus pais enquanto tentava arrumar um emprego. Nós dois tínhamos uma formação em técnico de informática e ele saía todo dia de manhã com o currículo, mas não encontrava nada! Até que um dia ele estava mexendo no computador, jogando alguma coisa, e meu irmão começou a brigar feio com ele! Acho que já tinha raiva pelo acontecido e foi a gota d'água para vermos que precisávamos arrumar nossa casa! Ele acabou arrumando um emprego e foi minha irmã quem teve que fazer o contrato do aluguel porque éramos muito novos! Meu namorado tinha 18 anos, mas não tinha renda. Finalmente, fomos para nossa casa. E aí a história começou de verdade!

Continuamos juntos e tivemos o filho... Casamos... Foi muito de repente que me vi grávida, casada e tendo que cuidar de uma casa, fazer comida, cuidar da roupa, tudo! Tive que usar meu dinheiro para outros planos... Foi muita coisa em pouco tempo! E todo mundo naquela educação machista

de que a mulher tem que fazer tudo... Mas nunca foi assim comigo porque minha mãe, por mais que concordasse, de alguma forma me superprotegia, então casei sem saber fazer nada desse trabalho doméstico! Isso também foi um processo de aprendizado!

Tive algumas brigas com meu marido porque ele chegou com a expectativa do que era ideal na cabeça dele de que tinha que ter almoço e janta com arroz, feijão, carne e legumes e ele reclamava porque eu só dormia. Poxa, estava grávida e estudando no último ano do técnico, com um monte de coisa acontecendo!

Um dia, quando estávamos com uns dois meses de casados, dei uma de "Amélia" e limpei a casa, fiz a janta e tudo mais... E foi ótimo! Ele chegou e logo depois veio um amigo o chamando para ir ao cinema. Eu ia para a escola à noite e falei que ele não iria sair, afinal tinha feito a janta e tudo mais! Pois ele falou que ia chutar o pau da barraca e iria sim! Fiquei lá chorando de raiva e pensando que meu casamento não duraria dois meses! Fiquei com tanta, mas tanta raiva que nunca mais fiz isso de novo! E por isso mesmo foi ótimo! Tinha só 17 anos, era muito nova e havia cobrança de todos os lados! Fiquei uma semana sem olhar na cara dele, mas depois conversamos e as coisas foram se acertando. Mas dar uma de "Amélia", nunca mais!

Minha gestação foi praticamente toda tranquila. Só no começo tive pressão alta, mas depois se normalizou. Queria muito parto normal e lembro que fui quatro vezes para o hospital com alarme falso, sem saber se era ou não trabalho de parto. Ia e voltava para casa! Não sabia de nada, não tinha informação nenhuma sobre o que aconteceria comigo e com meu corpo! Essa situação me ajudou hoje a ver a importância que isso tem para as mulheres...

Um dia, ficamos jogando até duas horas da manhã e comecei a sentir algumas dores, mas não falei nada porque já

tinha ido tantas vezes ao hospital e não era nada, que preferi tomar um banho e deitar. Quando amanheceu chamei todo mundo porque era a hora!

Meu parto foi horrível! Exatamente por conta de não saber o que iria se passar... Isso vale para todas as situações, seja um processo de parto ou aborto, não saber o que vai acontecer com seu corpo, quais os sinais, o que está acontecendo, é ruim! Você não sabe o que esperar, até onde aquilo vai chegar... Fica totalmente perdida, vulnerável e com o emocional super abalado!

Quando cheguei ao hospital, estava com três centímetros de dilatação e fui para o pré-parto, onde começou aquele monte de intervenção! O pacote completo! O que chamamos de medicalização do parto, que envolve lavagem intestinal, tricotomia, que é cortar os pelos, tudo que se pode imaginar! Lembro que minha mãe me orientou a não contrariar os médicos para não ser maltratada... Pedi que ficasse tranquila e obedecesse! Isso ficou na minha cabeça e não falava absolutamente nada!

Fiquei sozinha porque no ano 2000, quando meu filho nasceu, ainda não existia a lei do acompanhante, que só veio em 2005. Só poderia ficar com a minha mãe se tivesse menos de 18 anos, que tinha completado há um mês. E o que é um mês? Esses limites também não fazem sentido...

Fiquei umas quatro horas em trabalho de parto, o que pode parecer pouco, mas eles tacaram Oxitocina e um monte de coisas! Fui para a sala de parto e foi com direito a tudo: epísio, oxitocina a milhão, fórceps e com o médico falando: "Ano que vem você está aqui de novo!" Durante a gestação não quis saber o sexo do bebê, mas achava que era menino e queria muito que fosse, tanto que comprei tudo pensando nisso. Quando começou a nascer, o médico falou: "Acho que você errou! Acho que é uma menina!". Para que fazer isso? Hoje penso que é algo simples, mas naquele momento não foi!

Fiquei a noite do trabalho de parto inteira sem dormir! Depois do parto, que foi extremamente cansativo, tive mais uma noite em claro porque meu bebê chorava sem parar! Estava muito frio e fiquei em alojamento conjunto com mais mulheres numa cama que era ao lado da janela. Colocava-o pertinho do meu corpo e ele ficava bem, mas morria de medo de dormir e rolar por cima dele! Ele chorou tanto que de manhã o rostinho estava até queimado de tanto frio! Quando fui trocar a primeira fralda foi um desastre! Coloquei do lado contrário porque não tinha ideia de como fazer! Estava esgotada e, como ele chorava muito o deixava no peito, pensando que era fome. Até que um médico passou por nós e, bem nesse momento, o bebê vomitou um pouco do leite. O médico olhou para mim e disse: “Mãe, tem que colocar o bebê para arrotar!”. Nossa, naquela hora comecei a chorar e só parei no fim da tarde! Levaram meu filho para fazer lavagem gástrica e eu simplesmente não conseguia parar de chorar!

Tive alta e mesmo em casa continuava chorando... Até que uma tia do meu marido fez um chá, umas rezas e melhorou... Aquilo foi muito ruim porque ficava desesperada pensando que não sabia cuidar do meu filho. O que faria com aquela criança do meu lado? A amamentação também foi bastante dolorida, mas o momento era todo complicado, tinha episódio infeccionando, nossa, várias coisas! Minha sogra também ficava com um monte de exigências, dizendo que a criança tinha que ganhar peso, essas coisas que sempre fazem parte... A experiência da maternidade foi muito difícil porque eu era muito criança!

Depois que passou a turbulência, as coisas mudaram. A infância com meu filho foi bem bacana, de muita descoberta, mas também de muita cobrança! Cobrança minha comigo mesma, além de outras pessoas e lugares. Como tinha ainda aquela ideia de que o mundo dava as regras e eu seguia, foi um período bem intenso! Mas no final o saldo foi bom! A infância

dele foi bem tranquila e, mesmo em épocas em que trabalhei bastante, deu para curtir muito! Pelo menos até os seis anos, quando mudamos para São Paulo e as coisas mudaram um pouco com essa rotina maluca! Ele é muito carinhoso e dá atenção aos avós. Minha mãe cuidou dele um tempo para eu poder trabalhar, então eles tiveram uma relação muito forte! No final, sempre dá tudo certo e se aprendem coisas importantes numa situação como esta!

Tenho uma relação muito forte com a minha mãe e me identifico demais com ela! Ela tem muitas qualidades que gostaria de ter e admiro. É uma pessoa boa, que não consegue fazer mal a ninguém e isso independente de religião.

Hoje minha sogra é super apegada com meu filho e nos damos muito bem! Mas na época foi tenso! Entendo a posição dela porque, afinal, tinha um filho de 18 anos que teria uma criança, algo que ela não queria...

Foram muitas descobertas! Hoje meu filho tem 16 anos e está fora do país! Estou carente de filho nesse momento, mas não posso dizer que sofro com a preocupação... É saudade mesmo! Ele é muito parte de nossas vidas e nossa interação é muito gostosa e só agrega!

Na minha história, a questão do aborto bateu e voltou. Quando meu namorado falou, eu já tinha a resposta e estava preparada para bancar a decisão. Antes de tudo isso, pensava em ter filhos, mas não queria necessariamente ter um marido. Queria mesmo era morar sozinha num apartamento com meu filho e ter um namorado que fosse lá de vez em quando. Coisas de adolescente... Mas nunca tive a maternidade como um grande sonho. Mesmo assim, o aborto para mim era algo muito errado, uma coisa que não se faz e tinha isso para a vida!

Quando chegou o momento da faculdade, lembro que fiquei com o manual da Fuvest vendo o que queria fazer e minha dúvida era entre Psicologia e Obstetrícia. Minha mãe queria muito que eu fizesse Psicologia e acho que foi bem na

época que percebi que precisava separar um pouco as coisas, colocar um limite entre o que era a vida dela e onde começava a minha. Talvez tenha escolhido Obstetrícia por conta disso...

Antes de começar esse curso, tinha outros planos... Na verdade queria Física Médica, que hoje vejo como uma completa loucura porque sou totalmente de Humanas e essa área é totalmente medicalizada e exata! Na ocasião, prestei quatro vestibulares: Medicina, que imaginava que não passaria; Ciência da Computação, que é outra coisa bem maluca; Física Médica, na Unicamp; e Obstetrícia na USP. Mas o que queria mesmo era Física Médica!

Meu marido, na época, estava trabalhando em São Paulo e fazia quatro meses que ele passava a semana inteira fora e só voltava de final de semana. Isso para mim estava horrível porque ele parecia mais uma visita, o que deixava nossa relação estranha. Não dava! Marido é para outras coisas! Por isso, combinamos que eu prestaria um curso em São Paulo e, caso não fosse chamada na Unicamp, mudaríamos para cá. Realmente não chamaram, nos mudamos e vim fazer Obstetrícia!

Já no primeiro dia de aula, um vídeo de parto natural! Saí de lá desesperada enquanto todo mundo falava que aquilo era lindo! Achava uma loucura! Com o tempo, fui vendo várias coisas e desconstruindo tantas outras, percebendo a complexidade de tudo isso... Mas até o segundo ano ainda pensava em desistir, acho que porque sentia muita falta da minha mãe... Acabei ficando e é engraçado olhar minha própria história e perceber como tudo foi se encaixando! Só depois fui percebendo o quanto minha história se intercala com tudo isso! Na época não pensava que seria importante porque não queria que outras mulheres passassem pelo que passei... Hoje vejo que esse é um dos grandes motivos para continuar! Hoje essa profissão é muito minha vida... É o que me dá vida!

Durante o curso aparecem muitas discussões sobre o direito de escolha da mulher, os direitos reprodutivos,

inclusive a questão do aborto e como as mulheres morrem por conta disso. Também como nós precisamos conseguir atuar sem fazer julgamentos de valor entre o que é seu e o que é do outro. Por mais que não seja algo diário, é um tema que sempre volta à tona.

Nos estágios me deparei com a questão do aborto de forma muito forte. Era bem difícil porque as mulheres chegavam ao hospital em processo de abortamento, seja induzido ou não, e eram bem maltratadas pela equipe. Tenho claramente na memória um hospital em que chegamos para o estágio e havia uma mulher no canto chorando baixinho, sem incomodar ninguém, mas sem cessar aquele choro sofrido.

O pior é que ela estava, como todas as mulheres que chegam nesta situação, no “pré-parto”, onde outras mulheres estavam em trabalho de parto esperando os filhos nascerem. Não sei se aquela mulher passava por um aborto induzido, mas ela estava sendo tratada como se fosse. Não sei dizer se era também uma dificuldade das pessoas lidarem com aquela dor dela... Afinal, quando uma equipe se aproxima de uma pessoa acaba compartilhando sentimentos... O que sei é que ver aquela mulher deitada sozinha, chorando, em processo de abortamento, foi muito forte para mim!

Nesse hospital, as mulheres que passavam por curetagem e iam para a recuperação anestésica ficavam juntas das que acabaram de ter bebê. Esta questão do local parece ser mesmo uma punição! E até mesmo as mulheres que estão com a gestação mais avançada e acabam tendo óbito fetal ficam no mesmo espaço... Parece que o serviço é organizado segundo o procedimento e não de acordo com a necessidade das pessoas. Fala-se que a curetagem é feita na sala de cesariana e coisas do tipo, mas é essa que deveria ser a lógica do serviço?

Fora que as mulheres ficam muitas vezes esperando por horas o processo natural e mesmo entendendo que isso é o melhor para o corpo delas, são horas vendo outras mulheres

entrando em trabalho de parto e saindo com os bebês. Fico imaginando como deve ser para elas! Fora os maus tratos!

Quando se chega num hospital com sangramento em decorrência de um aborto, a primeira coisa que pensam é que foi induzido e seguem com um tratamento que mais parece falta de trato. A negligência é algo que ficou muito marcada para mim ao ver aquela mulher sozinha, chorando, sem poder ter voz, apenas aceitando o processo, enquanto os profissionais ficavam distantes. É algo muito forte de se ver! E geralmente são as mulheres mais pobres que passam por isso, o que é outra questão... Nesse processo de estágio, foram muitos momentos de contraste entre a realidade e o mundo que eu queria.

Uma situação bem complicada para mim foi a de uma mulher que havia expelido o feto já em processo avançado de formação. Fiquei muito impressionada com as alunas querendo ver! Não! Para tudo! Para mim aquilo não cabia definitivamente! Não sei exatamente qual o procedimento, mas é algo como até quinhentos gramas o feto é descartado como lixo hospitalar e acima disso é considerado um bebê, o que faria entrar em processo de enterro, com todas as medidas burocráticas.

Os maus tratos acontecem em outros níveis também... Pessoas falando de forma ríspida e até mesmo casos de médicos e enfermeiras que chamam a polícia! É realmente muito complicado chegar ao hospital em abortamento com resquício de medicação ou coisas que indiquem a indução do aborto. Existe uma moralidade ali, que é como se eles quisessem salvar a vida do filho enquanto a mulher quer o oposto... E tem a questão da hemorragia, o tempo que demoram para dar a assistência que deveriam...

Há um julgamento por trás de tudo isso que independe da certeza de que foi um aborto induzido. Se é uma adolescente negra, é como se estivesse implícito. Enquanto se é uma

mulher de classe média ou alta, com algum grau de formação, o tratamento é outro. O que vale é a impressão que se tem da situação. Em qualquer consulta, é feita a anamnese em que se pergunta o antecedente obstétrico da mulher, se tem filhos, quantos, se já teve algum aborto e isso contribui para este tipo de julgamento.

Outra coisa interessante é a questão do acompanhante, um direito da mulher no pré-parto, durante o parto e no pós-parto. No entanto, esse direito não é concedido para abortamento, óbito fetal ou situações do gênero! Profissionais com uma cabeça mais aberta conseguem deixar o acompanhante, mas os mais conservadores falam que não, que o acompanhante é unicamente para pré-parto, parto e pós-parto e não abortamento. Não sei dizer como essas mulheres chegam ao hospital, mas posso garantir que no centro obstétrico elas ficam sozinhas enquanto as outras estão lá com seus acompanhantes.

Com minha formação como parteira comecei a ver muitas coisas e a refletir sobre a necessidade de mudá-las, tanto a partir do que vivi quanto o que as novas evidências mostram de como pode ser diferente para a mulher! É possível ter uma boa experiência de parto e isso, para mim, é algo que está claro! Muitas vezes as mulheres escolhem a cesárea por medo do parto, mas pode ser bacana, desde que ela esteja acolhida, bem acompanhada e com uma boa assistência de pessoas em quem confia. Acompanhei alguns partos domiciliares e já ouvi muitas coisas como: "Queria ter outro parto. Não sei se queria outro filho, mas sinto saudades do parto!" Lógico que é um processo que pode envolver muita dor e nem todas falam isso, mas cada mulher é única e esse é o grande lance! Cada mulher tem que ter o direito de escolher aquilo que faz sentido para ela.

Acompanhei o parto domiciliar de uma moça que foi super bacana! Ela teve o bebê na piscina de casa, com tudo preparado cuidadosamente com carinho, deu tudo certo e ela

ficou bem feliz! Depois que o bebê nasceu, como é comum, continuamos acompanhando e alertamos sobre o uso do contraceptivo. Ela disse que já sabia qual método utilizaria, mas percebemos que estava tudo muito “relax”... Ela acabou engravidando novamente, muito pouco tempo depois, e decidiu pelo aborto... Quando aconteceu, ela ligou chorando e contou que estava grávida de novo, mas não podia e não queria ter outro filho naquele momento! Conversamos muito, deixei-a falar bastante! O marido estava junto e perguntei o que ele achava porque penso que teria que bancar essa decisão também. Ambos concordavam e respeitei a escolha deles, tanto que tentei ajudar, ainda no começo do processo, com medidas naturais que estavam dando certo.

Essa forma natural parte da ideia de que algumas pessoas acreditam que se der uma alta dose de vitamina C para a mulher por dias seguidos, ocorre um descolamento e um tipo de “aborto natural”. Tentamos isso por sete dias e houve um descolamento, mas depois quando ela fez o ultrassom havia voltado. Hoje não sei se indicaria esse tipo de procedimento porque há vários fatores, como a demora, que tornam mais doloroso o processo todo... Mas naquele momento, era o que tínhamos. Como não rolou, ela acabou procurando uma clínica...

Essa é uma questão importante também porque ela, de classe média, decidiu que não queria e não podia ter o filho, mas pode resolver, tinha suporte, alguém junto, uma rede de apoio e podia pagar uma clínica. E mesmo assim é um processo dolorido! A escolha não é fácil! Até nesse processo mais natural, ela achou que estivesse fazendo-a passar mal, mas que eram os sintomas da gravidez, não foi algo fácil até resolver o que fazer. No final, ela acabou ficando super bem com a decisão, já tinha outros filhos e não queria mesmo ter mais um...

No caso dessa pessoa, era o que podíamos fazer para ajudar, mas depois ela precisou acionar outra rede, ir a uma

clínica e, mesmo assim, continuamos conversando. Sempre que ela precisava, ligava, estávamos disponíveis e perguntávamos se ela estava bem, se precisava de alguma coisa, mantivemos esse suporte.

De fato, eu mesma não conheço muitos métodos abortivos além dos que todo mundo sabe. Tem a AMIU (aspiração manual intrauterina), que é algo muito simples e muitos dizem que independente de ser um aborto induzido, este seria um procedimento para anteceder à curetagem, por ser menos invasivo e menos agressivo.

A curetagem é uma espécie de limpeza que utiliza um instrumento, a cureta, que é como uma colher furada no meio, onde tem uma lâmina que vai raspando. Não é algo que precise fazer em todos os casos e acho até que fazem sem muita necessidade. É um esvaziamento uterino que acontece em casos de aborto incompleto, quando fica algum material que pode infeccionar e que o corpo não expeliu naturalmente. Muitas vezes, num aborto espontâneo, quando o bebê para de desenvolver ou não desenvolve o coração, é possível esperar o corpo expelir naturalmente. Mas fazer a curetagem resolve mais rápido, então acho que tem muito a ver com esse aspecto da medicalização.

Hoje em dia, o medicamento mais usado pelas mulheres para abortar é o Misoprostol e, mesmo neste caso, a mulher só precisa procurar atendimento se tiver um sangramento muito aumentado ou um processo mais complicado. Em geral, a mulher não sabe o processo pelo qual o corpo vai passar, usa o medicamento via intravaginal e chega ao hospital com resquícios do medicamento. Nesse caso, é praticamente certeza que ela vai sofrer violência, porque é como uma prova de que foi um aborto induzido. Algumas pessoas usam esse procedimento associado a outro medicamento via oral para não ter essa prova...

Comecei a ver como tudo isso faz parte da nossa vida mais do que pensamos... Muitas mulheres passam por isso!

Depois desse acontecimento, outra pessoa me ligou falando de alguém que precisava dessa ajuda e, quanto a mim, sempre fico perto e longe ao mesmo tempo... Penso no quanto as mulheres precisam desse suporte, que não é só a assistência física, mas ter alguém por perto para poder falar sem restrição "Não quero esse bebê!". Por outro lado, tenho muitos receios...

Engraçado como a história das parteiras sempre esteve ligada ao aborto... Tem um livro "Bruxas, parteiras e enfermeiras" que fala bastante disso, dos grupos que tinham até força politicamente falando e que conseguiam resistir a muitas coisas. É uma obra que traz a questão das práticas de aborto, que eram muitas vezes motivo de perseguições. Então é algo que está junto, o que acho fantástico! É muito legal porque é estar pela mulher mesmo, pela escolha do outro! Estou prestando cuidado independente da sua escolha. A escolha é sua e o cuidado é que estarei junto com você!

Para mim, o aborto tinha que ser legalizado, embora não seja algo que faria para mim. Acho muito complicada essa situação de umas pessoas terem acesso e outras não. A mortalidade materna no Brasil está muito relacionada ao aborto. Esses dias uma moça do Uruguai trouxe vários dados desde que o aborto foi legalizado, mostrando que diminuiu a procura, o que pode ser positivo. Mas mesmo num serviço legal, existem coisas como um tipo de aconselhamento, de questionar se é isso mesmo que a mulher quer, o que para mim já é uma violência!

Existe uma moralidade por trás disso tudo. E se diminuiu não necessariamente significa que as mulheres não estão querendo abortar, talvez não busquem esse serviço legalizado onde precisam reafirmar o tempo todo que esta é a escolha delas. Para mim é uma questão de escolha, afinal ninguém sabe da vida do outro! É muita hipocrisia tomar decisões ou assumir posicionamentos com base na sua vida. A vida do outro é dele e suas escolhas têm seus motivos e razões!

Enquanto profissional da saúde, penso que nenhum outro profissional ou o Estado poderia influenciar nessa escolha, nesse direito ao corpo. Teria sim que oferecer um serviço de acolhimento! Simplesmente para que as pessoas não morram por isso, para que não sejam presas... Há histórias de mulheres que são presas, mas têm outros filhos em casa e daí surgem diversas outras questões! Para mim, mesmo com resquícios da minha formação católica, acho que a mulher precisa ter o direito da escolha sem pressões. Até porque os homens... Bem, os homens somem, não assumem o filho e continuam suas vidas... Já pensei em trabalhar com isso, porque sei o quanto precisam de pessoas mais sensíveis nesses casos. Mas tenho muitas dúvidas! Não sei se a religião pesa... Na verdade, me sinto sempre em construção, então para mim as coisas estão em aberto...

Posfácio

TAMARA PRIOR

MESTRA EM MEDICINA PREVENTIVA - USP

Os trabalhos acadêmicos têm e também fazem história. E quanto mais profundas são as razões que conduzem ao nada fácil ofício de pesquisar, certamente mais plenos de significados eles se tornam nos tempos e espaços.

Este livro resultante da tese de doutorado defendida em 2017 pela Marcela é um grande exemplo disso: será sempre atual.

Do ano de 2011 até o ano de 2017, quando o trabalho foi concluído, a conjuntura era outra, diversa daquela que vivemos hoje, nestes dias difíceis do ano de 2020. Desconcertantemente outra, se pensarmos no brevíssimo tempo que se passou. Mas ali, tão logo ali, ainda nos sentíamos democráticos, ainda não havíamos sido espectadores boquiabertos de uma campanha política pautada pelo combate à sexualidade e tampouco havíamos enfrentado uma pandemia que escancarou tantos lados obscuros do nosso Brasil.

Especialmente obscuro perante as mulheres, seus corpos e seus direitos. Questões gravemente ampliadas, mas nada novas, como nos ensina a ciência histórica e as quatorze pessoas que compõem essa tese: Marcela, Giana, Fábila, Janaína, Alícia, Daniela, Laila, Paloma, Valéria, Amelinha, Luara, Samantha, Yury e Glória.

Essa é a beleza, aliás, dessa modalidade conhecida como História Oral: as teorias e métodos deste tipo de pesquisa permitem uma conexão única e profunda com as fontes do conhecimento que pretendemos, construir humanizando o fazer

científico e tornando-se um instrumento privilegiado para cumprir aquele que deve ser seu maior objetivo: o compromisso ético com a sociedade na qual se insere. Neste sentido, uma pesquisa como essa se conecta multiplamente: com os ritos do mundo acadêmico e com as vidas de quem a lê.

É um trabalho que permite vínculos. E este é, certamente, o antídoto do nosso tempo.

Editora Pontocom

Coleção NEHO-USP

História oral de chilenos em Campinas

Vanessa Rojas Fernandez

Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes

André Gattaz

O enegrecimento da Padroeira do Brasil

Lourival dos Santos

Osasco 1968: a greve no masculino e no feminino

Marta Rovai

Braços da Resistência: história oral da imigração espanhola

André Gattaz

Ensaio de terrorismo: história oral da atuação do CCC

Gustavo Esteves Lopes

Padecer no paraíso? Experiências de mães de jovens em conflito com a lei

Marcela Boni Evangelista

Entre a ditadura e a democracia: história oral de vida acadêmica da FFLCH-USP

Glauber Biazo

História oral: a democracia das vozes

André Gattaz, José Carlos Sebe Bom Meihy, Leandro Seawright (orgs.)

Todos os títulos disponíveis para download gratuito

www.editorapontocom.com.br

O aborto na vida: experiências femininas, de Marcela Boni Evangelista, é uma obra que abre espaços para as memórias impedidas. Mais do que silenciadas, impedidas. São vozes femininas que ousam falar e tocar em feridas que não se fecham e em tabus morais que impõem o silenciamento, mas que jamais dão conta de fazer desaparecer os interditos. As mulheres que aqui narram sobre suas experiências não expressam apenas suas ações e sentimentos traumáticos, mas reflexões sobre os eventos e emoções, frutos de uma sociedade repleta de mitos e normas de ordem familiar, social e cultural que, a todo momento, procuram jogar para o campo do privado e da moral uma vivência que reafirma as relações desiguais e opressoras de gênero, produzem sofrimentos e impedem que políticas públicas sejam debatidas e elaboradas.

Neste livro, a história oral alia-se à história pública como exemplo de coragem, da autora e de suas colaboradoras, para que as vozes femininas afetem outras subjetividades e evidenciem a necessidade ética e política de dialogarmos em torno de um tema tão sensível quanto o aborto e a vida.

Marta Rovai